



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E
ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO
LINHA: ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM
ESTUDO SOBRE O TEMA SEXUALIDADE**

WELLINGTON SOARES DE LIMA

CASCADEL – PR

2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E
ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO
LINHA: ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM
ESTUDO SOBRE O TEMA SEXUALIDADE**

WELLINGTON SOARES DE LIMA

CASCADEL - PR

2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO
PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E
ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO
LINHA: ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM
ESTUDO SOBRE O TEMA SEXUALIDADE**

WELLINGTON SOARES DE LIMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Cascavel, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lourdes Aparecida Della Justina

CASCADEL - PR

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Lima, Wellington Soares

Extensão na Universidade Estadual do Oeste do Paraná : um estudo sobre o tema sexualidade / Wellington Soares Lima; orientador(a), Lourdes Aparecida Della Justina, 2019.

216 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Educação Sexual. 2. Atividades de extensão. 3. Gênero. 4. Sexualidade. I. Justina, Lourdes Aparecida Della. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Cascavel CNPJ 78680337/0002-65
Rua Universitária, 2069 - Jardim Universitário - Cx. P. 000711 - CEP 85819-110
Fone:(45) 3220-3000 - Fax:(45) 3324-4566 - Cascavel - Paraná



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

WELLINGTON SOARES DE LIMA

Extensão na Universidade Estadual do Oeste do Paraná: um estudo sobre o tema sexualidade.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa Ensino de Ciências e Matemática, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Lourdes Aparecida Della Justina

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Eliane Rose Maio

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Fernanda Aparecida Meghioratti

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Andréa Cristina Martelli

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 21 de agosto de 2019

Dedico este trabalho a todos os extensionistas que percebem a extensão universitária como um ótimo mecanismo de ação frente a sociedade, visando sua transformação.

Dedico também, a cada pessoa que estuda e possui curiosidade a respeito das sexualidades, buscando e produzindo saberes e auxiliando muitas pessoas a se conhecerem e estarem no mundo.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho, só me resta agradecer a cada pessoinha que se fez presente ao meu lado durante essa minha formação, e obtenção do título de Mestre em Educação, tornando esta caminhada não tão cansativa e por vezes prazerosa.

Início agradecendo a minha querida orientadora, Lourdes Aparecida Della Justina que me permitiu estudar esta temática, mesmo não sendo sua área de estudo. Agradeço em muito por aceitar o desafio, e proporcionar estes momentos em que foram árduos, mas sempre trabalhando com aquilo que me agradava e que me desperta curiosidade. Aprendemos juntos e concluímos este trabalho em coletividade, compreendendo e ampliando nossos olhares para a sexualidade e a extensão universitária.

Agradeço à minha banca, Fernanda Meghioratti, Andréa Martelli e Eliane Maio que reforçaram a força das mulheres na área científico, compondo uma banca exclusivamente feminina. À prof.^a Fernanda que no início da caminhada foi muito importante, sendo uma das minhas bases ao questionar e tirar dúvidas sobre a temática. À prof.^a Andréa que conheci nesta caminhada e adquiri enorme respeito e admiração diante de cada conversa, carona e debates ocorridos no grupo de pesquisa (Gepex). À prof.^a Eliane, agradeço pela disponibilidade em estar presente na banca e ler este trabalho, sendo uma pessoa que acompanho pelas redes sociais e desempenha ações que por vezes, enchem meus olhos de lágrimas pela força da luta diária pela justiça e equidade social.

Agradeço aos grupos de pesquisa, Gecibio e Gepex, os quais foram fundamentais para meu aprimoramento sobre a temática e ampliar minhas discussões sobre um tema que até então eu demonstrava muita curiosidade mas não possuía muito respaldo científico.

Agradeço também aos meus familiares, em especial, minha mãe, minha irmã e meu pai que me compreenderam em diferentes momentos em que não tive tempo para eles, e tive que priorizar o desenvolvimento deste trabalho. Aproveitando este contexto familiar, gostaria de dizer que sinto muito orgulho em ser o primeiro “mestre” dos dois lados da família, e espero que outros se sintam motivados à continuar suas caminhadas educativas.

Aos meus amigos, Jizéli, Silvana, Karina, Bruna, Rodrigo, Bethania, Aline e Gessiane que me forneceram muitas risadas, companhia e descontração em diferentes momentos pelos quais passei durante o desenvolvimento deste trabalho. Sem vocês, com certeza essa caminhada seria muito mais penosa e sem alegria.

Uma pessoa fundamental que não posso esquecer, é alguém que me acompanha deste o Formação de Docentes, me auxiliando, puxando minha orelha, me divertindo e me cobrando, me permitindo viver a vida de forma feliz mas com foco e objetivo. Lucas, sem você, com certeza, este trabalho não seria dessa forma. Cada uma das minhas conquistas possuem você por trás delas. Muito Obrigado.

Agradeço às “irmãs acadêmicas” que a universidade me proporcionou, Luciani, Kamilla e Jéssica, pelas quais nutri muita admiração pelas conquistas, autonomias e empoderamentos que constituíram, afinal, também as vi crescer, embora “irmão mais novo”.

Também tive “irmãs acadêmicas adotivas”, Camila, Kao e Patricia onde nos aproximamos após uma viagem para meu primeiro evento sobre sexualidade, o qual foi muito especial e me instigou a sempre que possível, estar presente nos próximos. Muito obrigado por cada dica, artigo compartilhado e discussões realizadas nas mesas de café, na van e tantos outros lugares que me fizeram crescer muito.

Agradeço ao programa que me permitiu desenvolver esta pesquisa, que durante a caminhada se tornou um sonho em desenvolvimento, o qual ao final, foi concluído com muita alegria. Às/os coordenadoras/es, secretária/o, auxiliares, professoras/es e colegas, o meu muito obrigado!

Por fim, caso tenho esquecido de alguém, não se sinta mal, agradeço a cada um que se fez presente na minha vida nesse momento formativo que muito me orgulha e me deixa feliz.

“Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?”

Paulo Freire

LIMA, Wellington Soares de. **Extensão na Universidade Estadual do Oeste do Paraná: um estudo sobre o tema sexualidade**. 2019. 216f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Sociedade, Estado e Educação, Linha de Pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2019.

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo principal, compreender como a sexualidade é e foi trabalhada nas atividades de extensão da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em especial, apresentando enfoques para a área da Educação Sexual, tendo em vista que pretendemos além de contribuir para este levantamento histórico da Unioeste, também contribuir para reflexões relacionadas ao âmbito da Educação Básica. Apresentamos algumas considerações sobre a extensão universitária, buscando tecer relações entre sua curricularização, o contexto da Unioeste e o tripé pesquisa, ensino e extensão. Posteriormente realizamos um levantamento dos aspectos legais, normativos e curriculares que norteiam a sexualidade no âmbito nacional dentro da área educacional tendo em vista a concretização e legitimação da temática dentro do ambiente escolar. Para o desenvolvimento da pesquisa, levantamos junto à Pró-Reitoria de Extensão, via portal online, todas as atividades de extensão desenvolvidas pela universidade que constam em sistema, no período de 2003 a 2018 e, posteriormente realizamos entrevistas com uma amostra das/os coordenadoras/es das referidas atividades. Assim, analisamos os dados tomando como base a Análise de Conteúdo, a fim de categorizá-los e promover inferências aos resultados que nos possibilitassem interpretar os mesmos, juntamente com a discussão com autoras/es referenciais deste trabalho. Inicialmente, percebemos uma diminuição das atividades nos últimos anos decorridas de contextos políticos/sociais que permeiam nosso país. Todavia, algumas atividades permanecem ativas e voltadas para a discussão da temática. Verificamos, dessa forma, que as atividades de extensão da Unioeste, procuram promover formações profissionais que capacitem multiplicadores da temática que coadunam com o respeito ao outro e proteção integral dos indivíduos. Quanto às compreensões sobre sexualidade dos docentes da Unioeste, percebemos que todos desencadeiam preocupações dentro do viés social da temática. Também visualizamos que os mesmos reconhecem a importância das atividades extensionistas, todavia, possuem muito receio e questionamentos quanto a implantação da curricularização da extensão. Percebemos que embora o contexto não favoreça discussões sobre a temática, busca-se espaço de resistência em continuar a discuti-las e debatê-las.

Palavras-chave: Educação Sexual; Atividades de extensão; Gênero; Universidade.

LIMA, Wellington Soares de. **Extension at Western Paraná State University: a study about the theme sexuality.** 2019. 216f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Sociedade, Estado e Educação, Linha de Pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2019.

ABSTRACT

This paper mainly aims to understand how sexuality is and was approached in the extension activities of the Western Paraná State University, specially focusing on the Sexual Education area, considering that we intend not only to contribute to the Unioeste historic survey but also to the reflections related to the basic education scope. We present in this paper some considerations to the university extension, aiming to build relations between the curriculum pattern, the Unioeste context and the tripod research, teaching and extension. Afterwards, we are going to do a survey of the legal, standard and curriculum aspects that guide sexuality in the national scope within the educational area aiming the embodiment and the legitimation of the theme within the scholar environment. For the research, we checked all the extension activities developed by the university within the period of 2003 and 2018 with the Extension Dean, using the online portal, and after this, we interviewed some of the respective activities coordinators. Being so, we analyzed the data based on the Content Analysis in order to categorize it and make inferences to the results which could able us to interpret these same results using the discussion of the referential authors of this paper. First, we noticed a decrease of the activities in the last years due to political/social contexts that surround our country. However some activities are still on aiming to the theme discussion. We verified, this way, that the extension activities at Unioeste aim to promote professional education that enable theme multipliers that join the respect to the other and the whole protection of the individuals. Regarding the Unioeste professors comprehensions about sexuality, we perceived that all of them present worries within the social theme bias. We also realized that the professors recognize the importance of the extension activities, however, they have much fear and questions about the extension curriculum implantation. We perceived that although the context is not favorable for the theme discussion, the resistance room is searched for continuing to discuss and debate it.

Key words: Sexual Education; Extension Activities; Genre; University.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
2. PERCURSO METODOLÓGICO	21
2.1 Contexto de Pesquisa	23
2.2 Construção do corpus da pesquisa	23
2.2.1 Construção dos dados	24
2.2.2 Análise dos dados.....	26
3. O PAPEL DA EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO E A PESQUISA.....	30
3.1 A Unioeste e sua abordagem extensionista.....	30
3.1.1 Possibilidades e desafios da extensão universitária	32
4. A SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO	39
4.1 A sexualidade nos documentos educacionais brasileiros	45
5. RESULTADOS E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO SOBRE O TEMA SEXUALIDADE	60
5.1 As atividades de extensão na Unioeste com o tema sexualidade	60
5.2 Abordagem das atividades de extensão	63
5.2.1 Os tipos de atividades.....	63
5.2.2 Ano de início	65
5.2.3 Unidades e municípios de aplicação.....	68
5.2.4 Áreas de desenvolvimento das atividades.....	71
5.2.5 Público-Alvo	74
5.2.6 Objetivos das atividades e seus vieses	77
5.2.7 As estratégias e recursos de mediação	85
5.3 Compreensões das professoras/es coordenadoras/es	88
5.3.1 O perfil e a formação das coordenadoras e coordenadores	89
5.3.2 As compreensões sobre sexualidade	90
5.3.3 Sexualidade e a extensão nas universidades	95
5.3.4 Por que e como trabalhar com sexualidade.....	99
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
7. REFERÊNCIAS.....	110
8. ANEXOS	117

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética.....	117
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	120
Anexo C – As atividades analisadas.....	121
9. APÊNDICES.....	167
Apêndice A – Ficha de coleta de informações.....	167
Apêndice B – Roteiro de Entrevista.....	168
Apêndice C – Transcrições das entrevistas.....	169

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Layout das informações das atividades de extensão.....	24
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Categorias analisadas nas atividades extensionistas.....	27
Quadro 02: Categorias emergidas das entrevistas.....	28
Quadro 03: Os documentos analisados.....	46
Quadro 04: Ocorrências dos termos nos documentos.....	50
Quadro 05: Atividades de extensão sobre sexualidade na Unioeste.....	59
Quadro 06: Os tipos de atividades desenvolvidas.....	62
Quadro 07: O início das atividades.....	64
Quadro 08: As atividades e as unidades.....	68
Quadro 09: Os município sede de desenvolvimento.....	68
Quadro 10: Grandes áreas das atividades.....	70
Quadro 11: Os públicos-alvo das atividades.....	73
Quadro 12: Os objetivos das atividades.....	77
Quadro 13: Os vieses das atividades.....	80
Quadro 14: Recursos e estratégias de mediação.....	84
Quadro 15: O perfil das/os coordenadoras/es.....	88

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
DCE	Diretrizes Curriculares Estaduais
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
DEESB	Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EI	Educação Infantil
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ES	Ensino Superior
Gecibio	Grupo Educação em Ciências e Biologia
Gepex	Grupo de Pesquisa sobre Sexualidade e Educação
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTQIAP+	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e demais sexualidades (+)
MEC	Ministério da Educação
OCNEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCN+	Orientações Educacionais Complementares aos PCNs
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEE-PR	Plano Estadual de Educação do Paraná
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIEU	Plano Institucional de Extensão da Unioeste
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PROEX	Pró Reitoria de Extensão
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Unioeste	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante de um trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Ciências Biológicas que consistia na investigação sobre a disciplina Biologia para as alunas e alunos do Ensino Médio da cidade de Cascavel, observamos que os conteúdos mais lembrados ao final de suas jornadas nesta etapa educativa, eram associados ao corpo humano, em sua maioria os que tratavam sobre a sexualidade.

A temática já nos inquietava, em especial, por responsabilizarem (geralmente nos ambientes educativos) à nossa área (Ciências e Biologia) as discussões sobre sexualidade. Em contrapartida, em nossa formação inicial possuímos em nossa grade, apenas aspectos estritamente biologizantes, o que nos demandavam estudos quando tratávamos do tema em sala de aula, pois os discentes têm curiosidades e dúvidas sobre os aspectos sociais e às vezes psicológicos.

Dessa forma, ressaltamos que no decorrer do trabalho, por diversas vezes, muitas discussões e exemplos trazidos possuem um viés biológico inicial ou subjetivo, influenciado pela formação de licenciatura em Ciências biológicas dos autores do presente trabalho. Isso de forma alguma, reflete um único olhar para o tema, e, apesar de compreendermos, admirarmos e estudarmos os âmbitos aos quais a sexualidade permeia, entendemos que nossa singularidade não poderia ficar omissa, sendo o que nos caracteriza. Portanto ao lerem e visualizarem este viés, não o vejam como uma fuga das demais temáticas, mas sim como um ponto de partida do nosso contexto.

Outro fator determinante na escolha da temática, foi a participação na Operação Rondon em 2016 em Ponta Grossa - PR e o Projeto Rondon em 2017 em Fátima - TO. O Projeto Rondon é considerado o maior projeto de extensão brasileiro, e consiste em ações conduzidas pelo Ministério da Defesa em parceria com outros ministérios, governos estaduais e municipais, que visam levar benefícios permanentes à comunidades nas mais variadas áreas (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2019). A Operação Rondon, segue os mesmos moldes, mas em nível estadual, e ambas também buscam uma formação acadêmica próxima da realidade e responsabilidade social (NERUEPG, 2017).

Observamos que as atividades de extensão das universidades ocorrem com a parceria de professoras e professores, alunas e alunos e da comunidade em geral e vêm apresentando certo crescimento desde o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014) que estabelece que até o ano de 2024, 10% da carga horária da graduação devem ser realizadas em atividades de extensão. Percebemos também que o tema sexualidade é cada vez mais discutido socialmente, em especial em mídias e redes sociais. Entretanto, não se sabe se as atividades acadêmicas contribuem para acessos às discussões com vieses científicos em diferentes áreas que a sexualidade possa abranger.

Dessa forma, por considerarmos que as atividades de extensão são uma forma de divulgar os saberes acadêmicos para a sociedade e também receber dela suas inquietações, investigamos quais os focos das atividades de extensão da Unioeste que envolvem a sexualidade, e também, como a temática é compreendida nestes projetos, o que pode promover um aumento do debate sobre a sexualidade com a comunidade.

Atualmente, o tema sexualidade é trazido em diversos meios midiáticos e sociais, cabendo também à universidade, discuti-la e apresentar à comunidade suas visões, concepções e sugestões de ações, tendo em vista que esta forma cidadãos que conseqüentemente terão ações na transformação social. As universidades possuem como eixos fundamentais, o ensino, a pesquisa e a extensão, e como descrito na Constituição Brasileira de 1988, ambos não podem ser dissociáveis, ou seja, não podem atuar com a falta de um ou sozinhos (BRASIL, 1988).

Entretanto, Moita e Andrade (2009) expressam que por vezes, e até mesmo na maioria das vezes, esse “tripé” não está devidamente equiparado, pois o que realmente ocorre é a dissociação dos eixos de acordo com as ênfases dadas a cada nível de ensino, como, graduação, o foco mantém-se no ensino enquanto na pós-graduação predomina a pesquisa.

Segundo os referidos autores, o ensino, a pesquisa e a extensão devem ocorrer priorizando o contato com a comunidade e as necessidades da mesma, e a indissociabilidade destes três elementos garante a produção de conhecimento científico efetivo e a intervenção na sociedade para modificação da mesma, a qual se estuda e se está inserida (MOITA; ANDRADE, 2009).

De acordo com Goulart (2004), as atividades de pesquisa e extensão, são essenciais na formação do indivíduo, pois também garantem a produção de conhecimentos, e por isso, deveriam ser ofertadas à maioria das/os estudantes, propiciando condições para que todos pudessem participar e, assim, construindo um cidadão consciente. A LDB 9394 (BRASIL, 1996) garante que as atividades universitárias de pesquisa e extensão podem receber apoio financeiro por parte do governo, incluindo bolsas de estudos, e além disso, estuda-se a curricularização da extensão, demonstrando então, a importância destas atividades.

É nesse momento, que visualizamos a importância de atividades para atuação na sociedade sobre sexualidade, uma vez que o tema é debatido em todos os espaços sociais (escolas, igrejas, ambientes comerciais, locais públicos, festas, etc.), embora apareçam com enfoques e abordagens distintas e contraditórias de acordo com o local onde ocorrem as discussões.

Nas escolas, os apelidos de mau gosto, em especial entre meninos, expressam sexualidade, assim como os bilhetes passados escondidos de colega a colega também reforçam as questões proibidas. Em ambientes sociais basta uma mídia apresentar um casal homoativo ou apresentação de uma cantora *drag queen* que já se geram pequenos (ou grandes) comentários entre pessoas até mesmo desconhecidas. No âmbito religiosos, a sexualidade acaba por ser mais discutida dentro do viés de proibição, enquanto tema que não pode ser dito para não satisfazer desejos carnisais.

Diante disso, apesar de iniciar no senso comum, é necessário que estes debates não permaneçam neste estágio, mas sim, apresentem determinadas características de criticidade e cientificidade que podem possuir suas raízes advindas da universidade a qual direta ou indiretamente, introduz na sociedade, os conhecimentos produzidos na academia.

Louro (2000) expressa que a sexualidade é um tema, ao menos em determinados aspectos, que não é de simples discussão na sociedade, seja por vergonha, medo ou até mesmo preconceito, mas apesar destes empecilhos, as transformações sociais, impulsionadas pelas lutas de movimentos sociais e avanços científicos e tecnológicos, vêm crescendo em todos os âmbitos, mostrando que a sexualidade não é algo pessoal e particular, mas sim social e político.

A sexualidade não é algo dado e pronto, mas sim, construída de forma plural e cultural, expressando suas verdades, seus conceitos, suas possibilidades. A sexualidade é algo muito mais abrangente que os aspectos relacionados apenas ao corpo, embora este também seja fundamental (LOURO, 2000).

Compreendemos portanto, a sexualidade como aspectos relacionados ao corpo e ao prazer construídos de forma individual e simultaneamente coletiva, todavia que não se restringe a padrões fixos e com limites definidos. Dessa forma, não é algo que permanece estagnado, mas sim de forma contínua, dinâmica e por vezes até cíclica. Ao delimitarmos padrões de toda a pluralidade sexual, como ao apontarmos algumas nomenclaturas, visualizamos a exclusão de outras possibilidades e sobreposições que também são legítimas.

Entretanto, reconhecemos a importância destas delimitações, em especial, quando consideramos os aspectos legais e de direitos. Essas especificidades permitem as pessoas marginalizadas e não adequadas ao padrão social existente direitos que por vezes são tomados ou restritos diante as normatizações sociais. As singularidades diretivas e legais garantem ações que permitam a estas pessoas uma vivência na sociedade em equidade, tendo em vista, que muitas possuem necessidades específicas.

Diante do exposto, reconhecemos o trabalho das atividades de extensão universitárias e das discussões sobre sexualidade com a comunidade, portanto, pretendemos evidenciar como ocorrem as atividades de extensão da Unioeste no que tange ao tema sexualidade, analisando suas estruturações, objetivos, a que público se destinam e como a temática é compreendida por suas coordenadoras e seus coordenadores.

Para tanto, a dissertação aqui apresentada se estrutura em uma análise documental, bibliográfica e de campo. Em uma seção inicial, explicitamos a metodologia de cunho qualitativo adotada, com a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), descrevendo as etapas da pesquisa e como a mesma foi realizada em cada etapa. Nesta seção também é exposto o contexto em que se realizou a pesquisa e conseqüentemente os documentos, participantes e objetivos da pesquisa.

Em seguida, expõem-se as características da extensão dentro das universidades, bem como suas relações entre a pesquisa e o ensino, e seu processo de curricularização que fornecerá diferenciais na formação dos discentes e também

de docentes. Na próxima seção apresentamos um panorama geral de referenciais sobre a sexualidade, procurando estabelecer relações dentro do âmbito educacional, explicitando também o tema nos documentos educacionais brasileiros.

Por fim, são descritos e interpretados os resultados evidenciados do processo de pesquisa, procurando explicitar por meio dos projetos de atividades extensionistas e entrevistas, como a sexualidade é abordada nas atividades de extensão e suas implicações no contexto educativo, discutindo com autores e estabelecendo relações com as pesquisas no âmbito educacional. Além disto, procuramos tecer breves relações entre as atividades e as descrições dos entrevistados.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa desenvolvida possui caráter qualitativo, o qual recomenda o tratamento dos dados não apenas pelas informações obtidas, mas pela significativa observação e reflexão do pesquisador o qual faz parte do processo de produção de conhecimento (FLICK, 2009).

De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa procura estudar os fatos considerando os contextos relacionais dos objetos de estudo e a subjetividade da comunicação e reflexão do pesquisador a partir dos dados. Dessa forma, se possibilita que a visão de quem estuda o tema abordado seja evidenciada a partir das compreensões de mundo implícitas do pesquisador, entretanto, cabe a este, a cautela em sistematizar os conhecimentos pautados não apenas em suas convicções, mas sim que estabeleça relações com os saberes científicos.

Consideramos a pesquisa qualitativa como o melhor método para que possamos analisar e discutir os dados coletados durante toda a pesquisa, tendo em vista que a mesma se pauta inicialmente em uma pesquisa documental e bibliográfica com o intuito de visualizar como a sexualidade é apresentada nos documentos oficiais brasileiros, como é visualizada na Educação Sexual, e como ocorre na extensão.

Diante disso, questionamos, ‘como a sexualidade é compreendida pela extensão universitária da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)’? Assim, por meio das atividades extensionistas e as entrevistas com as/os coordenadoras/es, que correspondem aos sujeitos que abordam a temática dentro da referida universidade, objetivamos, expor como a sexualidade é compreendida nas atividades de extensão da Unioeste.

Visando contemplar nosso objetivo, as entrevistas com as coordenadoras e coordenadores serão fundamentais para compreendermos como a universidade aborda a temática, tendo em vista, que uma instituição é construída a partir das pessoas que a constituem e a circundam. Entendemos que as compreensões pessoais não delimitam uma universidade, todavia, fazem parte dela, e auxiliam na formação e manutenção de seu sistemas de ideias, afinal, as compreensões pessoais são resultados de estudos e experiências.

Após o momento inicial de levantamento de informações e saberes científicos sobre sexualidade e extensão universitária, realizamos uma análise sobre atividades de extensão e as considerações das/os coordenadoras/es destas atividades a partir da análise do conteúdo de Bardin (2016, p. 48) a qual oscila entre a objetividade e a subjetividade, entre a descrição e a interpretação e é designada como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Nesse método de tratamento dos dados, os mesmos são fragmentados seguindo algumas regras: (1) homogeneidade: separa as descrições de acordo com o que elas se referem; (2) exaustibilidade: analisar o máximo do texto, se possível em sua totalidade; (3) exclusividade e objetividade: um fragmento não pode ser apresentado em categorias diferentes dentro de um mesmo contexto e vários fragmentos podem desencadear um mesmo resultado; (4) adequação e pertinência: coerentes com o conteúdo estudados e o objetivo proposto (BARDIN, 2016)

Segundo a autora, quando se separam os fragmentos analisados, damos nome a estes de 'unidades de registro', os quais serão agrupados de acordo com o foco da categoria pretendida, se o objetivo é verificar os instrumentos e técnicas de ensino, não faz sentido colocarmos nesta categoria o local onde se desenvolveu o trabalho, por exemplo. Pode ocorrer de possuímos fragmentos ambíguos, a estes, as 'unidades de contexto' servirão como parâmetro para sua significação.

Como Bardin (2016) nos explicita, desenvolve-se assim, a categorização, na qual isolamos, organizamos e classificamos os elementos. As 'unidades de contexto' aqui, são os aspectos a serem analisados que foram obtidos dos objetos de pesquisa, e as 'unidades de registro' constituem as categorias (agrupamentos) que emergiram nestas unidades de contexto.

Com os dados categorizados, e os resultados expostos, inicia-se um processo de inferência, no qual se interpretam os dados a partir das relações contextuais e referenciais do pesquisador, sendo assim um processo de dedução que procura explicitar e justificar os porquês e as consequências do dado exposto (BARDIN, 2016).

Para alcançarmos nossos objetivos e cada uma das etapas trazidas, reconhecemos que partimos de um contexto, tanto enquanto pesquisador quanto para nossos sujeitos (coordenadoras e coordenadores) e objetos (projetos) de pesquisa, assim procuramos situar a seguir a conjuntura que correu a investigação.

2.1 Contexto de Pesquisa

Levantamos junto à Pró Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) em Cascavel-PR, quais as atividades de extensão possuem ou possuíam como tema central, a sexualidade. Com as atividades elencadas (Quadro 5, Seção 5), realizamos uma entrevista com uma amostra das/os coordenadoras/es e sub-coordenadoras/es das mesmas, os quais, são ou foram docentes também da referida universidade.

A pesquisa foi suscitada diante da participação das pesquisadoras e os pesquisadores em atividades de extensão e grupos de pesquisa (Grupo Educação em Ciências e Biologia – Gecibio e Grupo de Pesquisa sobre Sexualidade e Educação – Gepex) os quais têm debatido assuntos pertinentes à sexualidade.

Na Unioeste, procura-se articular os saberes universitários aos saberes dos demais segmentos da sociedade, em uma busca de interação dialógica. Com essa interação entre sociedade e academia, os conhecimentos podem ser ampliados na busca da solução ou de amenizar problemas sociais (SCHÜTZ, 2016). Assim, desenvolvemos esta pesquisa com o intuito de promover uma investigação que possua um caráter histórico e social para a comunidade da Unioeste e demais interessados nessa temática.

2.2 Construção do corpus da pesquisa

Descrevemos a seguir os passos da pesquisa, elencando como ocorre a coleta de dados e a análise dos mesmos. Considerando que a pesquisa possui dois momentos de análise, sendo um de análise documental e outro momento de entrevistas, apontamos ainda o cuidado ético no momento das entrevistas com coordenadoras e coordenadores.

2.2.1 Construção dos dados

A primeira etapa de pesquisa foi de caráter documental, sendo analisadas as atividades de extensão que foram e ainda são desenvolvidas na Unioeste.

Por meio do sistema de consulta de atividades de extensão disponibilizado pela Unioeste via sistema interno online¹, fizemos uso do mecanismo de busca com o termo “sex”. No portal consultado, a atividade mais antiga da área ocorreu em 2003, dessa forma, em nossa amostra consideramos todas as atividades lançadas no sistema (exceto os que constavam em situação “atividade cancelada” ou “arquivado protocolo geral – cancelado”) até dezembro de 2018, totalizando aproximadamente 15 anos. Obtivemos um montante 63 atividades.

Desenvolvemos um roteiro para coletar as informações presentes nas descrições apresentadas (Apêndice A). Destes, são analisados o tipo de atividade, o campus propositor, as áreas temáticas, linha de extensão e o público-alvo. Estas informações foram obtidas conforme modelo da Figura 01, conforme apresentado no site. Na aba ‘Participantes’ (Figura 01) podemos visualizar as/os coordenadoras/es e sub-coordenadoras/es das atividades que serão identificados pela letra C. E, na aba ‘Resumos’, procuramos apontar os objetivos dos trabalhos, os instrumentos/recursos metodológicos utilizados no desenvolvimento da atividade e se possível, as compreensões de sexualidade. Todavia tais informações não constavam de forma pronta e objetiva como as anteriores, cabendo a nós, realizarmos as análises dos textos para identificar tais proposições.

Realizada esta etapa inicial de pesquisa documental, realizamos entrevistas (Apêndice B) com uma amostra das/os coordenadoras/es e sub-coordenadoras/es das atividades. Ressaltamos, que o número de participantes inicialmente se reduz em relação à quantidade de atividades, pois várias destas foram coordenadas por um mesmo indivíduo, o que será visualizado posteriormente nos resultados. Por considerarmos que as/os sub-coordenadoras/es trabalham em conjunto com as/os coordenadoras/es das atividades, a partir deste ponto, enquadraremos todos estes sujeitos como coordenadoras/es.

Para delimitação da amostra, procuramos localizar pelo nome das coordenadoras e coordenadores seus respectivos e-mails em artigos já publicados ou em páginas e sistemas que pudessem conter tal informação. Assim, para todas e

¹ Site <https://midas.unioeste.br/sgpj/consultaextensao#/>

todos, que obtivemos seus e-mails, lhes encaminhamos a solicitação de participação da pesquisa. Dos 27 sujeitos iniciais, nossa amostra se reduziu para 10, diante dos sujeitos que não localizamos os e-mails, ou que não responderam, ou ainda se negaram a participar, alegando não ser sua temática atual de trabalho.

Expressamos que por ocorrer este momento de pesquisa envolvendo seres humanos, submetemos tal projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa², aprovado em Setembro de 2017 (ANEXO A). Os entrevistados também assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO B) em 2 vias que enfatizam sua disponibilidade em participar da presente pesquisa.

Figura 01 – Layout das informações das atividades de extensão

Informações	Resumo	Participantes
Título:	[REDACTED]	
Tipo da Atividade:	Curso	
Unidade:	Campus de Cascavel	
Centro:		
Número do Projeto:	[REDACTED]	
Data de Início:	16/06/2016	
Data Previsto para o Término:	16/06/2018	
Data de Término:	16/06/2018	
Situação Atual:	Atividade em Andamento	
Grande Área:	Ciências Humanas	
Área Temática Principal:	Educação	
Área Temática Secundária:	Educação	
Linha de Extensão:	Formação de professores	
Público Alvo:	Acadêmicos e acadêmicas das licenciaturas e dos programas de pós-graduação da Unioeste	

Fonte: Adaptado do site <https://midas.unioeste.br/sgpj/consultaextensao#/> (2018).

As entrevistas “[...] efetuadas sobre um tema devem referir-se a ele, ter sido obtidas por intermédio de técnicas idênticas e ser realizadas por indivíduos semelhantes” (BARDIN, 2016, p. 128). Diante disto, as entrevistas possuíam um roteiro semi-estruturado, possibilitando ao entrevistador e entrevistado uma melhor relação no desenvolvimento das respostas.

As mesmas foram áudio-gravadas, transcritas e analisadas, a fim de evidenciar, em especial, as compreensões das/os coordenadoras/es sobre a

² CAAE 73193217.2.0000.0107

sexualidade, as relações com o tripé do Ensino Superior, e a relevância do tema no contexto social. Para gravação das entrevistas, usamos em uma delas, um aplicativo de gravador de áudio, em outra, um aplicativo de gravação de áudio e vídeo, nas demais, o aplicativo WhatsApp, o que facilitou o contato com os sujeitos, tendo em vista que as perguntas ficavam registradas, e conforme tinham disponibilidade, respondiam.

Em nosso trabalho, fizemos uso de entrevistas semidiretivas (Apêndice B), as quais são mais curtas (no máximo 1h) e podem ser realizadas de forma semiestruturada. Este método favorece uma fala espontânea e subjetiva, sendo portanto, uma rica fonte de dados. Todavia embora se possam obter muitas informações dos entrevistados, muitas lacunas e complexidades podem dificultar à análise posterior do/a pesquisador/a (BARDIN, 2016).

Ainda segundo a autora, existe um paradoxo, no qual, ao entrevistarmos uma amostra de indivíduos, pretendemos sempre inferir resultados de uma população e/ou grupo social, mas sempre encontramos a unicidade e singularidade de cada pessoa, ou seja, generalizamos o que não poderia ser generalizado. No item a seguir especificaremos como amenizar tal paradoxo.

2.2.2 Análise dos dados

Este recurso metodológico envolve três etapas: (1) a pré-análise, (2) a exploração do material e (3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2016).

A pré-análise compreenderá a organização do material (seleção dos dados, transcrição das entrevistas), em que realizamos análises preliminares (análise flutuante) das atividades de extensão sobre sexualidade. Nesta fase escolhemos qual nosso corpus de pesquisa, que são as atividades de extensão e as entrevistas com as coordenadoras e coordenadores de tais atividades. Aqui também é o momento que elencamos hipóteses, que nesse caso, esperamos que as atividades possam abranger as esferas sociais, psicológicas e biológicas com o intuito de disseminar os saberes científicos na sociedade.

Ainda na pré-análise dos projetos e das entrevistas, estabelecemos quais aspectos analisados. Nas análise documental inicial das atividades, elencamos, (1) o tipo de atividade, (2) anos de início, (3) os locais de aplicação, (4) as áreas

abrangidas, (5) os instrumentos utilizados, (6) os objetivos e (7) o público alvo, enquanto nas entrevistas, (1) a importância do tema para os 3 pilares universitários (ensino, pesquisa e extensão) e (2) a formação dos docentes atuantes, e (3) as compreensões de sexualidade. Estas unidades temáticas recebem o nome também das 'unidades de contexto'.

Na segunda fase, a exploração do material, ocorre a sistematização do que foi estabelecido na pré-análise. Esse é o momento de codificar, decompor e enumerar (recortar e agrupar textos que permitam a representação do conteúdo ou expressão), os dados provenientes dos fragmentos textuais extraídos das atividades e entrevistas. Aqui também se efetiva a pertinência das unidades de registro (categorias) e de contexto (áreas temáticas). Desenvolvemos a relação dos dados transcritos das entrevistas com os extraídos das atividades.

Na categorização, os dados foram organizados com suas similaridades de acordo com o contexto analisado, e as categorias foram estabelecidas ao final, portanto, grande parte delas, emergiram do processo de análise dos resultados estudados.

Em relação às entrevistas teremos um cuidado adicional mediante à singularidade e subjetividade presente neste método. Para tal, realizamos de forma relacionada 2 fases, uma chamada decifração estrutural e outra transversalidade temática (BARDIN, 2016). Na primeira, verificamos as entrevistas uma a uma, tentando extrair também a subjetividade do entrevistado. Na segunda fase, mesmo que o sujeito de pesquisa não tenha apresentado de forma direta um argumento, aquilo que tenha sido dito por ele, pode ser relacionado à fala de outrem e organizado em um mesmo tema, assim, ocorre uma relação entre os sujeitos. Nas duas fases, ainda segundo Bardin (2016), consideramos a leitura sintagmática, ou seja, aquilo que foi realmente dito, exposto e, a paradigmática, que se refere àquilo que está implícito, desencadeado de reflexões do/a pesquisador/a. Em nossos resultados apresentamos tais fases interligadas indiretamente.

Nesta última e terceira etapa da Análise de Conteúdo, a interpretação inferencial envolverá o aprofundamento da análise buscando desvelar, a partir de discussões com referenciais teóricos, a presença das relações entre as atividades de extensão e o tema sexualidade, estabelecendo contextualizações com as necessidades sociais descritas pelas/os coordenadoras/es, bem como suas

compreensões e considerações sobre o tema. Também procuramos enfatizar as intermediações do tripé universitário (ensino, pesquisa, extensão), em especial a extensão, com o assunto abordado.

Cabe ressaltar que pretendemos discutir as categorias construídas no processo investigativo, sejam elas já delimitadas pelo objeto de estudo ou emergentes durante as 3 etapas de análise dos dados (Quadro 01 e Quadro 02), tendo em vista que todos os dados que aparecem são significativos em uma pesquisa, e muitas vezes, a aparição de um dado pode mais expressivo até mesmo que a sua frequência (BARDIN, 2016).

Separamos as unidades temáticas em 2 quadros (Quadro 01 e Quadro 02) conforme o objeto de estudo, para que se situássemos o leitor de forma mais adequada a compreendê-las. Vale ressaltar que emergentes são considerados todos os dados ou conjunto de dados que surgiram durante a pesquisa e exploração do material que não eram esperados ou ainda que não possuíam categorias pré-estabelecidas nas quais seriam apenas rearranjados.

Quadro 1 – Categorias analisadas nas atividades extensionistas

Tipo de Categoria	Categorias	Subcategorias
Delimitada no objeto de estudo	Tipo de atividade	Projeto
		Evento
		Curso
		Prestação de serviço
	Ano de início	Emergentes
	Unidades	Reitoria
		Cascavel
		Foz do Iguaçu
		Toledo
		Francisco Beltrão
Marechal Cândido Rondon		
Áreas de saber	Emergentes	
Emergida	Público-alvo	Emergentes
	Município de atuação	Emergentes
	Objetivos	Emergentes
	Vieses	Biológico
		Psicológico
		Social
Estratégias/recursos de mediação	Emergentes	

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como pode ser visualizado no quadro 01, a maioria das subcategorias foram emergentes, obtidas mediante a análise dos dados. Embora estabelecemos inicialmente alguns parâmetros a analisarmos, não sabíamos se os mesmos seriam

obtidos, pois as informações presentes nos resumos das atividades são apresentadas de forma breve e sucinta e sem um formato único, por isso, separamos acima entre as categorias já constatadas no objeto de estudo, conforme a figura 01, e as categorias emergidas, que foram delimitadas após a análise.

Embora possa ser observado na Figura 01 o público-alvo enquanto uma unidade temática já prevista, ela consta como emergida em nosso quadro, pois durante a análise constatamos que as informações trazidas no resumo eram mais delimitadoras deste público, explicitando mais detalhadamente a quem se destinou tais atividades.

No quadro a seguir (Quadro 02), sistematizamos as categorias emergidas da análise das entrevistas e procuramos brevemente apresentá-las sobre o que trarão em seus resultados e suas discussões.

Quadro 2 – Categorias emergidas das entrevistas

Categorias	Descrição
O perfil e a formação das/os coordenadoras/es	As áreas de atuação dos docentes e sua formação.
Compreensões sobre sexualidade	Como os docentes universitários visualizam a temática.
Sexualidade e a extensão universitária	A importância da temática nas atividades de extensão e a importância deste pilar do tripé universitário.
Porque e como trabalhar sexualidade	As motivações pessoais e os caminhos a serem trilhados para trabalhar a temática.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Diante das explanações e discussões com outros autores, faremos inferências sobre a análise, apontando possíveis relações observadas entre as propostas de atividade de extensão e as considerações gerais das/os coordenadoras/es, as quais serão correlacionadas à ação das atividades de extensão com tema sexualidade e a divulgação da ciência na sociedade.

3. O PAPEL DA EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO E A PESQUISA

Nesta seção procuramos trazer aspectos que denotam e caracterizam as atividades extensionistas dentro da universidade. Devido nosso recorte para a Unioeste, buscamos apresentar, paralelamente aos referenciais, aspectos normativos sobre a extensão da referida instituição. Dessa forma, inicialmente apresentamos a extensão nesta universidade e posteriormente realizamos uma breve abordagem sobre a aplicabilidade da extensão (enquanto sua curricularização) e sua relação com a pesquisa e o ensino.

3.1 A Unioeste e sua abordagem extensionista

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste é uma universidade regional reconhecida desde Dezembro de 1994, atualmente com 5 campi localizados em Cascavel, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Marechal Cândido Rondon e Toledo. Esta universidade “tem como missão produzir, sistematizar e socializar o conhecimento, contribuindo com o desenvolvimento humano, científico, tecnológico e regional, comprometendo-se com a justiça, a democracia, a cidadania e a responsabilidade social (UNIOESTE, 2017, s/p).”

Na Unioeste, de acordo com seu relatório de reconhecimento enquanto universidade (PARANÁ, 1994), o ensino procura aprimorar e qualificar a integralização das atividades acadêmicas com o desenvolvimento científico e cultural, com foco especial a formação de futuros educadores. Quanto à pesquisa, esta procura fortalecer e aprimorar atividades desenvolvidas na instituição, e a extensão busca o serviço à comunidade, priorizando pessoas em processo de marginalização.

Em 1999, ao aprovar o estatuto da referida universidade, os focos do tripé universitário (ensino-pesquisa-extensão), são discutidos e ampliados. No ensino, se visa qualificar os universitários, prepará-los profissionalmente e formar pesquisadoras/es para produção científica e tecnológica, atualizando e aprimorando conhecimentos e processos de trabalho. Já a “pesquisa é o processo da busca, da investigação e da indagação, visando a produção, o cultivo e o aprimoramento do saber científico, tecnológico, artístico, cultural e filosófico [...] (Art. 49)” e a “extensão

é o processo educativo, cultural e científico, que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, potencializando a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade (Art. 51).” (UNIOESTE, 1999).

A partir disto, percebemos que a Unioeste destaca a preocupação em visualizar os conhecimentos produzidos na academia sendo utilizados, aprimorados e evidenciados frente à sociedade. Vale destacar que nem sempre, um saber terá um viés diretamente utilitarista, todavia, reforçamos que todo conhecimento é proveniente de problemas, necessidades e questionamentos decorrentes de ações sociais e/ou de simples curiosidade humana.

Uma extensão que transpõe suas contradições históricas e polissemia e se reconfigura em programas e projetos para além de um canal de comunicação e legitimação de saberes hegemônicos ou mera prestação de serviços assistencialista, mas espaço de construção do conhecimento, portanto, processo dialógico, crítico, reflexivo, educativo, científico, interdisciplinar e emancipatório (IMPERATORE; PEDDE; IMPERATORE, 2015, p. 2).

Reforçamos que a extensão não pode ser pensada sem nos atentarmos à pesquisa e ao ensino que constituem um tripé indissociável dentro das universidades, conforme preconiza a Constituição Federal de 1988: “Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e **obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** (BRASIL, 1998, *grifo nosso*).”

Além da missão descrita no início desta seção, a Unioeste atua com base em princípios éticos que visam o exercício da cidadania, dessa forma, tais considerações vem ao encontro da Lei de Diretrizes e Bases 9394 (LDB) (BRASIL, 1996), que expõem que além das universidades serem instituições pluridisciplinares, o ensino superior possui como uma de suas finalidades: [...] promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (1996, s/p).

Dessa forma, a partir das bases teóricas e normativas trazidas, a pesquisa, o ensino e a extensão deveriam ser atividades realizadas enquanto unidade, prezando pelo desenvolvimento científico e cultural que permeia um arcabouço social ao qual a instituição está inserida.

3.1.1 Possibilidades e desafios da extensão universitária

Na pesquisa, o trabalho é realizado geralmente dentro da academia, ocorrendo, portanto, a produção de conhecimento, que poderá ser usufruído por segmentos sociais de interesse. O desenvolvimento da pesquisa, por vezes, tem como ponto de partida os problemas sociais, para favorecer a vivência e convivência humana. Também pode atuar para responder questionamentos estritamente acadêmicos. No caso das atividades de extensão, são os momentos em que ocorre o contato com a comunidade para, inicialmente, ter o reconhecimento das necessidades sociais e, posteriormente a socialização de um saber científico e tecnológico que poderá auxiliar a sociedade.

Estas informações podem chegar à comunidade por meio das atividades de pesquisa e extensão, cada uma com suas particularidades, às quais propiciam um diálogo entre o conhecimento científico e o popular ocorrendo uma nova construção social (ASINELLI-LUZ, 2008). De acordo com a referida autora, informações a respeito de

[...] drogas, gênero e sexualidade, procuram respeitar as diferentes tendências academicamente construídas, ao mesmo tempo em que novos dados da realidade são coletados e analisados para possibilitar a dinâmica da reflexão sobre o conhecimento produzido (ASINELLI-LUZ, 2008, p. 91).

Diante disso, a universidade pública é e foi criada para atender as necessidades do país, lembrando que estas necessidades não precisamente decorrem de problemas sociais, e paralelamente, a extensão universitária transforma a instituição no sentido de assumir um maior compromisso na construção de uma nova cidadania preocupada com questões sociais, ou seja, a universidade passa a contribuir significativamente para a mudança da sociedade (UNIOESTE, 2002).

Corroborando com Dalmolin e Vieira (2015), não queremos de forma alguma reforçar um papel assistencialista e acrítico da extensão, mas sim, reforçar a possibilidade de interação entre o conhecimento e a sociedade reivindicada por movimentos populares que se sentem distanciados da academia. Ribeiro, Mendes e Silva (2018, p. 337) reforçam tal compreensão, sob um olhar de diálogos horizontalizados, expondo que “A extensão favorece a escuta sensível e implicada e não uma atuação sobre a comunidade e sobre o outro”.

De acordo com o Plano Institucional de Extensão da Unioeste (PIEU) (UNIOESTE, 2002), a extensão também se configura enquanto produtora de conhecimento em um processo educativo, a qual se constitui pela troca de saberes populares e acadêmicos que tendem a ser sistematizados e democratizados, resultantes da participação da comunidade e do confronto com a realidade.

Outra função da extensão universitária e sua íntima relação com o ensino e a pesquisa, refere-se à universalização da educação, trazida na LDB (BRASIL, 1996) e no Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014) que ressaltam a importância de aproximar o nível formativo do ensino superior à Educação Básica mediante capacitação e formação profissional e é claro, por meio de pesquisas pedagógicas.

Para que a extensão cresça em quantidade e se consolide enquanto um pilar universitário, o PNE aprovado em 2014, estabelece que 10% da carga horária da graduação seja realizada em atividades de extensão, o que pode impulsionar a curricularização da extensão e aumento do contato de professoras e professores e, alunas e alunos com atividades extensionistas (BRASIL, 2014).

Dessa forma, em 2018, o MEC disponibilizou as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (DEESB) (BRASIL, 2018a), que reforçam os critérios e os ampliam, embora permaneçam prezando pelas normas institucionais de cada universidade. Vale atentar, que estas diretrizes caracterizam a atividade de extensão como “ [...] intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante [...] (Art. 7)”.

As atividades de extensão podem ser desenvolvidas sob algumas modalidades: programa, projeto, curso, evento e prestação de serviço (BRASIL, 2018a). Tais modalidades correspondem a normas específicas de extensão da Unioeste (UNIOESTE, 2014) que as caracterizam correspondentemente:

- Programa: é constituído por duas ou mais proposições de outras modalidades de atividade de extensão (uma, ao menos, deve ser um projeto). Possui caráter orgânico-institucional de longo prazo (mínimo de 3 anos) com ações, objetivos e regulamentação aprovada por outras instâncias universitárias (conselhos, colegiados etc) integrando preferencialmente pesquisa e ensino e outras unidades administrativas.

- Projeto: necessita de objetivos específicos de cunho educativo, cultural, social, tecnológico ou científico, sendo contínuo e processual.
- Curso: é planejado e organizado para ser destinado à comunidade, com mínimo de 8 horas e de caráter pedagógico.
- Evento: caracterizado pela apresentação e/ou exibição pública de conhecimentos e saberes (científicos ou culturais) a público livre ou específico sob forma de congresso, ciclo de debates, exposições, festivais, ações esportivas e atos pontuais.
- Prestação de serviço: pode ser uma atividade terceirizada (a universidade contrata terceiros para a ação) ou não, mas com objetivo na execução de atividades profissionais que demandam habilidades e conhecimentos de domínio da instituição.

Diante destas modalidades, e em sintonia com as definições trazidas no PIEU (UNIOESTE, 2002), concordamos com a definição de extensão exposta nas DEESB:

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (BRASIL, 2018a, Art. 3).

Observamos em diferentes documentos, sejam eles federais ou institucionais, a preocupação em abordar a extensão indissociável à pesquisa e ao ensino. Moita e Andrade (2009, p. 269) afirmam que a indissociabilidade destes três eixos favorecem “um fazer universitário autônomo, competente e ético”. Todavia, os mesmos autores apontam que o trabalho em equidade destes 3 pilares ainda não é praticado.

Para Schütz (2016), a interdisciplinaridade é promovida pela extensão de forma que o ensino, a pesquisa e a extensão se retro transformam. Nessa perspectiva “a Extensão altera tanto as práticas de ensino, a formação do profissional egresso, o trabalho docente, quanto suscita novas linhas de pesquisa, por fazer emergir novos problemas no universo social que demandam novos projetos de estudo” (s/p).

Talvez a dificuldade em visualizar tal indissociabilidade se configure por uma variedade de concepções existentes de extensão, que são constituídas por vieses ideológicos e históricos, bem como as políticas institucionais e acadêmicas que podem refletir em intempéries também no âmbito burocrático pedagógico e administrativo. Além disto, tende-se a visualizar a extensão como fundamentada na pesquisa ou ensino, considerando este, o único eixo dependente, e não vista em uma perspectiva interdisciplinar de articulação entre teoria e prática que reconhece diversidades (IMPERATORE; PEDDE, 2015).

Essa diversidade de concepções, por vezes fragmentada, atrelada a autonomia institucional talvez é o que dificulta ainda mais o processo de curricularizar a extensão ou como apontam Imperatore, Pedde e Imperatore (2015, p. 12), um processo de extensionalizar o currículo, pois não se descaracteriza a função disciplinar das grades curriculares. Segundo eles a extensão deve possuir um

[...] movimento de aproximação da universidade com a sociedade na perspectiva de enfrentamento de pautas reais, relação com empresas, organizações não governamentais, movimentos sociais, entidades públicas, entre outros. Ressignificando, efetivamente, o currículo, de forma a evitarmos a mera inserção de “apêndices”, que tratem de forma desconexa a formação acadêmica lastreada pela quadríade extensão-pesquisa-ensino-gestão.

Pensando em uma prática emancipatória para alunas e alunos, professoras e professores e comunidade, sair deste caráter meramente disciplinar da universidade é uma condição necessária (RIBEIRO; MENDES; SILVA, 2018). Para Moita e Andrade (2009), a pesquisa, o ensino e a extensão são continuidades naturais e indissociáveis durante o processo de produção científica do conhecimento daqueles que possuem o foco de modificar a realidade estudada.

Percebemos até o momento que apesar de visualizarmos a universalização da extensão como benéfica às realidades formativas dos acadêmicos, para que a mesma se efetive de modo a ser curricularizada, são muitos os desafios que precisam ser considerados e estudados, levando em consideração tanto a atividade docente quanto das alunas e alunos e, demais profissionais.

Um desafio explicitado e primário refletido por Dalmolin e Vieira (2015) seria quanto à formação dos docentes universitários em relação ao trabalho extensionista, tendo em vista que muitas das áreas, consideradas duras, não possuem viés algum

pedagógico, o qual pode ser um facilitador no momento em que se tem um contato com a comunidade, além de ampliar as potencialidades em aprender e ensinar. Acreditamos que uma formação que vise os aspectos da extensão, pode também favorecer a indissociabilidade da pesquisa, ensino e extensão.

Contudo, se a indissociabilidade evidencia uma força enquanto referência social, teórica e normativa, ela apresenta, ao mesmo tempo, limites e dificuldades para efetivar-se no contexto atual, dominado pela economia global de mercado, pela fragmentação e especialização do saber e pela ausência de uma concepção transversal de universidade. Assim, a educação superior subsumida pela demanda mercadológica, ao pautar-se pela lógica da racionalização e do lucro, perde-se enquanto vocação ao conhecimento, esvaziando-se como produtora de cultura e promotora da humanização. Decorre, dessa forma, a necessária mobilização por uma reflexão que retome a vocação da presença universitária, cujo cerne é a dinâmica curricular voltada para a construção de uma sociedade que promova a qualidade de vida dos sujeitos, em todas as suas dimensões (DALMOLIN; VIEIRA, 2015, p. 7191).

A afirmação acima atenta para outro viés compreendido como extensão, o qual estaria totalmente dissociado de saberes curriculares e científicos, deixando de forma implícita que as atividades desenvolvidas carecem de saberes e conhecimentos científicos. Todavia, a afirmação já nos fundamenta que a função da universidade não se restrinja a uma grade curricular, mas ultrapasse e extrapole os limites conteudistas, priorizando a transformação social.

Uma destas preocupações sociais é inicialmente apontada pelo PIEU (UNIOESTE, 2002) por meio do desenvolvimento de programas com crianças e adolescentes visando uma melhoria de atendimento e ações que priorizem este público. Dentro desta pauta, apontamos que discussões de sexualidade perpassam por estes sujeitos constantemente. Ressaltamos que para os mesmos possuírem esse respaldo crítico que lhes assegure conhecimento dos direitos e como se proteger de violências necessitam acesso a essas informações.

Um dos caminhos para que se discuta a temática com este público seria no ambiente escolar, e para isso se faz necessária uma formação docente para tal. É aí que podemos adentrar com as atividades extensionistas que possibilitariam uma formação continuada aos docentes que trabalham cotidianamente com crianças e adolescentes. Assim, a extensão aparece como uma fonte de conhecimentos que pode auxiliar efetivamente na reconstrução e compreensão social, em temas tidos como polêmicos, que muitos docentes possuem acesso escasso, e por vezes dificultado, aos saberes cientificamente produzidos que podem também encontrar

resistência em práticas sociais decorrentes da cultura de uma comunidade (ASINELLI-LUZ, 2008).

Asinelli-Luz (2008), aponta que atividades de extensão voltadas para docentes, são um excelente mecanismo de divulgação de saberes, pois atuam com agentes de multiplicação na qual a aprendizagem social é recomendada, influenciada e estimulada. Além disso, a autora considera a extensão como

[...] um braço importante da universidade na comunidade, numa dinâmica de ir e vir de saberes, num diálogo permanente entre o conhecimento científico e o conhecimento popular. Reconhecer a extensão como fonte de conhecimento oportuniza a professores, estudantes, pesquisadores/as e comunidade interagirem, propiciando que todos/as sejamos, efetivamente, autores e protagonistas de uma nova construção social, mais solidária, ética e cidadã (ASINELLI-LUZ, 2008, p. 95).

Tal compreensão está alinhada às concepções da Unioeste, uma vez que prioriza dialogar e interagir com diferentes formas de saberes antes de “levar um conhecimento” a fim de compor novas referências para a resolução de problemas em diferentes segmentos sociais. A emancipação humana e sua transformação são um compromisso extensionista (SCHÜTZ, 2016).

Para Dalmolin e Vieira (2015), a extensão universitária além do foco na dialogicidade e na capacidade em visualizar realidades distintas da comunidade, ela deve primar por constituir o processo formativo das alunas e alunos, professoras/es e demais profissionais presentes na universidade. Para os autores, em consonância também com Ribeiro, Mendes e Silva (2018), é preciso visualizar a extensão de forma transversal em relação à universidade e à sociedade e, como formação com viés democrático e plural.

Diante disso, curricularizar a extensão, pode favorecer a indissociabilidade do tripé universitário, oportunizando experiências formativas que inter-relacionem os saberes científicos e cotidianos, construindo um indivíduo com formação acadêmica, humana e profissional (RIBEIRO; MENDES; SILVA, 2018).

Com o subsídio dos referenciais explicitados nessa seção, destacamos que a extensão universitária vem para somar acadêmica e socialmente. Ela é o meio pelo qual o sociedade tem acesso à instituição e aos conhecimentos nela discutidos e produzidos. E convenhamos, não faz sentido um saber, sem que este possa ser disseminado, divulgado, ou ao menos disponibilizado o seu acesso. Por isto este tripé universitário indissociável entre pesquisa, ensino e extensão se mostra,

teoricamente, como aqui apresentado, uma rede interligada, interdependente e autossustentada, sendo a extensão um dos eixos a possuir uma “escada” de acesso de outros setores sociais.

Consideramos interligada pois os três elementos necessitam de relação entre eles para se efetivarem, se tornando interdependentes, num sistema mútuo de sucesso universitário que contemple este tripé. Consideramos autossustentada uma vez que um eixo pode alimentar ao outro, constituindo ciclos de sustentação, no qual cada qual possuirá uma função e especificidade, mas ao fim, o integral somente se constitui na realização dos três.

4. A SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO³

Atualmente as discussões que envolvem a sexualidade na sociedade, estão presentes de forma explícita ou implícita no ambiente escolar. Nesse sentido, seus profissionais precisam estar preparados para lidar com as diferentes situações, sem preconceitos e com respeito pela diversidade. A construção dos novos planos de educação a partir de 2015 incitou a discussão de assuntos envolvidos com a sexualidade dentro das escolas.

Segundo Louro (2000), a sexualidade é debatida com mais ênfase nos últimos anos, devido ao aumento dos movimentos sociais, como o movimento LGBTQIA+ e o movimento feminista, que impulsionaram as discussões de diversidade, direitos resguardados a indivíduos. Para a autora, também são notáveis, os avanços tecnológicos que, por exemplo, podem estar associados aos aspectos reprodutivos como a fertilização de embriões *in vitro*, ou até mesmo uma redesignação sexual. Fato é, que estes avanços contribuem para discussões sobre a sexualidade humana.

As transformações ocorridas frente às sexualidades sejam elas em aspectos sociais (debates de gênero, relações afetivas etc.), tecnológicos (armazenamento de embriões, seleção de embriões etc.) e psicológicos e/ou médicos (alterações hormonais, auto-aceitação, IST - Infecções Sexualmente Transmitidas), possibilitam novas formas de compreensão de mundo, solução de indagações e novos questionamentos pessoais. Entretanto, a sexualidade não possui caráter apenas individual, mas sim, algo construído de forma social e política (LOURO, 2000), assim, nossa construção individual se dá por meio do que somos e de nossas relações, estando estas últimas, sujeitas também às políticas sociais a que somos expostos.

Entendemos, que a sexualidade é um tema para as políticas públicas e, sendo de responsabilidade também do estado a formação dos indivíduos, deve ser discutida em sala de aula e possuir o amparo de documentos oficiais, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, 2000, 2002) e outros

³ Parte das informações foram publicadas em LIMA, W. S.; JUSTINA, L. A. D. Pesquisas nas Áreas de Educação e Ensino Sobre Sexualidade no Ano de 2017. In: MALACARNE, V.; STRIEDER, D. M. (Orgs.). Ensino de Ciências e Matemática: Formação e Atuação Docente. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2019. p. 89-112.

documentos (BRASIL, 2006; PARANÁ, 2008) que apontam os aspectos a serem trabalhados nas escolas.

Compreendemos que a sexualidade, além de constituinte, também é objeto de estudos no ambiente escolar, seja por aspectos sociais, seja por aspectos legais, ou ainda por estar intimamente relacionada ao desenvolvimento humano, e para isso, os profissionais da educação devem conhecer os saberes científicos e, se possível, atualizados de pesquisas que são realizadas nas diferentes áreas do tema, sejam elas biológicas, culturais, sociais, históricas, econômicas ou psicológicas. Dessa forma, pesquisas sobre o estado do conhecimento contribuem para que tenhamos relações entre o ambiente escolar e o tema sexualidade. Estas possibilitam no âmbito acadêmico indicativos para novas pesquisas, bem como fornecem informações, que podem nortear os rumos a se tomar no âmbito educacional.

Não encontramos uma definição precisa de sexualidade, e acreditamos que seja por esta ser uma palavra que apresenta distintos significados ao longo do tempo por meio das interações sociais vivenciadas, sendo portanto, mais reconhecida como uma gama conceitos. Mas percebemos convergência em assumir que esta é algo íntimo (pessoal) e socialmente (coletivo) construído, que possui íntima relação com o seu eu e como se relacionar com o outro, ou seja, “a sexualidade, não há como negar, é mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui num campo político, discutido e disputado” (LOURO, 1998, p. 86).

As rápidas mudanças sociais que decorrem dos indivíduos perceberem sua capacidade de refletir e o direito a se manifestar, têm desestabilizado e criado crises nas relações humanas, gerando questionamentos antes não explícitos em diversos aspectos do sexo e da sexualidade, com isso, são apresentados diversos posicionamentos que geralmente estão associados à moral de grupos específicos.

A sexualidade encontra-se em diversos aspectos cotidianos, e de forma implícita – e até histórica –, podemos dizer que são determinados culturalmente os limites a serem seguidos, e como devemos nos comportar mediante diferentes situações e ambientes. Por vezes, não pronunciamos palavras de acordo com o local em que nos encontramos, nos silenciando, e caso alguém diga algo que seja considerado inadequado nesta mesma situação, pode ocorrer a repreensão e/ou o espanto de outrem.

Por exemplo, falar sobre a gravidez de uma mulher pode ser visto como algo corriqueiro, tendo em vista que ela deve ser uma mulher com parceiro fixo e feminina, mas, citar a gravidez de uma mulher solteira, ou lésbica, ou até mesmo sobre o ato sexual que desencadeou tal evento, possuirá suas restrições com o como, o onde e a quem falar do fato, uma forma de poder,

Um poder do qual não se pode reconhecer uma única fonte, mas que, nem por isso, é menos eficiente. Ao contrário, exatamente porque esse exercício de legitimação/deslegitimação se faz através de múltiplas e variadas instâncias e práticas, sua força é extremamente ampliada e invasiva (LOURO, 1998, p. 86).

Estes processos de discussões da sexualidade e os padrões sociais também aparecem dentro do ambiente escolar, o qual é meio de debate do conhecimento científico, mas também cultural. A escola é uma instância social de caráter sexualizado (LOURO, 1998), pois os indivíduos que a frequentam são seres sexuais (que possuem cada qual sua sexualidade), assim, espera-se que o ambiente escolar possa contribuir no debate sobre o tema, prezando o respeito às diferentes sexualidades existentes.

De forma discreta ou não, a pedagogia da sexualidade é abordada em nossas escolas, provocando um disciplinamento de corpos e apresentando determinados padrões a serem seguidos (LOURO, 2000), mediante uma moral e valores dominantes (SFAIR, 2012). O papel da escola, neste caso, vem a ser o de formar estudantes como cidadãs e cidadãos dentro dos preceitos científicos, ou seja, com saberes que não estão baseados unicamente em valores morais e religiosos, mas também em conhecimentos provenientes de pesquisas que demonstram os reais problemas a serem abordados, como o desenvolvimento integral de adolescentes e o combate aos preconceitos expressados, tendo em vista que a escola também é lugar ético, moral e cultural. Todavia, reiteramos que nem sempre a realidade pode ser descrita em fontes bibliográficas.

Foucault (2017), um dos principais referenciais na história da sexualidade, traz reflexões sobre as relações de poder que circundam esta temática. O autor expõe que socialmente todas as nossas relações com outras pessoas, em todos os sentidos possíveis, são passíveis de poder sobre o outro. Esse poder se reflete sobre o prazer, o qual ambos se retroalimentam, formando um ciclo interminável de

poder e prazer que pode alterar sujeitos, mudar situações, mas que tais características sempre existirão.

Segundo o autor, podemos perceber tais interações de poder dentro da sexualidade, visualizando então, que ela é intimamente associada ao corpo e os prazeres decorridos dele, se não, considerada esta própria relação, estando o poder interferindo em cada aspecto. Todavia, o corpo e seus prazeres, são construídos dentro de sociedades, e conseqüentemente, estas possuem instituições que encaminham grupos sociais a como pensarem e se expressarem, mesmo que não sejam estes os enfoques de tais instituições. Fato é, que, independente do meio ao qual estamos inseridos, este estará favorecendo a construção de nossa identidade e conseqüentemente nossa sexualidade (FOUCAULT, 2017).

Pesquisas recentes do estado da arte⁴ sobre sexualidade (MOKWA, 2014; PEREIRA; MONTEIRO, 2015; PETRENAS, 2015; MIRANDA; KALHIL; ALVES, 2017) têm exposto que o tema é importante no ambiente escolar, entretanto, um dos principais empecilhos para que ele se efetive é a qualificação dos profissionais docentes para o trabalho em sala de aula, em outras palavras, a formação de professoras e professores seja ela inicial ou continuada não é suficiente para que a escola consiga abordar a sexualidade em todos seus âmbitos, permanecendo centrada na maioria das vezes em aspectos biológicos, o que também expressam Brol e Martelli (2018).

Notamos que ao abordar este assunto em sala de aula, alguns docentes se sentem despreparados e tendem a realizar explanações sobre o que é certo e errado, num apontamento de fatos, expressando juízo de valores, e não em um processo democrático de discussão, inibindo curiosidades e reflexões que surjam nas mentes discentes. Em contrapartida, existem também professoras e professores que experimentam diversas abordagens voltadas para a discussão, mostrando às alunas e alunos o cuidado consigo e com seu corpo (BRITZMAN, 2000).

A Educação Sexual que recebemos em casa ou nos grupos de amigos e/ou conhecidos por vezes pode ser fragmentada, superficial, preconceituosa e/ou repressora. Dessa forma, há necessidade da escola promover Educação Sexual e, deve para isso, contar com professores e professoras informados, capacitados e seguros para que possam promovê-la, contribuindo para que seus alunos vivam sua sexualidade, de forma

⁴ Pesquisas que realizam um levantamento bibliográfico geral do que é trabalhado sobre um determinado tema em um recorte temporal. 'Estado do conhecimento' pode ser visto como seu sinônimo.

saudável, sem preconceitos e emancipatória (BROL; MARTELLI, 2018,p. 279).

Assim, embora aspectos associados à sexualidade sejam considerados como tabu em diversos setores sociais, os mesmos necessitam ser discutidos no ambiente escolar, nos mais diferentes níveis de ensino, todavia, é essencial que haja uma formação profissional para se abordar o tema (OLIVEIRA; MAIO, 2012). Os autores ainda expõem que além da formação inicial sobre o tema, é importante que as professoras e professores permaneçam aprimorando seus conhecimentos e práticas.

Entretanto, o que visualizamos por vezes, são discursos regados de ideologias e incertezas por parte dos profissionais de educação, devido às deficiências formativas que se sanadas, poderiam favorecer uma educação sexual a todos os indivíduos. “Pensando dessa forma, o trabalho com a educação sexual pode abrir portas para outras discussões necessárias. Dentre elas, podemos citar: respeito ao próximo, relações familiares, relação com os/as colegas etc (OLIVEIRA; MAIO, 2012, p. 51)”.

Segundo Mesquita (2012), não podemos negar que a sociedade está em constante mudança, realizando estas mudanças e se adaptando a elas, tendo em vista que a sexualidade é cada vez mais debatida socialmente, mas isto não quer dizer que a repressão exercida sobre o tema tenha se acabado, pode ser que ela apenas tenha tomado outras formas.

Para a autora ainda, a escola também tem como função educar para diversidade, o respeito e a felicidade, com o objetivo que cada um obtenha satisfação consigo e com os outros, assim, a professora e o professor deve estar sempre atenta/o as relações das alunas e alunos, não ao que tange apenas aspectos voltados a sexualidade, mas todo e qualquer problema que possa ser decorrente do não respeito as diferenças. “O ambiente escolar deve abrir espaço para dúvidas, para a fala, para esclarecimentos, para sentimentos, tabus, medos e esses sentimentos fazem parte do dia-a-dia de qualquer pessoa e isso não é só biológico” (MESQUITA, 2012, p. 35-36).

Entendemos assim que as pesquisas que constataam problemas estão cada vez mais evidentes, entretanto, cabe a nós pesquisadores/as refletirmos sobre as possíveis soluções. Talvez não nos falte a publicação de trabalhos, tendo em vista que Pereira e Monteiro (2015), Mokwa (2014) e Petrenas (2015) nos mostram

dezenas de produções na área que crescem a cada ano, mas o que nos falta é a visualização destas pesquisas e o como apresentar estes saberes científicos do meio acadêmico no ambiente escolar. De forma alguma expressamos que não são necessárias novas pesquisas na área, apenas atentamos para que as mesmas possam ser disseminadas.

Para tanto, a educação sexual deve ocorrer de forma transversal, conforme são apresentados nos currículos escolares, não sendo responsabilidade de apenas uma disciplina, mas sim, de todas, e em diferentes atividades escolares, promovendo em suas aulas, metodologias mais participativas que façam as/os estudantes interagirem com o tema (OLIVEIRA; MAIO, 2012).

De acordo com o Conselho Nacional de Educação (CNE), estes aspectos voltados para a diversidade são princípios que os licenciados em pedagogia devem estar aptos a compreender demonstrando “consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras” (CNE, 2006, p. 11).

Dessa forma, a sexualidade é um tema essencial na formação de professoras/es de Educação Básica, pois este estará em contato com os mais variados indivíduos, e deve, portanto, estar consciente destas diferenças para que estabeleça durante suas aulas, um meio de construção do saber não discriminativo. Para Brol e Martelli (2018), professoras e professores que abordam o tema de forma respeitosa e segura, favorece uma formação emancipatória.

Maio Braga (2008, p. 161) nos aponta que não adianta, por mais que se tente reprimir, a sexualidade no ambiente escolar aparecerá, sejam gestos ou apenas palavras, e não abordar tal tema em contextos educativos apenas perpetuará e proporcionará a disseminação de

[...] desconhecimentos, ações deliberadas e escondidas, como sinais de protesto e de provocação.

O debate sobre a sexualidade no espaço escolar se faz necessário, urgente; isto é, dependendo dos significados que se têm para esse discurso. Que não seja desvinculado de seus aspectos culturais, sociais, históricos e pedagógicos! (p. 161).

Em uma pesquisa de estado da arte sobre educação sexual em teses e dissertações, apenas 6,2% dos trabalhos são apontados como designados ao nível do Ensino Fundamental dos anos iniciais, demonstrando uma ausência de

interesses em se pesquisar tal tema para este âmbito (SILVA; MEGID NETO, 2006). De acordo com os autores ainda, professoras e professores visualizam estudantes com até 10 anos de idade como seres assexuados e inocentes, “No entanto, é nas idades mais precoces que mais facilmente são absorvidos valores, conceitos e preconceitos, sendo fundamental a intensificação das pesquisas nas séries iniciais de escolarização [...]” (SILVA; MEGID NETO, 2006, p. 194).

Mesquita (2012) corrobora com Silva e Megid Neto (2006) ao sugerir que a educação sexual seja implantada no ambiente escolar, embora se reconheçam as dificuldades formativas de professoras/es. Os mesmos assim expõem, que se faz necessário além de promover mudanças nos currículos dos cursos de graduação que envolvam a licenciatura, tendo em vista que a educação sexual receba certo enfoque nas formações iniciais das professoras e professores, ocorram alterações na formação continuada dos mesmos, para que possam se atualizar dos saberes emergidos recentemente.

4.1 A sexualidade nos documentos educacionais brasileiros⁵

No atual momento percebemos uma ampla fragmentação social no âmbito político que infelizmente se espalha para as convicções de vida e ideologias pessoais, muitas vezes sem o respaldo científico, e que por vezes são expressas em forma de preconceitos e discriminação, nos quais falta empatia entre as pessoas. Nesse aspecto, temas que têm sido alvo de críticas são a sexualidade e gênero.

Questionamos se as questões de sexualidade podem ser trabalhadas em sala de aula ou se são aspectos a serem abordados apenas na família. Entre as questões estão: a escola por ser um dos ambientes em que crianças e adolescentes convivem e expressam diferentes comportamentos, entre eles, aspectos que dizem respeito à sexualidade e gênero, devem integrar essa discussão? Se essas temáticas devem ser abordadas, como a escola deve proceder? O que dizem os documentos educacionais em relação à abordagem do tema sexualidade e gênero?

As questões de sexualidade e gênero estão também articuladas ao contexto social, inclusive às diferenças estabelecidas, por exemplo, entre os papéis sociais de homens e mulheres, têm sido por muito tempo motivo de dominação. Assim, a

⁵ As informações presentes nesta seção foram parcialmente apresentadas no VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO) por Lima, Meghioratti e Justina (2018) e também em um capítulo do livro Olhares às sexualidades e aos gêneros (LIMA; MEGLHIORATTI; JUSTINA, 2019).

sexualidade e as formas em que ela se expressa (ou pode se expressar) é um tema de poder construído historicamente por grupos dominantes que em consenso indireto decidiram a respeito daquilo que pode ser considerado certo ou errado (FOUCAULT, 2017).

Butler (2003) debate a existência na sociedade de uma norma implícita heterossexual, fundamentada nas características de masculinidade como símbolo de poder, que exclui pessoas com identidades de gênero e sexualidade que não se encaixam nessa norma. Como reflete a autora, as imposições vinculadas a essa norma causam uma imposição social que não permite à pessoa vivenciar a própria identidade. Esta identidade também se faz diante das descobertas de sua própria sexualidade, cabendo à Educação Sexual ainda, refletir tal assunto.

A Educação Sexual é tema do ambiente escolar, entretanto, tem permanecido em grande maioria, apenas nos aspectos biológicos (VIEIRA; MATSUKURA, 2017). Vale ressaltar que o campo da educação tem se comunicado com outros campos disciplinares, podendo um mesmo tema ser discutido por diferentes vertentes (LOURO, 2007), isso também diz respeito à discussão dos temas de gênero e sexualidade.

Desse modo, percebendo toda essa gama de discussões sociais em torno do tema sexualidade, como a mesma é enfocada e se deve ser trabalhada em sala de aula, investigamos a respeito do que apontam os documentos oficiais educacionais brasileiros acerca do tema sexualidade, procurando evidenciar se há orientações norteadoras para sua abordagem em sala de aula. Para tal, analisamos alguns documentos oficiais da Educação Básica brasileira (Quadro 3). Nessa análise utilizamos os termos “sex” (que abrange os termos contabilizados citados posteriormente como sexo, Educação Sexual etc.) e “gênero” por meio do mecanismo de busca/localização de palavras de programas para leitura de textos. Os termos localizados em títulos e subtítulos não foram contabilizados.

Procuramos verificar a frequência em que os termos “gênero”, “sexo (A)”, “sexo (B)”, “sexualidade”, “educação sexual”, “orientação sexual (I)”, “orientação sexual (A)” e “diversidade sexual” constam nos documentos, e posteriormente como os mesmos são abordados, primeiramente nos documentos individualmente e em seguida estabelecendo relações.

Para diferenciar o “sexo” enquanto “sexo biológico” e o “sexo” enquanto “ato sexual” optamos por descrever o primeiro seguido da letra B (B) e o segundo seguido da letra A (A). O termo orientação sexual também é ambíguo, portanto, quando tratado no sentido de instruções formativas utiliza-se a letra I (I) e no caso de atração sexual a letra A (A).

Quadro 3 – Os documentos analisados

Documento Oficial	Nº de volumes	Nível de ensino da Educação Básica	Volumes apresentam os termos	Ano
Constituição Federal (CF)	1	Nenhum	Sim	1988
Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB	1	Todos	Não apresenta	1996
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)	1	Nenhum	Sim	1990
Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)	10	Ensino Fundamental – Anos Iniciais	Todos	1997
Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)	10	Ensino Fundamental – Anos Finais	Todos, exceto Língua Portuguesa e Geografia	1998
Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)	4	Ensino Médio	Todos, exceto Linguagens, Código e suas Tecnologias	2000
Orientações Educacionais Complementares aos PCNs (PCN +)	3	Ensino Médio	Todos	2002
Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCNEM)	3	Ensino Médio	Todos	2006
Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB)	1	Todos	Sim	2013
Plano Nacional de Educação	1	Todos	Sim	2014
Base Nacional Comum Curricular	1	Todos	Sim	2017 2018

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Além disso, na contagem dos termos, quando as palavras estabelecidas eram citadas nos corpos textuais acompanhadas de outros títulos de eixos e conteúdos, as mesmas não eram somadas por se considerar que a citação no texto possuía foco de exemplificação do que seria abordado posteriormente no documento, bem como quando se faziam presentes em notas de rodapé.

Partimos inicialmente do documento norteador de todos os outros existentes no Brasil, a Constituição Federal (CF) de 1988. Neste documento não se observou a ocorrência dos termos em âmbitos educacionais, encontrando apenas o termo sexo, em dois sentidos: no sentido de sexo biológico (homem/mulher, masculino/feminino,

etc.), no qual induz um aspecto geral de respeito e igualdade; e no sentido de ato sexual referente à punição ao abuso sexual de crianças e adolescentes. Neste documento verificamos que o objetivo da República Federativa do Brasil é o bem de todos sem discriminação ou preconceito (BRASIL, 1988, Art. 3º).

Cabe ressaltar que consideramos o gênero como algo social e também individual, não restrito ao binarismo que geralmente é expresso por apenas dois gêneros reduzidos ao sexo biológico. Assim, reconhecemos que possam existir gêneros não binários, entretanto, na maioria dos documentos os termos são utilizados dentro do binarismo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96 não apresenta nenhum dos termos pesquisados, mas expõe o respeito às diferenças sociais deixando de forma implícita que o acesso à educação é para todos independente de como são ou se expressam (BRASIL, 1996), como exemplo o Art. 3º:

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
[...]
X - valorização da experiência extra-escolar;
XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
XII - consideração com a diversidade étnico-racial.
XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.

Também o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990) não apresenta argumentos voltados para a educação, mas sim a defesa de crianças e adolescentes que se encontram nos ambientes escolares bem como a proibição de aspectos associados ao sexo explícito para este público e a proteção das vítimas de abuso sexual.

§ 2º Sem prejuízo da tomada de medidas emergenciais para proteção de vítimas de violência ou abuso sexual e das providências a que alude o art. 130 desta Lei, o afastamento da criança ou adolescente do convívio familiar é de competência exclusiva da autoridade judiciária e importará na deflagração, a pedido do Ministério Público ou de quem tenha legítimo interesse, de procedimento judicial contencioso, no qual se garanta aos pais ou ao responsável legal o exercício do contraditório e da ampla defesa (BRASIL, 1990, Art. 101).

Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como

medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum (BRASIL, 1990, Art. 130).

A diversidade sexual é algo que existe e se encontra presente nas escolas, por isto, sendo necessário debater a respeito do tema, priorizando o respeito ao próximo. As leis brasileiras mais gerais como a CF, o ECA e a LDB não apresentam precisamente aspectos voltados para a sexualidade e o trabalho da mesma nas escolas, entretanto, também não explicitam sua proibição. Todas estas leis citam o respeito ao outro, o que permite com que a escola trabalhe as diferenças sociais, incluindo a sexualidade, já que esta se encontra em um contexto social e deve ser destinada a todos.

Nos documentos voltados especificamente para o Ensino Médio (BRASIL, 2000; BRASIL, 2002; BRASIL, 2006) observamos que os volumes voltados para as ciências da natureza apresentam poucas relações com a sexualidade, sendo algo contraditório tendo em vista que a maioria das escolas delega tal conteúdo às disciplinas dessa área como Ciências e Biologia. Contudo, discutir a sexualidade é de competência de todas as disciplinas escolares.

Outro aspecto a ser mencionado, é o fato de não existirem documentos norteadores que abordem a sexualidade de forma ampla para o Ensino Médio. Considerando que essa é faixa etária na qual as alterações anatômicas, fisiológicas e até mesmo psicológicas sofrem picos, é necessária a existência de documentos norteadores para professoras e professores de forma que as/os mesmas/os possam fornecer às/aos adolescentes uma formação no âmbito da sexualidade, seja ela no sentido de autoconhecimento ou de respeito ao próximo.

Para o Ensino Fundamental consideramos aceitáveis as orientações presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), pois as mesmas visam à empatia e o respeito ao outro, embora os documentos ainda apresentem alguns termos que já se tornaram ultrapassados, como o caso da 'opção sexual'. Além disso, os PCN estão sendo "substituídos" pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cuja versão homologada não traz a discussão de gênero e apresenta de forma muito simplista a questão da sexualidade, sendo apresentada apenas no conteúdo de ciências e reforçando apenas o âmbito biológico.

Diante do exposto, consideramos que a sexualidade, conforme observado nos documentos elencados nessa seção, é tema de debate dentro do ambiente escolar, contrariando alguns posicionamentos populares conservadores produzidos em larga

escala no âmbito político, que apontam que discutir gênero e sexualidade não compete à escola.

Contudo, existe uma diminuição do tema dentro dos últimos documentos analisados (PNE e BNCC), o que pode ser um retrocesso no estímulo de uma sociedade democrática e com equidade. Entendemos que a escola ao ter uma função social no estímulo ao respeito à diversidade humana e se amparar em pesquisas da área educacional deve propiciar a discussão dos temas gênero e sexualidade nas dimensões sociais, psicológicas e biológicas.

Os documentos mais gerais (CF, ECA e LDB) estabelecem diretrizes para a proteção da criança e adolescente bem como normas para o respeito e o tratamento equitativo de todo cidadão. Apesar de não adentrarem às questões específicas da sexualidade e gênero e sua interface com a educação, os documentos apontam para a importância do respeito à diversidade humana e suas formas de expressão e identidade, trazendo elementos contra o preconceito e exclusão social.

Em relação aos documentos voltados diretamente para os aspectos educacionais, notamos no Quadro 4 um aumento na frequência dos termos pesquisados. Nos PCN (BRASIL, 1997, BRASIL, 1998, BRASIL, 2000; BRASIL 2002) verificamos uma valorização em conhecer a diversidade humana, condenando toda discriminação devido às diferenças existentes nos meios sociais. Nesses documentos são apresentados aspectos como o cuidado com o corpo e a saúde abordados dentro da Educação Sexual. O termo 'gênero' é abordado em relação aos perfis/identidades das alunas e alunos, valorizando uma interação social que vise suas autonomias e não um padrão único de se expressar.

Em relação às questões de gênero, por exemplo, o professor deve transmitir, pela sua conduta, a equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, deve, ele próprio, respeitar a opinião de cada aluno e ao mesmo tempo garantir o respeito e a participação de todos (BRASIL, 1997, p. 84, v. 10).

A escola não pode perder de vista que particularmente os adolescentes e jovens dos setores populares vêm sendo socializados no interior de uma cultura da violência, marcada por discriminação e estereótipos socialmente construídos, que tende a produzir uma identidade inferiorizada. Essa cultura está presente nas mais diferentes instâncias, inclusive na escola, e impede o desenvolvimento pleno de cada um (BRASIL, 1998, p. 109, v. 1).

Quadro 4 – Ocorrências dos termos nos documentos

Documento	Nº de ocorrências dos termos (Singular ou plural)								
	Sexo (A)/ Relação/ contato sexual	Sexo (B)	Gênero	Abuso/ violência/ exploração sexual	Sexualidade	Educação sexual	Orientação Sexual (I)	Orientação Sexual (A)	Diversi- dade/ diferença sexual
CF	1	4	0	0	0	0	0	0	0
LDB	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ECA	7	3	0	3	0	0	0	0	0
PCN – Ensino Fundamental – Anos Iniciais	8	39	33	8	113	2	46	0	1**
PCN – Ensino Fundamental – Anos Finais	24	33	64	10	150	4	59	3*	2**
PCN – Ensino Médio	0	2	2	0	5	0	0	0	0
PCN+	1	7	7	0	8	0	0	0	0
OCNEM	0	3	12	0	7	0	0	2***	3
DCNED	0	11	56	3	5	1****	0	13	8
PNE	0	0	0	1	0	0	0	0	0
BNCC	0	3	1	0	4	0	0	0	0

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Notas:

* Das quais, um termo foi 'opção sexual' e um 'atração sexual'.

** Das quais o termo encontrado foi 'diferenças sexuais'.

*** Das quais, uma vez o termo encontrado foi 'opção sexual'.

**** O termo encontrado foi 'educação em sexualidade'.

Um dos fundamentos da política da igualdade é a estética da sensibilidade. É desta que lança mão quando denuncia os estereótipos que alimentam as discriminações e quando, reconhecendo a diversidade, afirma que oportunidades iguais são necessárias, mas não suficientes, para oportunizar tratamento diferenciado visando a promover igualdade entre desiguais (BRASIL, 2000, p. 101, parte I).

Identificar e respeitar as diferentes manifestações artísticas e estéticas e suas relações de gênero, etnia, inclinação sexual, faixa etária, origem social ou geográfica, crença e limitações físicas ou mentais, estabelecendo critérios de inclusão social nos atos de criação e apreciação de trabalhos artísticos (BRASIL, 2002, p. 193, v. 3).

Nestes documentos ainda é apontada a abrangência da pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro que deve ser conhecido e valorizado para que se haja uma preocupação com a saúde pessoal e social dos indivíduos, observando que nisto também se incluem as diferentes sexualidades. Estes documentos ainda reforçam que as sexualidades não se restringem a dimensão biológica, mas sim, a algo também cultural e social, reafirmado que a manifestação da sexualidade se dá de forma diversa e em diferentes fases da vida, o que corrobora também com Louro (2008).

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades a ambos. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero (BRASIL, 1997, p. 84, v. 10).

Em contrapartida, ou devido à época de publicação dos documentos (PCN), o termo ‘sexo (B)’ geralmente é usado na perspectiva do binarismo (masculino e feminino, homem e mulher, menino e menina etc.) e geralmente para identificação de sujeitos no sentido de separação em grupos, embora os próprios documentos exponham que “os grupos ‘meninos e meninas’” não devam existir e as atividades devam priorizar a igualdade (BRASIL, 1997, BRASIL, 1998). Ainda acerca desses documentos, quando se utiliza o termo “gênero”, o mesmo se refere à construção e representação social e cultural do

indivíduo, o que é afirmado por Butler (2003), expressando também que esta pluralidade social favorece a singularidade do indivíduo e de seu corpo sexuado, em assumir os significados culturais de seu próprio gênero.

A compreensão da própria sexualidade e de sua identidade sexual também é levantada pelos PCN (BRASIL, 1997, BRASIL, 1998). Esse inclusive aborda os aspectos da história da sexualidade procurando romper com estereótipos de gênero e prezando o respeito que permite a realização de atividades sem separação de gêneros preconizando que as dimensões fisiológicas, psicológicas e sociológicas da sexualidade devem ser discutidas sem imposições.

Os PCN (BRASIL, 1997; BRASIL 1998) possuem uma estruturação também em temas transversais os quais devem perpassar por todas as outras disciplinas. Dessa forma, o tema transversal Orientação Sexual (volume 10) traz reflexões no âmbito da sexualidade sejam elas em aspectos biológicos (hormônios, anatomia, fisiologia etc.) ou sociais (homossexualidade, estupro, identidade de gênero, etc.). Portanto, conforme os documentos e ao contrário do que é exposto na pesquisa de Vieira e Matsukura (2017), ao verificarem que o referido tema fica apenas a cargo das disciplinas escolares de Ciências e Biologia, a sexualidade não cabe apenas a estas disciplinas escolares, mas sim a todas, sendo que cada qual abordará os aspectos que lhe competem.

Embora o tema Orientação Sexual seja proposto como transversal, em específico nos volumes de Ciências Naturais dos PCN (BRASIL, 1997; BRASIL 1998), evidenciaram-se poucos termos associados à sexualidade e quando apresentados geralmente eram relativos aos aspectos biológicos e de saúde. Isso decorre da sexualidade ser apresentada como algo inerente à vida e saúde, com o cuidado consigo e com o outro, principalmente aborda-se o sistema reprodutor e a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis.

No volume de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias dos PCN – Ensino Médio (BRASIL, 2000) obteve-se apenas uma vez a palavra sexo, sendo esta no estudo de genética, e as questões de gênero foram apresentadas de forma mais sutil no PCN+ de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (BRASIL, 2002). Percebemos, portanto, certo esvaziamento do tema durante o Ensino Médio, embora este é o período em

que o corpo dos adolescentes amadurece para o início de uma vida sexual e geram dúvidas a respeito dos mais diferentes temas.

A temática sexualidade é decorrente nas escolas, a princípio para o cuidado com a saúde, percebendo que as crianças têm curiosidade acerca da temática e o acesso a informações dela, muitas vezes, ocorre de forma equivocada favorecendo a construção de conceitos errôneos. Verificando as repercussões do tema provenientes, por exemplo, de fatos históricos e/ou midiáticos e até mesmo dentro da própria escola em paredes e portas de banheiros, faz-se necessária a informação e formação de estudantes para compreender a sexualidade em suas dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais, cabendo à escola problematizar e favorecer reflexões afim de que a aluna e o aluno amplie seus conhecimentos da sexualidade e promova o respeito e autoconhecimento (BRASIL, 1997; BRASIL 1998). Portanto, conforme o volume 10,

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus (BRASIL, 1997, p. 83).

O volume de tema transversal Orientação Sexual (BRASIL, 1997; BRASIL, 1998) incita professoras e professores, a ficarem atentas/os aos questionamentos e dificuldades das alunas e alunos, podendo encaminhar as/os mesmos a especialistas que possam fornecer o melhor atendimento à criança ou adolescente, como em casos de superação de traumas, ou até mesmo abusos sexuais que por ventura estiverem em ocorrendo.

Ressaltamos que os documentos (BRASIL, 1997, BRASIL, 1998, BRASIL, 2000; BRASIL 2002) não disseminam a superioridade de um gênero sobre outro, mas sim, estimulam a discutir as diferenças sociais entre papéis de gênero bem como da violência associada ao gênero e padrões impostos socialmente aos sexos, o que também é salientado por Butler (2003).

As relações de gênero é um termo utilizado frequentemente nos volumes disciplinares dos PCN (Educação Física, História, Ciências Naturais etc.), que recomendam atividades para a compreensão da sexualidade envolvendo o conhecimento acerca do próprio corpo - em questões de amadurecimento

hormonal e alterações anatômicas. Exemplos podem ser observados no volume 7 (BRASIL, 1997) e 6 (BRASIL, 1998)

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias (BRASIL, 1997, p. 25).

[...] as diferenças culturais, étnicas, etárias, religiosas, de costume, gênero e poder econômico, na perspectiva do fortalecimento de laços de identidade e reflexão crítica sobre as consequências históricas das atitudes de discriminação e segregação (BRASIL, 1998, p. 48).

Os PCN apresentam também, a possibilidade de discutir a diversidade dos gêneros existentes em diferentes âmbitos, como na arte e o esporte, os quais por vezes são divididas as atividades relacionadas aos estereótipos de gênero, como o fato de meninos dançarem e meninas jogarem futebol, sendo que nestas discussões no ambiente escolar devem também analisar como as alunas e alunos se manifestam prezando o respeito e a empatia (BRASIL, 1997; BRASIL 1998; BRASIL, 2000; BRASIL 2002).

Ressalta-se a importância de se abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange aos aspectos biológicos, mas também e principalmente aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos dessa sexualidade (BRASIL, 1997, p. 87).

No documento Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM) (BRASIL 2006), aspectos da sexualidade são melhores explanados que os PCN, já que nestes, nos documentos destinados ao Ensino Médio (BRASIL, 2000; BRASIL 2002), não trouxeram os termos com tanta frequência e intensidade. Esse documento (OCNEM) ressalta que os sujeitos desta etapa são considerados jovens socioculturais que possuem diferenças que foram construídas historicamente e de acordo com o meio em que vivem, dessa forma, seu modo de ver o mundo será também diverso, assim como a sua identidade (BRASIL, 2006).

As OCNEM também reconhecem que na adolescência o corpo está sofrendo modificações mais frequentemente, o que traz, direta ou indiretamente, inquietações. Essas podem ser coletivas e gerarem piadas e *bullying* ou pessoais decorrendo em problemas de autoaceitação. Portanto, se faz necessária a existência de discussões na sala de aula que combatam o

preconceito bem como inibam uma visão estereotipada dos indivíduos e a associação das questões de gênero às limitações de capacidades individuais.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) (BRASIL, 2013), a escola possui um papel socioeducativo com o propósito de educar também para os direitos humanos, e com isso deve sempre prezar pelo respeito e zelar contra a violência, possuindo um amplo compromisso ético e no combate a discriminações, apontando também, que devemos reconhecer a existência das diferenças e que elas são essenciais para a propagação da equidade, tendo em vista que ao reconhecer as diferenças do outro, percebemos as necessidades do mesmo.

Isso significa que todas as pessoas, independente do seu sexo; origem nacional, étnico-racial, de suas condições econômicas, sociais ou culturais; de suas escolhas de credo; orientação sexual; identidade de gênero, faixa etária, pessoas com deficiência, altas habilidades/superdotação, transtornos globais e do desenvolvimento, têm a possibilidade de usufruírem de uma educação não discriminatória e democrática (BRASIL, 2013, p. 496).

Os termos 'relações de gênero' e 'questões de gênero' foram discutidos também nos demais documentos, no entanto, o que apresentou tais termos com mais frequência foram as DCNEB. Além disto, notamos que a quantidade de termos 'identidade de gênero' foi apresentada de forma escassa em outros documentos, enquanto nas DCNEB foram citados de forma ampla, expondo a importância do debate em sala de aula. Percebemos que de acordo com este documento (BRASIL, 2013) a sexualidade deveria ser tema de debate no ambiente escolar principalmente por ser amplamente discutida nos mais diferentes ambientes sociais, cabendo à escola posicionar-se a respeito do tema.

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular a seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), [...], diversidade cultural, devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo (BRASIL, 2013, p.115).

Em 2014 aprovou-se o Plano Nacional de Educação (PNE), o qual estabelece metas e diretrizes para os próximos 10 anos no âmbito educacional

(BRASIL, 2014). Entre as diretrizes previstas no art. 2º temos a “III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;” e “X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental”, nos remetendo assim que a educação é um direito de todos e cabe também a escola promover a equidade. Ainda, o documento destaca que compete a escola, a detecção de sinais que sejam apresentados por crianças e adolescentes em casos de violência sexual. Todavia, aspectos da sexualidade e de questões de gênero não são trazidas de forma direta neste documento.

Atualmente, o último documento educacional que foi homologado em dezembro de 2017 (EI e EF) e em dezembro de 2018 (EM), chama-se Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, [2017 ou 2018]), e pretende estabelecer conteúdos gerais a serem trabalhados em sala de aula em nível nacional de acordo com os anos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

Na EI nenhum dos termos é observado. No EF, percebemos que a disciplina de Ciências da Natureza, traz de forma breve e simplista, que a sexualidade deva ser trabalhada, e, embora enfatize os aspectos biológicos, também permite brechas para trabalhar os aspectos socioculturais e outros múltiplos aspectos da sexualidade humana: “Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (BRASIL, [2017 ou 2018], p. 349)”.

Enquanto à área das Ciências Humanas, mais precisamente na disciplina de História, caberia o trabalho às questões de violência contra as diferentes sexualidades, prezando pelo respeito e empatia (BRASIL, [2017 ou 2018]). No documento observamos uma diminuição dos termos associados à sexualidade se relacionados aos documentos já citados.

Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas (BRASIL, [2017 ou 2018], p. 431).

A BNCC é um documento norteador que em teoria foi construído com o auxílio da sociedade, da comunidade escolar e do governo, porém verificamos

que no documento enviado em abril de 2017 (BRASIL, 2017) ao CNE, questões de gênero eram evidenciadas dentro do documento e indicadas para a discussão em sala de aula, entretanto, no documento homologado em 20 de dezembro do mesmo ano (BRASIL, [2017 ou 2018]) o termo gênero no âmbito da sexualidade nem sequer foi mencionado.

O mesmo problema encontramos na parte destinada ao EM homologada em 2018. Na 3ª versão disponibilizada em site oficial e enviada ao CNE para aprovação em abril de 2018 (BRASIL, 2018b) o termo gênero aparece uma única vez, dentro da área de ciências humanas e sociais aplicadas, denotando uma abordagem de conhecimento popular:

[...] ao explorar variadas problemáticas próprias de Geografia e de História, prevê que os estudantes explorem **diferentes conhecimentos próprios** das Ciências Humanas: [...] e diversidade (de gênero, religião, tradições étnicas etc.); (BRASIL, 2018b, p. 547, grifo nosso).

Quanto ao termo sexualidade, o mesmo é constatado na parte voltada para o EM também uma única vez em um dos itens (núcleos de estudos) destinado à formas de trabalhar as diferentes áreas de conhecimento de forma articulada:

Núcleos de estudos: desenvolvem estudos e pesquisas, promovem fóruns de debates sobre um determinado tema de interesse e disseminam conhecimentos por meio de eventos – seminários, palestras, encontros, colóquios –, publicações, campanhas etc. (juventudes, diversidades, **sexualidade**, mulher, juventude e trabalho etc.) (BRASIL, 2018b, p. 472, grifo nosso).

Em contrapartida, no documento final disponibilizado (BRASIL, [2017 ou 2018]), novamente o termo gênero foi retirado e neste caso a sexualidade também. No caso da 1ª citação excluiu-se apenas a palavra gênero e adicionou-se o termo raça, e no caso da segunda citação, as formas de articulação entre as áreas de conhecimento foram todas retiradas.

Podemos perceber que nos documentos educacionais, a sexualidade foi considerada tema de debate cada vez mais frequente com o passar dos anos, entretanto, nos últimos anos há uma diminuição dos mesmos nos documentos. Apesar disto, salientamos que a escola possui sim respaldo legal ao trabalhar a

sexualidade em sala de aula, com o objetivo de promover o respeito e empatia entre os diferentes e as diferenças.

5. RESULTADOS E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO SOBRE O TEMA SEXUALIDADE

Apresentamos a seguir, os dados e resultados das análises das atividades de extensão, bem como das entrevistas com as coordenadoras e os coordenadores das referidas atividades, obtidos pelas reflexões e inferências, compartilhadas com os referenciais teóricos já trazidos, bem como referências que nos possibilitem explanar e ampliar as discussões dos dados.

5.1 As atividades de extensão na Unioeste com o tema sexualidade

Em nossa amostra, ao buscar o termo “sex” no portal de busca de atividades de extensão da Unioeste, obtivemos uma total 73 atividades de extensão de 2003 a 2018, cujo ano inicial marca o começo das atividades, voltadas para a temática, lançadas em sistema. Destes, 2 não estavam relacionados à sexualidade, 3 em situação de “atividade cancelada” e 1 em situação “arquivado protocolo geral – cancelado” restando assim 67 atividades a serem analisados.

Das 67 atividades analisados, 7 continuam em andamento, 1 encontra-se suspensa temporariamente, e 59 em situação concluída ou “arquivado protocolo geral – concluído”.

A atividade ‘Curso de formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual’ foi repetido por 14 vezes possuindo alterações apenas nas localidades de aplicação, assim, quando percebemos que estas diferenças não seriam significativas dentro de nossas unidades temáticas, optamos por considerá-la uma única atividade, reduzindo nossa amostra a 54 atividades.

No quadro a seguir (Quadro 5) visualizamos os títulos das atividades, os tipos e seus respectivos anos de desenvolvimento. As atividades serão identificadas pela letra A seguido de um número correspondente. Quando ocorreu a repetição da atividade, conforme exposto anteriormente, após o título da mesma encontra-se a quantidade de repetições entre parênteses.

Quadro 5 – Atividades de extensão sobre sexualidade na Unioeste

Atividade de extensão	Tipo de atividade	Ano	Cód.
Curso de sensibilização em sexualidade humana	Curso	2003	A1

Sexualidade nas séries iniciais: limites e desafios	Curso	2003	A2
Oficina de sensibilização em sexualidade humana	Curso	2003	A3
Um estudo sobre a sexualidade infantil junto aos professores dos Centros de Educação Infantil municipais e Francisco Beltrão/PR: a contribuição da psicologia na formação do professor	Projeto	2003 2004	A4
Aprendendo a crescer: uma abordagem da educação sexual nas séries iniciais	Curso	2004	A5
A questão da Sexualidade no ambiente escolar: uma proposta de intervenção na melhoria da educação para a infância	Curso	2004 2005	A6
Orientação sexual nos anos iniciais: uma imposição ou necessidade social?	Evento	2005	A7
Sexualidade, cinema e literatura: relações e interfaces	Curso	2007	A8
Informando adolescentes sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis	Projeto	2008	A9
Projeto Logos: informando adolescentes sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis	Projeto	2009 A 2011	A10
I Mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel	Evento	2010	A11
A formação de professores em educação sexual numa perspectiva emancipatória	Projeto	2010 2011	A12
Projeto Logos: Aids, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce – conhecer para prevenir	Projeto	2011	A13
Interfaces entre a escola e sexualidade	Curso	2011	A14
Sexualidade, educação sexual e deficiência intelectual: um projeto de ação pedagógica no espaço da APAE de Francisco Beltrão-PR	Projeto	2011 2012	A15
A educação sexual no espaço da brinquedoteca: a importância do lúdico no desenvolvimento da sexualidade da criança	Projeto	2011 2012	A16
III Mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel e I Mostra de cinema da diversidade sexual da Uniãoeste	Evento	2012	A17
Curso de formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual (14)	Curso	2012	A18
Laboratório de educação sexual adolescer	Projeto	2012 2013	A19
Sexualidade, adolescência e educação sexual na escola	Projeto	2012 2013	A20
Sexualidade e infância: educação sexual da criança no espaço da escola	Projeto	2012 2013	A21
Curso de formação 'construindo gênero e diversidade sexual no espaço escolar	Curso	2013	A22
Prevenção de crimes contra dignidade sexual: a situação de exploração sexual contra crianças e adolescentes	Projeto	2013	A23
Sexualidade infantil: ressignificando conceitos e práticas	Curso	2013	A24
IV Mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel e II Mostra de cinema da diversidade sexual da Uniãoeste	Evento	2013	A25
Encantos e desencantos na sexualidade infantil	Curso	2013	A26
Programa de defesa dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.	Projeto	2013 2014	A27
Projeto de extensão educação sexual no seu rádio: informações e saberes	Projeto	2013 2014	A28
Laboratório de educação sexual adolescer: espaço de construção de conhecimento e saberes sobre sexualidade	Projeto	2013 A 2018	A29
Trabalhando a educação sexual na escola: em foco os professores	Projeto	2014	A30
V Mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel e III	Evento	2014	A31

Mostra de cinema da diversidade sexual da Unioeste			
Sexualidade infantil: ressignificando conceitos e práticas – segunda fase	Curso	2014	A32
Encantos e desencantos na sexualidade infantil – segunda fase	Curso	2014	A33
Sexualidade infantil e o trabalho pedagógico	Curso	2014	A34
Ações de educação em saúde de doenças sexualmente transmissíveis na comunidade universitária	Evento	2014	A35
Sexualidade e prevenção as DTS/Aids e gravidez na adolescência – Projeto Quebra Tabu	Curso	2014	A36
VI Mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel e IV Mostra de cinema da diversidade sexual da Unioeste	Evento	2014	A37
Sexualidade e adolescência*	Projeto	2014*	A38
Sexualidade, adolescência e psicanálise: fundamentação teórico-metodológica para a educação sexual emancipatória de adolescentes	Projeto	2014 A 2018	A39
VII Mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel e V Mostra de cinema da diversidade sexual da Unioeste	Curso	2015	A40
Práticas educativas de orientação à saúde sexual e reprodutiva a adolescentes	Projeto	2015 A 2018	A41
VIII Mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel e VI Mostra de cinema da diversidade sexual da Unioeste	Evento	2016	A42
Grupo de estudos sobre educação e sexualidade	Curso	2016 A 2018	A43
Gênero e sexualidade na escola	Projeto	2017	A44
A inserção do debate sobre diversidade de gênero e sexualidade na escola: a atuação do pedagogo na prática inclusiva escolar	Projeto	2017	A45
Formação docente em nível médio: o debate sobre gênero e sexualidade na escola	Prestação de serviço	2017	A46
VI Ciclo de palestra do núcleo de estudos e defesa dos direitos da infância e juventude: todos contra a violência e exploração sexual de crianças e adolescentes – Primeira e segunda etapa	Evento	2017	A47
Educação sexual na escola - por que e para que e como ensinar	Evento	2018	A48
Diálogos interdisciplinares para a promoção da cidadania e população Trans: direitos humanos, gênero e sexualidade	Projeto	2018	A49
X Mostra de filmes da diversidade sexual de Cascavel e VII Mostra de filmes da Unioeste	Evento	2018	A50
Currículo Escolar e Violência Sexual contra crianças e adolescentes na formação docente	Curso	2018	A51
Diálogos Interdisciplinares para a Promoção da Cidadania da População LGBT: Direitos Humanos, Gênero e Sexualidades	Projeto	2018	A52
Grupo de estudos sobre educação e sexualidade -GEPEX	Projeto	2018	A53
Projeto logos: Informando Adolescentes sobre Métodos Contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis	Projeto	2018	A54

Fonte: <https://midas.unioeste.br/sgpj/consultaextensao#/> (2018)

Notas: *Atividade suspensa temporariamente.

Salientamos que as atividades A29, A39, A41, A49, A52, A53, A54 encontravam-se em andamento. Acreditamos que algumas destas atividades possam estar em processo de finalização em termos documentais e burocráticos ou ainda em desenvolvimento.

Apontamos também, que existe o tipo de atividade ‘programas’, entretanto, não foi encontrada atividade enquadrada em tal tipologia e, esta corresponderia à atividade mais longa (mínimo de 3 anos) e regulamentação própria (UNIOESTE, 2014).

5.2 Abordagem das atividades de extensão

Subdividimos as unidade temáticas analisadas quanto às (1) tipologias das atividades, (2) ao ano de início, (3) as unidades e municípios de aplicação, (4) as áreas de saber, (5) o público alvo, (6) os objetivos e vieses e, (7) as estratégias e recursos utilizados. Vale lembrar que nossas unidades foram pré-estabelecidas conforme descrito em nosso percurso metodológico, todavia, acrescentamos alguns aspectos que emergiram da análise dos dados não constantes em nossa pré-análise trazida no item 2.2.2. Pretendemos assim, facilitar a leitura e organizar a apresentação de maneira sistematizada a fim de facilitar a compreensão dos dados, interpretações e inferências.

5.2.1 Os tipos de atividades

Nesta categoria, evidenciamos os tipos de atividade analisados, conforme apresenta o quadro 6.

Quadro 6 – Os tipos de atividades desenvolvidas

Tipo de atividade	Atividades de extensão	Quantidade
Projeto	A4, A9, A10, A12, A13, A15, A16, A19, A20, A21, A23, A27, A28, A29, A30, A39, A40, A42, A45, A46, A52, A53, A54	23
Curso	A1, A2, A3, A5, A6, A8, A14, A18, A22, A24, A26, A32, A33, A34, A36, A40, A43, A51	18
Evento	A7, A11, A17, A25, A31, A35, A37, A42, A47, A48, A50	11
Prestação de serviço	A46	1

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Observamos uma liderança, em quantidade, dos projetos e cursos oferecidos pelas atividades de extensão da Unioeste. Juntos, eles correspondem a 78% do total das atividades, e possuem uma diferença de quantidade entre eles, praticamente não significativa.

Os projetos, por serem atividades consideradas contínuas processuais (UNIOESTE, 2014), ponderamos como de maior explanação dos temas a

serem discutidos, pois se debruçam sobre o mesmo por um maior período de tempo. Os cursos sendo atividades pedagógicas e destinadas à comunidade, geralmente são de curta duração (UNIOESTE, 2014), o que possibilita o contato dos participantes, com conteúdos que por vezes não são acessíveis a eles.

Consideramos que os projetos possuem uma efetiva significância a longo prazo, em especial para os seus colaboradores que em sua maioria se encontram no meio universitário. Os cursos acabam por ser atividades mais populares, podendo possuir um resultado mais satisfatório quando abordam temas de interesse da comunidade, sendo o sujeito central de conhecimento, os próprios participantes, assim, as discussões se encontram num âmbito de significados os quais fazem parte de suas vivências.

Não descartamos a efetiva importância de ambos, projetos e cursos, e muito menos deste primeiro em relação à comunidade, entretanto, por este, ser uma atividade de maior duração, o contato com a comunidade é dificultado a uma participação integral, uma vez que ocorre em diferentes momentos e encontros, demandando disponibilidade dos que desejam participar.

Quanto aos eventos, das 11 atividades analisadas, 8 eram edições de uma mostra de cinema, deixando em defasagem a existência de seminários, congressos, e demais eventos, nos quais poderiam ser compartilhados diferentes trabalhos e estudos científicos e que promovam a ampliação dos debates sobre a sexualidade.

Dessa forma, dentro das atividades de extensão da Unioeste, eventos que envolvam a sexualidade não possuem uma ampla ocorrência, sendo esta uma das necessidades: a organização de mais eventos acerca da temática, uma vez que a atividade 'evento' é geralmente de caráter público, e possibilita a participação de indivíduos de diferentes setores da sociedade (UNIOESTE, 2014). Evento pode ser considerado o tipo de atividade que abrange uma maior parcela social, possuindo uma função de ao menos disseminação deste tema que por vezes é silenciado, negado e expulso das conversas e discussões (FOUCAULT, 2017).

A atividade de extensão A46, por tratar-se de uma intervenção pedagógica em turma de formação de professoras/es de nível médio, é classificada como 'prestação de serviço', pois ocorre dentro das atividades

profissionais de seu público-alvo visando seu respectivo ambiente de atuação (UNIOESTE, 2014).

Destacamos assim, que equilibrar as diferentes atividades desenvolvidas, pode aumentar em termos quantitativos, ‘eventos’ e ‘prestações de serviço’ sobre o tema, para que o mesmo seja debatido no meio social, acadêmico, e onde mais for necessário.

Ao pensar que as ‘prestações de serviço’ demandam mais aplicabilidade social dos conteúdos estudados, pois possuem um viés de conhecimento voltado para a atuação, sugerimos também que alguns ‘projetos’ possam ser adaptados para que se tornem uma ‘prestação de serviço’, assim, promoveríamos a mediação do saber a pessoas que possam ser posteriormente, disseminadores de conhecimentos e informações.

5.2.2 Ano de início

Como já expusemos, o sistema de consulta de atividades de extensão nos forneceu dados a partir de 2003, e nas datas de início e término fornecidos considera-se todo o período de trâmite burocrático pelo qual passam as atividades de extensão, não significando que determinada atividade permaneceu ativa em campo todo o período lançado.

Todavia, possivelmente algumas atividades são desenvolvidas no decorrer de mais de 1 ano, no entanto, de acordo com nossa metodologia de análise, não poderíamos colocar uma mesma unidade de registro em mais de uma categoria, e além disto, objetivamos realizar apontamentos históricos sobre alguns dos momentos de desenvolvimento das atividades. Assim, optamos por verificar quais foram os anos de início de desenvolvimento das atividades.

Quadro 7 – O início das atividades

Ano de início	Quant.	Atividades de extensão
2003	4	A1, A2, A3, A4
2004	2	A5, A6
2005	1	A7
2006	0	
2007	1	A8
2008	1	A9
2009	1	A10
2010	2	A11, A12
2011	4	A13, A14, A15, A16

2012	6	A17, A18, A19, A20, A21
2013	8	A22, A23, A24, A25, A26, A27, A28, A29
2014	10	A30, A31, A32, A33, A34, A35, A36, A37, A38, A39
2015	2	A40, A41
2016	2	A42, A43
2017	4	A44, A45, A46, A47
2018	7	A48, A49, A50, A51, A52, A53, A54

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Ao visualizarmos o quadro 7 notamos um aumento significativo nas atividades de extensão que envolvem a sexualidade a partir de 2011. Todavia tal número vem a ser reduzido em 2015, e torna a aumentar em 2017, mas de forma tímida. Notamos que ocorreu uma diminuição expressiva de 2014 a 2015, nos fazendo refletir sobre o nosso contexto histórico brasileiro.

Em 2014 se caminhava para a finalização da construção o Plano Nacional de Educação (PNE), e os termos gênero e orientação sexual eram alvo de grande debate midiático e político se poderiam ou não estar presentes em tal documento. Diante disto, diferentes setores sociais começaram a se manifestar sobre as possibilidades ou não de tal inserção, ocasionando embates entre diferentes grupos.

Por fim, os termos não apareceram no PNE, porém, o mesmo expõe em uma de suas diretrizes a “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à **diversidade** e à sustentabilidade socioambiental” (BRASIL, 2014, grifo nosso), o que nos permite em sala de aula, discutir as diferenças visando o respeito ao próximo.

Posteriormente, realizaram as aprovações do Plano Estadual de Educação do Paraná (PEE-PR) e do Plano Municipal de Educação (PME) de Cascavel. No PEE, variando a forma de pesquisa em buscadores de conteúdo, encontramos 2 documentos, um que consideramos preliminar⁶ que ampliou os debates de identidade de gênero, diversidade sexual e orientação sexual, já o segundo⁷, no entanto, restringiu todo o debate ao termo “diversidade” (PARANÁ, 2015), possivelmente por influência de grupos conservadores. Todavia ambos encontram-se disponíveis na página da Secretaria Estadual de Educação (SEED), o “preliminar”, acessado de forma indireta via buscador, e o “adotado” diretamente da página da SEED. Quanto ao PME, o documento veta

⁶ Disponível em: http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/PEE/PEEPR_ANEXO_UNICO.pdf

⁷ Disponível em: http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/PEE/Anexo_18492.pdf

qualquer política de ensino e até mesmo os termos, dentro dos ambientes educacionais (CASCAVEL, 2015).

Expressamos que o documento majoritário é o federal, e os decorridos a partir deste, não deveriam ser contraditórios, o que pode tornar tais considerações municipais, um ato de inconstitucionalidade, tendo em vista que somente a federação pode ofertar normas gerais de diretrizes de ensino. Ainda, o documento municipal, faz uso do termo “ideologia de gênero” o qual segundo Reis e Eggert (2017) não passa de uma falácia e falta de compreensão do que realmente se refere às discussões de gênero.

Criou-se uma falácia apelidada de “ideologia de gênero”, que induziria à destruição da família “tradicional”, à legalização da pedofilia, ao fim da “ordem natural” e das relações entre os gêneros, e que nega a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBT comprovadas com dados oficiais e estudos científicos. Utilizou-se de desonestidade intelectual, formulando argumentos sem fundamentos científicos e replicando-os nas mídias sociais para serem engolidos e regurgitados pelos fiéis acríticos que os aceitam como verdades inquestionáveis. Utilizou-se também de uma espécie de terrorismo moral, atribuindo o status de demônio às pessoas favoráveis ao respeito à igualdade de gênero e diversidade sexual na educação, além de intimidar profissionais de educação com notificações extrajudiciais com ameaça de processo contra quem ousasse abordar esses assuntos na sala de aula. Criou-se um movimento para “apagar” o assunto gênero do currículo escolar (REIS; EGGERT, 2017, p. 20).

Mediante todas as repercussões, podemos talvez compreender os motivos de ocorrer uma minimização na quantidade de atividades nesta época, tendo em vista que, as atividades de extensão são realizados por pessoas, e estas as desenvolvendo, colocam sua vida pessoal, profissional e até mesmo o nome de sua universidade à mercê de críticas e pré-conceitos.

A cautela quando trabalharmos com a diversidade sexual também deve ser considerada, para não ficarmos novamente presos aos padrões binários, como citar apenas a homossexualidade, não explicitando outras formas de sexualidade, como as diferentes orientações sexuais⁸ e identidades de gênero⁹. Diante disso também podemos discutir a heteronormatividade e o preconceito a aquilo que “foge do normal”, bem como, as diferentes masculinidades e feminilidades vivenciadas.

⁸ Pelo que a pessoa se sente atraída.

⁹ Como a pessoa se identifica (homem, mulher ou qualquer outro reconhecimento).

Herneck, Ferraço e Teixeira (2017) apontam que ao discutir com educandos os padrões existentes na sociedade, também se faz necessário refletir sobre as violências que ocorrem em diferentes lugares, em especial dentro das casas dos próprios discentes, ao serem regradados e inibidos de se manifestarem sexualmente como queiram, sendo que esta repreensão pode ser propagada dentro de ambientes escolares com discursos e ações discriminatórias tanto pelo reprimido quanto para reprimir o outro.

Diante disso, Pessoa *et al.* (2017) observaram em escolas a falta de recursos, o conservadorismo, a discriminação e conseqüentemente a individualização, o que promove uma possível vulnerabilidade de indivíduos marginalizados, no caso da pesquisa dos referidos autores, as vítimas de abuso sexual. Diante de tais situações escolares, os autores refletem se o ambiente escolar está favorecendo ou vulnerabilizando as vítimas em processo de resiliência.

Neste sentido, discutir amplamente a discriminação e o *bullying* realizado com pessoas de diferentes sexualidades, pode expor fatos que ultrapassam as barreiras de um “comum” preconceito entre colegas de escola, que podem desencadear diferentes reações e conseqüências (ESPEJO, 2017). Para tal, se faz necessário que estas discussões sejam aprimoradas e expandidas, sejam elas dentro do ambiente escolar/universitário, ou para qualquer outro público.

Embora as atividades de extensão tenham diminuído sua quantidade após os intempéries citados, que também podem ser decorrentes, por exemplo, da demanda de orientadores da área, a qual, também pode ser penalizada quando docentes saem de licença, são aposentados, entre outros afastamentos, percebemos que a temática volta novamente a aumentar em 2017, mostrando sua necessidade.

5.2.3 Unidades e municípios de aplicação

Neste descritor identificamos dentre os campus e reitoria, o número de atividades de extensão sobre sexualidade em cada uma destas unidades (Quadro 8). Ainda, procuramos explicitar em quais municípios ocorreram as respectivas atividades (Quadro 9). Quando a cidade de aplicação não foi

descrita, a atividade de extensão será considerada desenvolvida na unidade onde foi submetida.

Quadro 8: As atividades e as unidades

Unidades	Atividades de extensão	Quant.
Cascavel	A1, A2, A3, A5, A7, A8, A9, A10, A13, A14, A17, A18, A24, A25, A26, A30, A31, A32, A33, A34, A37, A40, A42, A43, A44, A50, A51, A53, A54	29
Francisco Beltrão	A4, A6, A12, A15, A16, A19, A20, A21, A22, A28, A29, A38, A39, A49, A52	15
Reitoria	A11, A27, A36, A45, A46	5
Foz do Iguaçu	A23, A35, A41, A48	4
Marechal Cândido Rondon	A47	1
Toledo		0

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Visualizamos que o campus que mais apresentou atividades de extensão sobre sexualidade, foi o de Cascavel. Isso pode se remeter ao fato desse campus ser o maior em número de cursos da Unioeste. Todavia, o campus de Francisco Beltrão, é o campus com menor número de cursos e possuiu um destaque em nosso quadro. O único campus que não possuiu atividades de extensão sobre sexualidade cadastradas foi o campus de Toledo.

Como consequência dessas lideranças dos campus Cascavel e Francisco Beltrão em quantidade de atividades de extensão cadastradas sobre o tema, os municípios em que se desenvolveram tais atividades, em sua maioria, coincidiram com as unidades a que foram submetidas, conforme destacamos no quadro 9.

Quadro 9: Os municípios sedes de desenvolvimento

Município	Atividades de extensão	Quant.
Cascavel	A1, A3, A8, A9, A10, A11, A13, A14, A18, A24, A25, A26, A27, A30, A31, A32, A33, A34, A36, A37, A40, A42, A43, A45, A46, A50, A51, A53, A54	29
Francisco Beltrão	A4, A6, A12, A15, A16, A17, A19, A20, A21, A28, A29, A38, A39, A49, A52	15
Foz do Iguaçu	A18, A23, A35, A41, A48	5
Santa Helena	A2, A5, A7	3
Maringá	A18	1
Curitiba	A18	1
Cianorte	A18	1
Arapongas	A18	1
Paranavaí	A18	1
Ponta Grossa	A18	1
Nova Prata do Iguaçu	A22	1

Toledo	A44	1
Marechal Cândido Rondon	A47	1

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Algumas das atividades sinalizavam que além da cidade descrita, abrangeram a região da mesma, entretanto, não nos é possível afirmar quais são estes municípios, assim, optamos por adicionar apenas as cidades sedes onde foram desenvolvidas as mesmas.

A atividade de extensão A18 foi a única a contemplar mais de uma cidade, totalizando 8 municípios de aplicação. Entretanto, tal atividade foi desenvolvida em núcleos sindicais regionais que estariam abrangendo um maior número de municípios, obtendo uma quantidade de cidades atingidas ainda maior. Cabe lembrar também, que esta é a atividade que possuiu 14 repetições no cadastro do sistema da PROEX.

Um destaque que gostaríamos de trazer, é a cidade de Toledo, que mesmo sem possuir nenhuma atividade cadastrada em sua unidade, recebeu a aplicação de uma das atividades, a A44, um projeto no ano de 2017 para estudantes do curso de formação de docentes.

É notória portanto, a necessidade de atividades de extensão que visem contemplar cada vez mais municípios, possibilitando um mínimo contato destes com os aspectos trabalhados no ambiente acadêmico sobre a sexualidade. Reforçamos que para que isso ocorra, não se faz totalmente necessária a inclusão de atividades em cada uma das unidades analisadas, todavia, conforme observamos, as unidades em que mais tiveram atividades cadastradas sobre sexualidade, desenvolveram as mesmas nos municípios de sua sede.

Dessa forma, embora não consideramos imprescindível a inserção de mais atividades em cada unidade, este aumento contribuiria para que os municípios como Toledo, Foz do Iguaçu e Marechal Cândido Rondon, que possuem unidades da universidade, fornecessem discussões e o contato de seus respectivos municípios com o tema.

Ainda, é singela a abrangência territorial que as atividades de extensão têm fornecido. Dos 54 municípios pertencentes à região Oeste do Paraná (AMOP, 2018), apenas 7 (Cascavel, Francisco Beltrão, Foz do Iguaçu, Santa Helena, Nova Prata do Iguaçu, Toledo e Marechal Cândido Rondon) receberam

atividades de extensão sobre sexualidade pela Unioeste, cuja mesma, recebe em seu nome “do Oeste do Paraná”. Espera-se que esta possa de fato começar a contribuir com a sua devida região de forma mais equalizada. Dos municípios pertencentes à região, apenas 2 (Santa Helena e Nova Prata do Iguçu) que não possuem unidades da Unioeste receberam atividades.

5.2.4 Áreas de desenvolvimento das atividades

Elencaremos no Quadro 10 as grandes áreas às quais foram destinadas as atividades e suas respectivas áreas temáticas descritas que poderiam contemplar até duas. Sendo assim, pelas atividades constarem área temática principal e secundária, enquadramos uma mesma atividade em mais de uma categoria.

Quadro 10 – Grandes áreas das atividades

Grande área	Área temática	Atividades	Quantidade	
			Área T.	Grande A.
Ciências da Saúde	Saúde	A1, A3, A9, A10, A13, A35, A36, A41, A48, A54	10	10
	Educação	A1, A3, A10, A13, A35, A36, A41, A48, A54	9	
Ciências Humanas	Educação	A2, A4, A5, A6, A7, A8, A12, A14, A15, A16, A18, A19, A20, A21, A22, A24, A26, A28, A29, A32, A33, A34, A39, A43, A44, A45, A46, A51, A53	29	30
	Cultura	A12, A20, A21, A39	4	
	Comunicação	A28, A40	2	
	Direitos Humanos e Justiça	A19	1	
Linguística, Letras e Artes	Direitos Humanos e Justiça	A17, A25, A27, A31, A37, A42, A50	7	8
	Educação	A17, A25, A27, A31, A37	5	
	Comunicação	A42, A50	2	
	Cultura	A11	1	
Ciências Sociais Aplicadas	Direitos Humanos e Justiça	A23, A47, A49, A52	4	4
	Educação	A23	1	
Ciências Biológicas	Educação	A30, A38	2	2
	Saúde	A30, A38	2	

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Visualizamos uma vantagem quantitativa na grande área das ‘Ciências Humanas’, em especial com a área temática da ‘educação’, cuja mesma, é a única área presente em todas as outras grandes áreas, destacando sua importância. Consideramos que a educação é uma área que permeia por entre

as grandes áreas de saber, carecendo em todas elas, de ações educativas que forneçam subsídios teóricos metodológicos para a discussão da sexualidade em diferentes âmbitos.

Para Furlani (2013), é essencial que adicionemos temas como a sexualidade em nossos currículos, pois caso não o façamos, nossa alunas e alunos não estarão sendo educados de forma integral e visando uma cidadania coletiva. Ao percebermos essa preocupação da universidade em fornecer subsídio para o debate no âmbito educacional, além de reconhecermos que o respaldo acadêmico favorece o debate, possibilitamos a democratização de saberes que se vinculam neste meio e podem ser mediados a outros segmentos.

Por vezes, ouvimos um discurso recorrente, que caberia ao profissional das Ciências e/ou Biologia a competência da Educação Sexual (PEIXOTO, MAIO, 2013), todavia além destes profissionais não se sentirem preparados para abordar todas as vertentes do tema, os PCN construídos no final da década de 1990 e início dos anos 2000 (BRASIL, 1997, 1998) já traziam a sexualidade (Orientação Sexual) como um tema transversal a ser discutido em todas as disciplinas.

Assim, Peixoto e Maio (2013), ainda corroboram com Furlani (2013) que expressa a responsabilidade do tema ser debatido continuamente nas escolas, pois a todo instante as alunas e alunos são bombardeados por informações midiáticas, que por vezes, não são dotadas de respaldos científicos, produzindo, mesmo sem as discussões, sexualidades. Ou seja, sem Educação Sexual nas escolas, a sexualidade é construída de igual forma, ou melhor, de uma diferente forma, uma forma de inibição.

Ao observarmos o Quadro 10, a área das 'Ciências Biológicas' possui uma das menores quantidades de atividades de extensão, contrariando o que ocorre nas outras etapas de ensino (como nos anos finais do EF e no EM). Um dos problemas apontados por Vieira e Matsukura (2017) é o fato destas/es profissionais (professoras/es de Ciências e Biologia), em sua maioria, permanecerem no ensino num modelo biológico-centrado, por vezes, num âmbito apenas da saúde, todavia, como já exposto anteriormente nesse trabalho, os mesmos reconhecem suas limitações formativas em não possuírem respaldo para abordar o tema pelo viés social ou psicológico.

A formação de professoras/es carece de um trabalho mais efetivo relacionado à sexualidade, seja ela a inicial ou a continuada (HERNECK; FERRAÇO; TEIXEIRA, 2017; VIEIRA; MATSUKURA, 2017; BROL; MARTELLI, 2018), sendo por vezes percebidas ações munidas de preconceitos até mesmo pelos educadores (ESPEJO, 2017). Grande parte das professoras e professores ao serem graduados em suas faculdades, não se sentem preparada/os e habilitadas/os para trabalhar com a temática (embora considerem o tema importante). Dessa forma, as/os docentes que tendem a trabalhar o tema, são apenas as/os de Ciências e Biologia, restringindo-se aos aspectos biológicos e minimizando os sociais (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

Mokwa (2014), em um estado da arte, analisou teses e dissertações defendidas pela Universidade de São Paulo sobre a sexualidade, e nestas, as discussões sobre diversidade sexual se encontraram em defasagem. Embora tenhamos analisado periódicos científicos e atividades extensionistas, percebemos que o tema diversidade sexual encontra-se entre os mais citados discutidos atualmente, ao menos, na extensão universitária da Unioeste.

Voltando aos aspectos biológicos, aparentemente ocorre uma inversão quanto à pesquisa da referida autora (MOKWA, 2014) na qual muitas pesquisas possuíam este foco biológico, e aqui o trabalho com a temática nesse enfoque é escasso. Ressaltamos que não descartamos que a Biologia auxilia na compreensão do corpo na Educação Sexual, entretanto, não é possível analisar a sexualidade apenas dentro deste aspecto.

Percebemos assim, que as atividades de extensão têm sido trabalhadas em sentido contrário ao que ocorre nas escolas, não que isso seja percebido como um problema, mas que os debates estão sendo ampliados para diferentes áreas, possibilitando a formação tanto dos acadêmicos ao atuarem nas atividades quanto a de seu público, demonstrando ainda, as diferentes abrangências que a Educação Sexual necessita sejam elas em aspectos sociais, psicológicos ou biológicos.

A área temática de direitos humanos também merece destaque, pois esta corrobora com a formação do Estado Democrático de Direito brasileiro em um de seus fundamentos, como proposto no Art. 1º: “III - a dignidade da pessoa humana”; e no Art. 4º: “II - prevalência dos direitos humanos” da Constituição Federal (BRASIL, 1988, s/p).

Assim, observamos que a sexualidade, possui ampla potencialidade em abranger os mais variados aspectos e setores de nossa sociedade, permeando todas as disciplinas curriculares e áreas de conhecimento dentro do ambiente escolar, já que o mesmo também é um local de pluralidade cultural, e consequentemente de visualização de diferentes vivências.

5.2.5 Público-Alvo

No quadro apresentado na sequência observamos os públicos-alvo que foram destinadas as atividades de extensão analisadas. Vale ressaltar que a maioria das atividades possuíam vínculo educacional, remetendo a outras etapas de ensino, e ao diálogo entre os diferentes níveis formativos.

Podemos observar que nesta subseção de análise também existirá uma mesma atividade de extensão em diferentes categorias, isto se deu pelo fato de uma mesma atividade ter sido desenvolvida para diferentes públicos.

Quadro 11: Público-alvo das atividades

Público-alvo		Atividades de extensão
Acadêmicas/os	Área Educacional	A2, A5, A7, A14, A17, A25, A31, A37, A43, A47, A48
	Áreas da Saúde	A1, A3, A17, A25, A31, A37
	Direito	A47
	Em geral	A35, A40, A42, A52
Professoras/es	EM e EF (anos finais)	A2, A5, A7, A18 A22, A30, A40, A42, A48, A54
	EF (anos iniciais) e EI	A2, A4, A5, A6, A8, A14, A24, A26, A32, A33, A34, A36, A47
	Ensino Superior	A17, A25, A31, A37, A40, A42
	Educação Especial	A15
Participantes de grupos de pesquisa		A15, A16, A39, A53
Discentes	Adolescentes	A9, A10, A13, A38, A40, A41, A42
	Educação Especial	A15
	Curso de Formação de docentes	A44, A46, A51
Comunidade escolar		A45
Profissionais de Instituições Socioeducativas		A12, A16, A23, A39, A47, A52
Participantes de Instituições Socioeducativas		A16, A19, A20, A21, A29
Participantes de movimentos sociais		A17, A25, A27, A31, A37, A52
População em geral		A11, A17, A25, A28, A31, A47, A49, A50, A52
Profissionais da saúde		A36, A47

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Alguns públicos não foram precisamente delimitados, o que nos fez recorrer aos resumos para enfatizarmos a quem seriam destinados, como o caso a atividade A30 que na opção objetiva constava apenas “professoras/es”

e a A46 apresentava apenas “estudantes”, no resumo o público foi especificado:

O trabalho será desenvolvido com instrumentalização de um grupo de trabalho vinculado ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) do Estado do Paraná, sendo desenvolvido em uma escola pública estadual de Cascavel – A30.

Assim, com esses conhecimentos ter subsídios, para desenvolver um Projeto de intervenção pedagógica com alunos e alunas de Formação de Docentes em Nível Médio – A46.

Os públicos, em sua maioria, a que se destinam as atividades de extensão, são acadêmicas/os e professoras/es atuantes nos outros níveis de ensino, o que pode ser visualizado como fundamental por manterem um contato cotidiano com a diversidade, tendo em vista que a formação destes indivíduos deve ser voltada para o respeito e reconhecimento de todas e todos enquanto cidadãos e cidadãs de direto. Asinelli-Luz (2008) nos assinala para importância deste tipo de atividade por atuar com multiplicadores que disseminarão tais saberes.

Em um recente estudo na cidade de Cascavel, um dos municípios com maior quantidade de atividades de extensão, sobre cursos de formação de professoras e professores para sexualidade no município, as autoras consideraram escassa a quantidade de cursos, todavia, constataram que estes cursos promovem transformações de olhares diante da temática, a inserindo em suas práticas pedagógicas com mais espontaneidade (BROL; MARTELLI, 2018).

Como Furlani (2013) e Louro (2014) nos relembram, pela escola ser também um local de disciplinamento de corpos, os profissionais que atuam ou atuarão na educação devem possuir uma formação que os qualifiquem a vivenciar e administrar situações em sala de aula, como, discussões de gênero (CARDOSO; MWOLO, 2017) as violências (PESSOA *et al*, 2017; MÉNDEZ-TAPIA, 2017), a sexualidade e a Educação Sexual amplamente (HERNECK; FERRAÇO; TEIXEIRA, 2017; VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

[...] muitas são as áreas e assuntos que os/as profissionais docentes não possuem conhecimentos necessários para incluir as diversas temáticas nos planejamentos escolares, como por exemplo, a Educação Sexual, que historicamente tem deixado uma lacuna aberta nos currículos escolares, pois a escola, os/as docentes e os/as

gestores/as não sabem, muitas vezes, como lidar e como garantir que ela seja ensinada (PEIXOTO; MAIO, 2013, p. 22).

Um aspecto a ser discutido, é o fato de quanto mais novos forem os indivíduos, mais consideram os mesmos sem sexualidade, seres assexuados, como o caso das crianças (FOUCAULT, 2017). E este discurso tende a crescer dia após dia, não só no meio social e político que vivenciamos, como nos ambientes escolares.

Denotamos assim, o contato entre diferentes níveis e etapas de ensino, frisando suas necessidades, pois ao mesmo tempo que os docentes do Ensino Fundamental e da Educação Infantil foram os que mais receberam ofertas de atividades extensionistas disponibilizadas pelo Ensino Superior, são estas as etapas de ensino que mais apresentam resistência em se abordar tais temas, tanto por pressão social, como o despreparo decorrente de ausência da formação inicial e continuada (SILVA; SARMENTO; FOSSATTI, 2012).

Além do exposto acima, notamos a EI é uma etapa educacional que apresenta de forma escassa, documentos, regulamentações e instruções de políticas públicas que remetam à sexualidade e à Educação Sexual para esta faixa etária (FINCO, 2015), o que também contribui para que o tema não seja abordado em sala de aula.

Todavia, para que possamos abordar o tema em sala de aula, e para que não gere possíveis interpretações que venham a deslegitimar tais discussões, de acordo, como cada faixa etária, é necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar, como no caso das famílias, as quais, devem também compreender a importância de tais temas na formação individual e coletivas de seus filhos (RIBEIRO, 2011; JAEGER; JACQUES, 2017).

Ainda, observamos que são poucas as atividades destinadas ao público docente do Ensino Superior (ES). As únicas atividades voltadas para este público são as edições das Mostras de Cinema/Filmes (A17, A25, A31, A37, A40, A42, A50), as quais são também voltadas, em geral, para toda população que possui interesse nos temas. Assim nos questionamos sobre como seriam também as formações dos docentes que atuam na formação de outros docentes. Um aspecto positivo mas também escasso, foi o fato de se apresentarem atividades também voltadas para grupos de pesquisa, os quais

fazem parte professoras/es do ES, promovendo as discussões do tema para este público.

Destacamos também a existência de atividades extensionistas com adolescentes, que pode ser visualizado enquanto discentes, e participantes de instituições socioeducativas. Viera e Matsukura (2017) apresentam a importância da Educação Sexual pautada em aspectos biopsicossociais para adolescentes, devido estes serem descritos como um grupo de risco e vulnerável ao sexo, embora apontem que exista uma prevalência de conteúdos biologizantes. As autoras recomendam que a saúde dos adolescentes deve ser trabalhada em conjunto com os setores do âmbito governamental de “saúde” e de “educação”, e para isso também se faz necessária a capacitação dos professoras/es para que os mesmos compreendam a diversidade de sexualidades com a qual trabalham e que permitam a autonomia e direito de escolhas sobre seu corpo por parte das/os estudantes.

Diante disso, visualizamos também, a presença de atividades voltadas a segmentos sociais vulneráveis, como instituições socioeducativas e Unidades Básica de Saúde, tanto para os profissionais dos mesmos, quanto para seus participantes, o que demonstra certa preocupação de discussões do tema, para os públicos de mais vulnerabilidade social. Talvez, este também seja um caminho de acolhimento para estes indivíduos, tendo em vista que Pessoa *et al.* (2017) refletem se o ambiente escolar não estaria auxiliando na vulnerabilização dos mesmos.

5.2.6 Objetivos das atividades e seus vieses

Nos resumos das atividades de extensão, encontramos diversas informações sobre como o trabalho foi desenvolvido, inclusive os objetivos das mesmas. Procuramos aproximar os objetivos trazidos pelas atividades, de forma que os mesmos fiquem agrupados em apenas uma categoria, todavia algumas atividades apresentaram objetivos sem diferenças significativas ou trazidos como secundários, assim, algumas atividades ainda permanecem em mais de uma categoria.

Quando aos vieses, procuramos evidenciar se as atividades são: biológicas, sociais e psicológicas. Aqui também teceremos os aspectos centrais das atividades, portanto, uma mesma atividade pode aparecer em mais de uma

categoria, todavia, apenas se demonstrada efetiva significância pelos pesquisadores/as.

Enquanto biológico consideramos aspectos voltados à saúde e os cuidados com o corpo, bem como as alterações que ocorrem nesse meio de prazeres. O social, se refere a todas as porções não limitadas aos aspectos biológicos, adentrando relações entre pessoas e construções individuais de sexualidade. Quando ao psicológico, delimitamos aos trabalhos voltados à saúde mental de indivíduos que necessitam de auxílio frente a diferentes dificuldades de adequação aos padrões socialmente impostos.

Durante a categorização (Quadro 12) observamos uma relação das atividades no sentido da capacitação e da sensibilização dos participantes. Dessa forma, delimitamos que quando a atividade possuía um objetivo mais voltado para o trabalho de formação de multiplicadores, desenvolvendo estratégias de trabalho, metodologias e ações, o mesmo pertenceria à categoria ‘Capacitação/Formação’ e quando o foco era centrado mais nas compreensões pessoais/sociais da sexualidade, conceitos atitudinais e estudos teóricos, enquadrados na categoria ‘Sensibilização/Reflexão’.

Exemplificando ainda, quando centrado no “como trabalhar”, categoria de ‘Capacitação/Formação’, e quando centrado no “porquê trabalhar”, categoria de ‘Sensibilização/Reflexão’. Todavia, ressaltamos que tais categorias apenas foram organizadas com um foco sistemático, pois reconhecemos que realizar a sensibilização e possibilitar reflexões, também podem fazer parte do processo de formação profissional dos indivíduos.

Quadro 12: Os objetivos das atividades

Objetivo	Atividades	Quantidade
Sensibilização/Reflexão	A1, A2, A3, A4, A5, A7, A14, A16, A18, A22, A24, A26, A32, A33, A34, A39, A43, A44, A46, A47, A48, A49, A53	23
Capacitação/Formação	A1, A3, A6, A8, A12, A14, A22, A23, A24, A26, A30, A32, A33, A34, A36, A47, A48, A51, A52	19
Ampliação da visibilidade do tema	A11, A17, A25, A27, A28, A31, A37, A40, A42, A45, A49, A50, A52	13
Orientação sexual ¹⁰	A9, A10, A13, A19, A20, A21, A29, A35, A38, A41, A54	11
Não apresenta	A15	1

¹⁰ Adotamos aqui esta nomenclatura referente instruções e orientações educacionais relativas à sexualidade adotados nos PCN, mas reconhecemos outras nomenclaturas como Educação Sexual, Educação para sexualidade etc.

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De forma geral, as duas primeiras categorias foram centradas em professoras/es, e por reconhecermos tal ligação entre as categorias, consideramos que discutir a sexualidade é necessário em todos os segmentos sociais, em especial dos profissionais da educação, para que se permita a estes, refletirem sobre suas atitudes e posturas a serem tomadas diante das mais diferentes situações vivenciadas, sendo essencial a discussão deste tema, ainda em sua formação inicial.

Quando se fala sobre discutir acerca da sexualidade quer se dizer que devem ser implantadas nos currículos das licenciaturas, disciplinas que trabalhem sobre sexualidade e diversidade sexual, com abordagens, práticas pedagógicas em sala de aula, visando a preparar os/as profissionais da educação para saberem lidar com as situações sobre as manifestações sexuais e dúvidas dos/as alunos/as (PINTO; MAIO, 2017, p. 13).

Corroborando com a afirmação de Herneck, Ferrazo e Teixeira (2017) reforçam a inserção de cursos associados aos aspectos sociais aos professores tanto na formação inicial quanto continuada, dessa forma, retiraria a visão escolar da sexualidade como um único viés biologizante. Simultaneamente, a interdisciplinaridade ao se abordar tal tema nas escolas com certa transversalidade, contribuiria para que docentes de diferentes áreas pudessem expor às alunas e alunos e discutir com estes as vertentes científicas de cada área que estejam associadas à sexualidade contribuindo na formação mais abrangente de adolescentes (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

Refletimos ainda, que em nossos resultados, a categoria de 'Sensibilização/Reflexão' foi mais incidente que a de capacitação, o que nos instiga a pensar que, de fato, o profissional também precisa reconhecer seus limites, repensar atitudes e posturas e estar aberto à busca de novas alternativas a fim de possibilitar o desenvolvimento e autonomia da sexualidade das pessoas com que se mantém o contato cotidiano, conforme podemos observar:

[...] visa oferecer, aos educadores, elementos para uma reflexão sobre o tema sexualidade, haja visto que hoje ele se faz presente nos parâmetros curriculares como tema transversal. [...] Busca ainda entender porque neste momento a escola é chamada para tratar de assuntos que até então era um problema apenas familiar – A2.

[...] tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexismo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais – A18.

O objetivo é problematizar questões relacionadas à sexualidade e educação, a partir da análise de discurso e da noção de imaginário – A43.

A autonomia sexual que defendemos por parte de docentes e estudantes, perpassa por questões sociais, psicológicas e biológicas, a qual se remete aos posicionamentos do indivíduo e ao seu direito de fazer o que melhor desejar com seu corpo e seus prazeres (VIEIRA; MATSUKURA, 2017), e também podendo encaminhar, orientar e aconselhar sempre que possível, e de forma coerente com a ciência, outras pessoas que sintam busquem auxílio e ajuda quanto a problemas vivenciados sobre a temática.

Tais ações ainda se referem aos valores pessoais pelos quais passam e possuem todos os docentes, afinal estão inseridos em um contexto. Diante disso, de acordo com Brol e Martelli (2018), as formações, sejam elas iniciais ou continuadas, que incitem reflexões sobre a não imposição de valores morais frente às manifestações das alunas e alunos (e também das professoras e professores), serão fundamentais, contribuindo para o desenvolvimento emancipatórios de todos os sujeitos envolvidos no processo de mediação do saber.

Apesar de diferenciarmos estas duas primeiras categorias, percebemos que algumas delas, objetivaram trabalhar os dois aspectos, de sensibilização e capacitação simultaneamente:

[...] visa sensibilizar e capacitar acadêmicos da área de saúde a fim de que formem atitudes e valores sadios em relação a sua sexualidade, bem como atuem como multiplicadores junto a escolares, grupo de gestantes, grupo de mães e adolescentes – A1.

As atividades desenvolvidas para diferentes públicos, visando mais disseminação do tema e ampliação das discussões que circundam a sexualidade foram agrupadas na categoria 'Ampliação da visibilidade do tema'. Grande parte das atividades desta categoria foram os eventos de cinema, e em

sua maioria também eram destinadas a discussões da diversidade sexual, a promoção do respeito e o enfrentamento do preconceito.

A categoria ‘Orientação sexual’ foi destinada às atividades de extensão que foram remetidas a um público específico (em sua maioria, adolescentes) de reconhecimento e compreensão do próprio corpo, seus prazeres, e suas relações com a sociedade, em geral, discussões e reflexões sobre sua própria sexualidade, no sentido instrutivo, da Educação Sexual propriamente.

[...] visa informar aos alunos do ensino médio das redes pública e privada da cidade de Cascavel as atitudes de risco que favorecem o contágio com uma DST, e o uso de métodos contraceptivos para promover prevenção DST e gravidez indesejada, respectivamente – A9.

Realizar práticas educativas, de orientação a adolescentes Estudantes sobre a saúde sexual e reprodutiva e na prevenção das vulnerabilidades, com promoção de qualidade de vida – A41.

Sentimos a necessidade de lembrarmos que avanços históricos com a inclusão dos jovens e mulheres aos direitos sexuais aumentaram, em especial, ao abordar a sexualização do amor e erotização (sensualização) do sexo, em outras palavras, as amplas relações entre amor e prazer, expondo a existência de uma “balança do prazer” que seja pessoalmente gratificante e socialmente aceitável (WOUTERS, 2017). Assim, ressaltamos a notória emancipação das mulheres e de seu poder da escolha.

Diante destas categorias emergentes dos objetivos das atividades de extensão, procuramos a seguir também apresentar quais foram os vieses trazidos pelas mesmas, nos possibilitando visualizar os principais olhares a serem trabalhados dentro dos objetivos propostos nas atividades analisadas.

Quadro 13: Os vieses das atividades

Viés	Atividades	Quantidade
Biológico	A1, A3, A9, A10, A13, A35, A36, A38, A41, A54	10
Social	A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A11, A12, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23, A24, A25, A26, A27, A28, A29, A30, A31, A32, A33, A34, A37, A39, A40, A41, A42, A43, A44, A45, A46, A47, A48, A49, A50, A51, A52, A53	47
Psicológico	A20, A21, A27, A29, A41	5

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No Quadro 13, em nossa categoria 'Social', se enquadram as ações voltadas ao respeito ao próximo e às atitudes a serem tomadas diante de diferentes situações, estando presentes também os aspectos históricos, culturais e políticos, pois consideramos que todos estes se constituem socialmente. A categoria 'Biológico', abrigará as atividades voltadas às perspectivas biologizantes, como por exemplo, as IST, gravidez, mitos da sexualidade, corpo humano etc. A categoria 'Psicológico' é destinada às atividades que denotaram preocupação com o indivíduo em sua singularidade, em seu auto-conhecimento, suas manifestações e situações vivenciadas.

Antes mesmo da categorização e após desenvolvê-la apenas reforçou nossa compreensão de que a sexualidade primeiramente é muito complexa para ser simplesmente enquadrada em um dos vieses, pois os mesmos se articulam facilmente e nos remetendo em nosso imaginário a uma dança, como uma 'valsa', na qual os pares podem ser trocados, irem para diferentes direções e ainda podem unir-se como um todo formando círculos que entrecruzam os braços com outros círculos.

Pereira e Monteiro (2015) ressaltam o trabalho da área social juntamente com as áreas biológicas, e acrescentamos ainda as áreas psicológicas, o que pode contribuir em trabalhos acadêmicos mais próximos da realidade, pois nas vivências, estes âmbitos não estão dissociados. Todavia, sabemos que dificilmente teremos profissionais que consigam tecer uma relação íntima entre os 3 âmbitos citados da sexualidade, mas nada impede do trabalho em conjunto com profissionais destas diferentes áreas, possibilitando olhares e reflexões para tais aspectos.

Embora, trouxemos tal figuração, nossas categorias de vieses, como já expusemos, tentaram apresentar as principais características a serem trabalhadas nas atividades, o que também nos possibilita refletir que por mais que consideremos esta fluidez da temática, e a reconhecemos como legítima, dificilmente conseguimos abrangê-la em sua totalidade, como visualizamos apenas 1 atividade (A41) que conseguiu demonstrar (ou ao menos projetar) um trabalho de efetiva significância para os 3 vieses.

Visualizamos uma ampla liderança das atividades voltadas a questões sociais. Um dos motivos, pode ser o fato da maioria das atividades serem destinadas a profissionais da educação como informado anteriormente. Dessa

forma, as atividades possibilitam a ampliação das compreensões e formas de agir quanto à sexualidade e sua diversidade. As atividades que constam na categoria 'Social' em geral, apresentam ações que promovem a empatia ao próximo, questões pedagógicas e as atitudes a serem promovidas pensando na integridade dos indivíduos.

As agressões que ocorrem na escola possuem uma característica que nunca deve ser prevalectida: o silenciamento. O silenciamento do agredido que é aconselhado a não se importar, a esconder que sofreu preconceito, e esquecer o "fato passageiro" (que não é nada passageiro) e o silenciamento do agressor o qual por vezes não é punido, não é levado aos pais, e se o é não realiza a repreensão e discussão do ocorrido com outros colegas e familiares para que compreendam o respeito ao próximo (ESPEJO, 2017). Atentamos que sofrer preconceitos na escola, está vinculado ao *bullying* e isto pode provocar baixo rendimento escolar, tornando tais pessoas menos favorecidas no meio social que vivem.

Assim, por mais que a Biologia seja um caráter muito presente no âmbito da sexualidade, em especial quando adentramos em aspectos curriculares (BRASIL, 1997, 1998, 2013, [2017 ou 2018]), existem significativas atividades voltadas para os aspectos sociais, bem como o aumento das pesquisas que favoreçam tal viés.

Consideramos assim, que por mais que as/os próprias/os professoras/es discurssem uma prevalência dos aspectos biologizantes, como Vieira e Matsukura (2017) e Peixoto e Maio (2013) nos lembram, aumenta-se a discussão da sexualidade em diferentes áreas de conhecimento, possibilitando a construção de saberes cada vez mais estruturados e contextuais.

Todavia nos cabe lembrar, que desde 2015, as atividades de extensão sofreram uma ampla queda quantitativa (que circundam a sexualidade), podendo ser remetido ao contexto histórico, social e político, que somadas ao silenciamento do tema nos currículos e demais documentos educacionais (aspectos trazidos na seção 4), poderá implicar na não continuidade da promoção destas atividades que priorizavam uma formação de indivíduos que visassem promover a integridade e o respeito às demais pessoas, em especial, crianças e adolescentes.

A categoria 'Psicológico' nos proporcionou um sentimento de insatisfação, pois a mesma apresentou apenas 5 atividades, as quais são destinadas ao auxílio e ajuda direta à população vítima de violências, das mais variadas formas, além é claro, de fornecerem respaldo pessoal aos indivíduos que passarem por dificuldades relacionadas a sua(s) sexualidade(s). Entretanto, consideramos esperado não constarem atividades com este viés, tendo em vista que a Unioeste não oferta cursos de graduação em Psicologia em nenhum de seus campus, com poucos profissionais com formação nesta área dentro da universidade.

Esta insatisfação se deu pela pequena quantidade de atividades, por entendermos que qualquer pessoa necessita de amparo psicológico, e o tratamento com um profissional pode auxiliar nos processos em como lidar e resolver problemas pessoais e/ou coletivos que circundam, em especial, aqueles que estão com vivências e construções fora dos padrões. O descontentamento também emergiu por pensarmos que a universidade poderia ser uma ferramenta ou agente proporcionador, para o cuidado com a saúde mental de suas e seus estudantes, visando suas resiliências.

Pessoa *et al.* (2017) refletem sobre a importância do processo de resiliência, a qual se remete em como auxiliar vítimas visando seu bem estar social e psicológico, sendo que os traumas podem ser decorrentes de diversas vertentes, dentre eles, a violência sexual. Para os autores, a resiliência auxilia no não desenvolvimento de problemas psicológicos e/ou comportamentais em vítimas de abuso sexual, também auxiliando em um empoderamento pessoal, e aprimoramento de apoio social destas vítimas a outras vítimas com diferentes traumas. Assim, favorece um modo de auto-reconhecimento e visualização de força pessoal em lutar contra o que lhe faz mal e ao outro promovendo confiança no outro e altruísmo (PESSOA *et al.*, 2017).

Percebemos assim, que as atividades de extensão da Unioeste que abordam a sexualidade, priorizam a formação de pessoas que estão geralmente em íntimo contato com a diversidade social existente, possibilitando a estes, reflexões e formações em como pensar ações que forneçam dignidade a todas as pessoas, prevalecendo a empatia e o respeito ao outro, conforme preconiza nosso maior documento legal, a Constituição Federal (BRASIL, 1988).

5.2.7 As estratégias e recursos de mediação

Como já exposto e demonstram as próprias atividades de extensão, existe uma defasagem no quesito em como se trabalhar a sexualidade em sala de aula. Assim, pretendemos aqui, perceber quais foram as principais estratégias e recursos utilizados nas atividades que possibilitaram seus desenvolvimentos, resultando assim, em possíveis ideias de como contribuir para a disseminação do tema.

Durante a categorização, algumas atividades propunham estratégias que deveriam ser realizadas antes e posteriormente ao desenvolvimento da atividade principal, assim, apresentamos também estas etapas afim de organizar melhor os dados.

Quadro 14: Recursos e estratégias de mediação

Estratégia/Recurso		Atividade	Quant.
Pré-atividade	Questionário	A4, A12, A20, A21, A35	5
	Entrevista	A6, A8	2
	Observação	A6, A52	2
Durante	Dinâmicas	A1, A3, A41, A45	4
	Filmes Documentários Vídeos	A8, A11, A17, A23, A25, A30, A31, A35, A37, A40, A42, A43, A44, A45, A50, A51, A53	17
	Textos de literatura	A8, A14, A24, A26, A32, A33, A34, A44	8
	Textos acadêmicos Textos bibliográficos Documentos oficiais	A8, A14, A24, A26, A30, A32, A33, A34, A39, A43, A44, A45, A46, A49, A51, A53	16
	Palestra	A9, A10, A13, A23, A30, A38, A45, A47, A54	9
	Redes de discussão	A11, A14, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23, A24, A25, A26, A27, A28, A29, A30, A31, A32, A33, A34, A37, A38, A40, A41, A42, A43, A44, A45, A49, A50, A51, A52, A53	32
	Dramatização	A14, A24, A26, A27	4
	Entrevista	A14, A24, A26, A32, A33, A34	6
	Cursos profissionalizantes	A27	1
	Estudo de caso	A30	1
	Musicalidade	A32, A33, A34, A44	4
	Folhetos/Cartazes	A35	1
	Mobilização	A40	1
	Pós-atividade	Produção textual	A8
Não apresenta		A2, A5, A7, A15, A16, A36, A48	7

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Antes de adentrarmos à explanação dos resultados do Quadro 14 expomos que as estratégias e recursos trazidos na mesma, ainda não contemplaram a totalidade do que de fato foi desenvolvido. Nos atentamos aos recursos e estratégias que foram descritos nos resumos, todavia, por vezes, algumas atividades não foram detalhadas ao ponto de reconhecermos a forma que se efetivaria seu desenvolvimento.

No Quadro em questão, ainda optamos por não classificar as atividades descritas como 'reflexão', uma vez que consideramos que todas as atividades de extensão possuem o viés social, mesmo que de forma indireta ou secundariamente, ou seja, todas elas de uma forma ou outra, indiferente das estratégias e recursos a serem utilizados incitam seus participantes a refletir sobre o tema de diferentes maneiras, seja com o outro, seja para si mesmo, como nos traz Vieira e Matsukura (2017), ao reconhecermos o direito de exercer nossa(s) própria(s) sexualidade(s).

Embora, poucas atividades de extensão trouxeram propostas de pré-desenvolvimento, todas as constantes possuíram um caráter investigador do público a quem se destinaria, os conhecendo e talvez compreendendo inicialmente, para assim então estipular o nível de ensino a ser ministrado ou o tipo de atividade a ser proposto.

A categoria que mais apareceu nas atividades de extensão foi 'Redes de conversa'. Optamos por tal nomenclatura, por abrigar toda e qualquer forma de socialização descritas em forma de debates, discussões, exposições de experiências, enfim, sempre que se apresentava a oportunidade de fala para os participantes, a atividade era atribuída à mesma. Reconhecemos também como fundamental tais momentos, pois todas as diversidades e vivências trazidas e compartilhadas, promovem uma forma plural de se trabalhar a sexualidade (HERNECK; FERRAÇO; TEIXEIRA, 2017), além, é claro, de remeter a um caráter mais humano e empático das exposições.

Expomos que os momentos de reflexão em rede são essenciais para que os indivíduos repensem suas atitudes em relação ao próximo, possibilitando a empatia em reconhecer e compreender as necessidades e direitos de cada pessoa como ser único, inclusive de si, o que reforçam Herneck, Ferrazzo e Teixeira (2017) ao exporem que as vivências e diversidade sexuais compartilhadas uns com os outros, possibilitam uma potencialização

em abordar este tema de forma plural. Em acréscimo a este pensamento, Vieira e Matsukura (2017) reconhecem a importância do refletir sobre o conhecimento apresentado para a apropriação da autonomia sexual como um direito.

Um destaque pertencente ao recurso 'Redes de discussão', foi o fato de existir atividades que promovam o desenvolvimento de um "laboratório de Educação Sexual" (A19, A20, A21 A29), em que os profissionais, alunas e alunos podem discutir diferentes vivências e experiências que abarquem a sexualidade, além é claro, de fornecer um espaço diferenciado que pode propiciar uma maior abertura para estudantes com suas professoras e professores que contribuirá para resolução de problemas que podem se encontrar até mesmo no âmbito familiar. Outro destaque ainda nesta categoria, foi a atividade A27 que visa garantir respaldo jurídico e social ao público LGBTQIAP+ ao discutir suas questões.

A categoria destinada aos vídeos e afins, que esteve presente em 15 atividades, nos possibilita pensar tais recursos como ótimas formas de se trabalhar a sexualidade, em especial a diversidade sexual e os papéis e estereótipos de gênero, servindo de marco inicial para se discutir e desenvolver outras atividades vinculadas ao tema, que ficará a desejo dos mediadores.

Os textos científicos, curriculares e legais também tiveram evidência, uma vez que o estudo dos mesmos se faz essencial, para que as atividades de extensão sejam contextualizadas aos seus públicos, possibilitando a estes, perceberem que o trabalho realizado encontra-se embasado teoricamente em diferentes âmbitos e áreas de estudo da temática.

Foi ainda apresentada uma diversidade de estratégias e recursos, que possibilitam o desenvolvimento da Educação Sexual, conforme visualizamos no Quadro 14. Os educadores, ao pensar nesta educação, podem possibilitar aos seus discentes, diferentes formas de visualizar e compreender a sexualidade. Vale ressaltar que o trabalho do docente deve ser refletido e organizado, afim de não gerar possíveis contendas com a administração escolar e sua comunidade, todavia, não cabe a/ao docente, silenciar o tema e não o discutir, mas sim, ressaltar a proteção da integridade do indivíduo e promoção do respeito ao diferente.

Espejo (2017) ainda nos atenta para que não ocorra uma tolerância à discriminação, expondo que atos discriminativos devem ser denunciados e debatidos, e que a violência maior ainda ocorre com mulheres e estudantes do ensino médio que estão na fase de descobertas. Além disso, para o autor, os estabelecimentos de ensino se tornam homofóbicos ao proporem uma normalização de estereótipos diante das vivências da maioria das alunas e alunos, o que podem favorecer no aumento de casos de indivíduos discriminados, alterações psicossomáticas, psicoemocionais, sociais e acadêmicas.

Apenas uma atividade apresentou uma estratégia pós-desenvolvimento, que consistiria numa produção textual, podendo esta ser uma forma de perceber satisfações e possíveis incongruências que ainda existiram ao final, possibilitando aos que desenvolveram a atividade, repensar seus motivos e propor novas formas de sanar tais divergências, bem como, continuar o que contempla adequadamente os objetivos.

5.3 Compreensões das professoras/es coordenadoras/es

Nesta seção, apresentamos as compressões das professoras e dos professores que coordenam as atividades de extensão sobre a sexualidade, bem como dados de experiências formativas na área e suas considerações sobre a temática nas discussões da extensão universitária. Reforçamos novamente, que apresentar os olhares das/os coordenadoras/es, contribui para visualizarmos o “quem” faz e constitui a instituição, bem como suas bases científicas.

Conforme já descrito, os dados deste momento da pesquisa foram obtidos via entrevista, em sua maioria por meio do aplicativo WhatsApp, e grande parte pela opção de gravação de áudios. A entrevista possuía um roteiro semi-estruturado presente no Apêndice B, que nos permitiu organizar os dados em 4 unidades temáticas: (1) o perfil e a formação das/os professoras/es, (2) as compreensões sobre sexualidade, (3) a temática e a extensão nas universidades e, (4) por que e como trabalhar com sexualidade.

5.3.1 O perfil e a formação das coordenadoras e coordenadores

Nesta unidade temática, apontamos quais as áreas de formação de cada um dos docentes entrevistados, relacionando as suas experiências com a sexualidade e com outras etapas de ensino, uma vez que grande parte das atividades de extensão são voltadas para o âmbito educacional.

Assim, elencamos no Quadro 15 as áreas gerais de formação dos docentes participantes que abordaram a temática nas atividades de extensão, suas principais experiências com a temática e seus níveis de atuação na área de ensino.

Quadro 15: O perfil das coordenadoras/es.

Sujeito	Linhas gerais de formação	Experiências com a temática	Experiências nas etapas de ensino
C1	Letras	Participação de eventos e grupos de pesquisa	Ensino superior
C2	Geografia	Trabalho de pós doutorado e grupos de pesquisa	Todos os níveis
C3	História e Educação	Participação em grupos de pesquisa	Ensino superior
C4	Pedagogia e Educação	Trabalho de doutorado, participação em eventos e grupos de pesquisa	Ensino Fundamental anos iniciais e ensino superior
C5	Direito	Participação em atividades de extensão com a temática	Ensino Superior
C6	Psicologia e Educação	Trabalhos profissionais. orientação de trabalhos de acadêmicos e participação em grupos de pesquisa	Ensino superior
C7	Enfermagem e Educação	Grupos de pesquisa e cursos de atualização	Ensino Superior
C8	Direito	Orientação de trabalhos acadêmicos e grupos de pesquisa e atividades de extensão	Ensino superior
C9	Pedagogia, Educação e Letras	Grupos de pesquisa e orientação de trabalhos acadêmicos	Ensino fundamental anos iniciais e Ensino Superior
C10	Letras	Trabalho de doutorado, grupos de pesquisa e atividades de extensão	Ensino fundamental anos finais, Ensino Médio e Ensino Superior

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como percebemos, nenhum dos entrevistados apontou possuir formação específica no âmbito da sexualidade (talvez pela carência em cursos de pós graduação nesta área temática em nosso atual contexto brasileiro), todavia, 3 dos entrevistados realizaram trabalhos de conclusão de curso (doutorado e pós doutorado) que englobavam este tema.

Quando nos referimos a uma formação específica, estamos nos direcionando a cursos de especialização, mestrado e doutorado que possuam nomenclaturas voltadas para a sexualidade, todavia, expressamos a participação destes docentes em estudos pessoais, seja em aceitar a orientação de trabalhos, ou na busca por saberes em grupos de pesquisa.

Nos voltando para educação para a sexualidade, percebemos que a maioria dos entrevistados atuam ou atuaram apenas no ensino superior, sendo que apenas 4 passaram pelos demais níveis de ensino. Assim, se esta experiência não veio de forma direta e profissional, apesar dos estudos teóricos, é preciso adquirir também um olhar prático e metodológico para os locais onde atua a educação sexual, tendo em vista que como já percebido na análise das atividades, grande parte é enfocada na formação de professoras/es.

Embora não apontamos no Quadro 15, explicitamos que de todos os entrevistados, apenas 1 é do gênero masculino enquanto todas as demais participantes são mulheres. Acreditamos ser um ponto de relevância no âmbito das pesquisas, darmos notoriedade a esta característica, desta área de pesquisa nesta universidade, uma vez que ao trabalharmos sexualidade, as discussões de gênero são inevitáveis.

5.3.2 As compreensões sobre sexualidade

Discutiremos nesta unidade, como a sexualidade é compreendida ou percebida pelos docentes entrevistados. Claramente seus discursos serão enraizados de vertentes subjetivas que os constituem, todavia, isso também os contempla enquanto sujeitos sexuais e é exatamente tais intimidades com o tema que construíram seus olhares para a temática. Uma pergunta básica permeou esta reflexão: para você, o que seria sexualidade?

Para iniciarmos a discussão de como a sexualidade é compreendida, parafraseamos uma série de expressões trazidas em periódicos no ano de 2017: a sexualidade é algo construído coletivamente e socialmente (HERNECK; FERRAÇO; TEIXEIRA, 2017) sendo sua estruturação a partir das interações sociais, geográficas e pessoais - de sua personalidade e modo de resposta diante de fatos (AREVALO, 2017), possibilitando sua afloração (WOUTERS, 2017) e necessitando de transformações: pessoais, sociais e

históricas (CARDOSO; MWOLO, 2017). Entretanto, é também imposta e ditada por nossos modos de vida e pelas pessoas com as quais convivemos e mantemos relacionamentos (ESPEJO, 2017).

Sabemos que a sexualidade é impossível de ser delimitada em parâmetros rígidos e fixos de uma definição, todavia, verificamos junto às coordenadoras e aos coordenadores, como os mesmos compreendem a sexualidade, e inicialmente os vieses biológicos praticamente ficam à margem nesta temática.

[...] a sexualidade vai muito além da esfera da genitália, [...] eu nunca vi a sexualidade adstrita a esfera da genitália, e, segundo a psicanálise, todas as nossas punções mais elementares dentro da nossa energia psíquica acabam decorrendo dessa esfera. C1

[...] é uma relação, na minha perspectiva, assim como o gênero, resultado de uma construção social. Então ela não é uma relação somente biológica. C2

Constatamos também uma compreensão dos docentes acadêmicos, quanto a uma relação comportamental, ou seja, intimamente relacionada a relações sociais.

[...] são as formas das pessoas se relacionarem entre si, não apenas em relacionamentos afetivos sexuais, mas todas as nossas interações sociais que demandam uma certa intimidade, no sentido de um beijo, um abraço, até a orientação para qual cada pessoa orienta seu desejo [...]. C8.

Num senso comum, as pessoas confundem com sexo, mas a sexualidade é toda ação humana, é todo gesto, comportamento, então é próprio das relações humanas no seu todo. C3.

[...] uma forma de interpelação desse sujeito, que faz com que alguns comportamentos tenham relação direta com a questão da sexualidade, como eu me apresento para o mundo [...]. C10.

Percebemos nas falas acima, que a sexualidade é compreendida como algo constituinte do ser humano, em especial em como este ser se comporta no mundo e diante de outros, até mesmo porque, não é possível construirmos nossa identidade sem estarmos inseridos em uma série de contextos. Butler (2003) enfatiza que um gênero nunca será “construído” de forma neutra em uma sociedade, sendo que por mais que este se forme fora dos padrões ali inseridos, estes padrões foram influenciadores para sua formação enquanto sujeito.

O coordenador C10 enfatiza a sexualidade como uma forma de estar, olhar e se comportar no mundo, corroborando com este posicionamento de que se um indivíduo está inserido no mundo, será este mundo que direta e indiretamente atuará sobre ele o constituindo. A coordenadora C9 também enfatiza os aspectos comportamentais, mas também o relaciona a aspectos de prazer. Assim começamos a perceber que as compreensões sobre sexualidade, também perpassam por uma abrangência de diversidade temática, conforme aponta C2, todavia, ele também remete

[...] a como os indivíduos lidam com a sua relação com o sexo. C2.

Nas falas descritas anteriormente, C3 apresenta que confundir sexualidade com sexo é algo do senso comum, todavia, não podemos negar, que esta também é a área onde a temática é mais instigada e simultaneamente restringida. Foucault (2017) nos lembra que no decorrer da história da sexualidade, a mesma não foi inibida, e se a foi, ocorreu de forma direcionada, ou seja, a mesma era amplamente discutida, mas sempre num viés de controle e de poder, tendo a cautela sobre o como, onde e para quem se fala.

Essa relação com o sexo, é visualizada quando as pessoas necessitam começar a confessar seus prazeres e atos sexuais, mas, essa confissão era regrada a limites linguísticos, no qual se deveria tudo contar, mas não de forma indevida nas palavras utilizadas (FOUCAULT, 2017). Percebemos assim, que o ato sexual, possui vertentes sociais os quais delimitam e inibem as possibilidades por meio deste disciplinamento de corpos.

Portanto, quando C2 nos remete a sexualidade às relações com o sexo, precisamos também repensar e não esquecer deste caráter que pode ser de certa forma considerado biológico, afinal, o sexo possui, além do prazer, também o objetivo de reprodução, e por mais natural que seja, foi nos imposto como tema “proibido”. Ressaltamos que o ato sexual, também é construído culturalmente.

Todavia, embora a temática seja sempre inibida, é algo decorrente do ser humano, e não pode ser escondida, mas sim percebida nos mais variados comportamentos, conforme já dito. Assim, como sujeitos em sociedade, e esta, em constante mudança por seus sujeitos, não podemos restringir a sexualidade

a algo fixo, portanto C6 nos aponta que este é um traço humano que se modifica e se desenvolve durante toda a vida sendo assim

[...] uma marca humana que traça um perfil, uma identidade que nos põe em relação com a vida [...]. C6.

E está intimamente relacionado

à [...] emoção, sentimento, prazer, realização, recato, repressão, identidade, castração, punição [...]. C6.

Diante disso, uma das coordenadoras, elencou uma compreensão que possibilita abranger uma ampla gama de vieses da sexualidade.

A sexualidade é um elemento constituinte do ser humano, desde o nosso nascimento, até a nossa morte, nós somos seres sexuais. [...] é o uso do corpo e seus prazeres. Esse uso do corpo e seus prazeres, tanto pode ser individual, quanto pode ser com o outro, pode ser em grupo, pode ser conforme cada um deseja usar esse corpo e seus prazeres, mas esse desejo está relacionado também com a sociedade. Eu vivo a minha sexualidade dentro de um padrão social, e é quando eu transgriro esse padrão social, seja pela orientação sexual, pela identidade de gênero, por estas questões, é que eu acabo vivendo a margem da sociedade [...], mas esse uso do corpo e seus prazeres extrapola a biologia, eu não uso meu corpo só conforme a questão biológica. Existem padrões culturais, sociais, religiosos, que fazem com que eu use esse corpo [...]. A sexualidade está relacionado diretamente com as questões de gênero, feminino e masculino ainda vivem a sexualidade de forma diferenciadas conforme os padrões sociais esperados de cada um, também relacionados com relações de poder e com todas as instituições que fazemos parte, família, escola, igreja, todas as instituições que nos constituem como seres sociais. C4.

Como na fala acima, somos seres sexuais, não importa o quanto inibam e proibam, possuir sexualidade é algo que nos constitui enquanto seres humanos pois está intimamente relacionada ao uso do nosso corpo e de nossos prazeres, aquilo que por meio de nossos corpos conseguirmos satisfazer nossos desejos. Conforme também já exposto, esta satisfação pode se dar de forma individual ou coletiva, todavia, a sociedade e as instituições das quais fazemos parte, impõem padrões que estipulam as formas de atuar sobre os corpos e de como nos comportarmos em relação ao outro. Vale nos lembrar que o prazer também pode se dar pela vertente da assexualidade.

Herneck, Ferraço e Teixeira (2017), Wouters (2017) e Vieira e Matsukura (2017) abordam a importância do ser humano (em especial mulheres e

adolescentes) se reconhecerem enquanto sujeitos que se relacionam socialmente e sexualmente, reforçando seus direitos e poderes de escolhas pessoais, que geralmente são ditados e construídos socialmente, como a submissão de mulheres e também o cuidado à saúde de jovens.

Parte de muitos discursos contrários às discussões da sexualidade provem de instituições às quais as pessoas participam e fazem parte, e em especial, a igreja é uma das instituições que mais regula e explicita suas convicções sobre o corpo, seus prazeres e suas relações. (FOUCAULT, 2017). Méndez-Tapia nos incita a questionar limites impostos socialmente e como a religiosidade influencia na homofobia expondo em contrapartida que a amizade com homossexuais favorece a empatia e o respeito ao outro.

Diante de todas as considerações elencadas pelas/os docentes coordenadoras/es, consideramos que os mesmos possuem uma compreensão sobre a questão da sexualidade, partindo principalmente de aspectos sociais e psicológicos. Estes podem ser considerados vieses essenciais na sexualidade, mas a partir daqui, começamos a perceber os aspectos biológicos em segundo plano. Não que tal característica seja negativa, mas que nos auxilia a perceber os caminhos teóricos pelos quais passam os docentes.

Talvez tal olhar seja decorrente de toda a abordagem biológica que a temática possuiu e ainda possui em outras etapas de ensino, todavia, acreditamos que seria o momento então, de procurar trabalhar de forma interdependente tais aspectos. Pela maioria das atividades de extensão se voltarem para a formação de professoras/es, momentaneamente, seria interessante aprimorar os pontos de partida das/os docentes atuantes nestas outras etapas de ensino, a partir do que já abordam em sala de aula, integrando os vieses em defasagem e também necessários. Ou seja, se elas e eles perpetuam aspectos biologizantes, poderíamos pensar, como a partir de tais aspectos, inserindo os aspectos sociais e psicológicos.

Obviamente, existem aspectos da sexualidade que não precisam partir do biológico e por vezes nem possuem uma relação direta. O que queremos apontar aqui, são meios de introduzir de forma aplicada e prática, outros vieses que por vezes ficam em segundo plano se comparado a outro, dessa forma, poderíamos iniciar discussões pelo que já temos em sala, até chegarmos a um momento no qual não precisaríamos ter um único viés de partida, por já

conseguirmos visualizar diferentes abordagens da sexualidade no ambiente escolar.

Em suma, as compreensões de sexualidade corroboram em 2 pontos:

O primeiro deles remete-se à compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. O segundo, ao fato de que a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (LOURO, 2000, p 08).

Notamos, que a compreensão de que a sexualidade é constituída socialmente é amplamente aceita, entretanto, acrescentamos ainda, que esta construção sempre estará associada direta ou indiretamente aos órgãos genitais, não em aspectos apenas biológicos, mas para além deles, as relações entres eles e a sociedade, ou ainda como nos apresenta Foucault (2017), uma relação entre corpos, desejos e prazeres, já que nosso corpo é o lugar de nossas sexualidades.

5.3.3 Sexualidade e a extensão nas universidades

A unidade de contexto apresentado aqui, pretende incitar reflexões sobre a relação de temáticas sobre a sexualidade presente nas atividades extensionistas nas universidades, demonstrando assim, sua notoriedade e efetividade neste tripé universitário.

Em unanimidade, os docentes ressaltaram a presença da sexualidade dentro das atividades de extensão e consideram que é por meio delas que a sociedade possui acesso ao que está se estudando e pesquisando dentro da universidade pública,

[...] Pela atividade de extensão que a gente consegue envolver e ver a aplicabilidade daquilo que a gente pesquisa. C2.

Conforme C8, é um forma de devolver à comunidade aquilo que ela necessita, tendo em vista o retorno de seus impostos. C2 acredita que as atividades de extensão são um compromisso social para o que pode melhorar as condições de vida da população incluindo aspectos culturais e sociais. Tais compreensões apresentam-se em consonância com os documentos normativos da extensão da universidade (UNIOESTE, 2002; 2014)

C8, C9 e C10 compartilharam uma reflexão ao constatarem a não existência de uma série de temáticas, em especial que envolvem diversidades nos cursos de graduação, sendo assuntos considerados esquecidos. C4 e C10 acreditam que não discutir tais assuntos de forma direta, reforça uma perspectiva de que exista um tabu circundando a sexualidade, assim, a inserção da temática dentro das atividades extensionistas, contemplaria dentro do possível algumas discussões.

Talvez a perspectiva trazida pelos docentes, corrobore com Imperatore, Pedde e Imperatore (2015) ao expressarem que a extensão por vezes é vista dentro de um processo disciplinar, onde se espera o trabalho com algumas temáticas, dentro de conteúdos específicos existentes em grade curricular, se tornando assim responsabilidades das matrizes e disciplinas também trabalhar aspectos extensionistas.

A coordenadora C3 explicita que diversos (se não todos) formandos, posteriormente à graduação, terão contato direto com diferentes pessoas e ampla diversidade social, incluindo nas relações de trabalho, a discussão da temática nas atividades de extensão são essenciais, e C2 complementa apontando que gênero e sexualidade, deveriam ser temas discutidos de forma transversal devido à sociedade ser marcada por diferenças.

A extensão envolvendo a sexualidade é de fundamental importância. Primeiro pelo aspecto do atendimento a grupos vulneráveis, cuja acesso a políticas e defesa é precário. C5.

Em outro ponto percebido, C5 cita que trabalhar sexualidade nas atividades de extensão abrange grupos de pessoas que estão marginalizados socialmente e necessitam de melhores amparos em diferentes aspectos, seja na saúde, na educação, no trabalho, no ponto de vista legal, enfim, por serem grupos com necessidades específicas, a defesa dos mesmos é necessária. C9 ainda expõe a importância do preparo para o acolhimento destas pessoas e atividades que envolvam as famílias dos mesmos que também precisam estar preparados frente às diferenças e situações que existirão.

Arevalo (2017) discute alguns aspectos psicológicos e sociais dos indivíduos LGBTQIAP+ no Chile, que se aproxima muito da realidade brasileira, ressaltando a saúde mental e relação familiar destas pessoas, incluindo

também a discriminação e o trabalho que podem ocorrer pelo silenciamento destes indivíduos ou remetendo-os a áreas específicas como a profissão de cabeleireiro, esteticista etc.

O autor ainda aponta não existir regulamentações jurídicas evidentes que amparem as vítimas de discriminação e a saúde de pessoas com sexualidade diferentes das ditas como “normais”. No Brasil, em maio e junho de 2019, aumentaram as discussões do ponto de vista legal sobre a criminalização da LGBTfobia, e aprovação pelo Supremo Tribunal Federal a inserção da mesma como crime de racismo.

O contato com a temática ainda é escasso inclusive na universidade, como expressa C3, pela temática não se encontrar na matriz curricular dos cursos, dessa forma, o contato e a participação social sobre a temática por parte do restante da população, por vezes, é por meio da mídia, a qual realiza uma abordagem mais erótica do tema.

Embora não se caracterize uma atividade de extensão, C1 nos informou sobre a existência de um curso de especialização que envolvia sexualidade e diversidade que não continuou decorrentes das discussões recorrentes por volta de 2015. Segundo a coordenadora, o curso não continuou por falta de recursos e falta de público pagante

[...] nós queríamos abrir uma segunda edição dessa mesma especialização. E foi justamente naquele momento que a câmara, não, que a assembleia legislativa do Paraná tinha mandado retirar a palavra gênero de tudo [...].C1.

Visualizamos outra problemática com o tema dentro das universidades, a qual, por vezes, meios legais e sociais colocam empecilhos e dificultam as discussões sobre as temáticas por desconhecimento e propagação de notícias falsas. Todavia, C7 acredita ser necessário trabalhar com a temática, exatamente pela ampliação dessa repressão social, a qual pode causar sofrimentos psicológicos, inclusive por se tratar de um tema que instiga a sociedade, mas muitos possuem receio em debatê-lo.

Retornando ao fato de não constar a temática na grade dos cursos, e da possibilidade das atividades de extensão serem obrigatórias, as professoras e professores discutem a experiência formativa, mas apontam várias questionamentos quanto a aplicação da curricularização da extensão que

pretende reforçar a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, a qual segundo Moita e Andrade (2009, p. 278) pode “promover uma consciência profissional eticamente fundamentada e empiricamente atualizada” durante a formação acadêmica.

Para C1 e C10, se a extensão fosse obrigatória, querendo ou não, as atividades seriam ampliadas, e conseqüentemente os locais abrangidos de aplicação também aumentariam. Lembramos que este foi um aspecto analisado nas atividades da universidade, em que sua maioria possui aplicação apenas nos municípios onde existem as unidades da universidade, ficando sem amparo extensionista, vários municípios que circundam a universidade e também contribuem para sua existência.

A coordenadora C9 não gostaria que houvesse diminuição da carga horário dos cursos para ocorrer a extensão, mas acredita que os docentes devem ofertar as atividades, nas temáticas que mais carecem de discussões. Todavia, como não possuímos muitas informações sobre como isso se dará, C10 questiona se a extensão não estaria cobrindo falhas das grades curriculares, e juntamente com C2 instigam a quem caberá o papel de ofertar as atividades.

Dalmolin e Vieira (2015) e Imperatore, Pedde e Imperatore (2015) trazem algumas reflexões que muitas das vezes, são os mesmos docentes que ofertam as atividades de extensão, e que estes ficam ainda em, decorrência da disponibilidade de tempo e de recursos dos mesmos, pois o docente ao assumir tais responsabilidades não possui alteração de carga horária ou de remuneração.

C3 reforça a necessidade de supervisores no acompanhamento das atividades, para que estudantes mantenham o foco e o cuidado de não gerar danos éticos e morais à universidade, em especial, na temática da sexualidade enquanto C5 expressa que no caso de embates, durante as atividades, os mesmos devem ser relevados e discutidos no âmbito da pesquisa, pois o foco durante as atividades, seriam as pessoas que necessitam do trabalho.

Vários docentes, como C5, C7, C8, visualizam implicações quanto à obrigatoriedade das atividades de extensão, elencando que existem pessoas com perfil extensionista e outras não, além da disponibilidade em realizar tais atividades. Estas considerações voltadas à disponibilidade das alunas e

alunos, também são explicitadas na pesquisa de Imperatore, Pedde e Imperatore (2015), ao analisarem diferentes reuniões de eventos extensionistas, nos quais refletem a preocupação da universalização da extensão tendo em vista o perfil de estudantes trabalhadoras e trabalhadores.

Ribeiro, Mendes e Silva (2018) também indagam sobre a disponibilidade das alunas e alunos que possuem outras ocupações, tendo em vista que grande parte das atividades de extensão são desenvolvidas em períodos e turnos contrários ao de estudo. Dessa forma, C6 reflete ainda sobre a posição ocupada pela extensão, a compreendendo como constituinte no processo formativo do acadêmico, mas tendo a cautela de como ela pode ser visualizada ou disponibilizada.

Se vai ser bom, vai depender da posição que ela possa ocupar, com o valor de apropriação do conhecimento, não como obrigação de fazer um trabalho voluntário e assistencialista às populações a que serão destinadas, pois penso que ocorre esse risco. C6.

Por último C4 nos faz refletir se a extensão e pesquisa já não constam durante as atividades complementares dos graduandos, ou seja, se o tripé universitário já não está presente no processo de formação profissional. Esta compreensão talvez seja a que mais se aproxime do caráter interdisciplinar curricular e indissociável do ensino, pesquisa e extensão, que é também apontado por Imperatore e Pedde (2015). Moita e Andrade (2009) também refletem se o estágio não seria uma alternativa de visualização deste tripé universitário.

Percebemos ainda que no que se refere ao processo de curricularização da extensão o que circunda professoras e professores seriam muitas dúvidas e incertezas, decorrentes de receios sobre o como seria efetivada tal situação. Em contrapartida, todos apontam a importância da temática nas atividades de extensão e na experiência profissional e formativa das/os discentes.

5.3.4 Por que e como trabalhar com sexualidade

Nesta unidade temática, consideramos um dos momentos mais significativos de nossa pesquisa, uma vez que permitiu aos docentes entrevistados apontarem suas convicções pessoais que os instigam a lutar e trabalhar com a temática, apesar de todas as adversidades existentes e por

vezes vivenciadas. Seus anseios e receios puderam ser percebidos, mostrando a nós, que trabalhar com sexualidade é conhecer vidas, no sentido mais amplo que esta palavra de quatro letras possa ter.

Questionamos as/os docentes coordenadoras/es, o que os motivava em trabalhar com a temática, bem como os cuidados a serem tomados quanto abordar o assunto da sexualidade. Duas coordenadoras apontaram histórias relacionadas ao debate de gênero, em especial, envolvendo a luta feminista.

[...] eu sou feminista muito antes de saber que existia feminismo. Por que que eu me tornei feminista? Porque ali, pelos 9 anos de idade, por aí, a gente tinha uma vizinha que fazia pipoca pra gente a tarde e fazia chá, e a gente ia comer pipoca a criançada brincando ali no sítio, e tomar chá. E essa mulher grávida de 8 meses foi morta pelo marido a machadadas. Sabe quando você vê numa mesa alguém com um barrigão daquele, o marido cachaceiro do quinto dos infernos, uma mulher com um barrigão daquele, morta a machadadas por aquele marido? Eu sabia naquele momento que havia alguma coisa errada no mundo C1.

[...] um grupo de mulheres agricultoras, me propôs que eu fizesse um trabalho com elas de extensão, porque na visão delas todo seu processo de participação na agricultura familiar era invisibilizado pelo trabalho dos homens, então elas queriam romper com isso [...] C2.

A temática tende a se mover quando de alguma forma, as relações sociais incitam algo no subjetivo das pessoas, como no caso das falas acima, a qual as entrevistadas observaram fatos de violência e injustiça contra um gênero específico. O feminismo deve existir enquanto direito das mulheres e para expor os desequilíbrios existentes e propagados entre os gêneros (MENDEZ-TAPIA, 2017; CARDOSO; MWOLO, 2017).

É interessante pensarmos que, em geral, discutir sexualidade, é discutir com empatia situações do outro, pois conforme afirma C8, a sociedade se interessa em compreender a sexualidade, ou ainda, de conhecer e reconhecer a si mesmo:

[...] esse tema diz algo sobre mim, sobre o outro, sobre as relações entre as pessoas [...] C10.

Diante disso, algumas/uns coordenadoras/es voltam seus olhares para o trabalho no aspecto educacional, da educação sexual, e mais precisamente na formação de professoras/es. C4 reforça a necessidade do trabalho com a temática no ambiente escolar, explicando que a forma como os indivíduos

lidam com sua sexualidade, pode interferir diretamente no processo de aprendizagem, portanto, cabe à escola compreender a aluna e o aluno em sua totalidade e em suas manifestações sexuais (que não ocorrem apenas na escola) trabalhando as questões de diferenças e respeito.

De acordo com Pessoa *et al.* (2017) é fundamental o sistema escolar fornecer os recursos necessários para a discussão do tema e deixar explícito que compreender sobre sexualidade não é uma tarefa individual, e apenas de discentes, mas de toda comunidade escolar, e ocorrências conflituosas que porventura possam ocorrer precisam ser discutidas, possibilitando às/aos estudantes, participar das decisões educacionais em todos os sentidos, até mesmo administrativas, já que a escola também é sua. Por exemplo, a visualização do preconceito contra colegas, pode possibilitar discussões e reflexões que favoreçam o altruísmo e empatia ao outro, a compreensão de não censurar o próximo, decorrente de um conservadorismo, que priva o outro do direito de manifestar-se, e, organizar ações que possam amenizar tais acontecimentos.

Assim C6 corrobora com a coordenadora C4, explicitando ainda que as alunas e alunos devem compreender que a sexualidade é algo natural do processo de vivência, mas reforça também, o preparo dos pais e do ambiente familiar sendo um ideal compartilhado com C9 que acredita que a família deva estar preparada para as situações que por ventura saírem do esperado.

Wouters (2017) reflete sobre a relação entre pais e filhos a partir da dificuldade em como os pais veem seus filhos enquanto sujeitos sexuais e também como os filhos veem seus pais como sujeitos sexuais ao longo da história e do desenvolvimento destes níveis familiares e de idade. Vê-se então, que a sexualidade não é rígida e fixa, mas sim, maleável e fluida, contornando tempos, instituições e, no caso, organizações familiares, que carecem cada vez mais de olhares e reflexão sobre esta sexualidade em transformação contínua composta de sujeitos que se transformam cotidianamente.

Relacionamentos atuais procuram evitar conotações tradicionais, como “namorar” e “noivar”, substituindo estas expressões pelo “ficar” e “pegar”, apenas para não possuir um status de relacionamento sério e de comprometimento mediante a sociedade (WOUTERS, 2017) . Isto nos leva a repensar se nossas atitudes não estão pautadas nos olhares julgadores de

outros, sejam eles pessoas distantes, ou como na maioria das vezes, dentro de nossa própria casa, alterando e moldando os comportamentos dos sujeitos sexuais, uma vez que somos criados e formados para perpetuar reproduções, sem questionarmos seus motivos, encontrando meios de refúgio e de fuga diante dos padrões sociais.

C10 ainda reforça a temática na formação docente, devido à manifestação da sexualidade dentro da sala de aula, enquanto C8 relembra do momento atual na propagação de notícias falsas, que refletem aspectos da sociedade, incluindo violências

[...] cada vez mais importante, mais urgente, a gente está vendo o aumento de violência contra mulher, de violência LGBT, de LGBTs querendo falar sobre a própria sexualidade [...]. C10.

Complementamos a fala descrita ainda, que não são apenas as pessoas LGBTQIAP+ que querem falar sobre sua própria sexualidade, mas sim, observamos socialmente que todas as pessoas querem cada vez mais conhecer seu corpo e as formas de prazer, e que as discussões na maioria das vezes vêm em tons de brincadeiras e sendo compreendidas como malícias.

O fato de não se discutir sobre diversidade sexual, pode gerar preconceitos e o não respeito ao próximo, sendo fundamental que tal tema seja institucionalizado e a ética seja o aspecto central (MÉNDEZ-TAPIA, 2017). No ambiente escolar, a discussão deve ocorrer para toda a equipe pedagógica da escola, que por vezes podem também direta ou indiretamente impedir o acesso à educação de alunas e alunos que não estejam nos padrões conservadores (ESPEJO, 2017). Ao refletirmos a respeito desta formação profissional, percebemos que a violência escolar, por vezes, não é originada apenas de colegas e adolescentes e o papel da escola enquanto auxiliadora no desenvolvimento social de estudantes é inverso, prejudicando-as/os (PESSOA *et al.*, 2017).

Para C10 ainda, seria interessante pensar na discussão da temática, não somente nos cursos de licenciatura, pois, relações de poder de níveis institucionais dentro da universidade também são permeadas por questões de gênero, no qual cargos e funções são limitadas intrinsecamente e subjetivamente. Para Méndez-Tapia (2017), as relações de poder entre o

feminino e o masculino faz com que gêneros sejam priorizados e favorecidos, além de resultar também em um ódio a tudo que remeta ao feminino, e a imposição do que é normal nos comportamentos e práticas dos indivíduos sociais.

A maioria dos docentes (C1, C4, C5, C7, C8 e C10) relatou que abordar a sexualidade, sempre será um terreno complexo, ardiloso e de embates, e segundo C10 isto decorre por ser uma temática repleta de tabus, mas o estímulo ao persistir no trabalho é fundamental. Dentro do possível o enfrentamento deve ser realizado, pois segundo C1 a mudança só ocorre mediante divergências, todavia, C7 até recomenda cautela nos títulos dados às atividades e, como já expusemos, C5 analisa que os embates devam ser mais explicitados em pesquisas e com amparo científico.

Este amparo científico foi elencado por vários entrevistados de forma direta (C2, C4, C6, C7, C8, C9, C10), recomendando que o trabalho com a sexualidade requer um estudo teórico e compressão deste campo de pesquisa do ponto de vista científico e legal, e conforme C6, considerando-o como natural na constituição do ser humano. Expressamos que C9 nos lembra de mantermos olhares críticos aos textos e documentos estudados.

Considerando essa constituição do ser humano, trabalhar com sexualidade, de acordo com C4, consiste em ter ciência de que a temática perpassa por diferentes instâncias sociais e subjetividades das pessoas e para C7, ao abordarmos a sexualidade com outros, a cautela é essencial para não incitarmos pré-conceitos e convicções pessoais, tendo em vista que trabalhar com a temática interfere diretamente no projeto de vida das pessoas, o que corrobora com Brol e Martelli (2018).

As autoras acima ainda expõem que considerar as histórias dos indivíduos ao trabalhar com sexualidade, favorece o conhecimento de limites e dificuldades construídos. Foucault (2017) nos alerta de nossas compreensões que também são construídas mediante uma sociedade e estas são propagadas via relação de poder, na qual expressamos de diferentes formas o que deve ou não se fazer.

Diante disso, C4 e C6 reforçam a respeito das diferenças existentes na sociedade, e de suas respectivas construções, por parte de quem está trabalhando a temática. Elas atentam, que ao observar os sujeitos que expõem

suas compreensões e conceitos sobre a sexualidade, não devemos julgá-los sem antes conhecer o processo de construção a que se deram tais perspectivas.

Assim, C2, C3, C5 e C7 apontam a observação, o diálogo e o ouvir às pessoas as quais trabalhamos, ou seja, verificar com quem falo, como falo e de que forma falo, para então definirmos de fato como ocorrerá nossa atuação, lembrando que, conforme C5 e C7, ao ouvir o público-alvo e refletirmos sobre as situações, poderemos instruir e auxiliá-los naquilo que passaram e procuram para resolver seus possíveis problemas.

Além disto, quando possibilitamos ao outro, observações dos problemas e conseqüentemente suas reflexões, este poderá desenvolver habilidades em lidar com questionamentos e até mesmo gerá-los, sabendo que a dúvida é o princípio de uma nova investigação, sendo os mesmos formados como indivíduos que atuam como cidadãos, propagando a ciência no meio social a que se inserem (CARDOSO; MWOLO, 2017).

Para C2, também é importante atuarmos em rede, de forma a compartilharmos experiências de trabalho, ampliando nossos olhares e possíveis caminhos que auxiliariam outros. A coordenadora C5 recomenda buscar parcerias com o poder público, principalmente nos setores de educação e saúde aprimorando a qualidade do serviço prestado à comunidade, se pensarmos enquanto universidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com sexualidade e extensão foi um prazer imenso, tendo em vista que o carinho que sentimos por este tripé universitário o qual nos permite, ir além dos limites das paredes da instituição, ou laboratórios puramente científicos, mas sim, adentrarmos nas vivências e cotidianos das pessoas que constituem a sociedade e a transformam continuamente.

Neste trabalho realizamos o levantamento de atividades de extensão e compreensões de suas coordenadoras e seus coordenadores sobre a sexualidade no ambiente escolar, possibilitando visualizar que a temática é também de responsabilidade do Estado, e portanto, compete à área educacional discuti-la cientificamente de forma a disseminar a empatia, a não discriminação e a proteção de crianças e adolescentes. Mas não somente isso, as temáticas auxiliam as alunas e alunos no autoconhecimento e reflexões na construção de uma sociedade cada vez mais igualitária, além de se preocupar também com aspectos voltados à saúde e ao desenvolvimento integral dos discentes.

Também observamos uma diminuição em se abordar o tema nos documentos legais e educacionais brasileiros, promovendo um silenciamento e uma não responsabilidade de áreas em específico a se trabalhar a temática, ficando a cargo do docente a escolha de abordá-la ou não. Percebemos isso como uma aspecto que pode favorecer a não discussão da temática nos ambientes escolares, uma vez que notamos a frequência com que casos de trabalho com a temática nas escolas são deturpados e relativizados por olhares sensacionalistas.

Em nossos estudos teóricos, são apresentados diversos problemas sobre o trabalho com as temáticas gênero e sexualidade, como a falta de formação, disponibilidade, e noções dotadas de valores morais, no entanto, sem muitas propostas de solução e possibilidades de resolução da temática. Acreditamos que uma maior quantidade de textos que promovam alternativas, embasem o trabalho do tema no ambiente escolar e que sejam de acesso dos docentes atuantes, facilitaria o desenvolvimento de atividades com mais respaldo científico e metodológico.

Sobre as atividades de extensão da Unioeste, em sua maioria, elas objetivam a formação de profissionais multiplicadores do tema, incluindo o fornecimento de subsídio teórico-metodológico para abordá-lo. É de grande valia, que estas atividades, possibilitem às professoras e professores da Educação Básica, aprimorem suas práticas educativas na busca pela formação de sujeitos ativos socialmente que lutem pelos direitos humanos e civis de toda pessoa.

A universalização da extensão universitária, pode ser vista como uma forma efetiva de se caracterizar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, todavia, estudos e debates são fundamentais para que se considere o perfil e vínculos das/os docentes, estudantes e demais profissionais que trabalharão neste tripé, para demandar sua aplicabilidade. Existem muitos aspectos a serem considerados para que a extensão seja adicionada aos currículos e esperamos que tal realização ocorra mediante análises comprometidas e fundamentadas teoricamente.

Acreditamos que uma possível curricularização seja muito eficaz na formação de profissionais, os quais atuarão com pessoas e por isso precisam conhecê-las. Todavia, deve-se garantir que esta curricularização acrescente a formação dos graduandos não os impedindo de cursar tais cursos, tendo em vista o perfil de muitas/os estudantes. Vale nossa reflexão, se os cursos com os chamados estágios obrigatórios, já não estariam contemplando tal universalização.

Destacamos que nenhuma atividade analisada é de caráter doutrinador ideológico, mas sim, de abertura a reconhecer as diferenças, a diversidade e a individualidade, que não necessariamente precisam estar dentro de padrões culturalmente construídos. As atividades incitam reflexões que possibilitam o desenvolvimento e ampliação de atitudes e compreensões visando o respeito e a empatia.

As atividades da Unioeste buscam a promoção do respeito e empatia para com o outro, afim de incitar que nossas formas de sermos no mundo e exercermos nossa(s) sexualidades(s) são de direito e constituídas em nossas relações biológicas, psicológicas e sociais, o que em muito corroboramos e incentivamos cada vez mais ações que possam atingir estes avanços pessoais.

Embora o pensar e desenvolver atividades que estejam em consonância com documentos legais, normativos e curriculares, oportunizando o acesso ao saber científico (e o porquê não social, já que por vezes as práticas sociais ultrapassam os limites teóricos) à sociedade, sempre pautadas no respeito, empatia, proteção e direitos, observamos uma diminuição desde 2015, provavelmente incitada pelas falácias conservadoras da “ideologia de gênero”.

Mas vale nos atentar, que as atividades estão novamente em crescimento, mesmo diante dos atuais contextos sociais e políticos que por vezes, soam desanimadores, isso nos mostra força, resistência e necessidade da discussão de gênero em sexualidade nos mais variados ambientes e para as mais diferentes pessoas.

Para que tenhamos avanços na discussão desta temática, fazem-se necessárias pesquisas nas áreas históricas, psicológicas, médicas, da construção da identidade, das relações sociais, dos direitos, abordando inclusive aspectos políticos como das lutas sociais, procurando sair do conservadorismo e despertar a empatia em diferentes níveis de ensino (AREVALO, 2017; MÉNDEZ-TAPIA, 2017).

O preparo dos profissionais da educação em todos os fatores aqui discutidos é essencial para que possam abordar os assuntos relacionados à sexualidade no contexto educativo. Entretanto, corroboramos com Pereira e Monteiro (2015), Oliveira e Maio (2012), bem como muitos outros autores, ao exporem que o estudo deste tema possui defasagem entre professoras e professores, recomendando que o mesmo deva ser conteúdo de formação continuada e específica das/os educadoras/es.

Pensar a sexualidade como algo apenas biológico, é simplista e ultrapassado. Nos discursos e nas atividades, a inclusão de aspectos sociais da temática, são amplamente disseminados, não se evidenciando a redução a aspectos meramente biológicos. Assim, discutem-se aspectos sociais mesmo quando o enfoque principal se centra em conteúdos biológicos, ou seja, está-se percebendo, que a sexualidade na educação não possui apenas o viés fisiológico/reprodutivo.

É notória também que a diversidade sexual foi abordada em atividades e discursos, indicando que esta é uma temática que se faz necessária nas escolas, permitindo o debate de diferentes faces que envolvem a sexualidade,

entre elas, questões de gênero (em especial a mulher e pessoas trans), diversidade sexual, violência e até mesmo aspectos biológicos, visando ao menos, minimizar as atitudes discriminatórias e preconceituosas contra a diversidade existente e maximizar a empatia e o respeito ao outro.

Embora a maioria das atividades analisadas estejam voltadas para a formação de professoras/es, ainda percebemos em pesquisas que existe um amplo problema de aplicabilidade da temática nas etapas educativas, sendo decorrente do processo tanto de formação inicial quanto continuada dos profissionais que abordam o tema, se fazendo necessárias, investigações que auxiliem na melhoria da formação destes educadores. Claramente as atividades propostas pela Unioeste devem continuar sendo fomentadas e estimuladas a fim de ampliar os olhares e os níveis educativos a que se destinam as formações.

Tendo em vista as compreensões dos docentes da Unioeste, consideramos que todos possuem um olhar mais voltado para um viés social, embora possuem a consciência de que a sexualidade permeia diferentes aspectos e é um constituinte humano.

Também ressaltamos a preocupação dos mesmos em trabalharem a temática no contexto atual, mas reconhecem que a mesma deve continuar a ser abordada e discutida mas que é extremamente necessário o respaldo teórico e científico que pode garantir autoridade e autenticidade em debater a temática.

Quanto ao processo de curricularizar a extensão, os docentes reconhecem estas atividades, mas atentam sobre quais perspectivas as mesmas serão propostas e de que forma se efetivarão, ou seja, embora visualizem a importância da extensão da formação acadêmica, muitas dúvidas os inquietam sobre como ocorrerá o processo de curricularização.

Talvez, o que falte além da discussão sobre os processos que como se efetivará a curricularização dentro da Unioeste, é formação docente universitária, incluindo os gestores, para compreender as atividades extensionistas não separadas e fragmentadas, mas sim, considerá-la enquanto constituinte de igual necessidade no tripé ensino, pesquisa e extensão, concretizando assim, a indissociabilidade destes três pilares.

Por fim, sugerimos que pesquisas sejam realizadas a fim de compreender os processos extensionistas das universidades, em especial, da Unioeste, tendo em vista que a discussão da curricularização da mesma, já decorre de anos, sem propostas efetivas e discussões que cheguem até as/os docentes e, alunas e alunos acadêmicas/os. Precisamos pensar em como garantir visibilidade às informações referentes à extensão dentro da universidade, para que ela atinja um patamar igualitário com o ensino e a pesquisa.

Apontamos também, em se construir uma frente de resistência, fazendo uso das relações de poder que a universidade exerce sobre a sociedade, uma vez que o ensino superior possui este destaque. Sabemos que é na academia que os saberes são sistematizados e organizados cientificamente, assim, fazer uso de tais processos para discutirmos temáticas sociais que são por vezes inibidas, é mais do que um compromisso com a própria sociedade. Se trata de um compromisso com a disseminação do saber.

Diante do exposto, ressaltamos que a sexualidade além de constituir o ser humano, deve ser discutida enquanto temática, visando multiplicadores, como a Unioeste assim a realiza, possibilitando que ela seja amplamente debatida a fim de garantir direitos individuais e coletivos.

7. REFERÊNCIAS

AMOP. **5ª Alteração do estatuto da Amop**. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná, 2018. Disponível em <<http://www.amop.org.br/wp-content/uploads/2018/06/5ª-ALTERAÇÃO-DO-ESTATUTO-DA-AMOP-2018.pdf>> Acesso em 20 set. 2018.

AREVALO, A. P. G. ¿El armario está abierto?: estudios sobre diversidad sexual en El Salvador. **Educación & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1375-1397, Dez. 2017.

ASINELLI-LUZ, A. A extensão universitária enquanto fonte de conhecimento nos temas drogas, gênero e sexualidade. **Extensão em foco**, Curitiba, nº 1, p. 89-96, jan/jun. 2008.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**, 1ª ed., São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

_____. Lei no 8.069, **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990. Brasília, 1990.

_____. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental (1ª a 4ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 10 volumes, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 10 volumes, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 4 partes, 2000.

_____. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio**, Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 3 volumes, 2002.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 3 volumes, 2006

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação.

Câmara Nacional de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

_____. Presidência da República. Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014, **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**, Brasília, DF, 2014. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm> Acesso em 15 mar. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento enviado ao Conselho Nacional de Educação. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/cenpec-educacaoeparticipacao-producao/wp-content/uploads/bncc_publicacao.pdf> Acesso em 20 set. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento homologado. Brasília: MEC, [2017 ou 2018].

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de Dezembro de 2018. **Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/201 que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014 – 2024 e dá outras providências**. Brasília, 2018a. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192> Acesso em 09 jul. 2019.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Ensino Médio. Documento enviado ao Conselho Nacional de Educação. Brasília: MEC, 2018b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf> Acesso em 10 jul. 2019.

BRITZMAN, J. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.

BROL, I. S.; MARTELLI, A. C. Abordagem da sexualidade nas formações continuadas de professores e professoras da rede básica de ensino. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 274-291, jan-jun. 2018.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, J. C.; MWOLO, M. P. Assessment of non-formal sexual education strategies for adolescent girls: the case of Tanzania. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 95, p. 527-547, Abr. 2017.

CASCAVEL. Câmara Municipal de Cascavel. Lei nº 6.496, **Aprova o Plano Municipal de Educação do Município de Cascavel/PR para a vigência 2015-2025**, Cascavel, PR, 2015.

CNE. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 de maio 2006, Seção 1, p. 11.

DALMOLIN, B. M.; VIEIRA, A. J. H. Curricularização da extensão: potências e desafios no contexto da gestão acadêmica. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015. Curitiba. **Anais...** Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2015. p. 7185-7201.

ESPEJO, J. C. Disidencias sexuales en el sistema escolar chileno: represión e invisibilización. **Educación e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 879-898, Set. 2017.

FINCO, D. Gender equality in brazilian early childhood educational institutions. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud.**, v. 13, n. 1, p. 85-96, 2015.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**, 3ª ed., Porto Alegre, Artmed: 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 6ª ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9ª ed., Petrópolis: Vozes, 2013, p. 67-82.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. **Revista do Núcleo de Estudos em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. n.4, p. 60-73, 2004

HERNECK, H. R.; FERRACO, C. E.; TEIXEIRA, M. F. R. Sexualidade e educação: o Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens (CAOJ) de Coimbra-PT enquanto espaço de formação. **Ciência & Educação (Bauru)**, Bauru, v. 23, n. 1, p. 111-124, Mar. 2017.

IMPERATORE, S. L. B.; PEDDE, V. "Curricularização" da extensão universitária no Brasil: questões estruturais e conjunturais de uma política pública. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA, 13, 2015, Havana. **Anais...** Havana: ULEU, 2015. p. 1-10. Disponível em <http://curricularizacaodaextensao.ifsc.edu.br/files/2016/06/1_Artigo_Curricularizaca_da_Extensao_Universitaria_no_Brasil.pdf> Acesso em 15 mar. 2017.

IMPERATORE, S. L. B.; PEDDE, V.; IMPERATORE, J. L. R. Curricularizar a extensão ou extensionalizar o currículo? Aportes teóricos e práticas de integração curricular da extensão ante a estratégia 12.7 do PNE. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 15, 2015, Mar del Plata. **Anais...** Mar del Plata: INPEAU, UFSC, 2015. p. 1-16.

JAEGER, A. A.; JACQUES, K. Masculinidades e docência na educação infantil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.25, n.2, p. 545-570, 2017.

LIMA, W. S.; MEGLHIORATTI, F. A.; JUSTINA, L. A. D. A sexualidade pode ser trabalhada em sala de aula? O que dizem os documentos educacionais oficiais brasileiros. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 7., ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA - NORTE 1., 2018. Belém. **Anais...** Belém: IEMCI, UFPA, 2018. p. 5461-5470.

LIMA, W. S.; JUSTINA, L. A. D. Pesquisas nas Áreas de Educação e Ensino Sobre Sexualidade no Ano de 2017. In: MALACARNE, V.; STRIEDER, D. M. (Orgs.). **Ensino de Ciências e Matemática: Formação e Atuação Docente**. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2019. p. 89-112.

LIMA, W. S.; MEGLHIORATTI, F. A.; JUSTINA, L. A. D. A Sexualidade no ambiente escolar: regulamentações e orientações nacionais. In: SOARES, A. S. F.; MARTELLI, A. C.; GARCIA, D. A. (Orgs.). **Olhares às sexualidades e aos gêneros**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 95-120.

LOURO, G. L. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E. (Org.). **Saúde e Sexualidade na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 85-96.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.) **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, Dez. 2007.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, Ago. 2008.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAIO-BRAGA, E. R. **“Palavrões” ou palavras: um estudo com educadoras/es sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo**. 2008. 240 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

MENDEZ-TAPIA, M. Reflexiones Críticas sobre Homofobia, Educación y Diversidad Sexual. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 673-686, Jun 2017.

MESQUITA, M. C. F. **Formação de professores e educação sexual: Análise das Diretrizes Curriculares Nacionais e do currículo do curso de Pedagogia da UEM**. 2012. 48f. Monografia, (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **O que é o Projeto Rondon**. Esplanada dos Ministérios, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://projektorondon.defesa.gov.br/portal/index/pagina/id/343/area/C/module/default>> Acesso em 06 abr. 2019.

MIRANDA, P. R. M.; KALHIL, J. B.; ALVES, J. M. Sexualidade, Gênero e Educação Sexual nas Atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC de 2009 a 2015. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11, 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2017, p. 1-10.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-Pesquisa-Extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 269-280, maio/ago. 2009.

MOKWA, V. M. N. F. **Estado da arte sobre sexualidade e educação sexual: estudo analítico-descritivo de teses e dissertações produzidas na Universidade Estadual Paulista**, 2014, 274f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

NERUEPG. **Núcleo Extesionista Rondon**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais, 2017. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rondon/index.html>> Acesso em 06 abr. 2019.

OLIVEIRA, M.; MAIO, E. R. Formação de professores/as para abordagem da Educação Sexual na escola. **Revista Espaço Plural**, v. 13, n. 26, p. 45-54 2012. Disponível em : <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944368005>>. Acesso em 23 jun. 2018.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Parecer nº 137/94, Processo nº 070/90. **Reconhecimento da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE**. Curitiba, PR, 1994.

_____. Secretaria de Estado da educação do Paraná, **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Biologia**, Curitiba, 2008.

PEIXOTO, R.; MAIO, E. R. Educação sexual na Educação Básica: dimensões pedagógicas entre a formação continuada, currículo escolar e aspectos socioculturais das relações humanas. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica**, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. v. 2. (Cadernos PDE).

PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. S. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: análise da produção científica recente. **Revista Contexto & Educação**, v. 30, n. 95, p. 117-146, 2015.

PESSOA, A. S. G.; COIMBRA, R. M.; NOLTEMEYER, A.; BOTTRELL, D. Resilience processes with in the school context of adolescents with sexual violence history. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, e157785, p. 1-25, 2017.

PETRENAS, R. C. **O estado da arte sobre as temáticas sexualidade, educação sexual e gênero nos encontros nacionais de didática e prática de ensino - Endipe (1996-2012)**, 2015, 322f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.

PINTO, E. C. O.; MAIO, E. R. **Gênero, sexualidade e educação sexual: formação docente e currículo**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Departamento de Fundamentos da Educação, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

REIS, T; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p.9-26, jan./mar., 2017.

RIBEIRO, C. M. Crianças, gênero e sexualidade: realidade e fantasia possibilitando problematizações. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 605-614, 2011.

RIBEIRO, M. R. F.; MENDES, F. F. F.; SILVA, E. A. Curricularização da extensão em prol de uma universidade socialmente referenciada. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 14, n. 3, p. 334-342, 2018.

SCHÜTZ, R. **A palavra do Pró-Reitor**. 2016. Disponível em <<https://www5.unioeste.br/portal/proex/proex/a-proex/palavra-proex>> Acesso em 20 jan. 2018.

SFAIR, S. C. **Educação sexual para adolescentes e jovens: o que preveem os documentos públicos nos níveis federal e estadual em São Paulo**. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SILVA, R. C. P. ; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n2/05.pdf>>. Acesso em 23 jun. 2018.

SILVA, D. R. Q.; SARMENTO, D. F.; FOSSATTI, P. Gênero e Sexualidade: O que Dizem as Professoras de Educação Infantil de Canoas, Brasil? **Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, Arizona, v. 20, n. 16, p. 1-20, 2012.

UNIOESTE. Conselho Universitário. Resolução nº 017/99-COU. **Estatuto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná**. Cascavel, 1999. Disponível em <http://www.unioeste.br/conselhos/docs/017_estatuto.pdf> Acesso em 09 jul. 2019.

_____. Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão. Resolução nº 193/2002-Cepe. **Aprova Plano Institucional de Extensão da UNIOESTE**. Cascavel, 2002. Disponível em <<https://www5.unioeste.br/portaunioeste/arquivos/proex/linksrapidos/resolucoes/2002/1932002-CEPE.pdf>> Acesso em 09 jul. 2019.

_____. Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão. Resolução nº 236/2014-Cepe. **Normas e procedimentos específicos para atividades de extensão**. Cascavel, 2014. Disponível em <<https://www5.unioeste.br/portaunioeste/arquivos/proex/linksrapidos/resolucoes/2014/2362014-CEPE.pdf>> Acesso em 15 mai. 2018.

_____. Institucional: **Apresentação**. 2017. Disponível em <<https://www5.unioeste.br/portaunioeste/institucional/apresentação>> Acesso em 09 jul. 2019.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 453-474, Jun 2017.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.

WOUTERS, C. Sexualização e Erotização: emancipação e integração do amor e do sexo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1217-1237, Dez. 2017.

8. ANEXOS

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética

UNIOESTE - CENTRO DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ: UM ESTUDO SOBRE O TEMA SEXUALIDADE

Pesquisador: Wellington Soares de Lima

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 73193217.2.0000.0107

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ UNIOESTE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.254.472

Apresentação do Projeto:

Pesquisa documental, exploratória, qualitativa e retrospectiva junto à Pró Reitoria de Extensão da Unioeste, para analisar projetos de extensão dos últimos 10 anos que possuem ou possuíam como tema central o tema sexualidade.

Objetivo da Pesquisa:

- Evidenciar como o tema sexualidade é abordado nos projetos de extensão da Unioeste nos últimos 10 anos.
- Levantar os projetos de extensão da Unioeste referentes ao período estudado;
- Analisar os projetos selecionados quanto às metodologias utilizadas, os conceitos abordados e referenciais teóricos explicitados;
- Comparar os relatórios dos projetos iniciais e os objetivos alcançados;
- Elencar as contribuições atribuídas nos relatórios;
- Entrevistar os coordenadores dos projetos analisados observando os objetivos proposto dos projetos e os resultados alcançados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Constrangimento do sujeito no momento da entrevista realizada por áudio gravação.

Endereço: UNIVERSITARIA

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR

Município: CASCAVEL

CEP: 85.819-110

Telefone: (45)3220-3272

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

Página 01 de 03

UNIOESTE - CENTRO DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.254.472

Benefícios: Identificação dos projetos sobre sexualidade desenvolvidos na Unioeste.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e com mérito científico que atende todos os padrões éticos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados e estão em conformidade com as normas éticas vigentes.

Recomendações:

Não há recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_970962.pdf	10/08/2017 17:07:20		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_Responsavel_Campo_De_Estudo.pdf	10/08/2017 17:05:38	Wellington Soares de Lima	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Dados_em_Arquivo.pdf	10/08/2017 17:05:20	Wellington Soares de Lima	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MESTRADO.pdf	10/08/2017 17:04:25	Wellington Soares de Lima	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	10/08/2017 17:04:10	Wellington Soares de Lima	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Tcle.pdf	10/08/2017 17:01:07	Wellington Soares de Lima	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Instrumento_coleta_dados.pdf	10/08/2017 17:00:55	Wellington Soares de Lima	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_Pesquisa_ nao_iniciada.pdf	10/08/2017 17:00:11	Wellington Soares de Lima	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	10/08/2017 16:57:43	Wellington Soares de Lima	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: UNIVERSITARIA
Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 85.819-110
UF: PR Município: CASCAVEL
Telefone: (45)3220-3272 E-mail: cep.prppg@unioeste.br

Página 02 de 03

UNIOESTE - CENTRO DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.254.472

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CASCADEL, 01 de Setembro de 2017

Assinado por:

Fausto José da Fonseca Zamboni
(Coordenador)

Prof. Dr. Fausto José da Fonseca Zamboni
Coord. do Comitê de Ética
em Pesquisa com Seres Humanos
Portaria nº 3673/2016 - GRE

Endereço: UNIVERSITARIA

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR

Telefone: (45)3220-3272

Município: CASCADEL

CEP: 85.819-110

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

Página 03 de 03

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
de Ética em Pesquisa – CEPCONEP em 04/08/2000

Aprovado na Comitê

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: Extensão na Universidade Estadual do Oeste do Paraná: um estudo sobre o tema sexualidade

Wellington Soares de Lima (45) 9 9959-6660

Convidamos você a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de analisar como o tema sexualidade tem sido trabalhado nos projetos de extensão da Unioeste. Esperamos, com este estudo, verificar se os projetos cumprem com a propagação dos conhecimentos científicos à comunidade. Para tanto, você será submetido a responder algumas perguntas em uma entrevista áudio gravada. Durante a execução do projeto podem ocorrer possíveis constrangimentos e desconfortos. No caso de ocorrer alguma situação descrita ou qualquer outra que impossibilite a resposta de alguma pergunta, o pesquisador, em caso de imprevistos durante a execução do projeto, prestará total apoio ao sujeito pesquisado, incluindo o acionamento do SAMU, caso necessário. Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas fins científicos. Você também não pagará nem receberá para participar do estudo. Além disso, você poderá cancelar sua participação na pesquisa a qualquer momento. No caso de dúvidas ou da necessidade de relatar algum acontecimento, você pode contatar os pesquisadores pelos telefones mencionados acima ou o Comitê de Ética pelo número 3220-3092.

Este documento será assinado em duas vias, sendo uma delas entregue ao sujeito da pesquisa.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa.

Nome:

Eu, **Wellington Soares de Lima**, declaro que forneci todas as informações do

projeto ao participante e/ou responsável.

Cascavel, ____ de _____ de ____.

Comitê de Ética em Pesquisa

Aprovado

21/08/2004

Unioeste

Anexo C – As atividades analisadas

Título: Curso de sensibilização em sexualidade humana

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 8100/2003

Data de Início: 17/02/2003

Data Previsto para o Término: 21/02/2003

Data de Término: 21/02/2003

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Saúde

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Atenção Integral ao Adolescente e ao Jovem

Público Alvo: Acadêmicos dos cursos da área de Saúde

O curso de sexualidade humana visa sensibilizar e capacitar acadêmicos da área de saúde a fim de que formem atitudes e valores sadios em relação a sua sexualidade, bem como atuem como multiplicadores junto a escolares, grupo de gestantes, grupo de mães e adolescentes. Além de dinâmicas voltadas a sexualidade ele compreenderá temas quanto ao histórico da sexualidade humana, gravidez e métodos contraceptivos, identidade, orientação e papéis sexuais, resposta sexual humana, DST e AIDS, mitos e crendices sexuais.

Título: Sexualidade nas séries iniciais: limites e desafios

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 9544/2003

Data de Início: 14/04/2003

Data Previsto para o Término: 25/04/2003

Data de Término: 25/04/2003

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Ensino Fundamental

Público Alvo: Acadêmicos do curso de pedagogia e professores da rede estadual e municipal de ensino de Santa Helena e região

Este curso visa oferecer, aos educadores, elementos para uma reflexão sobre o tema sexualidade, haja visto que hoje ele se faz presente nos parâmetro curriculares como tema transversal. Ainda hoje os educadores demonstram uma certa dificuldade para encaminhar discussões com seus alunos sobre corporeidade e sexualidade, portanto esta oficina pretende trazer algumas reflexões através de alguns autores que discutem a temática, bem como realizar atividades relacionadas à mesma. Busca ainda entender porque neste momento a escola é chamada para tratar de assuntos que até então era um problema apenas familiar.

Título: Um estudo sobre a sexualidade infantil junto aos professores dos Centros de Educação Infantil municipais de Francisco Beltrão/PR: a contribuição da psicologia na formação do professor

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 8811/2003

Data de Início: 01/05/2003

Data Previsto para o Término: 30/04/2004

Data de Término: 30/04/2004

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Educação Infantil

Público Alvo: Professores dos Centros de Educação Infantil do Município de Francisco Beltrão

O projeto surge da oportunidade de realizar um estudo junto aos professores da rede pública municipal no sentido de resgatar aspectos centrais das teorias da sexualidade que vêm se apresentando como necessárias para a prática desses profissionais no cotidiano dos Centros de Educação Infantil (CEIs). Esta pesquisa objetiva compreender os professores dos CEIs nas suas dúvidas, interesses e conflitos, tratando mais especificamente da orientação sexual. No cotidiano dos CEIs observa-se que a maioria dos profissionais de educação, ao depararem-se com manifestações da sexualidade infantil, seja através da curiosidade da criança pelo seu corpo, pelo corpo dos outros, masturbações etc. acabam emitindo comportamentos punitivos para as crianças. O que encontramos, na maioria das vezes, são professores aflitos, inseguros e despreparados para trabalhar estas questões, fazendo da sexualidade algo velado e inatingível. Muitos, não sabem o que fazer, preferindo ficar omissos obscurecendo a sexualidade, tratando-a como algo misterioso, pecaminoso, feio e proibido. No sentido de contribuir com os professores interessados em compreender e construir uma consciência crítica frente aos seus conflitos e à sexualidade humana é que este trabalho propõe, primeiramente, um resgate histórico, cultural, político e social da sexualidade. Um outro momento, será assinalado pelo estudo aprofundado das teorias psicológicas do desenvolvimento. A princípio, uma importante teoria do desenvolvimento da sexualidade será o foco da pesquisa por abarcar inúmeros aspectos que contribuem na compreensão do comportamento humano: a teoria psicanalítica. Será realizado um levantamento de dados inicial, através de questionários com professores buscando retratar os problemas, os medos, os preconceitos, os tabus e as dúvidas que estão presentes em suas vivências. A ideia central desta pesquisa é apontar algumas perspectivas para uma orientação sexual libertadora e contribuir para reflexões e ações que levem estes professores a reconstituírem uma vivência da sua sexualidade de forma a favorecer o desenvolvimento sexual pleno da criança, que indiscutivelmente é a representante primária do processo de evolução do ser humano.

Título: Oficina de sensibilização em sexualidade humana

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 10234/2003

Data de Início: 19/11/2003
Data Previsto para o Término: 26/11/2003
Data de Término: 26/11/2003
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências da Saúde
Área Temática Principal: Saúde
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Atenção Integral ao Adolescente e ao Jovem
Público Alvo: Acadêmicos dos cursos da área de saúde

O curso de sexualidade humana visa sensibilizar e capacitar acadêmicos da área de saúde a fim de que formem atitudes e valores sadios em relação a sua sexualidade, bem como atuem como multiplicadores junto a escolares, grupo de gestantes, grupo de mães e adolescentes. Além de dinâmicas votadas a sexualidade, ele compreenderá temas quanto ao histórico da sexualidade humana, gravidez e métodos contraceptivos, identidade, orientação e papéis sexuais, resposta sexual humana, DST e AIDS, mitos e crendices sexuais.

Título: A questão da sexualidade no ambiente escolar: uma proposta de intervenção na melhoria da educação para a infância

Tipo da Atividade: Curso
Unidade: Campus de Francisco Beltrão
Número do Projeto: 12348/2004
Data de Início: 01/06/2004
Data Previsto para o Término: 31/05/2005
Data de Término: 31/05/2005
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Educação Infantil
Público Alvo: Professoras dos centros de educação infantil do município de Francisco Beltrão

O presente Curso de extensão universitária pretende proporcionar reflexões sobre o modo de encarar a questão da sexualidade no ambiente escolar. O assunto sempre me interessou muito uma vez que apresenta-se curiosamente polêmico apesar das inúmeras transformações históricas e sociais ocorridas nas últimas décadas, principalmente no que se refere às normas e padrões sexuais. É fundamental que analisemos que essas transformações não tenham sido acompanhadas por mudanças culturais que desencadeassem em uma melhor compreensão dos aspectos que envolvem a sexualidade infantil e suas manifestações, causando situações de conflito quando presenciadas por adultos. Este curso tem como objetivo o estudo aprofundado dos aspectos do desenvolvimento da sexualidade infantil considerando a visão dos adultos para que seja possível trabalhar o conceito de sexualidade com pais e educadores afim de melhorar o relacionamento entre pais e filhos e um trabalho fundamentado cientificamente por parte dos educadores atendendo às necessidades da questão em âmbito educacional-pedagógico. Pretende-se investigar a questão da sexualidade infantil, a partir de levantamento sistemático de referenciais teóricos, estudos desenvolvidos sobre o tema e dados empíricos coletados junto aos professores que atuam na Educação

Infantil do município de Francisco Beltrão-PR. Para a realização do referido curso serão realizadas entrevistas com pais e professores e observação de crianças com faixa etária de 0 a 6 anos. A ideia central é apontar algumas perspectivas para uma educação sexual emancipatória, e proporcionar reflexões e ações, que levem estes professores e contribuam para o desenvolvimento sexual da criança.

Título: Aprendendo a crescer: uma abordagem da educação sexual nas séries iniciais

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 12658/2004

Data de Início: 26/07/2004

Data Previsto para o Término: 30/07/2004

Data de Término: 30/07/2004

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Educação Continuada

Público Alvo: Acadêmicas do curso de pedagogia e professores da rede estadual e municipal de Santa Helena e região

Este curso oferecer, aos educadores, elementos para uma reflexão sobre a sexualidade, haja vista que hoje ele se faz presente nos parâmetros curriculares como tema transversal. Ainda hoje os educadores demonstram uma certa dificuldade para encaminhar discussões com seus alunos sobre corporeidade e sexualidade, portanto esta oficina pretende trazer algumas reflexões através de alguns autores que discutem a temática bem como realizar atividades relacionadas à mesma. Busca ainda entender porque neste momento a escola é chamada para tratar de assuntos que até então era um problema apenas familiar.

Título: Orientação sexual nos anos iniciais: uma imposição ou necessidade social?

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 15818/2005

Data de Início: 18/07/2005

Data Previsto para o Término: 22/07/2005

Data de Término: 22/07/2005

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Educação Continuada

Público Alvo: Acadêmicos das instituições de ensino superior e professores da rede estadual e municipal de Santa Helena e região

Este curso visa oferecer, aos profissionais da educação, bem como aos acadêmicos elementos para uma reflexão sobre a orientação sexual, haja vista que hoje ele faz presente nos parâmetros curriculares como tema transversal.

Ainda hoje os educadores demonstram uma certa dificuldade para encaminhar discussões com seus alunos sobre corporeidade e sexualidade, portanto esta oficina pretende trazer algumas reflexões através de alguns autores que discutem a temática bem como realizar atividades relacionadas à mesma. Busca ainda entender porque neste momento a escola é chamada para tratar de assuntos que até então era um problema apenas familiar.

Título: Sexualidade, cinema e literatura: relações e interfaces

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 21656/2007

Data de Início: 01/08/2007

Data Previsto para o Término: 30/11/2007

Data de Término: 30/11/2007

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores das séries iniciais do ensino fundamental da rede pública do município de Cascavel

Este curso visa levantar dados empíricos para a pesquisa de doutorado "O imaginário da sexualidade nas práticas educativas desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas"; bem como oferecer aos professores das séries iniciais do ensino fundamental do município de Cascavel, elementos teórico-metodológicos para o trato com o tema "sexualidade", haja vista que hoje ele se faz presente nos parâmetros curriculares como tema transversal. Ainda hoje os educadores demonstram uma certa dificuldade para encaminhar discussões com seus alunos sobre sexualidade e os aspectos circunscritos à essa, portanto pretendemos trazer algumas reflexões através de alguns autores que discutem a temática, bem como realizar atividades relacionadas à mesma a partir do cinema e da literatura. O curso será desenvolvido em dois momentos separados em virtude da metodologia de pesquisa "história oral temática". No primeiro momento coletaremos depoimentos dos professores, dos quais se proporem, depois trabalharemos filmes, literatura e alguns textos acadêmicos, por fim devolveremos as narrativas dos depoentes para verificar se ocorrerão mudanças no imaginário destes após o trabalho.

Título: Informando adolescentes sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 24307/2008

Data de Início: 01/08/2008

Data Previsto para o Término: 01/08/2009

Data de Término: 01/08/2009

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Saúde

Área Temática Secundária: Saúde

Linha de Extensão: Jovens e adultos

Público Alvo: Alunos da rede estadual e privada de ensino Médio

O crescente número de adolescentes grávidas involuntária e precocemente indica falta de conhecimento e despreparo no uso e escolha do método contraceptivo adequado. Somando-se a isso, as doenças sexualmente transmissíveis principalmente a AIDS são grandes problemas de saúde pública, e atinge uma grande parcela de indivíduos entre 13-18 anos. Segundo o Ministério da Saúde (DST) ao ano ocorram no Brasil, 10% destes casos acometem adolescentes. Considerando o crescente índice de DST e também de gravidez na adolescência desenvolvemos um programa que visa informar aos alunos do ensino médio das redes pública e privada da cidade de Cascavel as atitudes de risco que favorecem o contágio com uma DST, e o uso de métodos contraceptivos para promover prevenção DST e gravidez indesejada, respectivamente. Para tal fim, desenvolvemos um programa de palestras orientando adolescentes em relação ao uso de métodos contraceptivos, DST e aparelhos reprodutores. A desinformação ou informações errôneas expõe o adolescente a um comportamento de risco; através desta atividade estimamos levar tais informações e aproximadamente 1100 adolescentes.

Título: Projeto Logos: informando adolescentes sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 28992/2009

Data de Início: 13/10/2009

Data Previsto para o Término: 31/01/2011

Data de Término: 31/01/2011

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Saúde

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Jovens e adultos

Público Alvo: Alunos do ensino médio da rede pública estadual e da rede privada de ensino de Cascavel

O crescente número de adolescentes grávidas involuntária e precocemente indica falta de conhecimento e despreparo no uso e escolha do método contraceptivo adequado. Somando-se a isso, as doenças sexualmente transmissíveis a AIDS são grandes problemas de saúde pública, e atinge uma grande parcela de indivíduos entre 13-18 anos. Segundo o Ministério da saúde, acredita-se que 12 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis (DST) ao ano ocorrem no Brasil, 10% destes casos acometem adolescentes. Considerando o crescente índice de DST e também de gravidez na adolescência desenvolvemos um programa que visa informar aos alunos do ensino médio das redes pública e privada da Cidade de Cascavel as atitudes de risco que favorecem o contágio com uma DST, e o uso de métodos contraceptivos para promover prevenção DST e gravidez indesejada, respectivamente. Para tal fim, desenvolvemos um programa de palestras orientando adolescentes em relação ao uso de métodos contraceptivos, DST e aparelhos reprodutores. A desinformação ou informações errôneas expõe o

adolescente a um comportamento de risco; através desta atividade estimamos levar tais informações à aproximadamente 1100 adolescentes.

Título: A formação de professores em educação sexual numa perspectiva emancipatória

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 31069/2010

Data de Início: 01/08/2010

Data Previsto para o Término: 31/07/2011

Data de Término: 31/07/2011

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Cultura

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores/educadores sociais e profissionais que atuam na Escola Oficina Adelíria Meurer e Centro de Ref. Especializado de Assist. Social de Fco Beltrão

A sexualidade e suas manifestações, historicamente causam desconforto para muitos professores na escola que emitem comportamentos punitivos às crianças e adolescentes obscurecendo a sexualidade ao invés de desvendá-la. O projeto de formação de professores em Educação Sexual no âmbito escolar contribuirá para o seu desvelamento, através do estudo de suas matrizes filosófico-culturais, contextos históricos, aspectos políticos e institucionais. A Escola Oficina Adelíria Meurer atende 250 crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos de idade que vivem em situação de risco. Através de questionários buscaremos retratar as questões acerca da sexualidade presentes no cotidiano escolar. O projeto buscará elementos para a compreensão da condição da criança e do adolescente, dos papéis desempenhados pelas instituições formativas, de disciplinarização e tutela na sociedade brasileira. Constituir-se-á de uma análise da educação sexual escolar, a partir da condição da criança e do adolescente na sociedade e na escola. Espera-se que através do conhecimento científico, professores possam compreender as manifestações da sexualidade da criança e do adolescente e educá-los para uma sexualidade emancipatória e humanista.

Título: I mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Reitoria

Número do Projeto: 31767/2010

Data de Início: 27/09/2010

Data Previsto para o Término: 02/10/2010

Data de Término: 02/10/2010

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Linguística, Letras e Artes

Área Temática Principal: Cultura

Área Temática Secundária: Cultura

Linha de Extensão: Artes visuais

Público Alvo: Estudantes, professores e comunidade externa

A 1ª Mostra de Filmes da Diversidade Sexual em Cascavel visa ampliar a discussão sobre orientação sexual, identidade de gênero e enfrentamento da homofobia, utilizando a linguagem artístico-cultural do cinema, com exibição de filmes de temática LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) na intenção de somar esforços para a construção de uma cultura de paz e respeito às diversidades. A mostra pretende, a partir de seis filmes selecionados, debater temas referentes às sexualidades, ao preconceito, ao amor entre iguais, ao respeito, aos desejos, aos conceitos hegemônicos, à religião e à sociedade enfim, instigando a reflexão sobre o lugar da comunidade LGBT em nossa cidade, região, estado, país e mundo.

Título: Projeto Logos: Aids, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce - conhecer para prevenir

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 33131/2011

Data de Início: 01/04/2011

Data Previsto para o Término:

Data de Término:

Situação Atual: arquivado protocolo geral - Concluído

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Saúde

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Saúde humana

Público Alvo: alunos do ensino médio da rede pública estadual e da rede privada de ensino de Cascavel

O crescente número de adolescentes grávidas involuntária e precocemente indica falta de conhecimento e despreparo no uso e escolha do método contraceptivo adequado. Somando-se a isso, as doenças sexualmente transmissíveis a AIDS são grandes problemas de saúde pública, e atinge uma grande parcela de indivíduos entre 13-18 anos. Segundo o Ministério da saúde, acredita-se que 12 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis (DST) ao ano ocorrem no Brasil, 10% destes casos acometem adolescentes. Considerando o crescente índice de DST e também de gravidez na adolescência desenvolvemos um programa que visa informar aos alunos do ensino médio das redes pública e privada da Cidade de Cascavel as atitudes de risco que favorecem o contágio com uma DST, e o uso de métodos contraceptivos para promover prevenção DST e gravidez indesejada, respectivamente. Para tal fim, desenvolvemos um programa de palestras orientando adolescentes em relação ao uso de métodos contraceptivos, DST e aparelhos reprodutores. A desinformação ou informações errôneas expõe o adolescente a um comportamento de risco; através desta atividade estimamos levar tais informações à aproximadamente 1100 adolescentes.

Título: Sexualidade, educação sexual e deficiência intelectual: um projeto de ação pedagógica no espaço da APAE de Francisco Beltrão-PR

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Centro:

Número do Projeto: 34404/2011

Data de Início: 01/08/2011
Data Previsto para o Término: 31/07/2012
Data de Término: 31/07/2012
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Formação de professores
Público Alvo: Professores e crianças da APAE de Francisco Beltrão, professores e acadêmicos de iniciação científica e de extensão, vinculados ao grupo de pesquisa (GEDUS)

Trata-se de um projeto de extensão que abordara a questão do preconceito linguístico e sua relação com o ensino de língua portuguesa para alunos da 5ª série (6º ano) do Ensino Fundamental. Parto do pressuposto da existência de preconceito linguístico no discurso e nas atitudes linguísticas de professores e de alunos. A partir disso, trago à tona a hipótese de que é por meio da escola que se pode fazer um trabalho de conscientização linguística. Por isso, proponho este projeto de extensão que pretende elaborar, com um grupo de professores, uma sequência de atividades de ensino que aborde amplamente questões como variação e mudança linguísticas, homogeneidade e heterogeneidade linguísticas, normas (padrão, não padrão, culta, etc.), o vernáculo, estigma e prestígio, preconceito linguístico, entre várias outras (atividades essas que serão aplicadas aos alunos dos professores que participarem do projeto). Pretende-se, com este projeto, que o preconceito linguístico seja conhecido e sejam amenizados os discursos e as atitudes preconceituosas dos professores e dos alunos sobre a língua que eles falam.

Título: A educação sexual no espaço da brinquedoteca: a importância do lúdico no desenvolvimento da sexualidade da criança

Tipo da Atividade: Projeto
Unidade: Campus de Francisco Beltrão
Número do Projeto: 34403/2011
Data de Início: 01/08/2011
Data Previsto para o Término: 31/07/2012
Data de Término: 31/07/2012
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Formação de professores
Público Alvo: Professores, estagiários, crianças e adolescentes da Amarbem, acadêmicos-bolsistas de iniciação científica e de extensão vinculados ao grupo de pesquisa (GEDUS)

As discussões sobre sexualidade e ludicidade vêm sendo um desafio que permeia a prática pedagógica dos educadores de crianças. Nas instituições educativas, a sexualidade está presente nas atitudes das crianças através de brincadeiras individuais ou em grupo. As atividades lúdicas precisam ser estimuladas por isso a importância da brinquedoteca, na medida em que reúne, no mesmo espaço, uma diversidade de materiais educativos e pessoas com formação para respeitar o direito de brincar da criança, contemplado em

variados documentos legais, tais como: a Constituição Brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente, os Parâmetros Curriculares; Nacionais, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, entre outros. Considerando que nossas crianças são protagonistas de um momento histórico que veicula o sexo e a sexualidade numa dimensão de consumo e banalização, o processo educativo que se dá de modo lúdico, estimula a autonomia e promove o desenvolvimento integral da criança. Para isso, nosso olhar estará voltado para a formação dos educadores e acadêmicos que estarão atuando junto às crianças e adolescentes no espaço da brinquedoteca. Assim, o presente projeto propõe-se a aprofundar a reflexão crítica em torno das concepções dos educadores e acadêmicos sobre a sexualidade infantil. Pretende-se investigar a questão da sexualidade infantil, a partir de levantamento sistemático de referenciais teóricos, estudos desenvolvidos sobre o tema e dados coletados junto aos educadores e aos acadêmicos. No cotidiano das instituições educativas observa-se que muitos dos profissionais da educação, ao depararem-se com manifestações da sexualidade infantil, acabam emitindo comportamentos punitivos para com as crianças. Muitos, não sabem o que fazer, preferindo ficar omissos, obscurecendo a sexualidade, tratando-a como algo misterioso, pecaminoso, feio e proibido. No sentido de construir uma consciência crítica frente à sexualidade humana, e que este trabalho propõe um resgate histórico, cultural, político e social da sexualidade que entendemos ser possível através da perspectiva histórico-crítica. A ideia central deste trabalho é apontar algumas perspectivas para uma educação sexual emancipatória, e proporcionar reflexões e ações que levem estes profissionais a contribuir para o desenvolvimento sexual pleno da criança.

Título: INTERFACES ENTRE A ESCOLA E A SEXUALIDADE

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 33811/2011

Data de Início: 04/08/2011

Data Previsto para o Término: 29/09/2011

Data de Término: 29/09/2011

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: professores e professoras dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Cascavel e acadêmicos da terceira série do curso de pedagogia da Unioeste

A presente atividade extensionista sob a modalidade de curso objetivo contribuir nas reflexões teórico-metodológicas sobre as manifestações da sexualidade das crianças junto aos professores e as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas municipais de Cascavel e aos acadêmicos do curso de Pedagogia. A partir da discussão de diferentes compreensões sobre a temática em questão, problematizaremos a responsabilidade da família e da escola nas vivências da sexualidade infantil. O curso terá a organização metodológica de grupo de estudo, ou seja, nessa perspectiva a responsabilidade da discussão será assumida por todos e

coordenada pela professora responsável do projeto. Os procedimentos metodológicos abarcaram diferentes atividades: leituras prévias, discussões temáticas, encenações, pesquisas de materiais didáticos, poesias, entrevistas, dentre outros. Esperamos com o desenvolvimento dessa atividade possibilitar aos participantes subsídios teórico-metodológicos para agirem diante das manifestações da sexualidade das crianças tão frequentes no cotidiano escolar.

Título: FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA ESTADUAL

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 36595/2012

Data de Início: 11/05/2012

Data Previsto para o Término: 22/11/2012

Data de Término: 22/11/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das escolas públicas da rede estadual e municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexismo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: III MOSTRA DE CINEMA DA DIVERSIDADE SEXUAL EM CASCAVEL E I MOSTRA DE CINEMA DA DIVERSIDADE SEXUAL DA UNIOESTE

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 36892/2012

Data de Início: 14/05/2012

Data Previsto para o Término: 18/05/2012

Data de Término: 18/05/2012

Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Lingüística, Letras e Artes
Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Organizações da sociedade civil e movimentos sociais populares
Público Alvo: Estudantes e professores dos cursos de licenciatura e da saúde, população LGBT e comunidade externa interessada no assunto.
A III Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel e I mostra de Cinema da Diversidade Sexual da Unioeste é organizada principalmente pelos acadêmicos dos cursos de Licenciatura (Ciências Biológicas, Enfermagem, Filosofia, Ciências Sociais e Letras) e da Saúde (Ciências Biológicas, Enfermagem e Odontologia), com o intuito de abordar e refletir acerca das questões ligadas à diversidade sexual e à identidade de gênero, que há muito são esquecidas e/ou ignoradas levando à margem da sociedade a população LGBT e quem se disponha a estudar e discutir assuntos relacionados a esta temática. O assunto será exposto por meio da exibição de longas-metragens que abordem os temas propostos, promovendo discussões conduzidas por debatedores que, além de conhecer o assunto, sejam pesquisadores ou colaboradores de pesquisas sobre o tema. Dada à pluralidade das áreas do conhecimento às quais pertencem os membros da organização e participação da mostra, espera-se que cada indivíduo possa acrescentar conceitos de suas respectivas áreas e experiências, contribuindo, assim, com a disseminação dos ideais ligados à realidade social deste grupo, com a expectativa de obter um público crítico, receptivo e disposto a formar uma corrente reflexiva maior que as edições anteriores.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 36859/2012

Data de Início: 21/06/2012

Data Previsto para o Término: 27/10/2012

Data de Término: 27/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: professores e funcionários das escolas públicas da rede estadual e municipal, que sejam sindicalizados à APP Sindicato

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexíssimo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e

culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se e identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 36858/2012

Data de Início: 21/06/2012

Data Previsto para o Término: 03/11/2012

Data de Término: 03/11/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das escolas públicas da rede estadual e municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APPSINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexíssimo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papei dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL, DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NÚCLEO SINDICAL DE MARINGÁ

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37191/2012
Data de Início: 22/06/2012
Data Previsto para o Término: 29/09/2012
Data de Término: 29/09/2012
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Formação de professores
Público Alvo: Professores e funcionários das escolas Públicas da Rede Estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato
O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-Sindicato, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexíssimo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO E GÊNERO, IGUALDADE E DIVERSIDADE SEXUAL - NÚCLEU SINDICAL CURITIBA NORTE

Tipo da Atividade: Curso
Unidade: Campus de Cascavel
Número do Projeto: 37195/2012
Data de Início: 23/06/2012
Data Previsto para o Término: 01/12/2012
Data de Término: 01/12/2012
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Formação de professores
Público Alvo: Professores e funcionários das Escolas Públicas da Rede Estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato
O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexíssimo,

diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NÚCLEO SINDICAL DE CIANORTE

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37192/2012

Data de Início: 23/06/2012

Data Previsto para o Término: 20/10/2012

Data de Término: 20/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das escolas Públicas da Rede estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato.

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexíssimo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscaram-se identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NÚCLEO SINDICAL CURITIBA SUL

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37190/2012

Data de Início: 23/06/2012

Data Previsto para o Término: 20/10/2012

Data de Término: 20/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das escolas públicas da rede Estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDSCATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexismo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO DE GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NÚCLEO SINDICAL DE ARAPONGAS

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37189/2012

Data de Início: 23/06/2012

Data Previsto para o Término: 27/10/2012

Data de Término: 27/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das Escolas Públicas da Rede Estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicatos

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexismo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NÚCLEO SINDICAL DE PARANAVAI

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 36860/2012

Data de Início: 23/06/2012

Data Previsto para o Término: 27/10/2012

Data de Término: 27/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: professores e funcionários das escolas públicas da rede estadual e municipal, que sejam sindicalizados à APP Sindicato

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexismo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos

docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NÚCLEO SINDICAL DE PONTA GROSSA (TURMA 01)

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37194/2012

Data de Início: 30/06/2012

Data Previsto para o Término: 28/10/2012

Data de Término: 28/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das Escolas Públicas da Rede Estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexíssimo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. 'Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NÚCLEO SINDICAL DE PONTA GROSSA (CASTRO)

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37193/2012

Data de Início: 30/06/2012

Data Previsto para o Término: 07/10/2012

Data de Término: 07/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das Escolas Públicas da Rede Estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexíssimo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. 'Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NUCLEO SINDICAL DE FOZ DO IGUAÇU

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37188/2012

Data de Início: 13/07/2012

Data Previsto para o Término: 27/10/2012

Data de Término: 27/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das Escolas Públicas da Rede Estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicatos

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexismo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico:

desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO RM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - TURMA REGIONAL - NUCLEO SINDICAL DE FOZ DO IGUAÇU

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37186/2012

Data de Início: 13/07/2012

Data Previsto para o Término: 27/10/2012

Data de Término: 27/10/2012

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores e funcionários das Escolas Públicas da Rede estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato

O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexíssimo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais. Neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO, IGUALDADE RACIAL E DIVERSIDADE SEXUAL - NUCLEO SINDICAL DE PONTA GROSSA (ARAPOTI)

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 37187/2012

Data de Início: 28/07/2012
Data Previsto para o Término: 28/10/2012
Data de Término: 28/10/2012
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Formação de professores
Público Alvo: Professores e funcionários das escolas Públicas da rede estadual e Municipal, que sejam sindicalizados à APP sindicato.
O Curso de Formação em gênero, igualdade racial e diversidade sexual, por intermédio de uma parceria entre a UNIOESTE e a APP-SINDICATO, procura atender uma demanda presente nas Escolas Estaduais do Oeste do Paraná. O Curso tem como objetivo qualificar os profissionais da educação no estudo, na discussão e na reflexão sobre gênero e etnia, homofobia, sexismo, diversidade e orientação sexual. Neste aspecto, busca aprofundar a discussão sobre o tema, indo além das questões aparentes. Assim, objetiva compreender as contradições inerentes aos temas e desvelar as razões econômicas e culturais que fortalecem as diversas formas de preconceitos sociais neste Curso serão trabalhadas as seguintes temáticas: Homofobia e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Racismo e conhecimento científico: desconstruindo preconceitos; Gênero no debate escolar: desconstruindo preconceitos. Como resultado, espera-se enfrentar as violências sociais, sejam elas explícitas ou implícitas em pequenos atos e expressões de desvalorização de sujeitos sociais e culturais. Também, buscar-se-á identificar o papel dos docentes e funcionários da educação, diante dos atos de discriminação e violência e quais alternativas é possível construir a partir do debate coletivo, no enfrentamento destes conflitos que atingem diretamente os estudantes atuais.

Título: Laboratório de educação sexual adolecer
Tipo da Atividade: Projeto
Unidade: Campus de Francisco Beltrão
Número do Projeto: 37961/2012
Data de Início: 01/08/2012
Data Previsto para o Término: 31/07/2013
Data de Término: 31/07/2013
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Direitos Humanos e Justiça
Linha de Extensão: Formação de professores
Público Alvo: Adolescentes entre 10e 18 anos de idade, em situação de risco social, que frequentam a escola oficina Adelíria Meurer em Francisco Beltrão-PR.
O projeto tem por objetivo criar um Laboratório de Educação Sexual na ESCOLA OFICINA ADELÍRIA MEURER que contribua para o trabalho dos profissionais na relação com seus alunos adolescentes. A Educação Sexual vem se mostrando cada vez mais necessária no cotidiano dessa instituição. Observamos que não existe nenhum projeto de Educação Sexual institucionalização que vise atender às demandas da sexualidade dos

adolescentes que frequentam a escola. Não obstante, a inexistência de um projeto educativo que previne violência e abusos sexuais e frequentemente relatada pelos profissionais que atuam junto aos alunos. Neste sentido, as ações que propomos estarão voltadas para as questões referentes à sexualidade a partir da criação deste laboratório. Essas ações garantirão um espaço de convivência e socialização dos adolescentes. Neste, será possível a realização de atividades lúdicas, culturais e socioeducativas contribuintes para a resolução de problemas da área social e familiar, tais como: prevenção à marginalidade, à exploração e ao abuso sexual, retirando esses adolescentes da rua. Este projeto priorizará um aporte teórico-científico acerca da Sexualidade que possibilite trocas de experiências e vivências cotidianas entre os envolvidos. Este laboratório visa ser um espaço de construção de conhecimento e saber sobre a sexualidade humana nas suas mais diversificadas formas de existência. Acreditamos que esse espaço potencializará a interdisciplinaridade participativa e será um campo de construção de relações afetivo sexuais que priorizam a ética, o respeito e o crescimento pessoal para o exercício de uma sexualidade repleta de prazer e responsabilidade.

Título: Sexualidade, adolescência e educação sexual na escola

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 37515/2012

Data de Início: 01/08/2012

Data Previsto para o Término: 31/07/2013

Data de Término: 31/07/2013

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Cultura

Linha de Extensão: Infância e adolescência

Público Alvo: adolescentes entre 10 a 18 anos de idade, em situação de risco social, que frequentam a Escola Oficina Adelíria Meurer em Fco Beltrão/PR

O projeto tem por objetivo desenvolver um trabalho de extensão junto ao Laboratório de Educação Sexual, na ESCOLA OFICINA ADELÍRIA MEURER que contribua para o trabalho dos profissionais na relação com seus alunos adolescentes. A Escola Oficina Adelíria Meurer atende crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos de idade que vivem em situação de risco. Através de questionários buscaremos retratar as questões acerca da sexualidade presentes no cotidiano escolar. O Projeto buscará elementos para a compreensão da condição da criança e do adolescente, dos papéis desempenhados pelas instituições formativas, de disciplinarização e tutela na sociedade brasileira. Constituir-se-á de uma análise da educação sexual escolar, a partir da condição da criança e do adolescente na sociedade e na escola. Espera-se que através do conhecimento científico, os envolvidos possam compreender as manifestações da sexualidade da criança e do adolescente. Este projeto priorizará um aporte teórico-científico acerca da Sexualidade que possibilite trocas de experiências e vivências cotidianas entre os envolvidos. Nosso projeto nesse laboratório visa à construção de conhecimento e saber sobre a sexualidade humana nas suas mais

diversificadas formas de existência. Acreditamos que nesse espaço nossa intervenção potencializará a interdisciplinaridade participativa e será um campo de construção de relações afetivo-sexuais que priorizem a ética, o respeito e o crescimento pessoal para o exercício de uma sexualidade repleta de prazer e responsabilidade.

Título: Sexualidade e Infância: a educação sexual da criança no espaço da escola

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 37862/2012

Data de Início: 08/10/2012

Data Previsto para o Término: 08/09/2013

Data de Término: 08/09/2013

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Cultura

Linha de Extensão: Infância e adolescência

Público Alvo: crianças entre 5 e 10 anos de idade, em situação de risco social, que frequentam a Escola Oficina Adelíria Meurer/Fco Beltrão

O projeto tem por objetivo desenvolver um trabalho de extensão junto ao Laboratório de Educação Sexual, na ESCOLA OFICINA ADELÍRIA MEURER que contribua para o trabalho dos profissionais na relação com seus alunos, crianças de 0 a 10 anos de idade. A Escola Oficina Adelíria Meurer atende crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos de idade que vivem em situação de risco. Através de questionários buscaremos retratar as questões acerca da sexualidade presentes no cotidiano escolar. O Projeto buscará elementos para a compreensão da condição da criança, dos papéis desempenhados pelas instituições formativas, de disciplinarização e tutela na sociedade brasileira. Constituir-se-ão de uma análise da educação sexual escolar, _a partir da condição da criança na sociedade e na escola. Espera-se que através do conhecimento científico, os envolvidos possam compreender as manifestações da sexualidade da criança. Este projeto priorizara um aporte teórico científico acerca da Sexualidade que possibilite trocas de experiências e vivências cotidianas entre os envolvidos. Nosso projeto nesse laboratório visa a construção de conhecimento e saber sobre a sexualidade humana nas suas mais diversificadas formas de existência. Acreditamos que nesse espaço nossa intervenção potencialize a interdisciplinaridade participativa e seja um campo de construção de relações afetivo-sexuais que priorizem a ética, o respeito e o crescimento pessoal para o exercício de uma sexualidade repleta de prazer e responsabilidade.

Título: Curso de formação " construindo gênero e diversidade sexual no espaço escolar"

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 38868/2013

Data de Início: 27/02/2013

Data Previsto para o Término: 24/04/2013

Data de Término: 24/04/2013
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Formação de professores
Público Alvo: Professores, direção, equipe pedagógica e administrativa e funcionários do colégio estadual José de Alencar – EFMN
O trabalho com Gênero e Diversidade Sexual no espaço escolar; compreende todas as disciplinas do currículo escolar principalmente por se tratar de uma questão social e um desafio à escola que almejam o respeito aos direitos humanos e o exercício da cidadania, baseado nos princípios de uma sociedade democrática. Portanto requer uma abordagem pedagógica que inclui informação, estudo, reflexão, análise e ação que possibilite condições de desenvolver um processo de intervenção e enfrentamento à violência, ao preconceito e a discriminação; para que a escola seja espaço de promoção e valorização das diversidades. O trabalho destinado ao grupo de professores e funcionários é uma oportunidade de juntos, no coletivo, trocar experiências, vivências, estudar, discutir e refletir a respeito da nossa postura frente às questões que envolvem as relações de gênero e diversidade sexual. Bem como de propor alternativas que possibilitem o redimensionamento da prática pedagógica dos profissionais em educação. Para tanto se organizou este Curso em formato de oficinas, e serão trabalhados os seguintes conteúdos: Conceito, identidade e relações de Gênero, representação de gênero e estereótipos sexuais, relações e violência de gênero na escola, diversidade sexual, homofobia e desconstruindo preconceitos.

Título: Programa de Defesa dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
Tipo da Atividade: Projeto
Unidade: Reitoria
Número do Projeto: 40032/2013
Data de Início: 01/03/2013
Data Previsto para o Término: 04/11/2014
Data de Término: 04/11/2014
Situação Atual: arquivado protocolo geral - Concluído
Grande Área: Linguística, Letras e Artes
Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Direitos individuais e coletivos
Público Alvo: Público LGBTT
O Programa "Promoção e defesa dos direitos dos LGBT" pretende fomentar construir e dispor de condições de possibilidades para o enfrentamento do preconceito, da discriminação e da exclusão imposta aos integrantes dos grupos LGBT. Nesse sentido, o Programa propõe ações de enfrentamento da discriminação e da violência contra a diversidade sexual. Segundo o relatório anual do Grupo Gay, o número de assassinatos de pessoas LGBT no Brasil cresceu 31,3%, passando de 198 em 2009 para 260 assassinatos em 2010. Esses dados colocam o país no topo da lista dos que mais matam LGBT e sugerem que o risco de um LGBT ser morto no Brasil é 785% maior do que nos

Estados Unidos, segundo país que mais mata quem não é heterossexual. por isso o programa irá criar um Centro de Referência LGBT dentro da Unioeste no qual disponibilizará espaço para o grupo discutir suas questões, criar esquetes teatrais que exponham a violência e discriminação, da Assessoria Jurídica para aqueles que dela necessitarem, desenvolver oficinas com conteúdos pertinentes à orientação sexual LGBT, propor cursos de maquilagem e de cabeleireiros para travestis e homossexuais cursos de inclusão digital, cursos de elaboração de site e de páginas, blog na WEB.

Título: Prevenção de crimes contra dignidade sexual: a situação de exploração sexual contra crianças e adolescentes

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Foz do Iguaçu

Número do Projeto: 39216/2013

Data de Início: 28/03/2013

Data Previsto para o Término: 30/06/2013

Data de Término: 30/06/2013

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas

Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Infância e adolescência

Público Alvo: Profissionais da rede de acolhimento institucional de Foz do Iguaçu (Casa Família Maria Porta do Céu, Colégio da Rede Pública Estadual do município).

A presente proposta de atuação construída a partir das atividades realizadas pelo NEDDIJ de Foz do Iguaçu busca promover debates sobre a violação dos direitos fundamentais de crianças e adolescente, Objetiva-se sensibilizar adolescentes e profissionais das entidades de acolhimento institucional quanto aos crimes contra a dignidade sexual, especificamente no trato de exploração sexual infanto-juvenil. Para tanto utilizar-se-á como metodologia palestras abordando os aspectos jurídicos e pedagógicos que permeiam o contexto de violência sexual. Também, apresentar-se-á o material disponibilizado pelo Canal Futura em parceria c a Childhood Brasil, intitulado " Que exploração é essa?", que contém vídeos e documentários acerca de temática. Espera-se que a partir da efetivação desta proposta adolescentes e profissionais das entidades possam detectar e atuar diretamente na prevenção de possíveis situações de exploração sexual com crianças e adolescentes em situação de acolhimento.

Título: Sexualidade infantil: ressignificando conceitos e práticas

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 39096/2013

Data de Início: 17/04/2013

Data Previsto para o Término: 10/07/2013

Data de Término: 10/07/2013

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Profissionais (professores, coordenadores e diretores) da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Cascavel

A presente atividade extensionista, sob a modalidade de curso, objetiva contribuir nas reflexões teórico-metodológicas sobre as manifestações da sexualidade das crianças junto aos profissionais (professores, coordenadores e diretores) da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas municipais de Cascavel. A partir da discussão de diferentes compreensões sobre a temática em questão, problematizaremos a responsabilidade da família e da escola nas vivências da sexualidade infantil. O curso terá a organização metodológica de grupo de estudo, ou seja, nessa perspectiva a responsabilidade da discussão será assumida por todos pela professora responsável do projeto. Os procedimentos metodológicos abarcaram diferentes atividades: leitura prévias, discussões temáticas, encenações, pesquisas de materiais didáticos, poesia, entrevista, dentre outros. Esperamos como desenvolvimento dessa atividade possibilitar aos participantes subsídios teórico-metodológico para agirem diante das manifestações da sexualidade das crianças tão frequentes ao cotidiano escolar.

Título: IV Mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel e II Mostra de cinema da diversidade sexual da Unioeste

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 39997/2013

Data de Início: 29/07/2013

Data Previsto para o Término: 02/08/2013

Data de Término: 02/08/2013

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Linguística, Letras e Artes

Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Organizações da sociedade civil e movimentos sociais populares

Público Alvo: Estudantes e professores dos cursos de Licenciatura e da Saúde, população LGBT e comunidade externa interessada no assunto

A IV Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel e II Mostra de Cinema da Diversidade Sexual da Unioeste é organizada principalmente pelos acadêmicos dos cursos de Licenciatura (Ciências Biológicas, Enfermagem, Filosofia, Ciências Sociais e Letras), da Saúde (Ciências Biológicas, Enfermagem e Odontologia) e Engenharia Civil, com o intuito de abordar e refletir acerca das questões ligadas à diversidade sexual e à identidade de gênero, que há muito são esquecidas e/ou ignoradas levando à margem da sociedade e população LGBT e quem se disponha a estudar e discutir assuntos relacionados a esta temática. O assunto será exposto por meio da exibição de longas-metragens que abordem os temas propostos, promovendo discussões conduzidas por debatedores que, além de conhecer o assunto, sejam pesquisadores ou colaboradores de pesquisas sobre o tema. Dada a

pluralidade das áreas do conhecimento às quais pertencem os membros da organização e participação da mostra, espera-se que cada indivíduo possa acrescentar conceitos de suas respectivas áreas e experiências, contribuindo, assim, com a disseminação dos ideais ligados à realidade social deste grupo, com a expectativa de obter um público crítico, receptivo e disposto a formar uma corrente reflexiva maior que as edições anteriores.

Título: Projeto de Extensão Educação Sexual no seu Rádio: informações e saberes

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 40028/2013

Data de Início: 01/08/2013

Data Previsto para o Término: 31/07/2014

Data de Término: 31/07/2014

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Comunicação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Ouvintes da Associação Rádio Comunitária ANAWIN -0 ARCA no município de Fco Beltrão/PR

Educação Sexual no seu rádio: informações e saberes é um projeto de extensão que objetiva sensibilizar a comunidade beltronense a respeito da temática educação e sexualidade. Este projeto envolverá os participantes do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade, pesquisadores e acadêmicos ligados ao estudo da educação sexual, e que atuam como docentes no Centro de Ciências Humanas, além dos profissionais da ASSOCIAÇÃO RÁDIO COMUNITÁRIA ANAWIN- ARCA. A perspectiva da extensão se configurará através da ação dos pesquisadores que participarão de um programa semanal denominado Em debate a sexualidade que irá ao ar aos sábados com duração de 30 a 45 minutos. Este programa será semanalmente elaborado para que o debate da temática educação e sexualidade, num paradigma emancipatório, seja levado aos ouvintes da ARCA.

Título: Encantos e desencantos na sexualidade infantil

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 40496/2013

Data de Início: 04/09/2013

Data Previsto para o Término: 04/11/2013

Data de Término: 04/11/2013

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: professores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Cascavel

A presente atividade extensionista, sob a modalidade de curso, objetiva contribuir nas reflexões teórico-metodológico sobre as manifestações da sexualidade das crianças junto aos profissionais (professores, coordenadores e diretores) da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas municipais de Cascavel. A partir da discussão de diferentes compreensões sobre a temática em questão, problematizaremos a responsabilidade da família e da escola nas vivências da sexualidade infantil. O curso terá a organização metodológica de grupo de estudo, ou seja, nessa perspectiva a responsabilidade da discussão será assumida por todos e coordenada pela professora responsável do projeto. Os procedimentos metodológicos abarcaram diferentes atividades: leituras prévias, discussões temáticas, encenações, pesquisas de materiais didáticos, poesias, entrevistas, dentre outros. Esperamos com o desenvolvimento dessa atividade possibilitar aos participantes subsídios teórico-metodológico para agir em frente das manifestações da sexualidade das crianças tão frequentes no cotidiano escolar.

Título: Laboratório de educação sexual adolescer: espaço de construção de conhecimento e saberes sobre sexualidade.

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 41134/2013

Data de Início: 01/10/2013

Data Previsto para o Término:

Data de Término:

Situação Atual: Atividade em Andamento

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Infância e adolescência

Público Alvo: 160 Adolescentes entre 10 e 18 anos de idade, em situação de risco social, que frequentaram a escola oficina Adelíria Meures em Francisco Beltrão-PR

O presente projeto visa dar continuidade ao trabalho desenvolvido nos últimos 12 meses, quando da criação do Laboratório de Educação Sexual Adolescer na ESCOLA OFICINA ADELÍRIA MEURES, Francisco Beltrão - PR. Este laboratório pretende ser um espaço de construção de conhecimento e saberes sobre sexualidade humana nas suas mais diversificadas formas de existência. Acreditamos que esse espaço potencializará a interdisciplinaridade participativa e será um campo de construção de relações afetivo-sexuais que priorizem a ética, o respeito e crescimento pessoal o exercício de uma sexualidade repleta de prazer e reponsabilidade. Com a continuidade deste projeto será possível ampliar a realização de atividades lúdicas, culturais e sócio-educativas contribuintes para a resolução de problemas da área social e familiar, tais como: prevenção à marginalidade, à exploração e ao abuso sexual. Este projeto priorizará um aporte teórico-científico acerca da sexualidade que possibilite trocas de experiências e vivências cotidianas entre os envolvidos.

Título: Trabalhando a educação sexual na escola: em foco os professores

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Cascavel
Número do Projeto: 41581/2013
Data de Início: 01/02/2014
Data Previsto para o Término: 30/07/2014
Data de Término: 30/07/2014
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Biológicas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Saúde
Linha de Extensão: Metodologia e estratégias de ensino/aprendizagem
Público Alvo: Professores

O presente projeto visa discutir e ampliar informações e práticas pedagógicas de forma científica sobre o tema sexualidade com os professores, explorando seu conhecimento e ajudando-os a ampliá-los junto aos estudantes. O trabalho proposto abordará a temática com respeito aos princípios da igualdade de direitos e de cidadania, livre de preconceitos, onde os professores, através de práticas pedagógicas dinâmicas consigam abordar o tema de maneira a levar os alunos a compreendê-lo a buscar uma interação entre as diferentes interpretações e compreensões que tem do seu próprio corpo em relação à realidade. O trabalho será desenvolvido com instrumentalização de um grupo de trabalho vinculado ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) do Estado do Paraná, sendo desenvolvido em uma escola pública estadual de Cascavel. A metodologia utilizada será com estudo de textos, estudo de casos, utilização de filmes, palestras e debates. Espera-se com este trabalho, que todos os envolvidos repensem seus conceitos e opiniões o tema, aprofundando-o, já que o mesmo tem sua aplicação prevista na legislação (CF, PCNs, LDB), na forma de tema transversal - Educacional sexual, o qual deve ser trabalhado numa perspectiva de interdisciplinaridade, espera-se o efetivo envolvimento de todos os participantes.

Título: V mostra de cinema da diversidade sexual em Cascavel e III mostra de cinema da diversidade sexual da Unioeste

Tipo da Atividade: Evento
Unidade: Campus de Cascavel
Número do Projeto: 42038/2014
Data de Início: 12/03/2014
Data Previsto para o Término: 14/03/2014
Data de Término: 14/03/2014
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Linguística, Letras e Artes
Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Organizações da sociedade civil e movimentos sociais populares
Público Alvo: estudantes e professores dos cursos de licenciatura e da saúde, população LGBT e comunidade externa interessada no assunto
A V Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel e III Mostra de Cinema da Diversidade Sexual da Unioeste é organizada principalmente pelos acadêmicos dos cursos de Licenciatura (Ciências Biológicas, Enfermagem, Filosofia, Letras e Pedagogia), da Saúde (Ciências Biológicas, Enfermagem e

Odontologia) e Engenharias Civil e Agrícola, com o intuito de abordar e refletir acerca das questões ligadas à diversidade sexual e à identidade de gênero, que há muito são esquecidas e/ou ignoradas levando à margem da sociedade a população LGBT e quem se disponha a estudar e discutir assuntos relacionados a esta temática. O assunto será exposto por meio da exibição de longas-metragens que abordem os temas propostos, promovendo discussões conduzidas por debatedores que, além de conhecer o assunto, sejam pesquisadores ou colaboradores de pesquisas sobre o tema. Dada a pluralidade das áreas do conhecimento 'as quais pertencem os membros da organização e participação da mostra, espera-se que cada indivíduo possa acrescentar conceitos de suas respectivas áreas e experiências, contribuindo, assim, com a disseminação dos ideais ligados à realidade social deste grupo, com a expectativa de obter um público crítico, receptivo e disposto a formar uma corrente reflexiva maior que as edições anteriores.

Título: Sexualidade Infantil: ressignificando conceitos e práticas - segunda fase

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 42441/2014

Data de Início: 17/03/2014

Data Previsto para o Término: 12/05/2014

Data de Término: 12/05/2014

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: professores, coordenadores e diretores da educação infantil e dos anos iniciais do ens. fundamental de Cvel

A presente atividade extensionista, sob a responsabilidade de curso, objetiva aprofundar as reflexões teórico-metodológicas sobre as manifestações da sexualidade das crianças junto aos profissionais (professores, coordenadores e diretores) da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas municipais de Cascavel, bem como problematizar as ações pedagógicas diante dessas. Nesse curso enfatizaremos as relações entre corpo, gênero e sexualidade; relações essas permeadas por questões culturais, padrões de comportamento e a predominância da heteronormatividade. A responsabilidade da discussão será assumida por todos e coordenada pela professora responsável do projeto, uma vez que se objetiva constituir um grupo de estudo. Os procedimentos metodológicos abarcaram diferentes atividades: leituras prévias, discussões temáticas, danças, músicas, pesquisas de materiais didáticos, poesias, entrevistas, dentre outros. Esperamos com o desenvolvimento desse curso possibilitar aos participantes subsídios teórico-metodológicos para agirem diante das manifestações da sexualidade das crianças tão frequentes no cotidiano escolar e, ressignificarem, seus imaginários de corpo, gênero e sexualidade.

Título: Sexualidade, adolescência e psicanálise: fundamentação teórico-metodológica para a educação sexual emancipatória de adolescentes

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 42702/2014

Data de Início: 01/04/2014

Data Previsto para o Término:

Data de Término:

Situação Atual: Atividade em Andamento

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Cultura

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Pedagogas e estagiárias que atuam no Lab. de Educação Sexual ADOLESCER e prof. da área de Educação e Psicologia, membros do GEDUS e acadêmicos-bolsistas de iniciação científica, vinculados ao GEDUS

O presente projeto de criação do Grupo de Estudos e Formação SEXUALIDADE, ADOLESCENCIA E PSICANALISE: fundamentação teórico-metodológica para a educação sexual emancipatória de adolescentes, surgiu da necessidade em desenvolver um trabalho teórico-metodológico sobre a sexualidade e educação sexual emancipatória como forma de intervenção na educação sexual dos adolescentes que frequentam o Laboratório de Educação Sexual ADOLESCER. O estudo bibliográfico tornará por base os escritos de Freud que justificam a descoberta da sexualidade infantil; e a teoria psicanalítica de Melanie Klein e de Françoise Dolto, por sua atenção destinada às crianças e aos adolescentes e a busca pelas causas dos problemas e explicações para além das causas aparentes. Também no que se refere às ações e às palavras dirigidas pelos adultos às crianças e que os estudos desenvolvidos por Dolto tornam maior importância no sentido de buscar a construção de relações saudáveis nas instituições e nos processos educativos. Assim, o objetivo concentra-se em estabelecer uma relação entre SEXUALIDADE, ADOLESCENCIA E PSICANALISE. No que se refere à Educação Sexual Emancipatória tomaremos os princípios emancipatórios de Paulo Freire. Entre autores que trabalham com a Formação de Professores em Educação Sexual Emancipatória elegemos Edna Aparecida Silva, Sônia Maria Mello e Mary Neide Damico Figueiró.

Título: Encantos e desencantos da sexualidade infantil- segunda fase

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 43142/2014

Data de Início: 21/05/2014

Data Previsto para o Término: 30/07/2014

Data de Término: 30/07/2014

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Profissionais da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Cascavel

A presente atividade extensionista, sob a modalidade de curso, objetiva aprofundar as reflexões teórico-metodológicas sobre as manifestações da

sexualidade das crianças junto aos profissionais (professores, coordenadores e diretores) da educação infantil dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas municipais de Cascavel, bem como problematizar as ações pedagógicas diante dessas. Nesse curso enfatizaremos as relações entre corpo, gênero e sexualidade; relações essas permeadas por questões culturais, padrões de comportamento e a predominância da heteronormatividade. A responsabilidade da discussão será assumida por todos e coordenada pela professora responsável do projeto, uma vez que se objetiva constituir um grupo de estudo. Os procedimentos metodológicos abarcaram diferentes atividades: leituras prévias, discussões temáticas, danças, músicas, pesquisas de materiais didáticos, poesias, entrevistas, dentre outros. Esperamos com o desenvolvimento desse curso possibilitar aos participantes subsídios teórico-metodológicos para agirem diante das manifestações da sexualidade das crianças tão frequentes no cotidiano escolar e, ressignificarem, seus imaginários de corpo, gênero e sexualidade.

Título: Sexualidade infantil e o trabalho pedagógico

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 43922/2014

Data de Início: 13/08/2014

Data Previsto para o Término: 22/10/2014

Data de Término: 22/10/2014

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: coordenação da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Cascavel

A presente atividade extensionistas, sob a modalidade de curso, objetiva aprofundar as reflexões teórico-metodológicas sobre as manifestações da sexualidade das crianças junto aos coordenadores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas municipais de Cascavel, bem como problematizar as ações pedagógicas diante dessas. Nesse curso enfatizaremos as relações entre corpo, gênero e sexualidade; relações essas permeadas por questões culturais, padrões de comportamento e a predominância da heteronormatividade. A responsabilidade da discussão será assumida por todos e coordenada pela professora responsável do projeto, uma vez que se objetiva constituir um grupo de estudo. Os procedimentos metodológicos abarcaram diferentes atividades: leituras prévias, discussões temáticas, danças, músicas, pesquisas de materiais didáticos, poesias, entrevistas, dentre outros. Esperamos com o desenvolvimento desse curso possibilitar aos participantes subsídios teórico-metodológicos para agirem diante das manifestações da sexualidade das crianças tão frequentes no cotidiano escolar e, ressignificarem, seus imaginários de corpo, gênero e sexualidade.

Título: Sexualidade e Adolescência

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão
Número do Projeto: 43537/2014
Data de Início: 01/09/2014
Data Previsto para o Término:
Data de Término:
Situação Atual: Projeto suspenso temporariamente
Grande Área: Ciências Biológicas
Área Temática Principal: Saúde
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Saúde humana

Público Alvo: Adolescentes do ensino fundamental e médio

A sexualidade na adolescência é um tema amplo e atual, pois, observa-se cotidianamente nos meios de comunicação e no nosso dia-a-dia o grande número de adolescentes que são acometidos por doenças sexualmente transmissíveis e meninas, que no início deste período de mudanças, são surpreendidas por uma gestação, na maior parte das vezes, indesejada. Existem vários motivos para que isto aconteça e um deles é a não compreensão adequada desta fase da puberdade, das mudanças fisiológicas que ocorrem, da forma como devem lidar com estas mudanças e, principalmente, o porquê elas estão ocorrendo. Desta forma, este projeto tem por objetivo principal levar informações aos adolescentes sobre sexualidade para que os mesmos possam enfrentar as mudanças de maneira responsável e comprometida. Para isso, serão oferecidas as escolas e colégios interessados palestras e oficinas sobre temas diversos (mudanças fisiológicas na puberdade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, higienização, dentre outros) que serão realizadas para alunos do ensino fundamental e médio, de ambos os sexos, com a possibilidade de interação através de perguntas e discussões. Espera-se que através deste projeto os alunos dos colégios envolvidos tenham um aprimoramento do conhecimento sobre sexualidade e mais, possam aplica-los no seu dia-a-dia e, também, que a participação dos acadêmicos promova o crescimento destes em relação aos problemas enfrentados pela sociedade e que possam participar ativamente na melhoria destes.

Título: Ações de Educação em Saúde de Doenças Sexualmente Transmissíveis na Comunidade Universitária

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Campus de Foz do Iguaçu

Número do Projeto: 44246/2014

Data de Início: 23/10/2014

Data Previsto para o Término: 23/10/2014

Data de Término: 23/10/2014

Situação Atual: arquivado protocolo geral - Concluído

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Saúde

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Saúde humana

Público Alvo: Acadêmicos dos cursos de graduação da Unioeste

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST/AIDS) vêm crescendo entre jovens e adolescentes, os quais passaram a ser vistos como um grupo de alta

vulnerabilidade à contaminação. No acompanhamento das mudanças sociais, os educadores em enfermagem vêm demonstrando interesse cada vez maior pelas práticas educativas, visto que a promoção da saúde e a prevenção de doenças são reforçadas com as práticas de educação em saúde. Deste modo, o objetivo desta ação é investigar o conhecimento, atitudes e práticas a respeito de sexualidade de acadêmicos; promover a sensibilização dos jovens a respeito das principais DST/AIDS, esclarecendo dúvidas, mitos e curiosidades. Como método, a ação será realizada no mês de outubro de 2014, com a comunidade universitária da UNIOESTE, campus Foz do Iguaçu. A equipe desenvolverá e aplicará uma enquete com questões a respeito da temática, para verificar o grau de conhecimento dos acadêmicos. Posteriormente, os dados serão apresentados no dia da sensibilização. Esta etapa diagnóstica irá subsidiar o encaminhamento das ações de educação em saúde. A exposição será feita em estandes utilizando-se como recursos materiais, folhetos explicativos, cartazes, projetor de vídeos e áudio. Espera-se conscientizar e sensibilizar os acadêmicos para a importância do tema, esclarecimento de dúvidas sobre a temática e a reflexão sobre a importância da prevenção e do uso do preservativo, transformando as práticas de saúde em atitudes positivas do cotidiano.

Título: VI Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel e IV Mostra de Cinema da Diversidade Sexual da Unioeste

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 44239/2014

Data de Início: 28/10/2014

Data Previsto para o Término: 30/10/2014

Data de Término: 30/10/2014

Situação Atual: arquivado protocolo geral - Concluído

Grande Área: Linguística, Letras e Artes

Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Organizações da sociedade civil e movimentos sociais populares

Público Alvo: Estudantes e professores dos cursos de licenciatura e da saúde, população LGBT e comunidade externa interessada no assunto A VI Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel e IV Mostra de Cinema da Diversidade Sexual da UNIOESTE é organizada principalmente pelos acadêmicos dos cursos de Licenciatura (Ciências Biológicas, Enfermagem, Filosofia, Letras e Pedagogia) , da Saúde (Ciências Biológicas, Enfermagem e Odontologia) e Engenharia Civil, com o intuito de abordar e refletir acerca das questões ligadas à diversidade sexual e à identidade de gênero, que há muito são esquecidas e/ou ignoradas levando à margem da sociedade a população LGBT e quem se disponha a estudar e discutir assuntos relacionados a esta temática. O assunto será exposto por meio da exibição de Longas-metragens que abordem os temas propostos, promovendo discussões conduzidas por debatedores que, além de conhecer o assunto, sejam pesquisadores ou colaboradores de pesquisas sobre o tema. Dada à pluralidade das áreas do conhecimento às quais pertencem os membros da organização e participação da mostra, espera-se que cada indivíduo possa acrescentar conceitos de suas

respectivas áreas e experiências, contribuindo, assim, com a disseminação dos ideais ligados à realidade social deste grupo, com a expectativa de obter um público crítico, receptivo e disposto a formar uma corrente reflexiva maior que as edições anteriores.

Título: Sexualidade e prevenção as DST/Aids e gravidez na adolescência - Projeto Quebra Tabu

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Reitoria

Número do Projeto: 44150/2014

Data de Início: 01/11/2014

Data Previsto para o Término: 30/11/2014

Data de Término: 30/11/2014

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Saúde

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: professores do ensino fundamental e profissionais das unidades básicas de saúde de Cascavel e região

O Grupo de trabalho do programa saúde na escola (GTI-PSE), do município de Cascavel atendendo ao Componente II que incluiu educação para saúde sexual, saúde reprodutiva e prevenção as DST avaliando a necessidade de capacitação de professores e profissionais da educação, em parceria com o programa municipal de DST/AIDS e Unioeste elaboraram este projeto como piloto, podendo ampliar mais turmas para o ano de 2015. Tendo como proposta a formação de multiplicadores para o tema Sexualidade e prevenção, para 35 profissionais da área da saúde e da educação. O projeto Quebra Tabu consiste numa metodologia para a aplicação de um currículo mínimo de educação sexual para adolescentes do Ensino Fundamental II com o objetivo de diminuir a vulnerabilidade dos jovens em relação a gravidez e DST/AIDS, com o foco no corpo reprodutivo e sexual, visando a tomada de decisão assertiva no relacionamento afetivo e sexual, A proposta consta da aplicação de 3 oficinas de educação sexual pelo educador para cada faixa etária (6o. ao 9o. ano) totalizando 12 oficinas ao longo deste período escolar. A escola é o local onde o adolescente mais passa seu tempo, e ter profissionais capacitados para falar sobre o assunto ou levantar possibilidades de discussão são alternativas encontradas para diminuir a vulnerabilidade do adolescente especialmente a gravidez não planejada e a DST.

Título: Práticas educativas de orientação à saúde sexual e reprodutiva a adolescentes

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Foz do Iguaçu

Número do Projeto: 45800/2015

Data de Início: 15/08/2015

Data Previsto para o Término:

Data de Término:

Situação Atual: Atividade em Andamento

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Saúde

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Infância e adolescência

Público Alvo: Adolescentes estudantes do ensino fundamental e médio de colégios públicos estaduais

O projeto de extensão na modalidade de projeto teve sua origem a partir de outras experiências com projetos onde se constatou que esse público tem necessidade de aprimorar e adquirir novos conhecimentos para entender e se prevenir quanto as questões de saúde sexual e reprodutiva, questões essas que afetam uma sexualidade saudável. Objetivo: Realizar práticas educativas, de orientação a adolescentes Estudantes sobre a saúde sexual e reprodutiva e na prevenção das vulnerabilidades, com promoção de qualidade de vida. Método: utilizar-se-á da metodologia ativa de aprendizagem, com estratégias de ensino, por meio da promoção e educação à saúde com rodas de "bate-papo" e dinâmicas de grupo. A proposta é para adolescentes, estudantes de colégios públicos com idade entre 10 a 18 anos, e consta de estabelecer um local dentro do colégio, aberto e de fácil acesso, aonde as acadêmicas de enfermagem possam ouvir, conversar, orientar e anotar as dúvidas dos adolescentes. Que serão convidados a participar de encontros previamente agendados por faixa etária. Contribuição esperada e que os adolescentes atendidos correspondam na promoção da educação em saúde, para dirimir suas dúvidas em relação a saúde sexual e reprodutiva visando à reflexão na tomada de decisão assertiva no relacionamento afetivo e sexual.

Título: VII Mostra de Filmes da Diversidade Sexual de Cascavel e V Mostra de Filmes da Unioeste

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 46061/2015

Data de Início: 26/08/2015

Data Previsto para o Término: 28/08/2015

Data de Término: 28/08/2015

Situação Atual: arquivado protocolo geral - Concluído

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Comunicação

Área Temática Secundária: Comunicação

Linha de Extensão: Direitos individuais e coletivos

Público Alvo: Alunos do ensino médio e alunos do ensino superior; professores do ensino fundamental, médio e superior.

A VII Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel e a V Mostra de Cinema da Diversidade Sexual da Unioeste ocorrerá durante os dias 26, 27, 28 e 29 do mês de agosto de 2015 no período noturno, das 19h às 22hoo no miniauditório II na UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), em Cascavel. Haverá exibição de um longa e um curta metragem nos dois primeiros dias do evento. Serão filmes que apresentam questões referentes à diversidade sexual. No dia 28, sexta-feira, acontecerá uma palestra com a Luciana Genro sobre Direitos Humanos, no Anfiteatro da Unioeste, campus de Cascavel. Além disso, a programação se estenderá até o sábado, dia 29, pela manhã, com uma mobilização no Centro de Cascavel pela diversidade de gênero, raça/etnia, religião, pela não violência contra a mulher. A metodologia

consiste em, depois de cada exibição, haver um debate em torno das questões abordadas pelos filmes e como essas questões se relacionam com a nossa sociedade contemporânea em relação aos assuntos que gravitam em torno da diversidade sexual, tais como, amor, cidadania, saúde, família, religião, enfim, assuntos que de alguma forma os filmes tocam ou sugerem como possíveis de serem discutidos. Com isso, esperamos além de esclarecer dúvidas sobre os aspectos abordados nos filmes, contribuir para que os preconceitos, as violências possam ser discursivizados e debatidos pelos mediadores e o público de uma forma geral.

Título: VIII MOSTRA DE CINEMA DA DIVERSIDADE SEXUAL DE CASCAVEL E VI MOSTRA DE CINEMA DA UNIOESTE

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 48345/2016

Data de Início: 10/05/2016

Data Previsto para o Término: 12/05/2016

Data de Término: 12/05/2016

Situação Atual: arquivado protocolo geral - Concluído

Grande Área: Linguística, Letras e Artes

Área Temática Principal: Comunicação

Área Temática Secundária: Direitos Humanos e Justiça

Linha de Extensão: Direitos individuais e coletivos

Público Alvo: Alunos e alunas do ensino médio e alunos e alunas do ensino superior, professores e professoras do ensino fundamental, médio e superior

A VIII Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel e a VI Mostra de Cinema da Diversidade Sexual da UNIOESTE ocorrerá durante os dias 10, 11 e 12 do mês de maio de 2016 no período noturno, das 19h às 22h00 no miniauditório II na UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), em Cascavel. Haverá exibição de dois filmes e um documentário de longa metragem, os quais apresentam questões referentes à sexualidade, diversidade sexual, identidade de gênero e violência sexual. A metodologia consiste em, depois de cada exibição, haver um debate em torno das questões abordadas pelos filmes e como essas questões se relacionam com a nossa sociedade contemporânea em relação aos assuntos que gravitam em torno da sexualidade, tais como, amor, cidadania, saúde, família, religião, enfim, assuntos que de alguma forma os filmes tocam ou sugerem como possíveis de serem discutidos. Com isso, esperamos além de esclarecer dúvidas sobre os aspectos abordados nos filmes, contribuir para que os preconceitos, as violências possam ser debatidos pelos mediadores e o público de uma forma geral.

Título: GRUPO DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 48346/2016

Data de Início: 16/06/2016

Data Previsto para o Término: 16/06/2018

Data de Término: 16/06/2018

Situação Atual: Atividade em Andamento

Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Formação de professores
Público Alvo: Acadêmicos e acadêmicas das licenciaturas e dos programas de pós-graduação da Unioeste

A sexualidade e suas manifestações são inerentes à constituição humana, uma vez que constroem nossas subjetividades, nossas identidades e nossas vivências. Em meio a conceitos, preconceitos e mitos, expressamos nossa sexualidade em todos os espaços sociais, dentre eles, a escola. Temos presenciado muitas mudanças significativas em relação a abordagem da sexualidade na sociedade de uma forma geral, mas também temos vivenciado discursos de intolerância diante das sexualidades que fogem aos padrões heteronormativos, os quais produzem discriminação, violências e, até crimes de ódio. Diante dessas proposições sucintas propomos esse grupo de estudos. O objetivo é problematizar questões relacionadas à sexualidade e educação, a partir da análise de discurso e da noção de imaginário. O grupo se caracteriza pelo levantamento bibliográfico e o estudo de textos acadêmicos, narrativas fílmicas, e outras formas de linguagens. A leitura prévia será um requisito para participar do grupo, pois a responsabilidade da mediação dos encontros será compartilhada entre os e as participantes, bem como o levantamento bibliográfico será feito pelos participantes. Consideramos que essa discussão contribuirá com o trabalho docente nas escolas da Educação Básica diante das manifestações da sexualidade.

Título: Gênero e sexualidade na escola.
Tipo da Atividade: Projeto
Unidade: Campus de Cascavel
Número do Projeto: 50067/2017
Data de Início: 01/02/2017
Data Previsto para o Término: 01/07/2017
Data de Término: 01/07/2017
Situação Atual: Atividade Concluída
Grande Área: Ciências Humanas
Área Temática Principal: Educação
Área Temática Secundária: Educação
Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Alunos e alunas do curso de formação de Docentes.

O presente projeto, Gênero e Sexualidade na escola, objetiva possibilitar o acesso ao conhecimento científico e discutir questões que envolvem a diversidade sexual, discriminação, preconceitos e pesquisar como o tema e abordado na literatura infantil. A escola de Implementação será o Colégio Estadual Presidente Castelo Branco- Ensino Médio, Normal e Profissional-Toledo-Paraná, sendo o público objeto da intervenção as alunas e alunos do 3º série do Período Vespertino do Curso de Formação de Docentes. A partir da realidade vivenciada na escola, a metodologia será diversificada, utilizando vários recursos, como estudo de textos científicos, filmes, vídeos, músicas, poemas, leitura de livros de literatura infantil e pesquisa na sala de informática. Com esse projeto alunas do Curso de Formação de Docentes compreendam as concepções de gênero e sexualidade, tenham acesso aos conhecimentos

científicos para discutir sobre a temática, estudem novas abordagens do tema a partir da literatura infantil, provocando nesses futuros profissionais da educação reflexões acerca do respeito da construção de gênero em nossa sociedade, que na atuação como professores e professoras consigam trabalhar a temática com mais segurança, sendo que há um longo caminho a percorrer na superação de preconceitos e discriminação relacionada aos temas gênero, sexualidade e diversidade sexual.

Título: A Inserção do debate sobre diversidade de Gênero e sexualidade na escola: a atuação do Pedagogo na Prática Inclusiva escolar

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Reitoria

Número do Projeto: 49920/2016

Data de Início: 06/02/2017

Data Previsto para o Término: 30/06/2017

Data de Término: 30/06/2017

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores, pais de alunos e funcionários Agentes Educacionais I e II. Considerando a importância da formação sobre gênero e sexualidade com a

comunidade escolar e de refletir sobre a diversidade no contexto escolar de forma a contribuir para a formação integral de seus educandos. Visando que a comunidade escolar precisa estar preparada para reagir com segurança e tranquilidade frente às manifestações da sexualidade nos educandos. A escola como locus de formação dos educandos tem sido espaço no qual ocorrem fenômenos sociais relacionados ao preconceito e o respeito ao gênero feminino. Busca-se os objetivos do resgate do respeito, considerando as diferenças em relação à diversidade de gênero. Discutir formas de convivência democrática. Debater sobre as penalidades que recaem sobre o sujeito que fere os direitos humanos. A formação será com a comunidade escolar entre professores, pais de alunos e Agentes educacionais I e II, com o objetivo de instrumentalizá-los por meio de leituras, debates, questionamentos, problematizações, reflexões, dinâmicas, palestras, vídeos e filme. Os estudos visando o aprofundamento teórico sobre a temática gênero e sexualidade.

Título: Formação Docente em nível médio: o debate sobre gênero e sexualidade na escola

Tipo da Atividade: Prestação de Serviço

Unidade: Reitoria

Número do Projeto: 50150/2017

Data de Início: 20/02/2017

Data Previsto para o Término: 31/08/2017

Data de Término: 31/08/2017

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Metodologia e estratégias de ensino/aprendizagem

Público Alvo: Alunos

O objetivo deste trabalho é pesquisar em documentos, teses, livros e artigos sobre as determinações contidas nos mesmos concernentes a questões relacionadas a Gênero e Sexualidade, assim, formar professores do Magistério do Ensino Médio. Será utilizado documentos oficiais do governo federal e estadual, tais como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, as Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual de 2010, Cadernos Temáticos produzidos pelo governo do estado do Paraná e outros. Assim, com esses conhecimentos ter subsídios, para desenvolver um Projeto de intervenção pedagógica com alunos e alunas de Formação de Docentes em Nível Médio. O tema se justifica porque, atualmente na matriz curricular do Magistério não na disciplina que oferece conteúdos sobre Gênero e Sexualidade. Essa iniciativa advém do professor, pois ao ministrar suas aulas, observa - se por meio dos diálogos entre os alunos em sala que existe curiosidade e desinformação, evidenciando assim, a necessidade de abordar a questão de gênero e sexualidade nesse espaço. O professor que opta por não tratar o tema, tende a reforçar o silenciamento que já existe na sociedade. Segundo dados da Organização das Nações Unidas divulgados em matéria do Portal Uol de Educação no ano de 2015, apenas 58% das universidades incluem sexualidade e gênero na formação de professores. Pressupõe-se, que cerca de 40% dos pedagogos que realizaram sua formação no ensino superior no Brasil não tiveram acesso aos conhecimentos necessários para atender a contento as demandas que cercam o debate supracitado.

Título: VI Ciclo de Palestra do Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e Juventude : Todos contra a violência e exploração sexual de Crianças e Adolescentes -PRIMEIRA E SEGUNDA ETAPA

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Campus de Marechal Cândido Rondon

Número do Projeto: 51353/2017

Data de Início: 24/05/2017

Data Previsto para o Término: 15/09/2017

Data de Término: 15/09/2017

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas

Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça

Área Temática Secundária: Direitos Humanos e Justiça

Linha de Extensão: Infância e adolescência

Público Alvo: A rede de proteção da Comarca de Marechal Cândido Rondon. Professores, coordenadores e diretores das escolas municipais, profissionais da área de saúde. Acadêmicos dos cursos de pedagogia e direito e o Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e Juventude busca garantir, através do diálogo entre teoria e prática da equipe multidisciplinar, o atendimento jurídico e pedagógico as crianças e aos adolescentes da Comarca de Marechal Cândido Rondon, proporcionando-lhes a defesa dos seus direitos eventualmente ameaçados ou violados, e o conhecimento a respeito de seus direitos e deveres, bem como aos seus familiares e segmentos que trabalhem ou atuem na defesa dos seus direitos. Tendo em vista a importância da

atuação do Núcleo bem como a extrema necessidade de pesquisas, debates e discussões acerca da temática da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, O presente Ciclo intitulado "VI Ciclo de Estudos do Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e Juventude: Todos contra a Violência e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes" tem por objetivo proporcionar aos seus bolsistas, a Rede de Proteção, aos profissionais da área da Educação e a sociedade em geral uma capacitação com maiores esclarecimentos acerca da temática com uma profissional especializada na área, Professora Dr. Eliane Rose Maio, que, com sua formação e especializações na área da Psicologia e Educação contribuirá não apenas com explicações acerca da temática, mas também ensinará algumas metodologias de prevenção a violência sexual com sua palestra intitulada "Violência Sexual Infantil: possibilidades de prevenção". O evento será em parceria com a Prefeitura municipal de Marechal Cândido Rondon, assim, o Ciclo fará parte das diversas atividades que serão realizadas pelo Município relativo à temática. Salienta-se a importância do Ciclo, já que, oportunizará aos profissionais que buscam garantir o direito das crianças e adolescentes maiores informações e esclarecimentos, sendo ainda, alusivo ao dia 18 de Maio: Dia Nacional de Combate a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Posteriormente, no dia 15 de setembro, realizar-se-a palestra com a professora Esp. Simone Lorenz do Ministério Público do Estado do Paraná que abordará a violência contra as crianças e adolescentes em suas diferentes formas e a sua repercussão jurídico penal, oportunidade em que fará relato dos processos em trâmite na Comarca de Cascavel/PR.

Título: Educação Sexual na Escola - por que e para que e como ensinar

Tipo da Atividade: Evento

Unidade: Campus de Foz do Iguaçu

Número do Projeto: 53209/2017

Data de Início: 06/03/2018

Data Previsto para o Término: 06/03/2018

Data de Término: 06/03/2018

Situação Atual: Atividade em Andamento

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Saúde

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: professores do ensino fundamenta, e acadêmicos do curso de licenciatura

A sexualidade é um aspecto inerente ao ser humano e desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,1997) é possível abordar este tema no contexto escolar. No entanto, muitas vezes os professores optam pelo silêncio quando alguma situação relacionada à sexualidade acontece no ambiente escolar por receio em como lidar com este tema, visto que a sexualidade ainda é envolta por tabus, mitos e preconceitos. Diante deste contexto, propostas de formação a fim de capacitar tanto futuros professores quanto aqueles que já atuam na escola são necessárias para diminuir a ansiedade ao falar sobre o tema bem como proporcionar estratégias de ensino sobre esta temática. Portanto, este minicurso tem como objetivo apresentar considerações sobre a importância do por que, para que e como ensinar sobre sexualidade no âmbito escolar. Para

isso, a metodologia desta proposta se refere à um minicurso com duração de três horas a ser ofertado no período noturno para atingir o maior número possível de participantes. Será necessário espaço com cadeiras e ambiente com recursos multimídia (projektor, computador e caixas de som). Espera-se que a partir deste minicurso os participantes reflitam sobre aspectos da sexualidade e consigam promover atuações deste tema dentro da escola, favorecendo a interseção entre educação e saúde.

Título: Diálogos interdisciplinares para a promoção da cidadania da população Trans*: Direitos Humanos, Gênero e sexualidade

Tipo da Atividade: Projeto Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Número do Projeto: 53700/2018

Data de Início: 15/03/2018 Data Previsto para o Término: Data de Término:

Situação Atual: Atividade em Andamento Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas

Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça

Área Temática Secundária: Direitos Humanos e Justiça

Linha de Extensão: Direitos individuais e coletivos

Público Alvo: Profissionais liberais, servidores públicos, docentes e estudantes interessados no estudo e defesa dos direitos humanos e fundamentais da população Trans.

O campo dos estudos de gênero é considerado interdisciplinar por natureza e, dada a discriminação em face da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e o potencial de conscientização que a extensão universitária pode representar, o projeto objetiva proporcionar um diálogo entre a universidade, as instituições públicas do estado e do município de Francisco Beltrão, bem como outros profissionais liberais, docentes, estudantes e a população trans*. A proposta dos diálogos interdisciplinares visa proporcionar estudos e atividades que possam viabilizar a garantia de cidadania a partir da orientação do Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais do Paraná, publicado em 2013, principalmente no tocante as questões de identidade de gênero afetas a população de pessoas que se identificam na categoria transgênero (travestis, mulheres transexuais, homens trans e pessoas trans não binárias). Como debate tem alcançado maior visibilidade, se faz necessário, num primeiro momento, verificar como a questão é compreendida e enfrentada pela sociedade beltronense por meio da atuação dos órgãos e instituições envolvidas, articulando as questões de gênero, sexualidade, diversidade e direitos humanos. Para tanto, inicialmente, serão realizados encontros para desenvolver instrumentos para realização de um diagnóstico sobre situação da população trans* no município em. Posteriormente, será prestada capacitação da comunidade geral e universitária sobre a necessidade de um diálogo sobre o acesso aos direitos fundamentais que a população trans* vem alcançando nos últimos anos. Espera-se obter um panorama, a partir do diagnóstico, da atual situação no município e capacitar de profissionais, docentes e alunos na temática, de modo a atuarem como disseminadores da cultura de tolerância, respeito e alteridade. Assim, o presente projeto visa a promoção do debate sobre o tema no município, envolvendo temáticas como política, sexualidade, acesso aos direitos

fundamentais básicos: educação, saúde e ingresso no mercado de trabalho, convivência familiar, bem como a discussão sobre violências que afetam especialmente a população trans*.

Título: X Mostra de Filmes da Diversidade Sexual de Cascavel e VIII Mostra de Filmes da Unioeste.

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Número do Projeto: 54233/2018

Data de Início: 15/05/2018

Data Previsto para o Término: 17/05/2018

Data de Término: 17/05/2018

Situação Atual: Relatório final em tramitação

Grande Área: Linguística, Letras e Artes

Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça

Área Temática Secundária: Comunicação

Linha de Extensão: Direitos individuais e coletivos

Público Alvo:

A X Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel e a VIII Mostra de Cinema da Diversidade Sexual da Unioeste ocorrerá durante os dias 15, 16 e 17 do mês de maio de 2018 no período noturno, das 19h às 22h00 no miniauditório II na UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), em Cascavel. Serão exibidos, nesta edição, o longa-metragem: Me chame pelo seu nome (2017), e dois documentários: Depois do fervo (2018) e The Hunting Ground (de 2012). São filmes que apresentam questões referentes à diversidade sexual, ao amor entre pessoas do mesmo sexo, a violência contra a população LGBTTTQ+ e à violência contra mulheres em universidades americanas. A metodologia consiste em, depois de cada exibição, haver um debate em torno das questões abordadas pelos filmes e como essas questões se relacionam com a nossa sociedade/universidade em relação aos assuntos que gravitam em torno da diversidade sexual, tais como, amor, cidadania, saúde, família, religião, enfim, assuntos que de alguma forma os filmes tocam ou sugerem como possíveis de serem discutidos. Com isso, esperamos além de esclarecer dúvidas sobre os aspectos abordados nos filmes, contribuir para que os preconceitos, as violências possam ser discursivizados e debatidos pelos mediadores e o público de uma forma geral.

Título: Currículo Escolar e Violência Sexual contra crianças e adolescentes na formação docente

Tipo da Atividade: Curso

Unidade: Campus de Cascavel

Centro:

Número do Projeto: 55433/2018

Data de Início: 01/08/2018

Data Previsto para o Término: 01/09/2018

Data de Término: 01/09/2018

Situação Atual: Atividade Concluída

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: Professores do colégio Estadual Wilson Joffre e estudantes do curso de Formação Docente.

Resumo Inicial:

Wilson Joffre e formação inicial dos/as estudantes do curso de Formação Docente dessa instituição; articular atividades de ensino e extensão por meio do desenvolvimento do estágio supervisionado sob a forma de Prática de Ensino I. Além de contribuir com esse processo de formação, justificamos também a importância das temáticas trabalhadas no curso. São elas: Currículo escolar - Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Violência Sexual contra crianças e adolescentes. A metodologia do curso será a seguinte: o curso será desenvolvido pelos/as estagiários/os do 2º ano do curso de Pedagogia, como atividade de estágio; trabalharemos com exposição do conteúdo, leitura de textos, atividades de sistematização sobre as temáticas dos encontros, filmes, reportagens, depoimentos, quadros conceituais, atividades de fixação, leituras prévias, trabalhos coletivos. Com as atividades descritas pretendemos contribuir na formação profissional e pessoal, tanto dos alunos e alunas do Colégio, como dos e das estagiários.

Título: Diálogos Interdisciplinares para a Promoção da Cidadania da População LGBT: Direitos Humanos, Gênero e Sexualidades

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Francisco Beltrão

Centro:

Número do Projeto: 55075/2018

Data de Início: 01/08/2018

Data Previsto para o Término: 31/07/2019

Data de Término: 31/07/2019

Situação Atual: Atividade em Andamento

Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas

Área Temática Principal: Direitos Humanos e Justiça

Área Temática Secundária: Direitos Humanos e Justiça

Linha de Extensão: Direitos individuais e coletivos

Público Alvo: Profissionais liberais, servidores públicos, docentes estudantes interessados

O campo dos estudos de gênero é considerado interdisciplinar por natureza e, dada a discriminação em face da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e o potencial de conscientização que a extensão universitária pode representar, o projeto objetiva proporcionar um diálogo entre a universidade, as instituições públicas do estado e do município de Francisco Beltrão e a população LGBT, visando a garantia de cidadania a partir da orientação do Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais do Paraná, publicado em 2013. Como debate tem alcançado maior visibilidade, se faz necessário, num primeiro momento, verificar como a questão é compreendida e enfrentada pela sociedade beltronense por meio da atuação dos órgãos e instituições envolvidas, articulando as questões de gênero, sexualidade, diversidade e direitos humanos. Para tanto, inicialmente, será realizado um diagnóstico sobre situação da população público-alvo no município em relação a temática. Posteriormente, será prestada capacitação da

comunidade geral e universitária sobre a necessidade de um diálogo sobre o acesso aos direitos fundamentais que a população LGBT vem alcançando nos últimos anos. Após esta primeira etapa, diante do diagnóstico realizado e da capacitação ofertada, pretende-se promover orientação jurídica, quando necessário, com oferta de medidas de soluções alternativas de conflitos, especialmente práticas de Justiça Restaurativa, envolvendo os familiares e as pessoas LGBT. Espera-se obter um panorama, a partir do diagnóstico, da atual situação da população LGBT no município, capacitar de profissionais, docentes e alunos na temática LGBT, de modo a atuarem como disseminadores da cultura de tolerância, respeito e alteridade. Assim, o presente projeto visa a promoção do debate sobre o tema no município, envolvendo temáticas como política, sexualidade, acesso aos direitos fundamentais básicos: educação, saúde e ingresso no mercado de trabalho, convivência familiar, bem como a discussão sobre violências que afetam especialmente a população público alvo deste projeto.

Título: Grupo de estudos sobre educação e sexualidade -GEPEX

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Cascavel

Centro:

Número do Projeto: 54912/2018

Data de Início: 01/08/2018

Data Previsto para o Término:

Data de Término:

Situação Atual: Atividade em Andamento

Grande Área: Ciências Humanas

Área Temática Principal: Educação

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Formação de professores

Público Alvo: acadêmicos das licenciaturas e dos programas de pos graduação da UNIOESTE e das demais IES de Cascavel, Professores da educação básica e superior, profissionais da saúde.

A sexualidade e suas manifestações são inerentes à constituição humana, uma vez que constroem nossas subjetividades, nossas identidades e nossas vivências. Em meio a preconceitos e mitos, expressamos nossa sexualidade em todos os espaços sociais, dentre eles, a escola. Temos vivenciado discursos de intolerância diante das sexualidades que fogem aos padrões heteronormativos, os quais produzem discriminação, violências e, até crimes de ódio. Diante dessas proposições sucintas propomos esse projeto de extensão. O objetivo é problematizar questões relacionadas à sexualidade, gênero e educação, a partir da análise de discurso e da noção de imaginário. O grupo se caracterizará pelo levantamento bibliográfico e o estudo de textos acadêmicos, narrativas filmicas, e outras formas de linguagens e a promoção de eventos sobre a temática. A leitura prévia será um requisito para participar do grupo, pois a responsabilidade da mediação dos encontros será partilhada entre os e as participantes, bem como o levantamento bibliográfico será feito pelos e pelas participantes. Consideramos que esse projeto contribuirá com o trabalho docente nas escolas da Educação Básica diante das

manifestações da sexualidade e na prevenção de situações de discriminação e até violências.

Título: Projeto logos: Informando Adolescentes sobre Métodos Contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis

Tipo da Atividade: Projeto

Unidade: Campus de Cascavel

Centro:

Número do Projeto: 55065/2018

Data de Início: 15/08/2018

Data Previsto para o Término:

Data de Término:

Situação Atual: Atividade em Andamento

Grande Área: Ciências da Saúde

Área Temática Principal: Saúde

Área Temática Secundária: Educação

Linha de Extensão: Saúde humana

Público Alvo: Alunos de ensino médio da rede pública estadual e da rede privada de ensino de Cascavel

O desconhecimento e despreparo na escolha e uso de métodos contraceptivos e de prevenção de Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) é um problema de saúde pública. A gravidez precoce e o aumento crescente em casos de ISTs é como este problema vem se refletindo na sociedade. Segundo o ministério da saúde, acredita-se que 12 milhões de novos casos de ISTs ao ano ocorram no Brasil, sendo 20% desses casos em adolescentes. Desenvolvemos este projeto visando informar aos alunos do ensino médio das redes pública e privada da cidade de Cascavel as atitudes de risco que favorecem o contágio com uma IST e o uso de contraceptivos para prevenção de ISTs e gravidez indesejada. Para tal fim desenvolvemos um programa de palestras para orientar os adolescentes em relação ao uso de contraceptivos, as diferentes ISTs, como preveni-las e ensino sobre aparelhos reprodutores feminino e masculino. A desinformação ou informações errôneas expõem o adolescente a um comportamento de risco. Através destas atividades estimamos levar informações corretas e concretas a aproximadamente 1000 adolescentes.

9. APÊNDICES

Apêndice A – Ficha de coleta de informações

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *stricto sensu* EM EDUCAÇÃO – Nível
de Mestrado/PPGE

Linha de Pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática

Pesquisa de Trabalho de Dissertação: Extensão na Universidade Estadual do Oeste do Paraná: um estudo sobre o tema sexualidade

Wellington Soares de Lima

Orientadora: Lourdes Aparecida Della Justina

Dados a serem coletados das atividades:

Título:

Ano:

Campus:

Colegiado/Curso:

Eixo central:

Objetivos gerais:

Estratégias/Recursos:

Público-alvo:

Apêndice B – Roteiro de Entrevista

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *stricto sensu* EM EDUCAÇÃO – Nível
de Mestrado/PPGE**

Linha de Pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática

Pesquisa de Trabalho de Dissertação: Extensão na Universidade Estadual do Oeste do Paraná: um estudo sobre o tema sexualidade

Wellington Soares de Lima

Orientadora: Lourdes Aparecida Della Justina

Roteiro da entrevista

Nome:

Idade:

Tempo de docência:

Formação profissional geral e na sexualidade:

Qual a importância do tema sexualidade dentro das atividades de extensão?

Continua trabalhando com esse tema? Por que?

Quais suas recomendações para um iniciante em trabalhar com o tema sexualidade?

O que é sexualidade?

Qual a sua opinião sobre a curricularização da extensão?

Apêndice C – Transcrições das entrevistas

ENTREVISTA 1:

Em 2010 que foi a mostra de cinema LGBT, a gente tem até o cartaz tudo se você quiser por depois na tese tudo, tem os cartazes na primeira mostra. Foi uma amostra modesta, teve divulgação, teve uma boa divulgação, mas foi uma amostra modesta, Acho que naquele tempo em 2010 acho que a gente não tinha nem parada da diversidade, sabe, na cidade. Nós não tínhamos a parada, acho que as paradas devem ter 4/3 anos, 4 anos eu acho que deve ter, mais ou menos.

Então, esse foi um projeto quando eu estava lá na Reitoria, na assessoria da Pró-Reitoria de Extensão, aí eu e o professor xxxxx montamos essa proposta, a primeira proposta. O outro ano, essa mostra de cinema da diversidade nunca mais parou, tá, todo ano ela se efetiva e são escolhidos os filmes que abordam a questão LGBT a gama de preconceitos, não só gama de preconceitos, mas todos os conflitos referentes à identidade sexual LGBT, o nosso foram filmes muito bons eu não acompanhei todas edições.

Eu não pude acompanhar todas, mas tem filmes muito bons, filmes que realmente fazem a gente pensar, sabe. E o público da amostra, dessa mostra sempre foi crescendo e crescendo e a cidade parece que a partir dessa amostra foi acontecendo essas coisas em relacionadas a isso. Eu acho que talvez em 2005, 2006, eu não sei bem direito que ano foi, acho que a professora xxxxxx também entrou, porque eu não fiquei, eu saí da Pró-Reitoria em 2012, e daí o professor xxxxxxx assumiu e eu não fiquei mais envolvida só né nessa temática que daí eu fui para temática afrobrasileira e indígena, relacionada à mulher.

Nessa época que a gente criou o grupo de pesquisa etnia diversidade e gênero, tá? E esse grupo de pesquisa já nós tivemos, pelo menos eu acho que se não tivermos umas 10/12 e 15 dissertações envolvendo a temática e alguma tese deve tá por aí, tá? Eu tenho 4 dissertações. O xxxxxx deve ter bastante, a xxxx também deve ter e a xxxxx também deve ter envolvendo isso. É... projetos de extensão, dessa primeira mostra foram acontecendo outras, por exemplo, a mostra sobre a questão afro, amostra de cinema e aí quem trabalha é um acadêmico da Letras. Mas as atividades de extensão envolvendo essa temática, elas foram, algumas, envolvendo a temática do feminismo e das questões relativas à mulher e a misoginia foram para escola Professora xxxxxx, a professora xxxxxx acho fez um trabalho bom, eu acho que envolvendo até a questão da pedofilia e como abordar pedofilia na escola.

Quando chegou em 2014, eu assumi pela primeira vez a coordenação desse colegiado aqui, agora é segunda vez. Aí nós tivemos que reformular o PPP, não porque eu queria - porque dá um trabalho dos quintos dos infernos, mas porque tinha que reformular obrigado por lei e fomos nós reformular. Aí nós trouxemos todas as leis que existiam até então que abordasse a temática da diversidade, da temática do racismo e do preconceito.

Trouxemos para dentro do PPP, em forma de desenvolvimento dos pressupostos filosóficos teóricos e em forma, também, de disciplina. Só que nas disciplinas eu gostaria que houvesse uma disciplina direta e eu lutei por isso, mas aqui todas as instâncias são colegiadas e a gente perdeu, elas ficaram transversais: a diversidade, o ambiente e o racismo ficou tudo como tema transversal e como optativa, tá? Quer dizer é uma forma de tentar pôr e ficar tudo no papel, tá? E eu odeio isso! Já não tô mais na idade de fingir, de

fazer de conta que eu faço, mas enfim, nós tivemos alguns arranca-rabos muito terríveis um professor daqui, que agora tá afastado pro pós-doc, que é... cria de bolsonaro para ele é elogio, tá? Aliás um grande elogio... ele é fascista mesmo com tudo. Nas reuniões do colegiado, quando a gente tentou aprovar isso, foi um auê, todas as expressões que tinham quando eu mandava projeto para todos os professores, para professores revisarem, acrescentarem, apreciarem porque essa é uma instância colegiada, ele retirava tudo, sabe?

Ele ia lá e tirava e depois ia brigar na reunião do colegiado ou ia brigar para deixar as coisas dele lá. Mas a gente conseguiu não aprovar o que ele tinha acrescentado, que isso já foi ganho, os termos que ele tinha acrescentado ou que ele tinha retirado, foi um ganho. Pelo menos no projeto ficou, aí nós fizemos uma especialização, eu acho que foi em 2010 ou 2011, que eu coordenei uma especialização que era Formação de Professores, Etnia, Diversidade e Gênero, tá? Que era ótima, era paga. Teve um público muito bom e nós podemos fazer miséria dentro daquela especialização, inclusive porque tinha alunos LGBT lá dentro. E foi muito rico os trabalhos de conclusão de curso que eles fizeram, um rol de coisas que depois vocês devem ver. E foram feitas nessa época, foram feitos seminário, foi a primeira vez que a gente trouxe o Toni Reis para cá, que foi 2010 ou 2011 ou 2012 que a gente trouxe o Toni Reis pra cá. Que foi um grande Seminário com tema da diversidade, com temas do racismo, com temas da questão de gênero, enfim.

Aí quando foi em 2014 que eu me tornei coordenadora, nós queríamos abrir uma segunda edição dessa mesma especialização e foi justamente naquele momento que a câmara, não, que a Assembleia Legislativa do Paraná tinha mandado retirar a palavra gênero de tudo - 2015, eu acho que foi - É 2015! Que eles tinham pavor da palavra gênero e a gente brincava em falar em gênero textual, gênero alimentício, gênero de necessidade, enfim foi esse momento. E esse professor foi um auê mesmo nas reuniões, aí a coisa pegou feia a ponto de eu dizer para ele que a cadela.. (Bertolt Brecht diz) que a cadela do fascismo está sempre no cio, e sempre dando cria. Em reunião de colegiado então você calcula como os ânimos ficaram alterados, porque em uma reunião de colegiado você dizer que Brecht... e "ah não podemos fazer mais uma edição" - a expressão foi essa porque disse que a gente não podia fazer mais a especialização, ou teria que fazer em outros moldes e aí eu disse "E porque que nós tava fazendo, professor a gente está fazendo para defender uma proposta que a gente acredita porque o que tá havendo aí é só mais aquilo que o Brecht diz que é a cadela do fascismo no cio e ela deu mais uma cria que é o Legislativo, tá?

Bom, aí essa edição da especialização não saiu. Por que não saiu? Porque o momento já era outro e nós não tínhamos público para pagar e nós não temos condições de manter uma especialização aqui, sem recursos financeiros, não tem professor para dar aula, não tem tudo. É um drama do caramba embora mensalidade fosse barata, que fosse 180 ou 190 reais, mas aí também entra um outro rol de coisas. Tem um monte de universidade vagabunda aí para fora fazendo especialização à distância que o aluno que o aluno não tem compromisso nenhum, não tem que frequentar – **Seis meses tá pronto** – É, e uma especialização da Unioeste um negócio sério que você tem frequentar um ano depois você tem que fazer um artigo tá? Então o pessoal sabe que aqui não é com 6 meses tá pronto.

Aí nós não tivemos público, nós tínhamos assim: muitas pessoas interessadas na hora da matrícula não tivemos o número suficiente, bom aí isso eu passei aqui eu acho que em 2017... é em 2017, eu passei a coordenação do Grupo de Estudos Etnia, Diversidade e Gênero para a professora xxxxxx, ela também pode te falar mais sobre isso porque ela é a coordenadora do grupo agora. Porque a xxxxxx já estava chegando e ela é muito ágil muito envolvida, e além disso ela é sangue jovem, né? Assim, eu já tô com o meu pique pra lá de Marrakesh – **Ela tá com a energia viva né?** – É, ela tá no pique todo, tá? Então é melhor quando as coisas são caras você passa quando jovem, né? Ela é mais jovem e tá dando conta muito bem tá trabalhando com maestria, assim. A xxxxxx é alguém que eu realmente tenho grande admiração.

Bom, nós tivemos, assim do que eu lembro de dois – nós sempre tivemos alunos LGBT, tá? Mas que as meninas começaram a se declaram lésbicas foi a partir de 2010, antes de 2010, obviamente que nós sempre tivemos, mas elas nunca saiam do armário. A partir de 2010, as meninas daquela amostra de cinema, as meninas que entraram aqui nesse curso que eram lésbicas, começaram a assumir que eram lésbicas em sala de aula e para todo mundo, o que gera um ganho. E o curso, não sei porque, mas esse curso foi o mais foi atraindo gente da diversidade, tá? Se você olhar, nós temos diversos alunos, tanto quanto gays, lésbicas e temos transgêneros também, tá?

E a coisa foi crescendo a gente, assim um ambiente muito agradável, eu sempre volta e meia você tem um professor torcendo nariz quando o aluno é um aluno LGBT, você vê a piadinha por traz, você vê a coisinha. Assim, às vezes você enfrenta, às outras vezes eu faço de conta que não vejo. E o ano passado, nós tivemos um problema sério com aquele aluno em relação ao assédio sexual. Você deve estar sabendo, e que o processo tá correndo e corre... toda a situação corre num processo sigiloso, a gente não tem acesso. Quem tem acesso é uma equipe, a Unioeste tem uma instrução, uma lei que rege as condutas aqui dentro e essa lei e assim acha, essa comissão vai dizer se essa conduta foi regular, até que ponto para regular, quanto foi regular e nós estamos nesse andamento. A pessoa que fez isso, depois não veio mais para cá, não vi mais essa pessoa. Nós estamos nesse teto, nós não temos nenhuma grande novidade em relação a isso, tá?

Hoje você continua indiretamente trabalhando com a temática ou não?

Eu continuo porque eu tenho, oriento dissertação. Então, nas dissertações hoje trabalhando com tema ou com o outro. Ou eu estou trabalhando com o racismo, ou com a questão da misoginia ou construção da diversidade no sentido de LGBT, gays, lésbicas... Então nós continuamos, mas quem continua aqui dentro, é a xxxxxx, a xxxxxx, o xxxxxx e eu, nós somos os quatro que continuamos trabalhando com essas questões.

E eu não vou parar mesmo que o próximo governador agora diga, por exemplo, já tava me preparando assim mentalmente para sala de aula, que eu vou coordenar a disciplina de Prática de Ensino, olha, eu vou ministrar a disciplina da prática de ensino e eu coloquei lá conteúdos da diversidade, e essa turma que eu vou trabalhar prática de ensino é a turma que entrou em 2016, e era turma de fascista de cabo a rabo a gente teve embates assim, tem alunos muito bons, mas tem alunos fascistas. E eu já tava até pensando quando eu tava preparando, que quando eu chegar na sala de aula quando eu

começar a falar sobre elaborar um plano de ensino sobre diversidade e pegar o texto base para eles lerem, se não vai ter denúncia, espera para você ver, tá?

Porque eu acho que dessa vez vai ter denúncia, porque agora eles estão aceitando denúncia. A professora de Minas Gerais recebeu duas ou três denúncias, foi alvo de denúncia um monte de professor. Porque eu aposto que essa turma, vai ser essa turma que vai fazer denúncia e eu vou responder com gosto, tá? Vamo fazer barulho, tá? Porque a hora que eu começar a pedir para elaborar um plano, que eles vão ter que elaborar com base no documento da diversidade, tá?

Acompanha! Você vai ver o que vai ser. Uma turma que tem muita gente boa, mas que ainda tem, se eu contar nos... teve uns dois, três fascistas que eu consegui fazer cair fora daqui, tá? Consegui mesmo. Por debaixo dos panos eu fui apertando, apertando o bicho até que ele turicou e foi embora, e não tá mais aqui graças a deus, o que Brasil não perde nada. Mas tem alguns que ainda tão por aí mais disfarçadinhos, uns que conseguem disfarçar, tá? Então aguarda o que vai ser agora.

Você tem formação específica para essas temáticas ou seria só pela atuação no grupo de estudos?

Eu não tenho formação específica. Eu sou mestre pela Unicamp em Estudos e Teoria Literária e sou doutora pela USP em Literatura Portuguesa Dramaturgia, a única... o que me fez despertar melhor para isso foi que nesse meu doutorado eu trabalhei com uma peça de teatro com autor português chamado Bernardo Santareno que é o maior dramaturgo da língua portuguesa - Brasil/Portugal, que dentro da língua portuguesa você não vai encontrar melhor. O Bernardo de Santareno é um médico psiquiatra gay, e ele tem uma peça de teatro chamada de Antônio Marinheiro ou Édipo de Alfama e O Pecado de João Agonia. João Agonia é um gay em uma família extremamente conservadora, tá? Então ele vai sofrer todos os problemas e no final ele vai morrer por conta disso.

Então eu comecei a conhecer esse autor, essas peças, e a peça que eu escolhi para o doutorado é uma peça chamada O Inferno, que reconta, tá? Ela encena dramaticamente um fato acontecido na Inglaterra na cidade de Manchester entre 60, 64 e 65, em que um casal de serial killer, tá? Assassinaram 12 crianças, dessas dozes crianças um era gay, o outro era negro e a outra era menina. Eles escolhiam as vítimas só dentro desse perfil porque daí a peça vai trazer um monte de citação do Hitler, um monte de citação de gente, sabe? A peça é uma maravilha para você pegar porque quando prenderam o casal, acharam cinco caderninhos dele em que ele fazia anotação, ele não era burro, ele era um homem culto, era um serial killer culto. Ele tinha anotações de Sade, de Thomas Mann, de grandes romancistas, de Hittler, de todo fascismo dali.

O que o santareno fez foi levar para o teatro alguma coisa que aconteceu na realidade, para você entender quando eles foram julgados, no julgamento deles eles ficaram presos para ver o público numa gaiola com vidro à prova de bala, tá? Eles não podiam... a gaiola que eles ficaram presos, porque eles corriam um risco de serem assassinados, sim. Há um filme que mostra que ela depois quando ela, ela já morreu ele morreu ano passado. Mas ele viveu tanto que eles foram condenados a três anos de prisão perpétua, ela depois que ela foi para prisão nunca mais ela pode se alimentar, porque sempre colocavam um cocô, qualquer porcaria na comida dela. Nunca chegava

uma comida para ela que não tivesse cocô qualquer outra porcaria tá? Mas são um casalinho de fascista sim, eles mereceram. Eles mereceram, tá?

Então quando eu estudei essa peça, eu comecei assim a dar mais importância para questão. Não que eu tivesse feito o estudo sobre a diversidade. Mas o que está posto na peça é tão forte e volta e meia eu trabalho com a peça na graduação, que é para acordar essa turma. A turma tem que acordar para ver o que é o fascismo, a turma tem que ver o que é o preconceito, o que é o fascismo. E quando eles vêm a minha tese ficam empenhados, não tem como ler uma peça daquelas e não sair empenha a sair combater o fascismo, sabe? Não tem como isso. Mas na minha experiência é esta.

Eu sou feminista, muito antes de saber que existia feminismo. Por que que eu me tornei feminista? Porque ali pelos 9 anos de idade por aí, a gente tinha uma vizinha que fazia pipoca para gente à tarde e fazia chá. E a gente ia comer pipoca, a criançada brincando ali no sítio e tomar chá. E essa mulher grávida de 8 meses foi morta pelo marido a machadadas. Sabe quando você vê numa mesa alguém com barrigão daqueles, um cachaceiro dos quintos dos infernos. Uma mulher com um barrigão daqueles, morre a machadadas por aquele marido, eu sabia daquele momento que deu alguma coisa errada no mundo. Eu me tornei feminista e não sabia que existia feminismo, tá?

Eu demorei muito, muito tempo... eu fui conhecer o feminismo lá pela década de 70. Que aí eu fui vendo os movimentos, fui vendo alguma coisa. Mas antes eu já era feminista, diante disse que eu presenciei.

Você já entrou na docência faz?...

Olha, eu fui professora na UEM, desde 87. Então tem 32 anos. E eu nunca deixei de passar por essas questões, porque eu trabalho com literatura, então não tem como você não tá conversando com essas questões. É obrigação da literatura estar promovendo a diminuição do preconceito, estar conscientizando as pessoas.

Eu não sei se é uma visão que eu tenho, mas parece que a gente teve... a gente teve uma época que a gente começou avançar e daí agora parece que agora começa a retroceder – sim, sim – e é um período que parece de transição, ciclo, não sei o que é.

Brecht diz assim toda vez que se tenta fazer esse avanço em termos culturais, sociais, econômicos e que incorporem mais populações em que as pessoas diminuam o preconceito aumenta os direitos, amplie a inclusão e isso falha não vai até o fim, vai ter um maré contrária da direita.

Visualizando isso nesse momento o que você recomendaria, para bom/para ruim para mim tá querendo começar a fazer um projeto de extensão hoje na universidade com essa temática?

Olha, assim, fazer diferença no mundo sempre vai ser quebrar a cara. Não existe como você fazer a diferença se não quebrar a cara. Porque fazer a diferença significa abrir espaços numa sociedade como a brasileira extremamente hipócrita, conservadora reacionária e fascista é quebrar a cara. Mas eu te digo que não há nada melhor na vida para se fazer para quem tem consciência. Porque você vai se acovardar, eu vou me acovardar?

Agora tudo tem um preço, a gente paga o preço. Se você estiver disposto a pagar o preço saber que ele existe, você não pode acordar porque se você se acovardar. Porque se você se acovardar você vai ser mais um bundão no meio da turma e amanhã ou depois você mesmo para se cobrar,

nem precisa de fora cobrar. Quando eu devia ter agido, quando eu devia ter feito, eu me acovardei.

Não é um momento fácil, tá? Não é um momento fácil e é um momento que inclusive que a gente pode pagar com a vida. Tem que ter consciência disso, tá? Porque quando fascismo vem, ele vem com tudo, ele vem para matar, ele vem com ameaça. Há muito que eu não recebo ameaça. Respondi processo ano passado em Curitiba, porque eu chamei um advogado de fascista, tá? Eu gastei com advogado, tá? Então você tem que estar preparado para tudo isso.

O MBL, tá? Um cretino do MBL, do escola sem partido e eu respondi processo por isso, mas respondi com gosto. O processo quem responde é gente, quem vai para a cadeia, como diz meu marido, é gente. Cachorro não vai para cadeia, é pessoa que vai. Então eu não tenho medo, tá? Você é mais jovem, então tem que se resguardar um pouco. Porque você merece ter uma vida. Eu já tô velha, já vivi, minha vida foi boa. E eu acho que você não pode voltar atrás, mas sabendo, não tendo ilusões de que você não vai ter obstáculos. Porque como diz o poema no meio do caminho tinha uma pedra e a pedra que você tem meio caminho não é uma pedrinha, é um pedrão, quase como uma montanha. Mas não há outra saída. Todo mundo que fez diferença nesse planeta, foi assim mesmo.

A professora deve estar ciente de um tal de curricularização da extensão, que é uma norma que não sei se vai continuar, mas enfim. – Não estou não – Mas está querendo trazer a extensão para dentro dos cursos de graduação, então. – É uma norma nacional? – É, eles estão estudando isso para que faz com a mão todo mundo que fez extensão trazer não estão estudando isso para que todos os cursos de graduação tenham um carga horária mínima ali, se não me engano de 10% do curso, alguma coisa assim, que os graduandos teria que cumprir em atividade de extensão. – E deveria ser e eu concordo com isso. – É isso que eu gostaria de saber de você, se você acha que daria certo ou não?

Eu acho que deveria ser. Eu já fiz projeto dentro da penitenciária, trabalhei com os presos 2, 3 anos e foi maravilhoso trabalhar com presos, trabalhar essas questões, a universidade aliás e aqui é pior, porque eu sou formada pela UEM, USP, UNICAMP e as Universidades daqui giram em torno do próprio umbigo, sabe? Se a Universidade fica aqui, presa aqui. Se todos os alunos tivessem que ter atividades de extensão, se todos, se todo mundo tivesse que abrir essa Universidade para fora, nós teremos que mudar, na marra a contrapelo empurrado, mas nós mudaríamos.

Eu não sou contra colocar a extensão, tá? De jeito nenhum. Poderiam se fazer atividades de extensão em inúmeros lugares. O que mais tem é lugar para as atividades de extensão. Mas essa é a proposta do governo antes do Temer?

Eu acho que sim, eu não sei se é um projeto que tá dentro das Universidades, meio que...

Depois se você se tiver um algum documento sobre isso, manda para mim. Manda para mim que eu gostaria de ler. – **Mando sim.**

Em termos gerais, para você, o que seria sexualidade?

Olha, a sexualidade vai muito além da esfera da genitália, o Freud diz isso aí, os impulsos básicos, nossas pulsões básicas, são referências da nossa sexualidade. Eu tava lendo para preparar para disciplina mestrado. Começando

por Freud, quando ele fala do bebê amamentando, a boca como órgão de necessidade fisiológica que num segundo momento passa como órgão de prazer e por aí afora vai.

Então eu nunca vi a sexualidade restrita a esfera da genitália, tá? Segundo a Psicanálise, todas as nossas pulsões mais elementares dentro da nossa energia psíquica acabam decorrendo dessa esfera, tá? Eu conheço muitos homens, aliás eu conheço um coisa impressionante, eu conheço muito mais gay macho, macho, capaz de enfrentar um monte de coisa do que hétero, que é eu já vi muito hétero abrir as perna igual uma frangota, tá? Em relação a gay no quesito ideias e enfrentamento, tá? Que muito hétero que tem que ir para o enfrentamento, vira uma mocinha. E já vi muito gay, que a orientação sexual dele é a orientação gay, e ele é um homem. E eu escrevo isso no face, eu conheço muito mais macho, macho gay do que macho hétero, tá? Então a Sexualidade para mim não tem a ver com essa questão só de restrita a esfera da sexualidade, não sei se te respondi.

Depois eu vou querer ler o seu texto, quem é o seu orientador?

Eu tô com a professora Lourdes, de ciências biológicas.

ENTREVISTA 2:

Olá, prof. Desculpe a demora para entrar em contato contigo, mas acabou tendo uns imprevistos aí esse mês, comecei a dar aula numa escola do campo, daí o negócio deu uma apertadinha, Mas vamos lá, como eu te adiantei, meu o projeto de pesquisa, então, ele é sobre a sexualidade nos projetos de extensão da Unioeste e seu nome apareceu como uma das possíveis coordenadores que estariam desenvolvendo algum desses projetos aí desde 2011, se eu não me engano que foi o início aí que a gente teve o primeiro projeto. Mas pode ficar tranquila quanto as perguntas, tá? Elas são bem tranquilas e não precisa ser específico da área para que você possa responder, tá? É mais para a gente tecer um panorama mesmo sobre as compreensões dos professores sobre essa temática, bom para início de conversa. Um pouquinho sobre você, assim, sua idade, se você não se importar. Quantos anos você já leciona no ensino superior, se você já lecionou também em outras etapas da educação e se você possui alguma formação profissional no âmbito da sexualidade, ou não, se a sua formação é só em outras áreas, mas a sua relação de vida também deixou com que você trabalhasse com essa temática. Então quais são suas áreas de pesquisa e assim por diante e se tem algum estudo específico para sexualidade ou não mesmo.

Ok. Só vou pedir para você que você mande as perguntas individuais e não em bloco. Pode ser assim? Fica mais fácil para eu ir respondendo a medida do meu tempo também.

Então Wellington, bom dia. Primeiro que não eu sei se eu me enquadro exatamente do perfil que você tá precisando, porque eu não trabalho. Vou te falar minha trajetória e você vai entender que eu não trabalho com sexualidade, eu trabalho com questões de gênero das quais sexualidade é um elemento. Eu orientei sim, um projeto de extensão sobre sexualidade. Esse projeto foi desenvolvido por uma professora no âmbito do PDE, que é o programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná, tá? Então eu acho que importante ter bem claro isso.

Eu sou professora da Unioeste desde 2001, atuo desde 99 na no Ensino Superior. Fui professora de todos os níveis. Comecei trabalhando no ensino, naquela época era a gente chamava de creche, né? Na educação infantil, depois ensino fundamental, ensino médio e ensino superior e hoje tô no ensino superior. Na graduação e pós-graduação, sou orientadora de mestrado e doutorado e fiz toda a minha formação na área de geografia. Graduação na UEM, mestrado e doutorado na UNESP e fiz o pós-doutorado na França na universidade campo da Normandia e o que que eu tenho pesquisado. Então a minha área, dentro da Geografia é geografia agrária, eu trabalho com um movimento a partir da geografia crítica, da organização espacial e territorial, eu trabalho com sujeitos do Campo. E nesse trabalho com o sujeito do campo, quando eu terminei o doutorado em 2008, um grupo de mulheres agricultoras me propôs que eu fizesse um trabalho de extensão com elas, porque na visão delas todo o seu processo era de participação na agricultura familiar era invisibilizado pelo trabalho dos homens, então elas queriam romper com isso e me pediram ajuda nesse sentido.

Então a partir daí, a partir de 2009 o começo um trabalho com mulheres, mas principalmente mulheres agricultoras na perspectiva de gênero e que eu começo fazer um projeto de extensão e ao mesmo tempo me debruçando a estudar sobre isso. O meu pós-doutorado aí sim, realizado em 2016/2017 ele foi sobre a participação das mulheres agricultoras fazendo um processo comparativo dessa participação na agricultura familiar entre o Brasil e a França.

No ano de 2018, eu constituí junto com a professora xxxxxx, que pode ser interessante, que coordena um projeto de extensão sobre população trans, o sobrenome social, um grupo de Pesquisa. Então um grupo de pesquisa que é Corpo, Gênero e Diversidade. Esse grupo sim, ele tem estudado as questões de sexualidade nesse processo formativo, ele é composto por estudantes da graduação e pós-graduação, envolvem diversos cursos nós somos professores da Geografia, da Pedagogia, do Direito, do Serviço Social e a formação também do Professor Anderson que é das Ciências Sociais, também diverso com estudantes também de todas essas áreas.

E eu sempre atuei na extensão, então a extensão, eu sempre procurei aliar extensão e pesquisa, muito caro para mim essa participação porque é pela atividade de extensão que a gente consegue envolver e ver aplicabilidade daquilo que a gente pesquisa.

Prof, não. É dentro dessa linha mesmo, tá? Porque a gente acaba percebendo que a Sexualidade e Gênero eles se conversam muito proximamente, né? E com o tempo eu tô percebendo que não tem como você trabalhar gênero sem sexualidade quase a sexualidade sem gênero. Os dois são quase que interdependentes, né? Então, acaba entrando sim também. Eu vou conseguir usar os seus dados sim. Eu já tô até achando um máximo esse trabalho que você desempenhou com as mulheres, eu também participei do projeto Rondon e de fato a gente fez uma até um trabalho assim com a Associação dos Agricultores e a maioria de quem apareceu, foram mulheres, né? Os homens nem apareceram e geralmente a gente só fica ouvindo falar de homens na agricultura e quem realmente foi até a oficina que a gente estava propondo foram só mulheres. Mas muito bacana. Mas já que você citou a questão da extensão, já queria saber de ti aqui como que você ver essa importância dessa temática da

sexualidade, do gênero dentro das atividades de extensão da Unioeste, qual seria a importância de se discutir isso nas atividades de extensão.

Então eu acho que nós ao falar das questões de gênero, todos os cursos independente da Universidade, deveria ter como tema transversal o debate de gênero, de igualdade de gênero, conhecimento sobre isso. Por que? Porque nós trabalhamos independente do curso, mesmo das áreas que trabalham com os animais, por exemplo, zootecnia e tal, nós trabalhamos com pessoas, com a sociedade, e a sociedade ela é marcada por essa diferença de sexo, diferença de gênero, e que nós possamos aprender a lidar com isso até para poder respeitar. Quando eu falo na geografia, na sociedade, eu tô falando de uma sociedade que é marcada pela luta de classes que é marcada pelas diferenças sociais, pelas diferenças raciais ou pelas diferenças étnicas, né? É o termo correto.

Mas nitidamente também marcada pelas diferenças de gênero e pela diversidade sexual. Então eu preciso entender isso para lidar com esses sujeitos, né? Não significa que eu não tenho que ser ou não de acordo, concordar ou não concordar, ela está posta, ela existe é como eu falar do capitalismo, do comunismo. Não cabe a mim enquanto produtora de ciência, enquanto pesquisador, enquanto professora “Ah eu não concordo com esse ou com aquele modo de produção então não vou trabalhar, eu não concordo com essa ou com aquela diversidade, não se trata de uma opinião desse concordo não concordo. Se trata de conhecer e as pessoas, a sociedade e as questões de gênero e diversidade sexual - são coisas distintas - que marcam a organização social, então ela marca essa sociedade muitas e coisas, muito problemas acontecem decorrente, justamente, dessa falta de informação.

Sim, para refazer pesquisa eu preciso entender a sociedade muito mais eu vou ter ações, porque o que que é extensão são as ações da sociedade da Universidade na sociedade. É evidente que é fundamental a compreensão da questão de gênero.

Você me desculpa. Você me pediu apresentação e acabei esquecendo de fazer na primeira pergunta. Meu nome é xxxxx xxxx xxxxx, sou professora da Unioeste, tenho 49 anos, sou de origem étnica negra com uma miscigenação entre português, espanhol, índio, então bem brasileira mesmo, nascida no Paraná.

Certo, professora. Sem problema da ordem, não tem problema não. Você então continua trabalhando com a temática e o que que o que mais instiga a você querer continuar a trabalhar com essa temática, ainda mais nos tempos de hoje, né? Que a gente tá vendo aí um certo embate, cada vez mais presente. Então, o que leva cada vez mais a trabalhar com essa temática, ainda hoje.

Então, eu continuo trabalhando com essas questões justamente pelas mesmas causas que me levaram a elas. Primeiro pelo meu compromisso profissional de professora, pensando essa questão da formação. Eu trabalho com a questão da formação de professores e tudo o mais. Então, esse processo da formação dos sujeitos. Segundo é um compromisso social também, em devolver para a sociedade já que eu trabalho numa universidade pública o que eu considero que pode melhorar as condições de vida da população aí e a condição de vida passa também não sobe a pressão estrita sobrevivência, mas com seus aspectos culturais, sociais.

Certo, prof. Você tinha falando da questão da sexualidade e gênero, essas temáticas serem um tema transversal dentro do ensino, eu não sei se a prof tem conhecimento que existe um projeto de curricularização da extensão. Que nada mais é do que determinar uma carga horária específica, para que os alunos de graduação cumpram essa carga horária em um projeto de extensão, ou seja, digamos assim, seria uma carga horária obrigatória, como se fosse um estágio que cursos de graduação teria que cumprir, os alunos teriam que cumprir uma determinada carga horária dentro dos projetos de extensão. No quesito sexualidade, você me diz que um tema transversal seria ótimo e tal, mas no sentido geral dentro da Extensão, dentro das Universidades. Como que você ver essa curricularização? Você acha que é uma coisa boa, uma coisa ruim? Como que você visualiza esse projeto de curricularização da extensão das universidades?

Então, o debate da curricularização é um debate bastante interessante, sou favorável. Mas tenho sérias preocupações e reticências quanto a sua forma de aplicabilidade. Porque transformar a curricularização em uma única disciplina, você faz o que? Você cumpre com a legislação, mas não dá visibilidade à extensão e não se faz esse trabalho que o que se objetiva é justamente é que haja o envolvimento de todos os estudantes com esse processo das atividades de extensão. E que não fique restrito a um grupo que trabalhe projetos efetivamente. O debate não me parece que vai nesse sentido. Ainda não sinto forte, há muito desconhecimento, muitos professores, colegas sequer sabem o que é curricularização hoje.

E me parece que vai ser prorrogado novamente o prazo, porque não se tem essa clareza, então parece mais aquelas políticas, politicamente correto que se discuta a questão da curricularização. Então, vamos colocar uma disciplina a mesma coisa o debate da questão étnica que é uma legislação que exige, que a questão étnica, que a questão ambiental esteja presente nos currículos, então você faz o quê? Você coloca isso dentro de uma disciplina, “ah qual é disciplina que mais se adequa?” Aí faz ali aquele debate que é muito pontual. Cumpre-se. É melhor ter que não ter? Eu concordo que é melhor ter do que não ter. A gente não pode se iludir “ah está melhorando, a qualidade, a visibilidade, o respeito da diversidade, é uma possibilidade. Mas a construção dela é o que vai levar a isso, e não me parece que o caminho tá sendo.

Certo prof, o pior é que dentro da pesquisa que eu tô fazendo, eu tô tentando meio que pegar um histórico dessa curricularização e é realmente o que a gente tem observado, assim é escasso o número de informações que a gente tá tendo para poder tentar descobrir o que eles querem na verdade com essa curricularização, de que forma ela vai se dar. Mas enfim, vamos continuar tentando descobrir descobri estudando ela até que de fato a gente consiga encontrar implementação que seja aceitável pelo menos do ponto de vista pelo menos de formação dos graduandos.

Prof, só voltando ali na nossa temática, por mais que o seu tema central ali seja gênero né, eu queria ver assim de ti o que você considera como sexualidade e uma compreensão sua, assim ah o que é sexualidade. Se caso alguém pergunte para você o que você, o que você acaba falando nesse amplo barco, como definir o que é sexualidade?

Então, sexualidade é um termo bastante diverso, complexo. Mas ele remete, - falando especificamente da sexualidade humana é evidentemente - ele remete a como os indivíduos lidam com a sua relação com o sexo, essa é a minha perspectiva de pensar na sexualidade relação direta com o sexo, daí decorre uma série de diversidades.

E essa relação de sexualidade, o próprio sexo é uma relação, na minha perspectiva, assim como gênero é o resultado de uma construção social, então ela não é uma relação somente biológica.

Ok Prof. Já uma saideira, para gente finalizar quais seriam as recomendações para alguém que tá querendo iniciar um trabalho com essa temática. O que você recomenda para essa pessoa nos dias de hoje os, cuidados que ela tem que tomar que ela teria que fazer. Quais as linhas serem tomadas, o que você acha que tá mais você necessitado em termos gerais nessa área. Que recomendações que você daria para quem tem interesse em atuar nessa temática.

A primeira dica e não é nem a dica porque eu acho que é um condição, é estudar porque é fundamental a gente ter o domínio teórico do que estamos estudando, porque às vezes acham que a extensão, as atividades de extensão é apenas vou lá e faço e não tem nem sequer noção do que que é esse vou lá e faço, como faço por que faço.

Eu parto sempre do princípio da Extensão do Paulo Freire, que é uma obra para quem quer fazer extensão tem que estudar. Que não é você fazer para, mas você fazer com. Não é você ser a voz do sujeito, mas é dar voz aos sujeitos. Aí se eu não tenho conhecimento, isso é impossível. Então o primeiro elemento é você se fortalecer intelectualmente, não para ir lá e dominar, mas para entender a realidade. Aí esse fortalecimento intelectual, evidentemente, ele vem acompanhado dessa relação com as comunidades que você trabalha, com os seus objetos de pesquisa e extensão. Portanto, você precisa dialogar com a comunidade, não se faz extensão sem esse diálogo.

Aí o diálogo não pode ser um diálogo surdo, onde só vai falar, e você tem que estar aberto para ouvir, mas também você, por isso aí fundamental você tá estudando, ter um conhecimento, para não ser manobra ou não trabalhar os elementos na perspectiva da construção de uma ciência, tá? Você estar a serviço de, não é esse o caminho.

Também a função das atividades de extensão especialmente quando as temáticas versam sobre as questões de sexualidade e gênero. Fundamental esses dois elementos, né, você estudar você construir coletivamente. E aí nesse processo de construção, um terceiro elemento é o elemento de rede. Hoje nós não damos conta, com a complexidade de tempo que nós temos, de todas as atividades.

Então é preciso você estar em rede, quanto mais ampliada e fortificada for a rede, melhor, né? Não basta ter seu nome na rede, mas você precisa estar atuando em rede, né? Seja com as redes sociais, né, relacionadas à temática com as redes físicas, desde a academia até os movimentos populares enfim isso é fundamental. Guilherme estou a sua disposição, então, se você precisar de mais alguma coisa você entra em contato, um beijo e bom trabalho para você, depois você encaminha o resultado da sua pesquisa.

Prof, muitíssimo obrigado eu quero agradecer de coração mesmo por você ter participado. Bom que você mexe com pesquisa, sabe como é difícil também te que achar sujeito de pesquisa e assim por diante. Muito

obrigado mesmo, tá? E assim que eu tiver a dissertação final, eu encaminho para você sim, sem problema algum e com maior prazer, obrigado tá?

ENTREVISTA 3:

Bom, então vamos lá. O nome seu eu tenho lá, a idade você se importa em falar?

Não, 55.

Quantos anos já leciona na Universidade?

20 anos

Você possui alguma formação profissional na área da sexualidade ou não? Que seja específico.

Não, que seja específico não.

E a sua formação geral?

História e Educação.

Pedagoga?

Não, eu só tenho mestrado e doutorado em educação.

Para você o que que seria sexualidade?

É um tema amplo, muitos confundem. É mais fácil falar o que não é, né? No senso comum as pessoas confundem com sexo, mas a sexualidade é toda ação humana. É todo gesto, comportamento. Então é próprio das relações humanas no seu todo.

E como que você visualiza a sexualidade dentro dos projetos de extensão? Tem uma importância da Universidade está apresentando isso...

Sim, claro. Até porque quem tem acesso a esta discussão dentro da Universidade é 0,02 por cento da nossa sociedade. E a sexualidade envolve toda a sociedade. Por outro lado as pessoas têm acesso a sexualidade pelo viés da mídia, né? Que veem a sexualidade ao erotismo. Então se a Universidade não fazer seus projetos de extensão para chegar nessa população, que muitos dos quais não tem nenhum dos familiares que chegam à Universidade. Então, assim é a suma importância, né? Porque atinge aqueles que não têm acesso ao ensino superior.

Perfeito, muito bom. Então você não continua mais trabalhando com o tema?

Não diretamente com o tema, fazendo extensão não.

Algum motivo específico?

Não, não é apenas a profissão nos leva aí a estar trilhando certos caminhos, né? Agora nesse momento a sexualidade não tá transpassando as temáticas de estudo meu, né?

Alguém que vai começar a desenvolver, por exemplo, uma atividade de extensão, você teria alguma recomendação para essa pessoa hoje?

A primeira questão que a gente tem que observar que nós passamos por uma reconfiguração cultural, em que certas questões que a gente tocava com bastante naturalidade ou o agente não tinha noção do que tava fazendo, talvez, né? Com a gente estava dialogando. Eu acho antes de você iniciar seu projeto você tem que verificar com quem que você vai dialogar. Qual é o melhor argumento que você vai trabalhar. Com quais instrumentos que você vai utilizar de imagens, porque não adianta a gente chegar chocar.

Primeiro você tem que atrair o público para que seja ouvido, falar a linguagem que entenda. Pra depois você deixar o recado. Então aquela ideia a Universidade tinha que é eu vou fazer um impacto cultural para essa discussão você sobre sexualidade, você bloqueia o seu viés, o seu veículo de comunicação. A sexualidade como hoje as coisas estão reconfigurada eu acho que por conservadorismo, né?

Então eu acho que tem que verificar o público-alvo e ver a melhor forma, sem chegar impactando, né?

Certo. E uma última...eu vou te mostrar sobre a questão da... Você já ouviu falar da curricularização da extensão? Que é um processo tá passando, a universidade tem um tripé a extensão. E a extensão agora tá começando, por exemplo, vão estipular um mínimo aí de carga horária que os alunos têm que cumprir atividades de extensão, nesse sentido. Como se a extensão se tornasse obrigatória, entrasse dentro do currículo dos cursos. O que você tem a me dizer disso, acha que seria realmente significativo, você acha que é mais fácil deixar parte como que já é?

Olha, tudo que a gente generaliza leva a algo... mas, sempre vai ter aquela questão que não se enquadra ao aluno, o aluno fazer a extensão é bom, é importante. Ele tá exercitando a sua profissão, isso é bom. E outra ele vai ter contato com o seu público-alvo a qual ele vai trabalhar, que não é o idealismo, né? Ele vai entrar em contato com a tua realidade. Entretanto se não tiver um supervisor presente o tempo todo, pode levar a Universidade a cometer enganos, né? A divulgar determinadas ações que não é da universidade e ele é do aluno.

Então tem que ter um supervisor junto, deixar aluno ir lá fazer extensão sem a supervisão do professor, eu já assisti, nesse tempo de Universidade, questões que escaparam da orientação ou do indicativo, porque é próprio daquele aluno imaturo. E olha não foi nada bom para a Universidade, gerou controvérsia que ela era muito longe do a Universidade de queria, né?

Então era isso. Obrigado, Prof.

ENTREVISTA 4:

Olá, prof. Primeiramente alguns dados seus esse meio gerais, tá? Se nome, idade - o nome não precisa, idade caso não se sinta desconfortável em dizer. Quanto tempo já você é docente nas universidades, a sua formação geral e suas formações no âmbito da sexualidade, caso tem essa formação, né? Se você - eu já sei algumas coisas mas, né? Mas vamos lá cumprir o burocrático. Se você tem, assim, uma formação acadêmica nessa área ou participar de grupo de pesquisa e enfim né existe algum trabalho voltado diretamente para a sexualidade e a sua formação para esse trabalho.

Boa noite queridos ouvintes. Falando sério então: até o meu nome é xxxxx xxxx xxxxx. Eu tenho 46 anos. Eu estou na Universidade desde 95, fui colaboradora de 95 a 2000. Em 2000 eu fiz o concurso público e sou concursada desde 2000. Eu sou pedagoga formada pela Unioeste. Meu mestrado em educação Unicamp foi na área de Gestão Escolar, e depois depois que eu terminei o mestrado, eu sempre tive muito interesse em discutir essa questão da sexualidade, tendo em vista que eu já era professora do município. Para o doutorado criei coragem e fui fazer meu doutorado em Educação discutindo especificamente a questão da sexualidade. O meu

objetivo era compreender como os professores, né, dos anos iniciais o que era sexualidade para eles, né? Qual era o imaginário de sexualidade para eles. Eu terminei meu doutorado em 2010, não 2009 - dezembro 2009. E dali para cá eu tenho me debruçado em estudos, projetos de pesquisa, grupo de pesquisa discutindo essa questão de sexualidade, gênero e bastante voltado para a formação do professor. Eu não tenho curso específico na área de sexualidade, na verdade é só meu doutorado, né? Que eu estudei sexualidade eu não sou terapeuta sexual, não sou psicólogo, não sou nenhuma outra formação. A abordagem que eu faço da sexualidade, é uma abordagem mais sócio-pedagógica, né? Sempre tendo essa questão da formação de professor diante de diversos assuntos voltados à sexualidade, a diversidade sexual, o abuso sexual, violência sexual, então sempre pensando né nesses temas e de uma forma direta ou indireta nesses temas dentro da formação inicial e continuada docente.

Ok, Prof. Sigamos agora. Não, eu ia te mandar mensagem 6 horas da manhã, mas não é possível que você não ia querer me responder às 6, estou mandando agora. Prof, próximas perguntas seriam assim: para você o que seria considerado sexualidade, que é que essa área que é tão grande que a gente costuma dizer que ela é uma grande área que abrange diversos temas. Mas, o que é essa tal da sexualidade para você. E qual é a importância da dessa temática a ser trabalhada nas atividades de extensão da Unioeste. Qual é a importância, qual é a efetividade que ela tem que ter para que a gente possa desenvolvê-la na universidade. Por que que a gente tem que desenvolver essa temática dentro das atividades de extensão?

Bom, pensar um conceito sexualidade é uma coisa muito abrangente, né? Então vou trazer alguns aspectos que eu considero essenciais quanto ao meu trabalho com sexualidade. Primeiro a sexualidade é para mim o elemento constituinte do ser humano, desde o nosso nascimento até a nossa morte, né? Nós somos seres sexuais. Em que sentido? Eu parafraseio Foucault quando ele fala que é o uso do corpo e seus prazeres. Esse uso do corpo e seus prazeres tanto pode ser individual, quanto pode ser com outro, pode ser em grupo, né? Pode ser conforme aí cada um deseja usar esse corpo e seus prazeres, mas esse desejo está relacionado também com a sociedade. Eu vivo minha sexualidade dentro de um padrão social e é quando eu transgriro esse padrão social, pela orientação sexual, pela identidade de gênero, por essas questões, eu acabo vivendo à margem da sociedade como transexuais transgêneros e pessoas que fogem dos padrões heteronormativos.

Então, a sexualidade é o uso do corpo e seus prazeres, mas esse uso do corpo e seus prazeres extrapola a biologia. Eu não uso meu corpo só conforme a questão biológica. Tem padrões culturais, sociais e religiosos que fazem com que eu use esse corpo. Aquilo que o Foucault fala de dispositivos da sexualidade. Existe aquilo que a sociedade, não tô falando eu, mas sim a sociedade, acaba considerando como normal e patológico, né? Como saudável e patológico, normal e anormal. Ou seja, a gente tem que pensar na sexualidade na história dela como que ela foi constituída, os estudos da sexualidade. Não podemos esquecer que os primeiros estudos de sexualidade não foram o ser humano e sim em animais, aliás também somos animais, mas animais irracionais.

Então essa questão que está muito vinculada à reprodução, ao descolar a sexualidade do prazer. Então essas questões são muito presentes ainda na concepção ocidental do que seja. Então para mim a sexualidade está relacionada diretamente com as questões de gênero feminino e masculino ainda é... ainda vive a sexualidade de formas diferenciadas, conforme os padrões esperados de cada um. Também relacionado com relações de poder e com todas as instituições que nós fazemos parte, família, escola igreja todas as expressões constitui como seres sociais.

Para mim a extensão universitária ela tem uma função muito importante na Universidade, é através dela que a comunidade tem acesso aos conhecimentos que são produzidos no âmbito Universitário. Então, ao lado de ensino e pesquisa para mim, a extensão tem o mesmo status que a pesquisa, porque de nada adianta só pesquisar se as minhas pesquisas não saírem dos laboratórios, dos livros e dos artigos. Então, nesse sentido eu acredito que todas as temáticas que nós pesquisamos precisam chegar à comunidade. Seja comunidade circunscrita à Universidade ou uma comunidade maior.

Nesse sentido sexualidade, que é o meu tema de pesquisa há 10 anos porque primeiro a sexualidade ainda é um tema cercado de tabu, de preconceitos e inverdades. A extensão universitária é uma oportunidade de problematizar todas as questões que circula o imaginário da sexualidade, no nosso caso, especificamente, que eu trabalho com formação continuada de professores que é a minha área. Por quê? Esses professores lidam cotidianamente com crianças e adolescentes e também com jovens, essas pessoas manifestam suas sexualidade em todos os ambientes sociais e a escola é um deles. Então, como que eu professora vou me portar diante de uma criança da educação infantil que está descobrindo seu corpo e colocou a mão no seu genitália dentro da sala de aula. Como que eu vou me portar com uma criança que chega na escola com indicativos de abuso sexual, como educadora, como professora como vou me portar diante da adolescente que está grávida.

Então, compreendendo que, nossos alunos como nós, com todos os sujeitos são seres sexuais, eu acredito que a partir de todas as minhas pesquisas e experiências que a sexualidade é um fator que interfere na vida escolar, no ensino, no processo ensino-aprendizagem. Porque uma criança que está sendo abusada sexualmente, ela não aprende da mesma forma de uma criança que não está sendo abusada, uma menina que engravida na adolescência a possibilidade dela largar a escola é muito grande, vai depender muito do apoio, de como a escola vai tratar essa situação. O menino que se descobre "diferentes dos demais que não gosta de menina gosta de menino", ou não gosta de nenhum ou goste dos dois, como ele vai ser tratado? Qual é o acolhimento que essa escola vai dar para que essa criança não evada, não é só no sentido físico, né, sair da escola. Mas evadir dentro da própria escola, muitos alunos acabam se tornando invisíveis dentro da sala de aula, por ser diferente, por não ter o padrão de hegemônico de alunos.

Então discutir a sexualidade é no sentido de compreender como constituinte do ser humano, nesse sentido é um dos que também contribui no processo ensino-aprendizagem. Se eu como professora tem objetivo que meus alunos aprendam, eu preciso compreendê-los em sua totalidade. Então é nesse sentido formar professores que saibam lidar com as manifestações de

sexualidade que ocorre em sala de aula desde a educação infantil até o ensino médio, quisa até a educação superior. Esse é o meu grande objetivo

Ok Prof. Bom, então é basicamente você já disse que você continua trabalhando com essa temática, certo? E o que que leva você a continuar a trabalhar com essa temática? Quais foram os motivos principais que fazem você trabalhar essa temática? E que recomendação você daria para alguém que quer começar a trabalhar com essa temática, seja na universidade, seja na docência na educação básica, independente aí do meio educacional onde essa pessoa se insira, qual é o nível educacional que ela esteja. Quais são as recomendações que você acaba fazendo para essa pessoa?

Bom, o que me leva a eu continuar discutindo sexualidade, é porque é meu tema de pesquisa, né? Meu tema de vida que estou estudando a 10 anos e quanto mais você estuda mais você vê coisa que você precisa aprender, que precisa pesquisar precisa estudar. Eu penso que uma das responsabilidades sociais do professor na Universidade, é ele disseminar conhecimentos que contribuem para melhoria de vida das pessoas, né? Eu penso que quanto mais professores tiveram conhecimento sobre os indícios de abuso sexual, quanto mais pessoas discutirem as questões de gênero. Quanto mais conhecimento tiver ao contrário do senso comum, né? Quanto mais consegui trabalhar aqueles com cientificidade, nós contribuimos para a qualidade de vida de todas as pessoas. Não para você no século 21 você achar que homens e mulheres são diferentes porque biologicamente são diferentes. Então quais são as relações de poder por traz disso, né? Aí a gente tem que pensar na violência contra criança, violência contra a mulher, no caso, né? A violência contra população LGBT. Todas as questões, elas me incentivam, me instigam a continuar estudando sexualidade.

Pra quem vai começar essa leitura, essa discussão, eu acho que uma coisa fundamental que é estudar, estudar muito e ter a consciência que tá entrando no terreno bastante argiloso porque quando se discute a sexualidade se discute com questões religiosas, com princípios éticos, morais. Você discute com padrões de comportamento. Então você não tá discutindo algo só objetivo, né? Você tá discutindo algo que é objetivo, mas que vive muito na subjetividade as pessoas. Então tem que tomar bastante cuidado. Principalmente conhecimento, eu acho que é conhecimento é a arma da Resistência a qualquer tipo de autoritarismo, tipo de preconceito. E também olhar para as pessoas. Porque essas pessoas que pensam dessa forma, um forma discriminatória, uma forma preconceituosa, elas foram criadas também nesse modelo, né?

Então compreender que essas pessoas também são frutos, são resultados na história de vida. Não é culpabilizar a pessoa, mas problematizar junto a elas o porquê de pensar que uma mulher não pode ter uma vida sexual como homem ou problematizar porque a maioria dos abusos sexuais são intrafamiliar. Então, sempre nesse sentido. Olhar o outro respeitando a história de vida dele. Porque para mim na Universidade não tem o certo e o errado, mas tem diferentes formas de compreender os fenômenos. Então tem pessoas que para compreender a sexualidade vão utilizar das teorias religiosas, tem pessoas que vão usar da teoria científica. Então cada um vai olhar para a sexualidade de uma forma.

Beleza, prof. Agora só para finalizarmos, não sei se você sabe mas existe um processo de curricularização da extensão dentro das universidades. Que caso você não saiba o que é, é como se a gente tentar colocar as atividade de extensão dentro do currículo dos cursos de graduação . Então cada curso de graduação ia ter digamos uma carga horária específica para ser cumprida dentro da dentro da atividade de extensão. Seria basicamente um critério obrigatório para a formação dos futuros graduandos. E eu queria saber o que você teria a me dizer sobre isso. Se você acha que seria bom, se não é realmente eficaz fazer essa essa obrigatoriedade de todos os alunos terem esse contato. De forma geral, assim, que você pensaria sobre essa curricularização da extensão na universidade seria bom seria ruim.

Bom é o que eu vou falar de experiência sim, eu não eu não participei de nenhuma discussão nem li nenhum documento. Assim, eu acredito que a extensão e a pesquisa elas já estão de certa forma contemplados na formação do aluno quando ele precisa fazer atividades a hora atividade acadêmica complementar. Eu me preocupo um pouco de que forma que isso vai ser viabilizado, entende? Então nesse momento eu não sei se seria bom ou não. Eu sou muito adepta a extensão, mas ao mesmo tempo eu acredito que a extensão já esteja contemplado na formação do acadêmico. Tanto que a gente tem projetos muitos projetos de extensão em todos os centros, né?

Então sobre isso eu não tenho nenhuma posição formada ainda até porque eu não tenho leitura dos documentos de algum texto sobre isso. Não sei até que ponto ela já não tá. Porque eu penso assim: tem que tomar muito cuidado para não ir colocando muita coisa na graduação, no ensino, nas aulas e perdendo um pouco o caráter mesmo de aula, sabe? De estar em sala... eu sou um pouco... não que você não se forme em todos os espaços da Universidade. Mas tem um espaço que tem que se privilegiado, que é o espaço da sala de aula, e esses outros espaços já são privilegiados nas atividades acadêmicas complementares. Então sobre isso eu ainda não tenho uma posição formada.

Okais, prof. Seria isso. Viu nem era nada demorado e nem complicado. Quero agradecer muito, muito mesmo que você participou dessa pesquisa comigo. E não só da pesquisa, né? Mas de toda minha formação aí, que eu tô caminhando e você tá sempre do lado quando eu preciso, tá? Agradeço muito de coração mesmo e sigamos o barco e ainda tem muito trabalho pela frente.

ENTREVISTA 5:

Olá prof, então vamos começar, conforme você for conseguindo eu vou te fazendo as perguntas e aos poucos a gente vai conseguido. Mas num é... é coisa rápida também tá?! Primeiramente seu nome completo, sua idade, caso vc não se importe de dizer, seu tempo de docência, a quanto tempo você atua no ensino superior e, sua formação geral, qual sua área de formação da sua graduação, mestrado, doutorado, enfins, e sua área de formação na temática da sexualidade, se é que você tem alguma formação específica nesta área, ou se você já participou de grupos de pesquisa, algo nesse sentido. Qual o seu envolvimento diretamente com a sexualidade e antes de você falar na sexualidade propriamente ali num quesito de formação, mais formativo, a sua

formação profissional mesmo, como que foi sua vida acadêmica e depois como que foi sua formação ali na temática.

Desculpe a demora, xxxxxx xxxxx xxxxxxxx, 42 anos, 13 anos docência, Graduação, mestrado e doutorado em direito. Não tenho formação específica na sexualidade. Minha relação com a sexualidade está no projeto de extensão onde atuo e banca de mestrado e doutorado q participei no âmbito dos direitos humanos e sexualidade.

Prof, pra você o que que seria sexualidade, qual que é a sua compreensão do que que é esse tema, essa temática? E como você vê a importância da sexualidade nas atividades de extensão. Se é de fato necessário, qual que é a importância dela exatamente nesse pilar da extensão, dentro das universidades.

Sexualidade é um conjunto de comportamentos humanos, um conceito amplo e abrangente q se relaciona desde aspectos biológicos, até questões de gênero . Alcança orientação e identidade de gênero. A extensão envolvendo a sexualidade é de fundamental importância. Primeiro pelo aspecto do atendimento a grupos vulneráveis, cujo acesso a políticas e defesa é precário. Neste ponto a Universidade pode prestar um serviço de qualidade a comunidade. Quanto aos alunos este tipo de extensão permite ampliar horizontes, conhecer melhor a temática q na maioria dos cursos sequer faz parte do PPP.

Prof, é... aí... outra perguntinha é se você continua trabalhando com a temática, ou não se parou, e... os motivos caso você tenha parado ou continuado a trabalhar. Por que que você parou de trabalhar com o tema, ou por que que continua trabalhando com essa temática? E quais são as recomendações que você daria para alguém que estaria iniciando um projeto de extensão, por exemplo na universidade com essa temática, o que que você diria pra essa pessoa, como que ela poderia começar esse trabalho, quais os cuidados que ela teria que ter, e assim por diante?

Eu ainda trabalho na temática. Nosso projeto é recente. Tem apenas um ano. Mas é importante dizer que sou colaboradora apenas da parte jurídica. Não é minha atuação principal. Nos vamos continuar trabalhando pois fomos contemplados no programa Universidade sem fronteiras do Paraná e oportunizou ampliar nosso trabalho. Temos bolsistas agora.

O projeto de extensão era restrito a cidadania das pessoas trans. Mas o projeto sem fronteiras atenderá em 2019 lgbt. Mais amplo. Eu recomendo q projetos iniciais nesta temática sempre proponham diagnósticos da situação do público alvo para só depois definir atuação. Fizemos isto e deu certo.

Além disso é importante buscar parcerias com poder público. Setores de Saúde, Educação. Eles podem ajudar muito a definir uma atuação de qualidade. Claro que a temática é delicada. Q desperta paixões e contrariedades. É importante evitar embates e enfrentamentos desnecessários. O foco deve ser a pessoa atendida quando falamos em extensão. Na pesquisa (q é correlata) as questões polêmicas podem ser debatidas.

Certo prof, e já pra acabar... não sei você sabe, mas nós temos desde 2015, se não me engano, 2014... enfim, alguns anos atrás aí, pouco tempo, está se discutindo a curricularização da extensão que trataria de colocar a extensão como uma atividade curricular em todos os cursos de graduação. Então todos os alunos teriam uma carga horária obrigatória, a se cumprir dentro das atividades de extensão. Queria saber de você, o

que que você pensa sobre isso, não sei se você já sabia disso, mas caso não sabia ainda, o que que você pensaria sobre um orojeto assim, que tende a colocar dentro dos cursos de graduação, uma carga horária que seja destinada apenas para atividades de extensão, pra que todos os alunos tenham esse contato com a extensão. Queria saber de ti como você visualiza isso... como bom, como ruim... se existe alguma implicação que pode ser contraditória, alguma coisa assim, de forma geral mesmo, mesmo que você não tenha aprofundamento nesse... nesse... nesta área de estudo sobre a extensão.

Oi. Eu já tinha conhecimento da curricularização. São 10 por cento da carga do curso salvo engano. E temos discutido entre professores como operacionalizar isto . Confesso q no âmbito administrativo temos algumas preocupações sobre como fazer esta curricularização de modo efetivo.

Já temos nos cursos as atividades acadêmicas complementares que atraem os alunos q tem perfil de extensionista. A iniciativa é válida. É importante. Mas não podemos esquecer q nem todo professor tem perfil extensionista. O professor precisa ser capacitado e treinado para exercer esta atividade. O risco de ser deturpada a ideia é grande, como mero meio de cumprir a carga horaria.

Falei com professores de outras Universidade inclusive. Poucos sabem da regra e os que sabem, não tem ideia de como fazer ainda. É um ganho para a extensão, sem dúvida. No curso de Direito sobretudo, elitizado por natureza, esta curricularização pode ser muito salutar.

Prof, seria isso então tá, muito obrigado pela sua participação, de verdade mesmo tá, agradeço muito, por você ter se disponibilizado a estar contribuindo com minha pesquisa, e sigamos na lura, não podemos parar nunca, e agradeço novamente, de verdade tá, muito obrigado por você ter disponibilizado um pouquinho do seu tempo ai pra contribuir um pouquinho com a gente.

Obrigada Wellington. Conte comigo sempre. Desejo Boa sorte em sua pesquisa e carreira. Mande a versão final para a gente ler e divulgar. Abraços. Se precisar complementar alguma questão fique a vontade. Dei respostas curtas para vc.

ENTREVISTA 6

Olá, prof, primeiramente desculpa pela demora te chamar tive uns contratemos desse mês, aí eu acabei dando uma segurada com a dissertação. Bom, então te adiantei ele um pouquinho meu projeto de pesquisa é sobre sexualidade e os projetos de extensão da Unioeste apareceu como uma das coordenadoras, né, que já fizeram projeto associado a essa temática. É, mas pode ficar tranquila quantas perguntas não vai ser nada muito específico, tá? Pode se sentir à vontade de dizer que não quer responder ou se não souber também não tem problema, tá? Mas são perguntas bem tranquilas, tudo bem tranquilo. Acredito que você vai tirar de letra.

Para a gente começar, mais questões gerais, assim. O seu nome eu já tenho aqui no caso. Idade sua se você não se importar de falar. Quanto de docência você já tem, se você trabalha, quantos anos o ensino superior e se já trabalhou também em outras etapas de ensino e a sua formação geral, em que você é formada. E no caso se você possui uma

formação específica para sexualidade, por exemplo, se você já fez algum mestrado, algum doutorado ou participar de grupo de pesquisa ou se também não. Ou se você não possui nenhuma formação específica para sexualidade, o tema é só surgiu na na vida e você pesquisou por conta, sem problema algum também tá mais uns dados gerais assim.

Wellington, vou começar agora que eu tô com tempo, depois eu vou falando, assim que eu estiver em casa. Mas fica tranquilo, eu tô com tempo sim aqui hoje foi um pouco corrido. Então, a minha formação inicial, eu sou psicóloga, mestre em psicologia, doutora em psicologia da educação e pós-doutora em educação tudo pela universidade pública tanto no Estado de São Paulo e depois aqui na Universidade Federal de Santa Catarina o meu pós-doc, tá? Essa é a formação. Eu sempre trabalhei educação, desde a minha... desde 1990 quando eu me formei e sempre trabalhei também com o consultório, não trabalho com consultório atualmente, mas então na minha formação eu também tenho a psicanálise e conseqüentemente a teoria sexualidade como um norte para a compreensão tanto da construção da personalidade, como da subjetivação humana. Então trabalhei escola também, com pais, com orientação, com orientação de professores. Numa perspectiva sempre dinâmica em que a teoria da sexualidade vem com uma tranquilidade para eu falar sobre isso, tá? Então você não precisa ficar preocupado pode fazer qualquer tipo de pergunta, porque eu já trabalhei com professores para com trabalhar com as crianças para como trabalhar com os adolescentes, trabalhei diretamente com adolescentes, com grupos de adolescentes na educação. Toda essa trajetória de 30 anos de formação que eu tenho. Tenho 57 anos e então, inicialmente para nós conversa eu vou escutar de novo, mas é isso.

Então, Wellington, aqui na graduação em pedagogia eu orientei alguns trabalhos. Desde trabalhos ligados a educação sexual para as crianças pequenininhas, no NEDDIJ gente desenvolveu um projeto bem bacana em que a gente ia até as escolas junto com as estagiárias e profissionais do direito e da pedagogia, né? Tanto estagiários como profissionais recém-formados a gente tinha um projeto no NEDDIJ que durou bastante tempo e que envolveu essa inserção nas escolas no trabalho direto mesmo com professores e com os alunos pré-adolescentes e adolescente também, né, já entrando na adolescência.

Certo. Não tem problema, tá? Conforme você for tendo tempinho, a gente vai conversando, não tem problema nenhum não, tá? Como você já deu uma adiantada, né, que você tem uma ampla bagagem sobre a sexualidade, queria saber se para você, hoje, digamos assim o que é sexualidade? Se caso uma pessoa chegasse “mas o que que é sexualidade?” o que você responderia para essa pessoa, qual a sua compreensão de sexualidade hoje.

Eu entendo, sempre entendi a sexualidade como um traço humano, que está presente desde o nascimento, se desenvolve, se modifica, se estrutura no nosso eu, na nossa personalidade e tem muito a ver com ampla gama de emoção, sentimento. Trazer realização, recato, repressão, identidade, castração, punição, sabe eu vou falar dos aspectos positivos e negativos que envolvem a sexualidade pensando no princípio do prazer como bem Freud colocou lá no início, né? Nossa vida não é só prazer: é prazer e desprazer. Sempre existe esse contraponto, então sexualidade é isso também é prazer

desprazer, é encantamento, desencantamento. Mas é sobretudo uma marca humana que traça um perfil, uma identidade que nos põe em relação com a vida.

Então se eu gosto de me olhar no espelho, de me embonecar, me deixar bonita ou bonito para mim ou para o outro isso também é sexualidade, né. São de que ela faz parte comigo mesmo da minha vivência comigo mesmo, sendo homem ou mulher. Eu acho que na atualidade a gente fala muito da questão de gênero, de formas de poder aceitar melhor as diferentes marcas humanas que a sexualidade sempre teve, mas que ficam nos tempos mais oprimidas ou menos, porque historicamente outras, em outros momentos históricos, uma liberdade muito maior de viver a sexualidade com outro, seja esse outro quem for. Hoje a gente ainda tem muita repressão no Oriente, principalmente.

Como Foucault disse, né, a sexualidade, que nós aprendemos no oriente a lidar com a sexualidade, em alguns países de maneira mais elaborada, eu diria. É assim com encantamento, de poder se preparar sexualmente ou eroticamente para o outro, mas em muitos lugares e as mulheres principalmente são muito reprimidas há lugares ainda que elas não podem ter prazer, então a sexualidade tá ligado só a sexo e a procriação. No ocidente a gente tem uma abertura maior eu entendo, mas também ligamos a sexualidade muito a prevenção de doenças. Então quando as pessoas vão nas escolas falar sobre orientação ou sexual educação sexual, elas acabam caindo sempre na prevenção das DST.

Isso mostra o quanto a nossa cultura ainda é muito reprimida e não lida muito bem com esse aspecto, né. Assim quando a gente fala com a criança sobre a sexualidade o quanto de proibições há em torno disso, ainda nossa cultura vê diferente o menino e a menina, educada diferente o menino e a menina. Na atualidade, então, com esse nosso novo estado acho que a gente vai viver mais problemas. Então é muito importante que a formação de professores que eu trabalho com isso, né, tenha essa base tranquila para poder falar disso com as crianças, com os adolescentes, com os adultos. Aceitar isso de uma maneira que a gente possa considerar tudo muito tranquilo, porque de fato é viver com o outro que a gente escolhe, com o outro que a gente se identifica, com o outro que a gente elege como parceiro, parceira. Independente se é do mesmo sexo ou de outro sexo. Então acho que se envolve as implicações atuais as discussões atuais, mas que sempre estiveram presentes na ordem do dia, também e outras coisas que você quiser pincelar melhor você me pergunta mais objetivamente que senão eu fico falando aqui.

Não, prof, tá ótimo. É mais uma compreensão mesmo assim básica que você já me colocou. Diante disso né, de todo o seu trabalho que você tem com professores, diante de tudo isso, como que você visualiza a importância das atividades de extensão que envolvam essa temática, o quão importante é sexualidade dentro dos projetos de extensão da universidade.

Então o NEDDIJ é um projeto de extensão permanente, né, dentro da universidade. Você conhece o bem projeto? Claro que nem sempre a temática é voltada para sexualidade, mas como falei para você a época nós desenvolvemos um período abrange anos, eu sei que xxxxx lá em Francisco Beltrão que é psicóloga também, era orientadora do NEDDIJ e trabalha, xxxxx, e trabalha com sexualidade mais do que eu. Na extensão eu penso que nós

podemos abranger todo um trabalho que eu sempre entendi extensão assim o trabalho que a gente chega até a comunidade a universidade com a comunidade, esse laço, esse vínculo. E é por meio dele que nós conseguimos então chegar às famílias, a cultura, a nossa sociedade, né? Então por meio disso a formação de fato que a Universidade pode ofertar contribuindo nessa perspectiva da sexualidade, da compreensão dela, da necessidade que nós temos ainda de quebrar tabus, de reconhecê-la como algo próprio, natural, intrínseco da vida humana e não como algo de uma escolha, mas sim como algo nosso, desde o nascimento, presente desde o nascimento.

Portanto ela vai nos acompanhar até a morte, existe a sexualidade no idoso, existe a sexualidade até o fim da vida. Então eu creio que a extensão, ela pode chegar a todos né no trabalho com as comunidades de bairro, além das escolas, que eu já falei como os postos de saúde. É porque acho falta disso, sinto muita falta que a gente não tenha um trabalho efetivo nas unidades de saúde grupos efetivos de famílias que possam abordar o tema diretamente com as pessoas, então isso abre oportunidade da gente manter frequentemente esse vínculo entre universidade e comunidade.

Ok, prof. Esse núcleo de pesquisa que você citou, o tema central acaba não sendo a sexualidade, né, como você mesmo falou, mas esse trabalho é um tema que pode estar dentro pesquisa, mas no momento vocês não estão atuando, isso né que eu entendi. Mas assim aparentemente você querendo ou não você está sempre trabalhando com temática. E o que te faz querer trabalhar com essa temática, o que te instiga a querer trabalhar cada vez mais com essa temática. E daí, além disso que te move, o que você recomendaria para outras pessoas que querem começar a trabalhar com a sexualidade, com essa temática de pesquisa, o que você recomendaria para essas pessoas, tanto negativas como positivas, os cuidados a serem tomados, o que que é bom que que é ruim que você tem a dizer para uma pessoa que está começando a querer pesquisar essa temática.

Primeiro: NEDDIJ é Núcleo de Estudos e Direitos da Infância e Juventude, é um projeto permanente de EXTENSÃO dentro de um Programa da Secretaria de Ciência e Tecnologia do nosso Estado. Todas as Universidades que têm o curso de Direito e Pedagogia trabalham tem o Núcleo, entende??

SIM, sempre trabalhei e trabalho a sexualidade sobretudo na infância com pais e educadores, tem outros focos de trabalho, mas o meu sempre foi esse. O que me move é a necessidade que observo da sociedade lidar com tranquilidade e ter clareza sobre a sexualidade como uma característica normal do desenvolvimento em todos nós, visto que a maioria ainda a tem como um Tabu, por ignorância, desconhecimento e preconceito. Assim, as famílias e outros sujeitos da sociedade acabam criando grandes problemas psíquicos para crianças, adolescentes e adultos por esconderem informações, distorcerem o que é parte do desenvolvimento normal.

Recomendo que aqueles que se interessem pelo tema, primeiro dia leiam. Leiam tudo que tem de científico na área, criem grupos de estudos, projetos de extensão, de ensino e pesquisa para dar suporte às instituições sociais que carecem de conhecimento. Que não tenham medo, receio ou vergonha de falar sobre a sexualidade. Sempre com respeito às diferenças e identificações diversas na cultura e sociedade. Em resumo isso.

Pra finalizar prof... Não sei se vc está por dentro, mas corre um projeto a nível federal sobre a curricularização da extensão que vem sido discutida há alguns anos. Essa curricularização nada mais é do que determinar uma carga horária dentro dos cursos de graduação a ser cumprida em atividades de extensão. Funcionaria "como um estágio de extensão obrigatório". Gostaria de saber o que vc pensa sobre o assunto, se acredita que seria bom ou ruim... ou nem bom bem ruim... enfim... o que vc acha sobre...

Verdade, não estou na universidade este semestre, não sabia desta resolução. Sempre achei que a Extensão é desvalorizada, não tem os mesmos benefícios que a pesquisa por exemplo.

Se vai ser bom, vai depender da posição que ela possa ocupar, com o valor de apropriação do conhecimento, não como obrigação de fazer um trabalho voluntário e assistencialista às populações a que serão destinadas, pois penso que corre esse risco. É isso.

Ok prof, era isso. Queria agradecer pela sua participação... muito obrigado de coração mesmo.

ENTREVISTA 7:

Oi, prof, perfeito então, tá? Conforme você for tendo um tempinho aí, as perguntas vão ficando aí e você vai respondendo como ficar melhor para você tá? Para começar a nossa conversa, dados gerais seus, o nome completinho, sua idade se você não se importar em dizer, tempo de docência, em específico no ensino superior, quanto tempo já atua no ensino superior, mas também se você já atuou em outras modalidades de ensino.

Ah esqueci, e se durante a sua formação, você possui alguma formação específica para sexualidade. Qual sua formação também, mestrado, doutorado, e em que áreas são, né. E se você possui uma formação específica para sexualidade ou não, se foi meio de estudos próprios ou separadamente grupo de pesquisa. Qual o seu contato assim com essa temática não viés formativo.

Oi, então vamos começar. Meu nome é xxxx xxxx xxxxx, eu sou professora de enfermagem já ensino superior 21 anos e tenho 52 anos. Sou formada em enfermagem com licenciatura na Unioeste. Quanto a minha formação, eu tenho a formação de enfermagem como eu falei especialização em administração hospitalar e hebiatra, é curso de especialização em adolescência, esse eu fiz para enfermagem. Esse curso não é reconhecido e eu fiz com médicos e médicas em 14 profissionais, o último que curso que teve aqui no Paraná, tá? Então eu sou formada em hebiatra e tenho cursos de sexualidade, mas pequenos, sabe cursos de atualização dessa sexualidade, mas trabalho com isso há bastante tempo e esse curso especialização ele veio com uma carga horária bem maior foi 386 horas e teve um módulo inteiro sobre sexualidade, então eu acredito que eu aprendi, tá?

Eu tenho um grupo de pesquisa, participo de um e tenho um que ele é bem novinho, começou ano passado. Dentro desse grupo de pesquisa ele tem a questão de trabalhar com os adolescentes as vulnerabilidades, das quais entram prevenção da violência sexual, saúde sexual e reprodutiva esse também é um projeto de extensão que tem permanente na universidade e tal qual a gente trabalha específico com esse tema, saúde sexual e reprodutiva

orientação adolescentes. Cursos como eu falei, eu fiz em São Paulo eu fiz em Cascavel, eu fiz em Curitiba sobre sexualidade

Bom tem também publicação de livro. Eu tenho um de dinâmica de adolescente, da xxxxxx, esse faz tempo que tá aí sendo vendido, tem um outro que é um capítulo Adolescência, mas em específico eu falei do adolescente na escola e terminou em fatias a sexualidade, mas ela tá nas entrelinhas. E a minha pesquisa que eu fiz junto com a minha pesquisa de doutorado a pesquisa do perfil do adolescente jovem que foi publicado dois livros, mas seu específico Perfil do Adolescente e Jovem fala sobre alguns itens que engloba sexualidade, violência, início da sua atividade sexual, se tem filhos, o método que usa. Foi uma pesquisa muito grande que eu fiz com Brasil, Paraguai e Argentina e foi publicado em dois livros, tá?

Oi Prof, não é só para a gente ter um início de conversa, né? Viu prof, você já adiantou que você continua trabalhando com a temática, com a sexualidade, no caso e o que acaba te levando a continuar a trabalhar com essa temática, o que te satisfaz em pesquisar sexualidade. Por que que você pesquisa isso? Em especial, não essencialmente nesse momento, mas digamos assim ainda mais agora, né, restrições que a gente acaba tendo pressões que a gente acaba sofrendo também, o que te leva a continuar a trabalhar com sexualidade?

Oi, bom dia. Você tem que me lembrar, senão eu esqueço de responder. Eu continuo sim trabalhando, como eu falei, com meu título de especialização é adolescência e hebiatria, o meu encantamento para essa faixa etária é muito grande e também me instiga a buscar sempre mais. Quando você diz por que continuar? Porque é preciso. Agora paralelo a questões da sexualidade a gente se vê ou observa nos alunos adolescentes e jovens que existe uma ansiedade muito grande a repressão tá maior e acaba causando um sofrimento psicológico em cada um deles. Então quando eu vou nas escolas, a convite da escola para comentar sobre a sexualidade, eu vou sempre... eu tenho um projeto que fala dos quatro temas, acho que eu já comentei contigo, né? ISTs; gravidez na adolescência; prevenção da violência sexual e prevenção do suicídio.

Quando a escola me pede esse trabalho sempre ele está envolto, pelo menos dois deles com mais enfoque sobre a sexualidade, mas todos falam um pouco sobre sexualidade, então eu não tenho como eu fugir disso, e eu gosto disso. É claro que trabalhar esse tema, como eu já falei é desafiador, é preciso estudar, é preciso se preparar, é preciso me despojar de muitos preconceitos eu jamais uso o meu exemplo, o exemplo da minha vida eu uso sempre coisas que eu prefiro que eles falem e disso a gente trabalha, sem expor, então eu uso muita dinâmica de grupo e essa temática é delicada, mas é necessária, é preciso falar. Porque por mais que exista informação, internet, tudo que tem aí das tecnologias, ainda a conversa, o bate-papo, o tirar dúvidas assim que são simples, mas que para eles é grande o que ouviu falar que o colega disse, que a mãe falou, que a igreja falou aí a gente conversa para chegar uma conclusão do que que é o melhor, não existe uma verdade certa, mas existem as verdades das quais pela sua cultura, pelo seu discernimento você possa definir como certo, então eu deixo eles pensarem assim.

Não existe um conceito de certo e errado, existe o que eu quiser decidir, ou seja, quando adolescente fala comigo eu falo “o que que você acha melhor?”. Claro que como enfermeira eu sempre cuido da possibilidade de

vulnerabilidade pela qual esse adolescente, esse jovem possa se expor. Mas falar de sexualidade com eles para mim é muito bom, eu aprendo muito também. Então é um tema, em síntese para você, é um tema que me instiga buscar mais. Atualmente, como você falou, está desafiador, mas não é inibidor porque se ele me perguntar eu tenho que responder e quando eu me disponibilizo a ir numa escola eu não levo slides, eu levo brincadeiras. E das brincadeiras é que a gente descobre o que precisa focar mais. Mas é, trabalho até hoje assim, não é uma coisa frequente assim no ano às vezes duas ou três vezes por ano eu vou nas escolas. Mas eu te digo que nunca deixei de fazer e quando eu estava ali por 6 anos que eu montei o projeto aqui em Foz do Iguaçu o CAIA - Centro de Atenção Integrada ao Adolescente e do qual escreveu o livro dinâmicas para adolescente, eu escrevi as dinâmicas daquele livro junto com os adolescentes, trabalhando com eles, vindo da dúvida que eles me traziam. Então, nossa, para minha vida foi preparo e o conhecimento maravilhoso. E eu digo que o adolescente e o jovem precisam conversar.

Que bacana, eu também gosto muito de trabalhar com adolescente, foi um dos meus primeiros campos âmbito da sexualidade e educação sexual é trabalhar com adolescentes Eu também porque eu acho que alguns momentos que eles mais estão, né, querendo saber da gente, curiosidade, mudança acontecendo, uma coisa no momento assim que a gente mais contribui para eles transformação como cidadão. Aproveitando já que a gente entrou nesse assunto, que acaba sendo um momento que a gente não fica muito nas barreiras dentro da universidade trabalhando, como visualizada a importância dos projetos de extensão para devida importância nos projetos extensão trabalhando essa temática, como essa temática é visualizada com a devida importância nos projetos de extensão, tanto na nossa universidade, não sei se você conhece a realidade de outras universidade. Qual a importância da sexualidade para os projetos de extensão? Como que você visualiza isso?

Dentro dos projetos de extensão é que mais cabe essa temática. O é preciso cuidar é qual título colocar. Às vezes a palavra sexualidade chama atenção e pode ser pejorativo ou então negativo. Você pode usar outros termos, mas abordando o tema como um todo. Mas com certeza é o melhor caminho dentro da universidade.

Oi, prof, já que você tocou nesse assunto de ter o cuidado, inclusive, né, com o título dos trabalhos que são desenvolvidos. Que outras recomendações você também daria para as pessoas que estariam iniciando o trabalho com a sexualidade, tanto no aspecto social, como no aspecto de formação, o que você recomendaria para essa pessoa, que sugestão você daria para essa pessoa para que ela pudesse trabalhar de forma efetiva e eficaz com a sexualidade de uma maneira que não sofresse tanta retaliação, tanta pressão, né. O que você recomendaria, então para uma pessoa que está iniciando o trabalho com a sexualidade.

Oi, aqui tô eu de novo. Eu não esqueci de você só que às vezes falta o tempo mesmo. Mas se você for ver no meu livro lá xxxxxxxxxx, eu coloquei já algumas coisas lá. Mas eu posso dar uma ênfase maior para você. Aqui a pessoa que vai trabalhar com isso, ela precisa ter leitura, ela eu preciso ter preparo desmistificar alguns pré-conceitos, nunca usar ela como exemplo.

Tomar cuidado com julgamentos e preconceitos, ou seja, acolher uma dúvida ou algumas interpretações, mesmo que sejam equivocadas. Mas ser paciente, a palavra paciente é tendo a calma de conseguir responder e ao mesmo tempo dizer entendeu o porquê o que o outro quer saber com aquilo, então a pessoa que se torna um orientador, um educador sobre sexualidade junto um público de adolescentes é necessário ter esses itens, ela precisa também demonstrar para essas pessoas o respeito, ou seja, eu não vou julgar, eu tenho que cuidar dos meus gestos, da fisionomia da minha face porque às vezes a minha face demonstra uma reprovação.

Então eu preciso cuidar disso, ao mesmo tempo uma outra atitude, uma outro comportamento é saber ouvir: eu não posso completar a frase deles, eu tenho esperar eles construírem, exceto se ele permitir para dizer “eu não sei como dizer a palavra começa assim....” aí você pode ajudar, mas espera e ouvir atentamente o que ele quer dizer ou ela quer dizer, inclusive nas entrelinhas dessa fala. Ser expressivo ao se comunicar, então a gente pode trabalhar ter a firmeza e a humildade de saber falar. O educador, uma pessoa que fala sobre sexualidade não é dono da verdade e sempre vai estar aprendendo, porque vão vir coisas novas para você analisar, analisar absorver e daí você trabalhar sem julgar. Também existe uma coisa que penso e eu faço, às vezes eu faço algumas pausas e observe bem a linguagem do corpo desses adolescentes, essa linguagem, me dá muita mais firmeza para conseguir responder o que ele quer, o que ela quer. Não é pela palavra, oralidade, mas sim pela expressão corporal. Eu posso ver a ansiedade, a angústia, o medo, a apreensão, até o desleixo, quando ele ou ela está perguntando para mim. Isso é uma habilidade, então quem fala de sexualidade precisa aprimorar essas habilidades.

Uma outra coisa que eu acho extremamente importante, isso para qualquer idade: não mentir. Você não pode mentir, nem usar o exemplo fictício, é melhor não mentir. Você pode muito bem ficar próximo da pessoa sendo mais honesto o possível. Então eu pelo menos algumas vezes eu disse assim “não sei o que te dizer, não sei o que falar aqui para você, mas vamos ter que pensar junto”, e aí nós vamos para a discussão. Eu aprendi algumas coisas na área da psicologia, sua enfermeira, mas aprendi na área da psicologia e a gente aprende muito para se comunicar com o usuário - eu não digo paciente, então eu falo usuário do sistema de saúde. Esse usuário me fala muito pela linguagem do corpo, então eu aprendi e com os adolescentes meus olhos... são mais de 12 anos trabalhando com adolescente, então eu aprendi muito.

Outra coisa que eu vejo que é importante é ter humildade e estar ciente da nossa responsabilidade e estar contribuindo para o resgate de uma autoestima que muitas vezes está afetando, inclusive o projeto de vida daquela pessoa. Então falar de sexualidade é falada de uma projeção de vida para 5 anos ou por um todo uma vida. Eu digo cinco porque eu sempre brinco “o que que você pensa fazer nos próximos 5 anos, como que você vai estar daqui a 5 anos? Isso é uma reflexão assim muito difícil para eles. Dá para a gente também animar, fazer dinâmica de grupo, ou seja, depositar entusiasmo na nossa fala, nas brincadeiras falando de coisa séria. Enfim eu vejo que aqui são dicas, né, muito boas então a gente precisa saber adolescente não aguenta seu sermão, não aguenta discursos longos. Tem que ser curto, objetivo, mas falar o que ele precisa. E mesmo assim você não vai atingir todos, vão ter muitos que vão olhar para você, vão virar as costas e vão ir embora. Isso não é

frustração, isso é um percentual que te diz que alguma coisa você tá falhando, então tem que buscar melhorar e esse é o teu dia-a-dia educador, ok?

Oi, Prof. Não, pode ficar tranquila, tá? Só te lembrei mesmo porque eu sei que da correria do dia-a-dia, então eu sei que as pessoas têm compromissos e elas acabam passando e esquecendo. Mas pode ficar bem tranquila, tá? Só que lembrei mesmo só para dar uma relebradinha aí para quando sobrasse um tempinho você me respondesse, mas você pode ficar bem tranquila quanto a isso.

Mas a gente já está terminando também a última perguntinha na verdade acaba saindo do nível da sexualidade, mas está dentro do nosso viés universitário. Não sei se você tá sabendo, mas existe uma discussão de curricularização da extensão, que nada mais é do que como se a gente tornasse a extensão uma atividade obrigatória. Então digamos assim, teria uma carga horária específica, no qual os alunos deveriam cumprir essa carga horária em atividades de extensão os graduandos teriam que ao final da sua graduação terem cumprido uma determinada carga horária de atividades extensionistas. Isso está em discussão, tá sendo levantado desde os governos anteriores, tá? Faz horas que tá nessa discussão e caso você já tenha conhecimento sobre isso ou não, inicialmente qual seria as suas primeiras impressões, suas primeiras compreensões, se você acha que seria bacana, se você acha que não, como que você acaba visualizando essa curricularização da extensão.

Oi, bom dia. Não tem nada a ver com as outras perguntas mesmo. Eu acho que a dois anos atrás, nós fizemos uma reunião foi comentado sobre essa curricularização ou integração como obrigatória da extensão e na época eu lembro que nós concluímos que é melhor coisa, bom e isso é na minha opinião também, não se obriga a nada. Então assim hoje o professor tem a deliberação de fazer pesquisa, extensão, faz os dois. Ele tendo... eu fiz a minha vida toda como docente e da toda 22 anos de extensão e pesquisa. Mesmo não tendo nem carga horária no PIAD, mas ninguém me obrigava.

Mas agora com o mestrado, com o doutorado, a pesquisa eu faço porque é a minha continuidade, é obrigação eu consegui mostrar produtividade e a extensão, ela não soma muito para isso esses itens que eu citei, tanto que é uma atividade da qual nós do curso de enfermagem sempre fizemos e sabe porque a gente pode fazer? Porque nós temos carga horária integral, então o aluno inserido no curso de enfermagem ou em cursos de carga horária integral, ele faz, ele consegue fazer. Mas a grande preocupação é se isso for à risca ou então se for efetivado você usa o problema dos alunos da noite, por exemplo, que estudam só a noite e trabalham. Então esses alunos prejudicados vão ser prejudicados, porque eles não podem ter essa obrigatoriedade, cumprir essa carga horária.

Então eles vão fazer de conta como fazem e acabou. Isso pode ser um dos itens, mas ao mesmo tempo não sou favorável, não é por aí, não valoriza a universidade em nada e eu mesmo tempo nós temos déficit de carga horária. Eu leciono, eu tô com 26 horas a mais só de ensino, ou seja, as 20 horas que a lei nos permite, não tem como. A gente já trabalha a mais. Imagina me cobrando para fazer... se eu tô num curso a noite, se eu dou um curso de extensão, fazer extensão e os meus alunos não conseguem ter carga horária para isso, ou seja, além de carga horária, ter tempo para isso. Então resumindo, não sou favorável não é por aí, melhor que... tem que ser muito

mais discutindo e a elaboração dela não pode ser restrita uma obrigatoriedade, ok? Tenha um bom dia, um abraço!

Prof, um bom dia para você, tá? Muito obrigado pela a sua contribuição, desculpa aí o incômodo, mas você mexe com pesquisa, então sabe como funciona. Muito obrigado mesmo de coração por você ter participado. Estou ainda na coleta de alguns outros docentes também. Mas de coração mesmo, muito obrigado por ter participado.

ENTREVISTA 8:

Prof, então para começar dados gerais seus. O nome eu acredito que eu tenho aqui, seu nome completo e tal. Idade, se você não se importar em falar. Quanto tempo de docência você já tem e quais modalidades de ensino já passou e o tempo de docência só no ensino superior, quanto tempo você atua somente no superior. E a sua formação, qual a sua área de formação, mestrado, doutorado, enfim. E se você tem alguma formação específica no âmbito da sexualidade especificamente ou não. Ou se o tema surgiu você foi trabalhando sem ter uma formação específica para isso, se participa de grupo de pesquisa e esse tipo de estudo.

Oi, Wellington, boa tarde. Então eu vou começar respondendo as suas perguntas, algumas delas nesse teu último áudio eu acho que dá para até verificar pelo currículo Lattes, não sei se você já acessou, não sei se você quer que eu te passe por pelo e-mail o link do meu currículo. Mas você falou que tem meu nome, né. É xxxxxx xxxxx xxxxx, tenho 40 anos. Eu estou na docência desde 2005. Ingressei já no ensino. Então a minha experiência no ensino superior já inicia em universidade particular e a partir de 2008 em universidade pública que é a Unioeste. Eu além da graduação, eu trabalhei já trabalhei na especialização, diversas oportunidades, né, tanto na especialização de políticas públicas voltadas, essa oferecida pelo próprio curso de Direito da Unioeste e também na área mais ampla assim tendo outras discussões interdisciplinares.

Eu sou formada em Direito, fiz a graduação e especialização e mestrado em Direito, mas aí como você menciona no áudio nesse início da carreira eu começo a ser solicitada pelos alunos, sempre trabalhei com direito civil, direito da família, então com essas discussões passei a ser solicitada pelos alunos e alunos para orientação de trabalhos acadêmicos, né, principalmente monografia, trabalho de conclusão de curso com esse diálogo que ultrapassa apenas as disciplinas jurídicas, né. Então o diálogo com a diversidade sexual e a diversidade de gênero, a partir desse contato por solicitação dos alunos e alunas, eu passo a me especializar um pouco mais nessa área que no direito é chamada de diversidade sexual e de gênero. Então eu comecei na advocacia mesmo, né, atuando junto à Ordem dos Advogados do Brasil com a comissão da diversidade sexual e de gênero que eu coordeno desde 2013, aqui em Beltrão. E começo a estudar com outros grupos de pesquisa na pedagogia, na psicologia e projetos de extensão. Antes de iniciar a explicação sobre isso, né, dessa formação específica, eu sou mestre em direito e no doutorado eu fui para a área interdisciplinar em ciências humanas e estudei especificamente na área, na grande área dos estudos de gênero. Então eu já tinha comentado com você por e-mail que o meu foco não é a sexualidade em si, mas ela está inter-

relacionada com essa minha experiência profissional que parte do direito de família.

Então, continuando, eu estou na docência a 14 anos, de 2006 para frente que eu começo com essas orientações específicas no curso de Direito e agora por último no curso de Serviço Social porque eu sou lotada no Centro de Ciências Sociais Aplicadas do *campus* da Unioeste de Francisco Beltrão e ali nos temo outros cursos além de Direito, como Serviço Social, Administração e Economia. Então quando eu começo a ser solicitada lá em 2006 para essas orientações de trabalho monográfico eu comecei a ler, comecei a participar de outras discussões e percebi que o direito não dava conta de ir sozinha. Então em 2012 eu comecei fazer uma disciplina especial, né, como aluna especial, aluna-ouvinte no Mestrado em Educação aqui no *Campus* da Unioeste e essa disciplina era específica sobre sexualidade.

Nessa época eu ingressei no LABGEDUS que é Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade, um grupo de pesquisa interdisciplinar que está hoje alocado no Centro de Ciências Humanas, no curso de pedagogia. Ele foi criado em 2003, eu ingressei apenas em 2012 e nessa época eu também comecei a coordenar um projeto de extensão da Unioeste que chama se chama NEDDIJI que é o Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e Juventude, nesse grupo eu tinha uma colega psicóloga do curso de pedagogia e começamos a fazer pesquisas na área da sexualidade, infância, educação sexual em virtude do nosso trabalho no NEDDIJI ter muitos casos de abuso sexual infantil. Depois desse início do mestrado eu tentei a prova do doutorado e aí que a minha discussão partiu mais para o gênero, né. Eu fiz o doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina no Centro de Filosofia e Ciências Humanas e lá nessa discussão de gênero eu comecei a trabalhar com o grupo de pesquisa NIGS que é o Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade lá da Universidade Federal de Santa Catarina. Então ali eu tive um diálogo mais estreito com a teoria feminista, principalmente com as discussões do filósofo Michel Foucault, partindo de muitas outras das suas obras, mais especificamente da História da Sexualidade o que me leva a estudar mais essas discussões de diversidade sexual.

Eu fiquei os quatro últimos anos morando em Florianópolis, voltei no final de 2017, nesse afastamento para o curso de doutorado eu voltei e regressei no de GPDH que é o Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos que é do curso de Direito e nós fundamos ano passado um grupo de pesquisa chamado Corpo Gênero e Diversidade esse é interdisciplinar nós temos, além do curso de Direito, Geografia, Pedagogia, Serviço Social e Sociologia que a gente acaba dialogando nesse grande grupo de pesquisa. Na extensão, no ano passado quando eu voltei do afastamento eu criei primeiro o projeto de extensão Diálogos Interdisciplinares para a Promoção da Cidadania Trans, Direitos Humanos e Sexualidade, esse projeto de extensão foi ampliando, a gente trabalhou com bastante capacitação, com bastante diálogo sobre esse tema e em outubro a gente ampliou então o projeto e hoje não é só para a promoção da cidadania trans, mas também da cidadania LGBT. De outubro para cá esse projeto passou a ser financiado pela SETI com recursos do programa Universidade Sem Fronteiras e do Fundo Paraná.

Então, prof, é que nem você falou mesmo aí, a gente acaba indo para o lado da sexualidade e gênero ele vai caminhando junto, né. Acontece que tem hora que o gênero fica junto com a sexualidade e a

sexualidade junto com o gênero e às vezes a gente não consegue desvincular esses dois, essas duas temáticas porque parece que elas andam muito juntos. Não só parece, acredito que de fato elas andam de fato muito juntas, né, elas estão muito relacionadas e assim a temática geral do meu projeto é sexualidade, mas acaba... não tem como fugir do gênero, entendeu? Eu acabo trazendo essas discussões também e por isso que também você acaba sendo tá meu objeto de pesquisa sim, meu objeto não, meu sujeito, né. Mas, assim para você depois de toda essa construção que você teve, passou por todos esses processos que não foram poucos, já percebi. O que que você compreende hoje como sexualidade, para você o que vem a ser a sexualidade?

Então se fosse para responder o que eu entendo por gênero eu me sentiria mais confortável, conseguiria dialogar com autores e autoras, partindo de aspectos como que fala, cronológicos, né, trazendo a discussão deles o Michel Foucault passando pelas estudiosas feministas e de gênero. Mas a pergunta em relação à sexualidade, então como eu não tenho esse diálogo aprofundado da sexualidade com autores e tudo mais eu entendo hoje a sexualidade, hoje, dessa minha perspectiva da minha formação que dialoga com os cursos de pedagogia e psicologia, antropologia e sociologia eu vou partir de uma hipótese que para mim a sexualidade são as formas das pessoas se relacionarem entre si, não apenas em relacionamentos afetivos sexuais, mas todas as nossas interações sociais que demandam uma certa intimidade no sentido de um beijo e um abraço, até a orientação para qual cada pessoa orienta seu desejo, né. Então para mim a sexualidade perpassa por todas as relações heterossexuais ou homossexuais, transexuais, mas não só no aspecto da relação sexual.

Prof, primeiramente desculpa pela demora em tornar as perguntas para ti, mas é que como eu estou entrevistando várias pessoas de uma vez eu achei que eu tivesse deixado a pergunta para você e agora que eu fui ver que você me respondeu a última eu não te dei a outra pergunta. Mas a próxima pergunta então é como você visualiza a sexualidade dentro das atividades de extensão. Qual é a importância dessa temática para os projetos de extensão dentro da nossa universidade ou de qualquer outra Universidade como um todo, né? Como que é essa temática é tão importante nos projetos extensionistas? Por que o que levaria essa determinada importância? Se é que você vê importância nisso, né? E se você... aparentemente você continua trabalhando com a temática, né, mas voltada para o gênero, mas o porquê você continua trabalhando o que te leva a trabalhar com essa temática ainda, quais são as forças que acabam te motivando a fazer isso?

Oi, desculpa a demora para responder. Então eu fui refletir se esses dias e são duas perguntas, né. A importância de continuar trabalhando com esse tema na extensão, eu acho que extensão é uma forma de desenvolver na universidade pública o nosso estudo para a sociedade e eu vejo a importância disso, no sentido de que é um tema que não integra a maioria das grades escolares curriculares na escolas e na universidade e por não integrar essa grade, muitos profissionais que já estão no mercado de trabalho não discutem isso de uma forma científica e trabalhar com esse tema de uma forma científica nas pesquisas que nós desenvolvemos, levar essa informação para sociedade eu vejo como a maior contribuição maior importância que a gente pode

continuar fazendo na universidade, é um tema que é tabu, muitas pessoas não se sentem confortáveis de trabalhar. Além disso, nos últimos momentos políticos, né, que nós atravessamos no Brasil são utilizadas essas temáticas que não são muito discutidas de maneira séria de uma forma que o senso comum acaba caindo em notícias que não são nem sempre verdadeiras, o que dificulta a abordagem desse tema como um tema sério, um tema que é pesquisado por pesquisadores engajados, engajados e que acabam podendo ter oportunidade nessas atividades de extensão de repassar para a população e para a sociedade o tema da forma que nós entendemos ser analisado e repassado de uma forma séria e científica.

A segunda pergunta o que me motiva a continuar trabalhando com esse tema, acho que é o interesse das pessoas, porque cada capacitação, cada palestra que a gente dá a gente tem um número expressivo de participantes. A gente nota esse interesse na resolução de dúvidas e esclarecimentos sobre o que é verdade que não é. Não exista uma verdade única sobre esse tema, né, nós pesquisadores e pesquisadoras sabemos que não é a verdade única que se discute nesse sistema, nessas pesquisas.

Então eu vejo que o que me motiva a trabalhar é o interesse mesmo das pessoas além do público que eu trabalho que trabalho, hoje em dia, que é o público LGBT ser vítima dessas notícias falsas e de muita violência. O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTs no mundo, né. Ao passo que é o país que já tem dados divulgados e depois se você quiser eu te passo, é o país que mais procura pornografia, por exemplo, relativa a pessoas trans, né. O que é um país que acaba se revelando de forma hipócrita nesse sentido, né, que tem extremos né procura a ideia do prazer e odeia, né, por não aceitar muitas vezes os eu desejo então que me motiva a trabalhar são as demandas da própria população de LGBT e ao interesse geral sobre o tema que carece ainda de muita informação e esclarecimento.

Oi prof, não tranquilo qualquer coisa eu te peço sim, mas para terminar essa nossa entrevista que tinha mais umas duas perguntinhas, eu vou fazer separadas para você conseguir pensar melhor, tá? Então, assim, já que você já começou até citando a questão aí do atual momento político brasileiro, o que você recomendaria hoje para as pessoas que estão iniciando um trabalho com a temática sexualidade ou até mesmo gênero. O que você estaria recomendando para essas pessoas, quais as cautelas o que seria mais certo elas fazerem o que elas não devem fazer de jeito nenhum. Quais são os conselhos que você daria para alguém que tivesse iniciando a estudar essas temáticas?

Nossa eu tenho certeza que eu gravei eu acho que na hora de enviar eu devo ter me atrapalhado porque eu tô numa correria que o que eu tinha respondido é que não tenho certeza de que conselho dar, a gente ainda não tem definido claramente quais são as estratégias desse governo, houve muita ameaça né de que essa temática seria vedado ou seja restrita, até agora mente não tivemos nada, mas infelizmente estamos sem rumo, sem norte, sem definições do Ministério da Educação, né.

O meu conselho seria não entrar nessas situações que a gente pode nomear de pânico moral. Buscar ter coerência com a sua pesquisa, saber o que as pessoas que são contra essas temáticas argumentam e tecer argumentos, fundamentar argumentos teóricos nesse sentido, sempre pensando possibilidade do outro lado trazer algum argumento e manter sempre

o foco de que o nosso tema ele perpassa pela ciência, eu acho que os debates religiosos devem ser respeitados, porém não vejo que eles devem ser levados em consideração numa pesquisa, né. Porque até segunda ordem o estado é laico e as nossas pesquisas não perpassam por essas situações religiosas, mas o cuidado que eu me referi antes é no tocante ao respeito, né. Porque cada um, assim como o Estado é laico, assim como esse direito está na tá na Constituição, assim como o direito à liberdade de crença também está na Constituição. Então essas pessoas preferem acreditar nas suas religiões, é um direito que elas têm, né. Não sei se era bem isso, mas é um momento político bem difícil da gente se posicionar, né. Nesse sentido do conselho, né, da recomendação em relação à pesquisa, mas de qualquer modo eu fico à disposição.

Sim prof, é um dos momentos que a gente tá vivendo de mais dificuldade, né. Nosso atual momento político, acho que a gente nunca... de uns vinte anos para cá, desde que eu me entendo por gente, eu acho que a gente não tinha passado ainda por um momento tão obscuro. Ao mesmo tempo que ainda não se tem algo dizendo que não se pode trabalhar, mas simultaneamente também a gente já viu muitas ameaças que acabam por inibir o trabalho com essa temática, ainda mais trabalhar com gênero, né. Mas a gente acaba seguindo, né, tentando permear por meio dos instrumentos e documentos que nos respaldam legalmente e tenta fazer isso. Mas é bem complicado mesmo como você disse.

Prof, para terminar uma última perguntinha. Não sei se você tá ciente de uma tal de uma curricularização da extensão dentro das universidades. Que seria como se fosse uma forma de curricularizar a extensão dentro dos cursos de graduação, então o licenciando, o graduando, bacharelado enfim, a pessoa que estivesse fazendo a graduação teria que cumprir uma carga horária específica em cursos de extensão. Então a extensão teria uma obrigatoriedade, entendeu? Não sei se você tem conhecimento sobre isso, mas caso você não tenha também você também pode dar a sua opinião pouco formada também.

O que você visualizaria sobre isso, seria bom seria ruim de fato colocar essa carga horária da atividade extensionista como obrigatória para os alunos? Como que você visualizaria essa curricularização da extensão dentro das Universidades. Embora isso estivesse sendo discutido mais anteriormente, até nos últimos meses eu não tenho ouvido falar muito sobre isso. Então assim também não sei em que pé que está isso, na verdade, né, atualmente. Mas havia essa discussão de curricularizar a extensão então eu queria um posicionamento seu, embora caso você não tenha conhecimento sobre isso, vai ser algo bem mais achismo, né, mas o que que você acharia sobre isso se você acha que bacana ou não você teria alguns problemas, qual seria sua posição frente a isso, inicialmente.

Desculpe, só agora estou ouvindo. Vc conhece o plano estadual de políticas públicas LGBT do Paraná? Antes de responder. Não lembro se conversamos sobre como você vai usar a entrevista. Vc irá digitar e devolver antes da pesquisa final ou a devolutiva é só depois.

Já dei uma olhada um tempo atrás... mas não me recordo muito bem...

Ah sim... não falamos não... tenho que lhe mandar o documento do comitê de ética... estou encaminhando conforme termino as Entrevistas... pra não me perder aqui...

La tem ações de educação

Vou fazer a transcrição, mas pretendo envolver direto já na dissertação... mas vcs não serão identificadas. Que na verdade não chegaram a ser implementadas

Então... o contato q tive foi exatamente por causa do plano estadual de educação... que apontava esse documento que vc citou na versão inicial e depois foi retirado...

Tenho um trabalho referente aos documentos nacionais educacionais brasileiros sobre a sexualidade e gênero acabei dando uma olhada no estadual pra ver como estava... E vi que o plano de políticas LGBT foi retirado do plano de educação

Por que sera?

Foi exatamente no ano que começou a estourar a tal "ideologia de gênero". Em 2015. A palavra foi banida dos documentos educacionais. O estado do PR. E agora recentemente... Na BNCC, Gênero tb não é sequer citado.

E qual é o tema da sua pesquisa?

Atualmente pesquisa como a sexualidade foi trabalhada dentro das atividades de extensão da Unioeste. Fiz um levantamento desde 2003.

Olá! Então, sobre a curriculizacao das atividades de extensão, tenho 2 posicionamentos. Primeiro, uma ótima oportunidade de todos/as os/as alunos/as terem distintas oportunidades de conhecer outras áreas se atuação e outras formas de aprendizado Porém, ao serem obrigados a fazer uma atividade que até então é voluntária, principalmente na área do direito em que atuo, pode suscitar algumas situações contrárias

Vejo isso pela prática do núcleo de prática jurídica. Que é o estágio obrigatório do curso de direito. Por outro lado, mesmo assim, sou favorável a proposta que pode alterar formas de aprendizado e interação com as disciplinas de maneira interdisciplinar

Prof... Muito obrigado! Acredito que seria isso, qualquer coisa volto a lhe chamar.

ENTREVISTA 9

Olá, prof, primeiramente muito obrigado por ter aceitado participar dessa entrevista, para a gente vai ser muito excepcional, vai ser muito bom tá para a gente poder contribuir ainda mais para verificar como que esse tema está sendo debatido dentro da nossa universidade. Para a gente começar, gostaria que você só me confirmar se seu nome completo, então. A idade se você não se importar em dizer e o tempo de docência, quanto tempo você já atua no ensino superior e sua formação geral, assim, qual formação profissional, se você tem alguma formação na área da sexualidade, se você participa de grupos de pesquisa voltadas para essa temática ou não, enfim. Quais são as suas áreas de atuação e se você de fato tem algo assim voltado apenas para sexualidade específico.

Boa tarde, tudo bem? Então primeiramente eu quero agradecer a você pela oportunidade porque eu penso que essa temática ela precisa realmente

ser mais discutida e ter maior visibilidade na universidade e eu creio também que teu trabalho de fato, eu creio, né, que vai fazer diferença, eu espero que realmente você consiga impulsionar um pouco mais essa área da Educação que parece que temos um tabu, temos um véu sobre ela é uma temática assim pouco discutida, uma temática que eu não compreendo porque que ela não ganha um espaço maior, considerando assim o som suas em relação ao preconceito.

Meu nome é xxxx xxxxx xxxxx, sou casada, tenho três filhos já formados, né, minha idade é 59 anos. Eu trabalho com, desde 1998, né, na área da Educação, a minha primeira formação no caso foi pedagogia, aí com essa formação então e depois uma especialização eu fui atuar como supervisora pedagógica no município, então como supervisora pedagógica do primeiro ano, dos anos iniciais, vamos dizer assim. Aí depois em 2005 eu tive oportunidade de vir para o ensino superior como professora colaboradora eu tive a oportunidade de trabalhar em Cascavel com os colegas que eu tenho contatos até hoje e depois de 2007 eu entrei então como servidora pública na Universidade, antes um pouco de 2007, trabalhei na UEL também como coordenadora pedagógica no centro de educação infantil, enfim voltei então eu passei no concurso em Foz do Iguaçu em 2007.

A minha formação então geral eu sou pedagoga, fiz supervisão... fiz uma especialização em Supervisão Educacional. Naquela época tinha 700 horas, 740 horas uma especialização, hoje nós temos pós já com 300 horas então diminuiu bastante o tempo de as pessoas ficarem especialistas na área, né, enfim. Aí depois dessa especialização eu fiz um mestrado na Educação, na universidade pública em Maringá, aí depois tive a oportunidade de fazer, né, trabalhando na universidade, fiz doutorado, né, um dia inteiro ofertado pela Universidade pela Unioeste de Cascavel e aí nós fizemos esse dia inteiro então, fizemos estágio docência em Salvador, né numa escola muito boa no caso que seria a UFBA, é uma universidade, uma instituição de renome, então, eu fiz o meu mestrado na Educação e fiz doutorado na Letras, né, porque naquele momento eu queria começar a trabalhar com a questão das Comunidades indígenas e na educação não vi muito essa oportunidade, agora na Letras tem uma indigenista, tem uma indigenista bastante famosa aqui na América Lúcia César que é estudiosa na UFBA, então fui fazer meu doutorado, esse doutorado então com essa orientadora, depois teve toda uma história que ela passou acabei pegando uma orientadora que era que ela trabalha com os estudos da América Latina e para mim também foi bastante interessante uma oportunidade muito boa.

Com essa orientadora que é a Doutora xxxxxxx ela é da área da Linguística, né, então como o meu doutorado foi na área da Letras, na Linguística Aplicada então com ela de orientadora mais uma outra co-orientação em Foz do Iguaçu com a Dra. xxxxxxx, é a Marilene estuda a questão de Fronteira, questão da Identidade, Cultura e a professora xxxxxx todas as questões da América Latina, as questões dos processos interculturais, a questão da interculturalidade que seria o contato entre pessoas de culturas diversas, né. Aí tive essa formação, em relação a trabalhar com sexualidade é um ponto que ele vem surgir bem depois na minha carreira, mas a questão da diversidade ela veio para mim primeiro como com a diversidade, a sexualidade ela veio primeiro ao pensar a diversidade como um todo.

Porque quando você vai trabalhar diversidade, você vai falar de muitas, né, qual delas, né? As pessoas falam “ah eu falo sobre diversidade”, mas qual delas, né? Dentro da diversidade são muitas diversidades, né. Tem diversidade sexual, tem diversidade e também de gênero e sexualidade, claro, tem diversidade linguística, tem a diversidade étnica, tem diversidade cultural e por aí afora, né. Diversidade, enfim, todo tipo de diversidade que a gente pode imaginar, né, que nós temos um planeta diverso, principalmente né a linguística, né? Então nesse momento assim apareceu a oportunidade de pensar sobre os vários ramos, né, que tem os vários segmentos que nós vamos ter dentro da diversidade. O que vem reforçar um pouco isso aí, foi que 2015 foi instituída uma resolução, que acho que é 02/2015 que vai dizer que nós precisamos estudar, né, que tem que ser inserido nas escolas desde a educação... em toda educação básica até o ensino superior e até mesmo a formação continuada de professores a questão da diversidade e quando o governo fala em 2015 ele colocou todos os segmentos sociais mais vulneráveis juntos, então fica muito difícil né que você discutir tudo isso aí junto, né, a questão de gênero, a questão dos indígenas a questão então étnica, enfim é uma pluralidade, né, cultural muito grande no país então aí ficou um pouco complicado para pensar nisso aí. Mas, voltando lá meu doutorado, no meu doutorado aí eu fui trabalhar com a questão indígena, dá lá para cá minha formação mesmo a minha área de aprofundamento teórico nas questões indígenas. Agora eu aceitei falar com você sobre isso porque eu tenho sim uma experiência que foi interessante e relevante para mim, enquanto professora do curso Pedagogia trabalhar com a questão da sexualidade agora eu dizer para você como é que isso ocorreu.

Então quando eu terminei meu doutorado em 2014, eu voltei para a universidade e voltei assim querendo de fato fazer retornar para a comunidade, não só acadêmica como a comunidade de modo geral de Foz do Iguaçu, um pouco do meu trabalho, da pesquisa que eu tinha feito. Aí o primeiro passo foi criar grupo de estudos que foi Educação Diversidade e Inclusão no Contexto de Fronteira. E ali dentro nós tínhamos, então, alguns segmentos para serem trabalhados dentro desse grupo de pesquisa, eu cuidava da questão dos indígenas, né, da formação dos povos indígenas, uma outra colega minha de profissão, professora Andréia cuidava da questão dos deficientes na questão da inclusão ali dentro, e aí nós tivemos muita dificuldade, nós não conseguimos estabelecer uma articulação assim significativa com a questão do negro, né, na questão do afro e também não conseguimos muito avanço na área da sexualidade. Então dentro desse grupo de pesquisa que existiam muitos segmentos, o que realmente prosperou foi o meu que era a formação dos povos indígenas e da professora Andréia questão dos deficientes, né, uma parceria na questão da inclusão e da questão do negro eu tentei fazer uma parceria e não deu muito resultado, né, estávamos muito ocupadas, né, e foi por aí. Então como é que eu consegui fazer isso aí, para começar eu gosto do tema, eu gosto do tema por ser um segmento vulnerável, eu penso que a gente tem que para além de trabalhar com as Universidade, com aquela parte que a gente diz na rede normal. Eu gosto de olhar pelo avesso, sabe, eu gosto de olhar para aqueles que também não recebe esse atendimento, pessoas que não têm voz, né, não tem vez. São pessoas que de repente estão mesmo à margem do processo, nosso processo já é bastante precarizado, então eu vejo

assim com bastante tristeza, né, com bastante indignação são as pessoas que ainda estão à margem do pouco que nós temos.

Então a primeira aproximação, digamos assim, sistematizada na Universidade começa com a coordenação do grupo de pesquisa que eu já comentei com você. Aí por conta disso eu passava nas salas de aula e dizia para as pessoas na sua área de estudo e convidava pessoas também no colegiado do meu curso de pedagogia na Unioeste sabiam das questões que eu trabalhava. Enfim, a gente tentava desenvolver um trabalho e buscar pessoas para fazer pesquisa, mas realmente nesse lado aí nós não tivemos tanto sucesso não.

E aí por conta disso os alunos também começam a se aproximar, eu tive uma aproximação bem bacana com um menino que ele é homossexual, né, ele é da letras e uma pessoa maravilhosa, fantástica, então por várias vezes eu o orientei, conversei com ele, trabalhei a questão assim da... ele tem uma auto-estima bem bacana, né, que ele é um menino que tem possibilidade de estudar, enfim, é um menino que hoje está fazendo a diferença na universidade desenvolvendo a questão de gênero e sexualidade que é o xxxxxx, ele faz, acho que terminou letras esse ano, um menino maravilhoso.

Bom depois disso o que aconteceu, por conta de eu trabalhar com questão da diversidade eu tive um convite do PDE para orientar três professoras, essas três professoras foi um trabalho, assim, bastante interessante, né. Porque ao fazer essa orientação eu fui buscar subsídio teórico também, porque eu não tinha profundamente nessa área, aí foi bastante interessante, aí o que eu descobri que o governo de Estado tem um material bastante bacana, que são os cadernos temáticos, que traz assim no primeiro momento, assim, uma leitura digamos de base interessante, né. Não dá para dizer que nós não temos nada para ler, porque tem no Estado do Paraná tem sim um caderno temático eram seis cadernos temáticos, esses cadernos temáticos eu tive acesso por conta de buscar esse aprofundamento só que o material que está lá no portal do dia a dia educação, uma pessoa interessada pode entrar ali e buscar essa produção que o governo do estado tem. Então também não da professora dizer que não tem nada produzido para ler tem, é uma leitura básica é, não é uma leitura com grande aprofundamento, mas também a gente trabalhar essa questão, acho que inicialmente o material que dá para ser considerado um material de base interessante.

Então, por conta de buscar esse referencial teórico, nós vamos buscar então nos documentos, né, então fomos buscar na 02/2015 que vai dizer que tem que ser trabalhada a questão de gênero e sexualidade e os demais segmentos sociais, né, toda Educação Básica, Ensino Superior, na Formação Continuada, então baseado nisso a gente então fez esse aprofundamento teórico. E aí nós fomos buscar então, que nós temos então um trabalho bastante interessante que a professora xxxxxx aí de Cascavel, né, que ela é Doutora na área também, faz palestras, ela tem um conhecimento muito interessante sobre a questão, ela sim, ela sim é uma pessoa especializada na área. Eu sou uma pessoa, uma docente que teve responsabilidade ao trabalhar a temática e tratei com comprometimento a questão. Eu fui uma pesquisadora que ajudei outros professores a realizar pesquisas também, tá? É assim que eu me coloco, tá? Então nesse período aí desse contato com a professora xxxxx, eu, nós tivemos contato com o Maffezoli, que é um teórico que ela trabalha bastante, e também com a Guacira Louro. Essa Guacira Louro tem um material

bastante interessante que ela discute até a simetria de gênero, ela faz uma pergunta, né, a docência tem gênero? E ela desenvolve, então, um trabalho bastante interessante nessa área pensando nós como professores, seria muito bacana se pudéssemos ter contato com esse material.

Ah prof que bacana, que bom. Eu gosto muito de quando as pessoas têm interesse na temática e partem para o estudo dela, eu acho que acho que é um dos melhores momentos que a gente tem porque de fato a gente tá estudando o que a gente quer de verdade, que a gente gosta. E é exatamente por isso que eu vim para esse âmbito, para essa área de formação. Eu sou biólogo de formação, mas eu fui ali permeando pela educação sexual, né, e tô aí na sexualidade. Mas eu tenho sempre um viés voltado mesmo para educação sexual em grande parte, mas eu tenho um grande encanto para essa área também.

Eu vou te pedir prof, pra.. às vezes parece que você tá colocando a mão na frente do microfone do celular aí o áudio fica bem abafado, se você puder só cuidar isso para mim, aí os áudios aqui.

Mas continuando então, eu queria saber de você assim, para você o que seria a Sexualidade na sua concepção, o que é sexualidade, o que ela abrange, né. Você pode me falar de forma geral mesmo e qual é a importância dessa temática que você acha para as atividades de extensão na universidade, então tipo qual que é a relação da sexualidade e das atividades de extensão que ocorrem dentro da nossa universidade.

Manda aí que vou respondendo.ok?

Oi Prof então no último áudio que a gente tinha conversado eu tinha te perguntado qual era a sua compreensão de sexualidade, então o que a prof compreende por sexualidade, se é possível a gente defini-la, né. Mas assim o que que você tem compreendido a respeito dessa temática e além do que você compreende pela sexualidade, qual é a importância dessa temática dentro das atividades de extensão da Unioeste. Então qual que vai ser a importância aí para as atividades extensionistas que ocorrem dentro das universidades.

Oi, tudo bem? Desculpa a demora para ter respondido, mas porque eu me mudei e a vida meio corrida aqui, sabe? Então, inclusive até me afastei um pouquinho dos estudos na temática, mas eu creio que não é muito complicado para falar sobre isso, né, porque eu penso que a questão da sexualidade para quem tem lido e visto aí, ela é um elemento, né, que constitui o ser humano, né. Então eu acho que a gente precisa estudá-la, mas também tanto quanto outras áreas, né, que compõem uma pessoa, né. Eu acho que é uma parte importante que vai definir um pouco da questão das pessoas se conhecer e conhecer o outro também, né. Enfim acho que está bem relacionado com a questão do comportamento, né, a questão da sexualidade da pessoa como é que você vai desenvolver, todavia também você sabe que quando a pessoa tem orientação sexual quando ela é mais velha, você pode observar e ir atrás conhecer as famílias e você vai observar muitas vezes se ela é um gay, se é uma lésbica, ela teve uma criação com os demais irmãos de repente de uma casa, né, mas teve o... digamos nasceu é normal, claro né, e lá no lá no final tem orientação sexual diferente, essa orientação sexual para algumas pessoas repente pensa que é uma coisa que vem de fora, mas é não, na verdade é o contrário.

A orientação seria o sentimento né que vem de dentro da pessoa né então, se é uma coisa que vem de dentro, não acredito que ela tenha muito

relação com o externo, né, como diz o Vigostky lá né que tudo é social. Eu creio que até pode contribuir para a pessoa se encontrar, mas enfim eu penso que a pessoa já tem isso aí com ela sabe, para mim ela já nasce pensando no... pensando não, ela vai se definindo, mas eu penso que lá de lá no nascimento dela já tem alguma coisa relacionada se ela vai ser um homem ou uma mulher como ela vai se sentir, enfim. E depois essa busca pelo prazer faz parte da pessoa, né, faz parte da cultura não é isso aí vai se manifestar também. digamos em períodos da história, de forma muito diferente, né. Vou vai ver na Roma antiga, você vai ver na Idade Média, você vai ver que as relações sexuais, que os comportamentos relacionados à sexualidade era muito diferente de hoje, mas estava ligado muito com o que, com a cultura daquele período, com a consciência, né, e também com os padrões, né, que que é normal que que não é normal.

Então quer dizer que hoje se você for analisar nós temos, não diria uma banalização, uma potencialização, né, de relações entre homens e homens ou relações entre mulheres uma coisa que já foi superado há muito tempo atrás, né, muito tempo atrás, aí eu acredito também que pelo menos os trabalhos que a gente tem visto e que isso aí também é para cada pessoa diferente, é um sentimento, né, um sentimento que a pessoa traz com ela em cada período da história e vai manifestar diferente e agora se digamos olhar com os nossos olhos de hoje para os olhos do período da Roma antiga e a gente vai achar um absurdo, beleza, tá? Mas continua sendo absurdo, por exemplo, hoje digamos a relação sexual de pedófilos. Isso aí é uma coisa doente, diferente, né, muito diferente.

Eu acho que a questão da sexualidade ela deve ser vista lá no final assim com amor, né, pensa que é amor, eu acho que vai se manifestar com o prazer da pessoa e para mim no caso prazer tava muito relacionado com o amor, eu acho que não é aquela questão física só não, é para mim não é. Eu acho que é para mim terminar mais ou menos isso aí eu acho que você que sua sexualidade, tá? Muito ligada então com a forma de prazer, mas seja esse trazer um amor como outros setores da vida da gente que a gente tem que trazer também, né? Prazer em comer, prazer de fazer viagens, prazer em conhecer pessoas, prazer em ler, prazer em ter sucesso na vida, prazer em ter uma vitória na vida, são tantos tipos de prazeres, né. que esse é apenas um deles. E voltando a isso aí então o que eu penso, se esse tipo de prazer entre homens e mulheres dá tanto problema hoje como a gente vê falar na questão do preconceito, da discriminação eu acho que é sim um assunto para escola, é sim um assunto para extensão de todas as Universidades.

Para mim teria que ser no caso deveria ser uma questão obrigatória em todas as licenciaturas. Eu não digo que todos os outros cursos deveriam ter, mas a licenciatura ela vai formar pessoas de todos os níveis, você vai pensar no curso Pedagogia, ele vai formar crianças Ensino Fundamental, né, e nos anos iniciais vai formar também ele vai trabalhar com as crianças da Educação Infantil, ele vai trabalhar com as crianças do Ensino Fundamental I e vai ser coordenador pedagógico em todos os níveis, vai trabalhar com as disciplinas pedagógicas do ensino médio e também vem para o superior, que é o meu caso, entendeu? Eu penso que para o licenciado em pedagogia, nossa, é fundamental para mim teria que ser obrigatório, porque ele tem que aprender a lidar com as diferenças né e a questão da sexualidade ela não vai produzir, né, ela vai trazer para escola uma pessoa diferente e essa pessoa ela tem direitos,

precisa ser ouvida, precisa ser assistida, ela precisa ser acolhida e ponto. Então, para mim essa é uma questão que tá muito claro e esse assunto é obrigatório, principalmente, não tô dizendo que é na escola lá o professor vai ensinar para o aluno, mas eu penso, eu não defendo essa ideia que o professor ensinar as questões relacionadas à sexualidade na escola, eu acho que eu não defendo, eu defendo de que o professor tem que ser conhecedor para ele poder orientar, quando a curiosidade da criança aparecer e também orientar os pais. Eu acho que a criança não é professor de educação sexual, não vejo dessa forma, eu vejo que ele tem que orientar à medida que a criança procure ao a medida que a criança precise.

Eu acho que é o momento e também ali no diálogo com os pais, eu não sou de extrema esquerda, nem extrema direita. Eu não tenho o que eu penso, não quero ir pela cabeça daquilo, que digamos só o Marx pensa, não. Não é isso, não é botar e ser esquerda em tudo. Se você é de direita eu sou contra, não. Mas eu penso nessa questão aí de professores preparados, eu penso que não deveria ser discutido inteiro na escola isso é uma questão óbvia, precisa que o professor tenha conhecimento, o que acontece hoje é que os professores não têm conhecimento necessário para isso não tem você tem dúvida disso você vai olhar para uma grade na matriz curricular do curso de pedagogia para ver se você encontra esse assunto com algum espaço, vai aparecer lá quando você quiser ser colocado como tema transversal e acaba sendo até opcional muitas vezes. Professor não faz esse tipo de trabalho de escola, então não irei fazer na escola, é o professor do ensino superior preparando professores para a escola, acho que essa grande para cada um, principalmente, prioritariamente no curso Pedagogia e eu acho que isso é extensiva todas as outras licenciaturas como também o professor estar apto, ele está preparado para trabalhar historicamente por questão do negro, né, negro, dos indígenas isso é conhecimento, e conhecimento a pessoa precisa ter, a pessoa precisa ter conhecimento sobre sexualidade, sobre a questão indígena, sobre a questão do negro, sobre a questão dos deficientes, todas esses segmentos que são considerados minoritários.

Que a gente diz minoritários, alguns autores vão falar sobre isso, eles vão falar minoritários que é o número menor não. É um grande número de pessoas mas é falaram minoritário porque ele tem um distanciamento do poder, pessoas estão muito a margem, de nós imaginamos. Então eu penso que é isso penso que deve ser para tratar de um assunto com delicadeza e eu acho que hoje nas escolas eles não tão sabendo nem acolher, não é que os professores não têm vontade. Eles não estão preparados, eles não são culpados por isso, que as licenciaturas sim. O que são falhas, muitas falhas nesse sentido e não deve depender de política pública nenhuma, de forma alguma. Mas os professores têm que buscar isso. No caso a própria universidade ela tem que ter autonomia pra inserção desses conteúdos, dessas temáticas, para que os professores estejam preparados para isso acho que não tem que depender de política pública, não precisa. Essa é uma formação que a gente tem que buscar e para mim isso aí passa pelas licenciaturas essencialmente. Se a licenciatura não... se o próprio governo federal estadual de repente não vai incentivar esse tipo de trabalho eu acho que a gente nós temos um PPP e ali nós podemos trabalhar, lembrando que as psicólogas trabalham um pouco disso né a questão da sexualidade na criança, na Educação Infantil, pelo menos na Unioeste e nós temos uma psicóloga que ela

trabalha algumas questões mas também fica ali com ela por que eu e outras pessoas né que não são especialistas na área né, da sexualidade, a gente já não adentre muito no assunto. Eu acabo trabalhando com isso pelo viés da política, né, se você pensar (Inaudível) desde 2015, ela trazia todo segmento para dentro da universidade para ser discutido de Educação de toda a educação básica até o ensino superior. Mas isso aí o movimento muito forte em 2016 depois cortar isso aí não se falaram mais 02/2015 havia lei de buscar era você buscar compreender essa 02/2015 onde o governo federal coloca todos os segmentos sociais ali juntos para você ver que encaminhamentos foram dados depois dessa lei ali que aí eu não sei mais, não acompanhei né atualmente a 11645/08 focalizando a questão indígena. Eu creio que é isso então para mim passa pela formação de professores e a questão da sexualidade está muito ligada ao período histórico né hoje de repente, tem um pouco de Tabu, tem preconceito, tem discriminação, mas isso aí lá na Roma antiga já existia e eu acho que tem que ser quebrado algumas coisas né. Digamos, a pedofilia uma coisa, homossexual uma outra coisa, o lesbianismo uma outra coisa, nem isso os professores sabem. Aliás, são tantas variações que tem no (imcompreensível) não sei das quantas que só aprofundando para conhecer todos que seria muito necessário mesmo sabe. Seria o tipo de projeto que tem que seria que é fomento obrigatório todos os segmentos 02/2015 você vai ver quantos segmentos minorizados os tão ali né, considerados minorias. Esses projetos sociais teriam que ser fomentados, por mais que o governo federal não de respaldo para isso. Eu acho que a universidade está aí para remar contra a corrente. Universidade não dá para caminhar... ela tá para caminhar junto quando dá pra caminhar junto, quando num dá ela tem que pegar o barquinho subir correnteza no caso ao contrário do rumo da água tá bom? Depois que alguma dúvida se você me fala mas acho que é isso aí se deu para contribuir eu fico feliz...

Ah, outra coisa que eu esqueci de falar, importantíssimo o preparo dos Pais. A questão da sexualidade passa por todo o preparo de toda a Comunidade Educacional e ela tem que ser... ela tem que pegar os pais entendeu... não o pai do diferente, os pais de um modo geral, que o diferente vai surgir qualquer ambiente o primeiro acolhimento dele tem que ser na família, tá bom? Então tá grande beijo no seu coração muito sucesso para sua pesquisa tá bom beijo tchau tchau.

Oi profe, não. Muito obrigado por responder, eu só vou te fazer mais duas perguntinhas só para finalizar, uma delas até você de certa forma já me respondeu meio que de forma indireta, que eu ia te perguntar o que que você recomendaria para alguém que quisesse trabalhar com a temática, então nessa última resposta você acabou apontando algumas coisas, né, sobre o quê que a gente teria que trabalhar, acredito ficou mais voltado para o objetivo de extensão. Mas o que que você recomendaria num sentido específico para quem tá começando a trabalhar com isso, os cuidados a serem tomados, o que fazer o que não fazer, algo nesse sentido.

E para finalizar a última pergunta é referente a curricularização da extensão que eu não sei se prof tá ciente, mas é um projeto que tava se discutindo, pelo menos no governo anterior, não sei se agora teve alguma discussão ainda sobre isso sobre se ter discriminada uma carga horária obrigatória para os cursos de graduação no qual os alunos teria que

cumprir atividade extensionistas. Então tava se discutindo que tivesse essa obrigatoriedade dentro da universidade e eu queria saber um posicionamento seu, o que você acharia disso, se seria bom, se seria ruim essa tal dessa obrigatoriedade nas atividades de extensão.

Olha sobre o que trabalhar, eu não sou a pessoa mais indicada para dizer o que trabalhar, porque eu não estudei com profundidade o assunto, a minha questão é a formação docente e nesse sentido que é desse lugar que eu falo, da formação de professores, então que que não acontece é que não tem um preparo para os professores que vão trabalhar na licenciatura. Então eu penso que o trabalho deve começar pelas licenças, porque ali sim, né, eles vão ter condições de estar preparado para trabalhar com os alunos, agora exatamente o que trabalhar, que tipo de conteúdo trabalhar, eu não sou a pessoa indicada para falar sobre isso, entende. Porque eu não trabalho com a questão da sexualidade, não trabalho com a questão de gênero e sexualidade no caso assim com profundidade, né.

Quem sabe de repente poderia dizer para você isso, seria a professora xxxxxxx que ela é especialista na área. Não é assim a minha área, quais conteúdos eu trabalhar, mas sim a necessidade de trabalhar a fundamentação teórica que o professor deve ter para isso, agora exatamente o que trabalhar não sei te dizer, o material que eu tenho para indicar é partir de alguns artigos que nós fizemos do PDE, eu fiz um trabalho com duas professoras do PDE, você vai achar esse material disponível no PDE, uma chama acho que xxxxxx a outra chama xxxxxxxxxx, eu não lembro o sobrenome dela, mas tá o meu nome e o dela lá, xxxxxxxx no PDE. Trabalhei duas e ali tem uma fundamentação teórica interessante que trabalha um pouco com a Guacira. Então o que acontece essa pessoa, essa Guacira ela vai até questionar a mesmo a docência tem gênero. Então eu acho que tem muitas formas de você discutir, né, com essa questão de gênero e sexualidade, né, tu pode pegar pela questão da mulher, né, o gênero masculino e feminino e tal. Aí tem essa questão da sexualidade, aí eu acho que tem que separar bem as coisas, né, porque as coisas estão imbricadas, mas elas são conteúdos que são separados, né. Eu acho que cada um tem uma especialidade, trabalha, né, não sei qual seria exatamente o que seria a área da professora Andréia Martelli, mas eu acredito que seria a questão de sexualidade, não sei se é gênero e sexualidade, tá?

Mas eu não sei, eu não sou a pessoa mais indicada, mas o material que eu conheço é do próprio governo mesmo que são, seu eu não me engano, são seis cadernos temáticos que o governo do Paraná disponibilizou, então é claro que você tem as leituras mais críticas para olhar para esse material produzido pelo próprio governo, considerando que, né, você tem que lembrar do contexto econômico e político, mais político. Você tem que ver que, acho que os cadernos foram produzidos em 2006, mas aí depois nós tivemos então nós tivemos um governo do Lula, né, o governo de maior abertura, de maior valorização dos projetos sociais, dessas áreas mais marginalizados, enfim. Agora nós temos outro contexto, mas você tem que olhar lá para o contexto socioeconômico e político quando foi produzido os cadernos temáticos, mas se eu não me engano tem seis cadernos temáticos que eu acho que nem isso, nem apropriar desse conhecimento, eu tô dizendo para você que muitos professores não têm se apropriado desses conhecimentos, que na verdade é uma, não posso dizer com certeza, mas pode ser que nem a universidade

tenha os cadernos temáticos sobre gênero e sexualidade pode ser que tenha, na pedagogia eu não vi ainda, eu fui conhecer pelo próprio Portal. Mas o pessoal vai dizer no Portal do MEC tem, não interessa na universidade tem que ter disponibilizado esse material para professor levar para sala de aula, né. Você não pode considerar que todos os alunos têm acesso à internet, as pessoas trabalham com essa ideia, todo mundo tem acesso internet e não tem não. Hoje é cara a internet, eu acho que precisa ainda, estamos na era do livro físico, acho que é preciso o livro físico, mas que eu tenho mais para te indicar é isso aí.

Guacira o nome dela no meu tem até um livro, mas não me lembro o sobrenome dela, ela é mais conhecido pelo sobrenome, procura pela bibliografia da tese da professora xxxxxx que lá tem bastante coisa, não sei exatamente como ela trabalha, porque não é, como eu disse para você, é uma área que vem trazendo para pedagogia para o debate, mas para o debate eu trago pessoas que possam trabalhar e quando orientei essas pessoas do PDE, nosso foco era bem a formação de professores para o trabalho no sistema dos cadernos temáticos, uma delas foi isso. A outra professora ela foi diretamente trabalhar com as crianças que que ela fez para oficinas, onde ela ia aguçar os sentidos e colocar as crianças e os adolescentes em situações, que digamos, eles vão ficar constrangidas com palavras...pa..pa., para sentir um pouco dessa questão do preconceito, foi uma coisa bastante bacana, o trabalho da xxxxxx foi com formação de professores, grupo de estudos, parara... parara... é isso. O que eu tenho para te dizer é isso aí.

Sobre a questão da curricularização, pelo que eu entendo não é uma coisa muito interessante, porque existe uma tendência de diminuir o número de carga horária de sala de aula, então eu não estudei com profundidade, mas a primeira leitura que a gente faz é essa. Eu acho que o projeto extensão acho que é para além, para mim eu acredito que tem que ter a carga horária do curso de pedagogia que ainda deveria ser maior ainda, por tudo que tem que estudar, eu tô falando da licenciatura do curso em pedagogia, mas em função das pessoas, a maioria serem trabalhadores e o curso com mais de 3 anos ficaria inviável, então a gente busca exatamente proporcionar nos projetos extensão, nas especializações, as lacunas que o curso Pedagogia deixe para trás.

Eu penso que a curricularização se ela vincular em qualquer momento diminuir a carga horária do professor em sala, eu não concordo, não concordo de forma alguma. Eu acho que é uma obrigatoriedade que é um tiro no pé, você vai acabar tirando horas-aula do professor, se for isso eu não concordo. Agora é claro que projetos de extensão, eu acho que todo professor deveria ter sim no plano de carreira dele, para ele ter ascensão de nível, ele seria obrigado a trabalhar com projeto extensão, entendeu? Mas lembrando que muitas vezes o de projeto extensão, eles são aberto, aí pessoal vai trabalhar lá com as células da cebola se ele quiser vai investigar a célula da cebola, ele tem liberdade para isso ele se eu penso que também não é por aí, por exemplo, quando você trabalha a questão da diversidade você tem as equipes multidisciplinares que trabalham, que são pessoas do Núcleo Regional de Ensino que vão até as escolas, têm nas escolas existem o número de professores que vão ser, eles vão ser preparados com as temáticas relacionadas à diversidade e essas pessoas que são professores e pedagogos da escola, eles vão ser multiplicadores da escola eles vão levar para escola

esse conhecimento que eles tiverem e eles vão dialogar com os professores, os professores vão levar para sala de aula.

Qual o problema? O problema é que eu fiquei sabendo, pelo menos aonde é uma investigação que eu fiz recentemente é que os professores podem optar, ou eles trabalham questão afro, ou eles trabalha, a questão indígena, a questão de gênero e sexualidade nem entrou ainda que estão... só tava ali na 11.645 vai falar da cultura afro-brasileira e afro-africana, né, e também Africana e afro-brasileira e indígena, então é uma questão opcional. Então para mim isso aí não pode ser opcional, tem que ser obrigatório, o professor tem que trabalhar assim a questão de gênero e sexualidade, tem que trabalhar questão indígena, tem que trabalhar sim a questão do negro.

Então o que tá acontecendo, estava sendo opcional, aí os professores, eles optam, porque eu considero que eles tenham maior acesso ao material, não é por ser mais fácil, a questão do afro, entendeu? E aí eles deixam para trás a questão indígena que a minha a minha área forte e deixa a questão de gênero e sexualidade então que ninguém quer saber sobre isso aí, ninguém. As pessoas têm Tabu, tem medo sabe, então é complicado...

Então da curricularização se você for buscar fundo, eu discordo se for uma coisa que vai complementar, que vai mexer na carga horária lá que acho que em torno de 3200 horas curso Pedagogia, não me recordo bem, mas que seja esse processo curricularização mexer nessa carga horária eu não concordo, de forma alguma. Eu acho que assim que professores do ensino superior tem sim que ofertar projetos de extensão nessas áreas que realmente nós temos carência de um debate, eu acho que é isso. Eu espero ter te ajudado, tá bom? Estou escrevendo aqui um artigo também exatamente sobre a 11.645 no curso Pedagogia, que vai falar sobre a inclusão mesmo da questão indígena não só a questão afro, a questão indígena no curso Pedagogia. Beleza? Então tá bom sucesso para você aí, espero ter ajudado um pouco, tá? Um abraço, tchau.

Prof, muito obrigado desculpa acabar incomodando, mas é que acaba sendo parte do processo de pesquisa também, preciso acabar tendo esses sujeitos eu preciso acabar enchendo o saco de vocês, tá? Mas muito obrigado pela sua participação. Sobre a autora que você estava falando eu já conheço, é a Guacira Lopes Louro, é um mito da área da sexualidade, em especial da educação sexual ela trabalha muito a questão da educação e a sexualidade, essa relação e o gênero também. Então muito agradecido mesmo pelas dicas, pelas informações por tudo, que você acabou se dispondo aí para contribuir para a pesquisa.

ENTREVISTA 10:

Professor, para a gente começar, então, algumas perguntinhas gerais sobre você e sua formação. O seu nome eu tenho aqui, sua idade caso você não se importe de falar e seu tempo de docência, quanto tempo você já leciona em todos níveis de ensino e especial já no ensino superior, se você já passou por outras etapas de ensino também ou só no ensino superior e quanto tempo já tá na nessa vida de professor. E já aproveita qual seria a sua formação geral e específica mestrado, doutorado, quais as linhas aí que você possui informação. E se você possui alguma formação específica no âmbito da sexualidade, se além de dos cursos superiores de mestrado e doutorado se eles já possuíam

alguma linha voltada para a sexualidade ou não, se você já participou de algum grupo de pesquisa ou não, um deles eu sei, né. Mas assim qual seu contato de formação sobre a sexualidade também se você tem algum viés de forma direta com a sexualidade no nível formativo.

Então vamos lá. Tenho 54 anos. Meu nome todo é xxxxx xxxxx xxxxx e geral as pessoas me conhece por Alexandre Ferrari. Minha formação é o seguinte eu fiz graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro em Letras Português e Literaturas, fiz mestrado na Universidade Federal do Paraná em um Sociolinguística, fiz doutorado na Universidade Federal Fluminense em Estudos da Linguagem e fiz pós-doutorado na universidade de Coimbra, tá? Lá no curso de Comunicação Social. Bom minha formação toda então aí na área de Letras né, com exceção do pós-doutorado na área de comunicação que eu fui estudar política. O meu doutorado, você me pergunta se eu tenho uma formação específica em sexualidade, né, meu doutorado foi sobre isso, né.

Eu fui estudar e relação entre a homossexualidade e a AIDS construída a partir do discurso jornalístico. Então a partir daí que foi que eu comecei a me interessar pelo o discurso de gênero. Não tem uma formação específica, nenhuma de especialização, nenhuma formação, né, especificamente em sexualidade, mas nesses 4 anos doutorado então eu fui fazer uma pesquisa voltada para os estudos da sexualidade, então eu comecei, né, por conta própria e por conta dessa tese a fazer as leituras né sobre essas relação entre a homossexualidade né, entre os discursos, os discurso de gênero né.

Sou na Universidade Estadual do oeste do Paraná desde 93, então vai fazer 25 anos agora em junho e antes disso eu dei aula 4 anos no ensino fundamental e ensino médio. Então fiquei 14 anos em Marechal Cândido Rondon e tô 11 anos aqui em Cascavel e antes disso no Rio de Janeiro dei aula 4 anos, 4 anos Ensino Médio e Ensino Fundamental de Língua Portuguesa.

Esqueci de dizer uma coisa você me falou dos grupos de pesquisa, né, eu preciso para falar dos grupos pesquisa falar sobre um projeto que eu ganhei em 2012 do INEP sobre Direitos Humanos LGBTs. Então eu concorri aí a esse edital, ganhei, esse projeto demorava dois anos quando eu saí, a xxxxxxx fez o favor de ficar na coordenação, então a partir da instalação desse projeto, né, quando esse projeto começa a entrar em vigor e não vou lembrar agora o nome desse projeto, mas é fácil encontrar, depois eu mando para você. Eu comecei a pensar além das atividades que a gente desenvolvia de pensar né sobre a mostra que a gente desenvolvia sobre diversidade sexual, sobre sexualidade diversidade, então grupo especificamente só o GEPEX, tá?

Professor, assim como você adiantou, a princípio, pelo o que eu entendi então foi uma temática que acabou emergindo dentro da sua área, né. Você acabou utilizando a temática dentro da sua área e é de fato o que acaba acontecendo muitas vezes com gênero e sexualidade, né, porque a gente consegue conversar a respeito dessas temáticas. Diante disso, como você visualiza a importância dessa temática dentro dos projetos de extensão em especial dentro da nossa universidade, né. Qual seria a importância de trabalhar com sexualidade e gênero dentro das atividades de extensão da nossa universidade.

É exatamente isso que você tá dizendo, a gente acaba, né, por um interesse muitas vezes particular, né, no meu caso era para compreender

mesmo a questão do discurso, né, como é que circulavam nos meios de comunicação então me voltando para essa área, né. Você tem toda razão. Bom eu acho que é fundamental, cada dia mais eu acho que a extensão tem esse papel de discutir os temas que são quase que, de uma forma geral, esquecidos dentro do curso de graduação, né. E sobretudo dentro dos cursos de licenciatura e isso é muito sintomático, né Wellington, porque não falar sobre esse aspecto é ainda, né, reproduzir uma memória de que existe um tabu em torno desses temas, então eles não são tratados nos cursos de licenciatura, ainda que essas discussões, né, sejam, né, extremamente importantes, né, e fundamentais na formação de um professor, uma professora que vai estar diante de uma sala de aula e que esses temas necessariamente aparecerão, né.

A gente sabe disso, então já que a grade não dá conta disso, esses cursos então ficam sob a responsabilidade dos cursos de extensão da universidade e eles têm um papel muito importante e, como eu te falei lá no início da minha fala, cada vez mais importante, mais urgente porque a gente tá vendo sempre o aumento, né, de violência contra mulher, de violência LGBT. De LGBTs querendo falar sobre a própria sexualidade. Então os cursos de extensão eles são fundamentais porque eles acabam suprimindo uma ausência constitutiva na grade nos cursos, sobretudo nos cursos de licenciatura.

Mas esse é um tema que é importante de uma forma geral não dá para gente pensar em sexualidade só voltado para os cursos de licenciatura, a gente sabe que tem uma porção de problema na própria instituição se a gente pensar na universidade como um todo, né, na própria instituição que é uma questão de gênero muito marcada, né, de posições só os homens ocupam, né, estou falando de homens cisgênero, então só que os homens ocupam a gente tem uma divisão na própria Universidade que vai reforçando esse lugar de subalternidade da mulher e lugar de subalternidade de tudo que é feminino, então é muito importante que a gente discuta isso, certo?

Perfeito professor e já que você citou essa questão de uma carga horária específica sobre, a gente até discutiu essa temática, não sei se o senhor está por dentro já ouviu falar, estava se discutindo, pelo menos no governo anterior sobre uma tal da curricularização da extensão, se caso você não saiba mais ou menos, delimitar uma carga horária dentro dos cursos de graduação para que sejam de requisito obrigatório para os alunos cumprir em atividades extensionista. Então se eu não me engano, pelo menos 10% da carga horária do curso o aluno teria que fazer o uso dessas desses 10% da carga horária em atividades de extensão como requisito obrigatório para conclusão do curso. O que o senhor teria para me dizer sobre isso, você acha que seria uma proposta bacana, que não. Seria importante ou não como que você visualiza essa curricularização da extensão. inicialmente né, até porque o pessoal não tem muita para aprofundamento ainda sobre isso, está se discutindo muito ainda, não tem nada informado, não tem nada formulada, a própria unioeste não tem nenhuma portaria nada ainda feito de forma efetiva, então hó só uma discussão e eu queria saber inicialmente o que você pensaria sobre isso.

Wellington, então, eu teria que pensar mais assim, né, porque eu sou às vezes contra a mais carga horária, né, os alunos já fazem isso, né, os alunos já têm uma carga horária pelo menos os alunos de letras tem uma carga horária de atividades extras, né, e as atividades são, né, quase todas extensão né,

eles precisam participar de eventos, eles precisam participar de grupos de trabalho de extensão. Bom, então eu não sei ainda, teria que pensar. Em princípio eu acho que é válido. Porque tá lá na extensão uma porção de coisa que o curso, né, de licenciatura, né, que no nosso caso especificamente não consegue colocar no currículo. Então eu acho que seria muito válido, porque tem muitas questões, muitos assuntos, muitas discussões passam pela extensão elas não passam então pela grade curricular, elas não passam pela pesquisa, então passa necessariamente, exclusivamente pela extensão.

Então acho que fazer com que os alunos participem é importante, por outro lado a extensão vai depender muito do interesse do próprio professor, né, então pode ser também que falhe nesse sentido, né, seria muito legal se essas atividades já fossem, já se fizessem constar na própria grade, né, porque aí a gente necessariamente discutiria essas questões com todos os alunos de uma forma geral. Porque são questões essenciais, né, a extensão me parece, não pela importância dela, né, ela é extremamente importante, eu faço muita extensão, mas me parece que às vezes cobrir uma falha dessa grade, né, por isso seria muito bom, apesar de que a grade também não vai conseguir dar conta de tudo, né, é muito bom que todo mundo às vezes participasse de algumas discussões, tendo em vista que elas são fundamentais para a formação de um professor. Tem coisas que a gente precisa necessariamente ter lido alguma coisa a respeito, ter discutido, ter ouvido alguém. Porque a gente vai se deparar, né, com essas questões. A questão da sexualidade, a questão da religião, a questão de raça, a questão de classe. A gente vai se deparar com essas questões em sala de aula, então seria importante nesse sentido.

Professor, diante de tudo isso que você já presenciou, né, já estudou, já passou, hoje, que você compreende por sexualidade, o que que vem a ser a sexualidade, para você qual a sua compreensão dessa palavrinha que às vezes a gente acha que sabe diretamente o que é, mas quando a gente se pega para refletir sobre ela parece que abre um leque enorme, né. Então queria que você tentasse uma possível definição, acredito que definir não é possível, né. Mas o que você entende quando a gente fala sobre sexualidade, o que seria isso.

Wellington, falar de sexualidade não é fácil mesmo, né, eu também não sei se eu teria uma definição, eu sei que a sexualidade, eu entendo que a sexualidade como uma forma de interpelação, né, de estar no mundo, ela atravessa, né, os sujeitos. Eu sou atravessado pela minha sexualidade e esse atravessamento vai definir alguns comportamentos, não vão definir todos os comportamentos que para a gente pensar, né, nesse sujeito a gente não pode pensar apenas em uma forma de atravessamento desse sujeito. Eu sei que a sexualidade é uma forma de atravessamento desse sujeito, tá?

E quando eu falo atravessamento, eu tô querendo dizer uma maneira desse sujeito estar dele olhar para o mundo, dele se comportar, tá? Mas como eu disse para você, a sexualidade é um dos atravessamentos, né, tem tantos outros, né. Tem a questão de uma posição política, tem uma questão ideológica, tem uma questão de formação discursiva, tem uma questão do próprio inconsciente, da história né, do sujeito.

Então para mim é isso, é um estar no mundo, é uma forma de interpelação desse jeito que faz com que alguns comportamentos tenham relação direta com a questão da sexualidade, né. Como eu me apresento para

o mundo, né. Mas é difícil realmente falar a respeito do que é sexualidade, porque, como eu disse, sozinha ela não diz muita coisa, né. Ela tem a ver com desejos, né, mas também pode ter relação com não desejo, ela tem a ver com tanta coisa eu acho que eu tenho que parar melhor para responder, isso bom eu vou te dar essa resposta, porque eu já tô né, enquanto eu falo, já tô refletindo. A partir disso, mas mais adiante eu vou eu vou tentar falar da sexualidade de uma forma mais... tentar ser mais claro e mais objetivo, tá bom?

Não... tranquilo, professor. Então já aproveitando enquanto você reflete um pouco sobre isso vou jogar mais uma pergunta aí para ver se talvez até te ajude a pensar um pouquinho mais sobre. Diante de toda essa perspectiva que a gente tem hoje, né, tinha tempos melhores, mas hoje não tão bons, o que te leva ainda a continuar a trabalhar com a sexualidade. E que faz você ainda queria trabalhar com isso, em especial no momento que nós estamos. Mas mesmo antes disso o que mais te motiva a continuar a trabalhar com essa temática.

Então vamos lá. O cenário não se já foi melhor em outro momento, eu acho que quem trabalha com sexualidade, uma vez até disse isso para Andréa numa banca, tá, ela podia estar na casa dela tranquila, né, se preocupando com outras coisas e ela tá preocupada com a questão da sexualidade. Eu acho que alguma coisa que diz respeito, também, claro diz respeito a todo mundo, mas é um tema que me interessa porque ele diz respeito também a mim. Eu acho que a pesquisa também passa por aí, dizer eu não estudo sexualidade para levantar bandeira, né. Eu estudo sexualidade para compreender a forma como ela se organiza, a forma como ela funciona, sobretudo discursivamente. Meu olhar não é um olhar biológico, não é um olhar químico, não é um olhar sociológico, é um olhar discursivo.

Eu acho que eu insisto nesse tema porque ele de alguma forma diz alguma coisa sobre mim, sobre o outro, sobre as relações entre as pessoas. É por isso que eu insisto nele, eu o acho incrível porque ele pode ser abordado, né, por diversas áreas, diversas áreas da psicologia e da pedagogia, né, a linguagem, a sociologia, a antropologia, né. É um assunto muito amplo desperta interesse de muita gente, que eu acho que é fácil de alguma forma, né, mostrar como a ideologia tá funcionando, naquilo que se diz, né, sobre determinados sujeitos, né. Contribuir um pouquinho para compreender esse mundo contemporâneo, o mundo que já foi, né e aquilo também que vem, né. Eu acho que o nosso trabalho na academia ele tem essa relevância, acho é por isso que eu insisto para compreender, para me compreender, para compreender os outros, para compreender o mundo, né, porque estudar sexualidade é isso, é perceber também como o mundo funciona.

Professor, acredito que para finalizar eu vou te fazer uma última pergunta, acredito que seja a última. O que você recomendaria para alguém, hoje, que tivesse iniciando a estudar a temática, cuidados. Digamos assim, alguém chega para você e quer trabalhar com a temática, o que você vai falar para essa pessoa, qual recomendação para tomar cuidado com alguma coisa, com outra. Alguma vertente que você acha que seja mais importante que seja abordada, assim quais seriam as recomendações para que você daria para uma pessoa que tivesse iniciando o trabalho com a sexualidade hoje, quais seriam... o que que ela teria que fazer para querer trabalhar com essa temática.

Eu não diria para a pessoa ter cuidado, eu não diria para pessoa ter medo, eu não diria nada que não fosse estimular a pessoa trabalhar com a questão da sexualidade. Sempre houve tabu entorno desse tema, né. Foucault mesmo diz isso né, lá no século 19 e ele ainda faz referência a Grécia, em relação da Grécia, quase em todas as religiões, quase todas as partes do mundo, em países hoje em dia extremamente liberais em relação à questão da sexualidade já foram extremamente repressores.

O que eu diria é leia, estude, vá a fundo, porque é um tema muito instigante e é um tema muito importante, não acredito mesmo que as coisas piorem em relação à questão da pesquisa, essa pesquisa diz muito mais em relação a própria individualidade. Pode ser até que nesses anos, nos anos desse governo a gente não tenha financiamento, por exemplo, mas esse governo não vai ser para sempre, né, e acho que a gente vai sofrer as perseguições que a gente sofre. Eu acho que as pessoas vão se chocar, vão incomodar, não mais do que ela já se incomodavam, não mais do que elas ficavam chocadas. É isso que eu diria cara, estuda, leia bastante, leia tudo o que você puder, leia em relação a todas as áreas, né, porque elas se completam, elas se confirmam, elas se contradizem então é muito importante a gente tá atento, né, para aquilo que os pesquisadores estão fazendo hoje em dia nem relação na questão da sexualidade é isso.

Professor, você até me deu uma pontinha de esperança. Muito obrigado, tá, pela sua participação. Acredito que seria isso, qualquer coisa eu volto a te gritar, mas acredito que a gente conseguiu pegar tudo bem o que você tinha para nos dizer. Muito obrigado mesmo, de coração, por você ter disponibilizado esse tempo mesmo de licença, então muito agradecido mesmo, estamos aí nos estudos. Muito obrigado.

Wellington, disponha, tá? A hora que você precisar eu tô por aí. Daqui a pouco estou de volta aí, dia 20 eu já estou de volta em Cascavel, se você quiser conversar mais alguma coisa, aí a gente marca um café e a gente bate um papo, tá bom? E estude, não desanime não cara, estude porque vale a pena, tá bom. Um abraço, obrigada você, tá, por me chamar para participar dessa sua pesquisa.